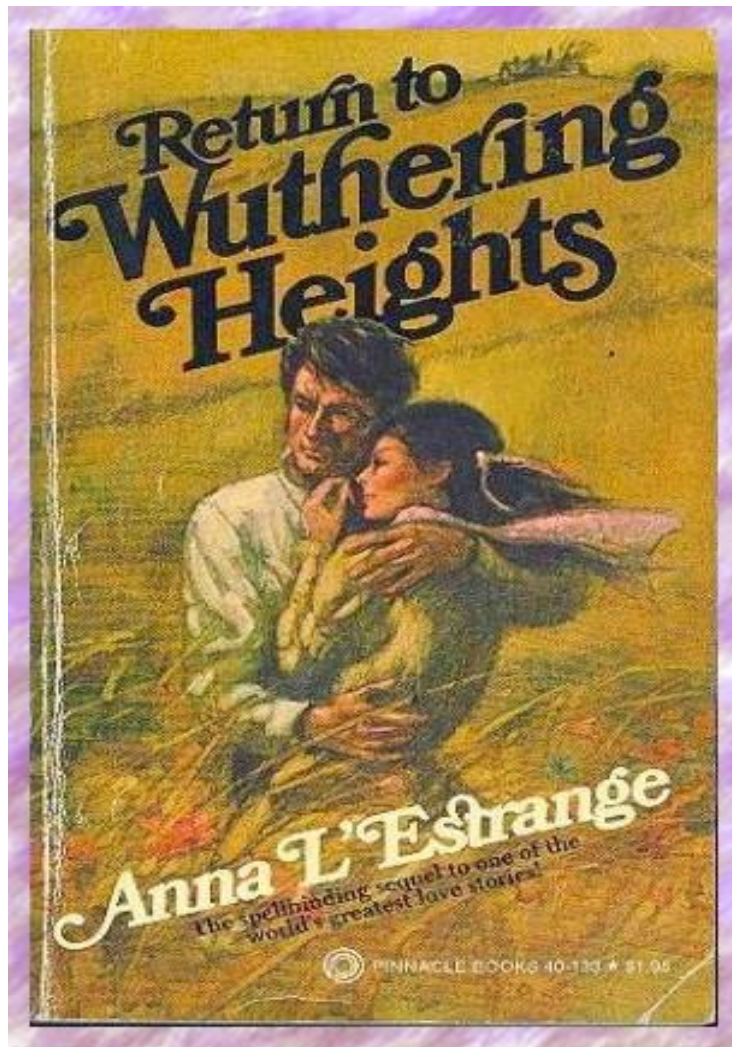


RETORNO AO MORRO DOS VENTOS UIVANTES

Anna L'Estrange







REVISÃO E FORMATAÇÃO: Evânia Amorim

Edição original:

Pinnacle Books

Título Original:

Return to Wuthering Heights

Tradução

Rolando Costa Picazo

Javier VERGARA EDITOR

Barcelona/Buenos Aires/México/Santiago do Chile

RETORNO AO MORRO DOS VENTOS UIVANTES

Anna L'Estrange

Resumo:

Através dos anos, inumeráveis leitores se perguntaram qual foi o destino dos descendentes de Catherine e Heathcliff, os desafortunados protagonistas de o "Morro dos Ventos Uivantes", a célebre novela de Emily Brontë.

Agora, Anna L'Estrange, prestigiosa autora britânica, retoma com maestria a trágica história. Os habitantes de Wuthern Heights (Morro dos Ventos Uivantes) e de Thrushcross Grange - Hareton e Cathy - estão destinados a reviver a ardente paixão juvenil e também as hostilidades de seus antepassados. A aparição de Jack, filho natural de Heathcliff e herdeiro do feroz caráter e charme de seu pai, desencadeia o drama.

Uma vez mais se sente a intensidade da atmosfera de Yorkshire e se vive uma intrincada teia de emoções e violentas paixões.

PREFÁCIO DA AUTORA

Não se empreende com ligeireza a continuação de uma obra clássica de cento e trinta anos. Desde sua publicação em 1847, Morro dos Ventos Uivantes e sua autora, adquiriram tal prestígio que a novela é atualmente um dos livros mais famosos da literatura inglesa.

O extraordinário é que todo mundo ouviu falar desta novela, alguns pelo famoso filme do Laurence Olivier e Merle Oberon de 1939, ou porque a ouviram mencionar. Mas a verdade é que não há ninguém que não reaja para esta publicação. Junto com a Bíblia, as obras de Shakespeare, e uma meia dúzia de livros como As viagens do Gulliver, Róbinson Crusoé, ou a novela de sua irmã, Jane Eyre, o legado de Emily Brontë inscreveu-se na imortalidade.

Eu sabia então que a tarefa que ia empreender seria árdua. Sabia que seria difícil, porque quando se menciona o nome do Brontë encontra-se uma auréola invisível, cuidadosamente preservada pelos críticos, embora muitos sejam completamente incompreensíveis. Em realidade, tenho lido muitos livros e estudos muito bons de Morro dos Ventos Uivantes, mas também uma enorme quantidade de lixo. Hei-me sentido tão irritada por tanta conversa, e especulação incessante que muitas vezes me perguntava se em realidade estávamos falando de um livro e da pessoa que o escreveu, de tão abstratas que resultavam as conjecturas e de tão falso que parecia o tumulto de hipóteses psicológicas.

O mero feito de que Morro dos Ventos Uivantes signifique tantas coisas para tantas pessoas distintas, que tenha atraído a atenção dos estudiosos ao igual, a das almas românticas e os leitores de novelas dramáticas, parece sublinhar a importância que tem na literatura inglesa. É realmente uma obra notável, única. Quem a escreveu foi também um ser notável e único.

Então, por que tentar escrever uma continuação? Principalmente acredito que porque a novela o pede. É um tributo ao gênio do Emily que segue tendo tanta força depois de todos estes anos. Apesar de seus defeitos, segue vivendo no coração de quantos a têm lido, e tem uma urgência e um dinamismo que transcendem o tempo.

Também existe algo curioso, que descobri em minhas leituras, e é o fato de que muitos dos críticos e escritores que se referiram a Morro dos Ventos Uivantes, especulam a respeito do que poderia ter acontecido a seguir, como se eles também tivessem ficado insatisfeitos. Seguiram rondando nos «Morros» os fantasmas do Catherine e Heathcliff? Viveram felizes a jovem Catherine e Hareton? A autora criou uma teia de emoções tão turbulentas e conflitivas que em certo sentido o leitor não espera um final feliz, nem acredita que essa fora a intenção da autora, mas sim, melhor cedeu às convenções da época, ou talvez aceitou a influência de Charlotte. É preciso dizer, entretanto, que Charlotte afirmou insistentemente que Emily nunca fez o menor caso ao que lhe diziam suas irmãs. A irmã mais velha diz, um tanto zangada: «depois de criar estes personagens, Emily não sabia o que tinha feito».

Charlotte tampouco sabia o que tinha feito Emily. Tinha uma pobre opinião do livro, sentia-se ligeiramente envergonhada da monstruosa criação de sua irmã, mas pensava que, se tivesse vivido, teria progredido à medida que transcorria o tempo, «...por si só, sua mente cresceria como um forte arbusto e seus frutos teriam alcançado

maior maturidade e plena floração». Em realidade, enquanto ainda vivia Emily, Charlotte disse que iria muito melhor se optava por escrever ensaios.

A querida Charlotte era, em certo sentido, a mais encantadora das três irmãs, mas indubitavelmente se acreditava um gênio, e a pesar do amor que sentia pelas outras duas, estava convencida de que suas obras imaturas se afundariam no esquecimento.

Como aconteceu que fora eu quem encarregou-se nesta tarefa intrépida e, como pensarão muitos, impertinente? Que méritos possuía? por que eu? Bom, acima de tudo, porque me pediram isso. Andrew Ettinger, o diretor editorial do Pinnacle Books, sugeriu-me a ideia em uma de suas visitas a Londres. Tinha lido uma de minhas novelas anteriores, desenvolvida no Yorkshire, e pensou que eu era a pessoa que procurava. Disse que outros três escritores o tinham tentado, mas «nenhum dos três conseguiu captar a magia especial» que procurava.

Senti-me cheia de dúvidas. Naturalmente antes de aceitar voltei a ler o livro, cuidadosamente e logo fui ao Haworth no Yorkshire, lar dos Brontë, como um peregrino em busca da iluminação. Talvez acontecesse algo, talvez receberia um sinal que me diria o que devia fazer. Devo adicionar que embora de maneira nenhuma estou sujeita a revelações psíquicas, tinha muitas esperanças.

Para quem não a conhece, devo dizer que Haworth está na ladeira das montanhas Bennines, uma cadeia de uns trezentos e cinquenta quilômetros que se estende desde o Derbyshire, no sul, até a fronteira com Escócia. (Em realidade estas montanhas, preferidas pelos caminhantes, passam pelo lugar que, conforme acredito, Emily escolheu como cenário de o Morro dos Ventos Uivantes, como descobri ao estar ali). A rua principal do Haworth é muito ingrime e suponho que o que faz que tudo seja tão notável ocorre no momento em que o peregrino se dá conta do que há lá em cima. Primeiro se chega a uma igreja e logo a um cemitério que consiste em nada mais que lápides verticais que rodeiam a igreja por três lados. (A pobre Charlotte, em um de seus ataques de melancolia, descreveu à casa como uma tumba com janelas). O quarto lado dá ao páramo, depois de um século e quarto, a casa está tal qual como era, com o páramo, na parte de atrás e amorosamente preservada desde 1928 pela Sociedade Brontë.

Adicionou-se uma ala à construção, que alberga o museu dos Brontë, e suponho que até a rua principal do Haworth deve ter mudado em algum sentido. Durante uma tarde do verão, ou fora de estação, entretanto, ao ver as ruas de paralelepípedos e as velhas casas imagino como deve ter sido Haworth na época em que viveram os Brontë, entre 1820 e 1861.

Haworth pode ter mudado, a casa pode ter sido reformada, mas nada pode fazer trocar os páramos. Estão tal qual estavam. Não existem transportes nem estradas que facilitem a viagem dos peregrinos do século vinte. Os páramos seguem tão desolados, isolados e majestosos que como nos dias dos Brontë. Quando se percorre os estreitos atalhos ou se atravessa o duro pasto e o brejo, não é difícil, compreender a influência que pôde ter exercido uma beleza áspera e selvagem em uma menina sensível, introvertida e sem mãe como Emily.

O fenômeno mais extraordinário para o forasteiro do sul é o clima destas montanhas, que um sol brilhante pode dar passo a uma tormenta furiosa em questão de minutos. Durante uma caminhada de meia hora pelas montanhas, fui empapada pela chuva e bronzeada pelo sol alternativamente. Cheguei em busca de iluminação em outubro, e pelo general uma obscura neblina cinza cobria os páramos e a campina. Geada, molhada e chapinhando barro, ou afundada até os tornozelos nos pântanos, não chegava a ter o momento de profunda revelação que esperava, mas pouco a pouco foi

surgindo a convicção de que seria capaz de fazer uma continuação, e que não estaria mal tentá-lo.

Depois de tudo, eu cresci não muito longe da fronteira entre o Yorkshire e Lancashire, onde se encontra Haworth, e de adulta passei muito tempo viajando pelo Yorkshire, que é o condado inglês que mais amo. Tinha-o eleito como cenário de uma de minhas novelas, e sabia muito do temperamento do Yorkshire, tão austero e insondável. Sobre tudo, e como tantos outros antes que eu, à medida que ia conhecendo mais aos extraordinários Brontë, ia sentindo -me cada vez mais fascinada.

O impedimento mais importante, a meu parecer, era que Emily era poeta e mística, o que eu não sou. Conforme escreve Swinburne no *The Athenaeum* (1883), «A obra da irmã menor (quer dizer, Emily) é, em essência, e no sentido mais pleno e positivo da palavra, um poema...» No *The Gênesis of Wuthering Heights* (1958) Mary Visick diz: «(Morro dos Ventos Uivantes) é a obra de um poeta que quer escrever uma novela».

Essa novela em realidade, refere-se tanto as grandes forças metafísicas da criação como à poética do universo que tinha Emily, ou às paixões conflitivas de seus personagens. As imagens maravilhosas e a riqueza de detalhe e expressão são o que converteram a Morro dos Ventos Uivantes em uma obra de arte. Seria impossível para mim tratar de imitá-la, e tolo tentá-lo sequer.

Compreendi a verdade ao me dar conta disso. Não trataria de escrever como Emily, mas sim faria uma novela completamente diferente, retomando simplesmente a seus dois personagens principais —Hareton e Cathy— onde ela os deixou. Meu interesse se centraria nas interações e as relações humanas, no desenvolvimento dos personagens e na influência das forças naturais e não naturais sobre o destino humano. Estenderia, em termos mais humanos, os temas duplos de Emily, de calma e tormenta, luz e escuridão: Heathcliff versus Earnshaw e os «Morros» erguendo-se sobre os páramos açoitados pelos ventos.

Por mais mística que fora Emily, sempre me pareceu que sua penetração psicológica era adiantada para sua época. Sua percepção pré freudiana dos efeitos da privação na infância provinha, sem dúvida, da perda de sua mãe, embora seu pai sempre esteve perto, amava a seus filhos e eles correspondiam seu carinho. Além disso, tinha um vínculo muito profundo com suas irmãs e seu irmão. Heathcliff não tinha a ninguém; era um menino enjeitado a quem ninguém amava, e a carência de afeto nos primeiros anos de sua vida impediram que brindasse com um amor normal a outro ser humano, como sucede com outras pessoas privadas de carinho.

Senti-me profundamente interessada, para meu livro, nas ramificações psicológicas das relações entre o Heathcliff e Earnshaw. Do ponto de vista sociológico, além disso, encontrava-me com a extensa época vitoriana como cenário. É um período histórico que sempre me fascinou. Emily nunca se afastou dos páramos em sua novela, mas eu devia fazê-lo. Devia estender o horizonte, introduzir novas famílias, e inclusive me transladar de Yorkshire por um tempo. Mas tratei de me rodear ao tema que me tinha proposto, e o livro termina onde começa, em «Morro dos Ventos Uivantes».

No referente à topografia, para quem interessar, decidi localizar meus «Morros do Ventos Uivantes» onde, segundo o consenso, Emily localizou a sua obra, em uma granja conhecida sob o nome do Top Withens, que está no páramo a uns dez quilômetros do Haworth. Naturalmente, Emily poderia ter localizado sua granja (Morro dos Ventos Uivantes é uma granja) em qualquer sítio, e como novelista sei que muitas vezes tem-se um lugar em mente mas o adapta para adequá-lo a seu propósito.

Além disso, qualquer um que tenha percorrido o caminho entre o Stanbury e Ponden Hall, subindo logo ao Top Withens, ou que se deteve a metade do caminho para observar as posições relativas do Hall, a granja e a aldeia, dará-se conta com com

convicção de que é o lugar do Emily. Eu o vi assim e não tive dúvida de que se tratava dos sítios que inspiraram a granja Thrushcross, «Morro dos Ventos Uivantes» e a aldeia do Gimmerton.

Deliberadamente visitei esses lugares porque o que hoje é a ruína do Top Withens não se parece em nada à casa descrita como «Morro dos Ventos Uivantes». Em minha opinião, Emily tomou Ponden Hall, ou parte dela, e a situou nesse tempestuoso lugar de contínuas borrascas que, conforme me disse alguém do lugar, não cessam nem sequer durante os dias serenos. É uma granja larga e baixa, como os «Morros», e igualmente sólida, embora não tão palaciana como a granja Thrushcross, com seus altos forros brancos, orlados de ouro e esses candelabros que penduravam «em cadeias de prata do centro» (Capítulo VI).

Significativamente, igual aos «Morros», atualmente Ponden Hall tem uma inscrição sobre a porta que diz que foi restaurada em 1801, data que escolheu Emily para começar sua novela, embora sobre a porta do «Morro» a data é 1500 e está o nome Hareton Earnshaw para significar que os Earnshaw que ali viviam eram uma família de latifundiários que se remontava a trezentos anos.

A especulação é sempre interessante; outros pensarão de maneira distinta, mas eu visualizo à Granja como uma sólida mansão georgiana, possivelmente de estilo palaciano, com o pórtico em estilo grego, com colunas, e muitas construções exteriores. Emily menciona uma escada caracol que leva ao alpendre, e no museu da Reitoria há um encantador desenho a lápis da Anne que representa um carvalho sob o qual há uma casa de estilo similar ao que tive em mente enquanto escrevi meu livro.

Enumerou-se muitas casas que podem ter influenciado a Emily, como High Sunderland Hall, Shibden Hall e Waterclough Hall; esta última é especialmente interessante devido a seu nome se parece bastante ao eleito pelo Emily, e porque ainda existe uma relação verdadeira com o argumento do livro, como destaque em minha introdução à novela. Quando penso, entretanto, há uma certa semelhança entre os nomes «Top Withens» e «Wuthering Heights» (Morro dos Ventos Uivantes). Existe, além disso, o dado interessante de que em um tempo os Heaton do Ponden Hall, que viveram ali desde 1541, e os Midgleys do Top Withens estavam aparentados por matrimônio. Os Heaton eram uma família conceituada na região, e Emily e suas irmãs devem ter visitado sua casa várias vezes, apesar da famosa reticência de Emily e do fato de que não desfrutava da companhia de outras pessoas fora do círculo familiar.

Assim, uma vez decidido o território, e cheia das cores e estados de ânimo dos páramos, pu-me a pensar como começar a história, como enfocá-la. Morro dos Ventos Uivantes está narrada retrospectivamente pelo senhor Lockwood, que alugou a Granja Thrushcross, e por Nelly Dean, a ama de chaves. Queria conservar a menor quantidade de personagens de Emily, principalmente devido à dificuldade de apresentar o diálogo, etc. Por isso, decidi que a história seria narrada da mesma maneira, mas pelo filho do senhor Lockwood, Tom, e a sobrinha de Nelly Dean, Agnes.

Devo dizer que apesar de que este recurso tenha sido criticado severamente por ser artificial, além de outros defeitos, do ponto de vista do autor é extraordinariamente eficaz porque permite manter uma espécie de homogeneidade que seria impossível de obter de outra maneira.

A única outra coisa de interessante que quero adicionar é que, do momento em que Andrew Ettinger me pediu que escrevesse a continuação, até hoje, além dos jornais e de livros de referência histórica, não tenho lido outra coisa que não fora escrita pelas Brontë ou não se referisse a elas, com o fim de me manter dentro do espírito e do estilo da época sobre a que estava escrevendo, 1801-1840, como toda obsessão, esta tem suas

desvantagens, mas como trabalho centrado em amar e compreender a estas três irmãs extraordinárias foi imensamente gratificante.

Enquanto escrevia, muitas vezes me perguntei o que teria pensado Emily do que fazia eu. A facilidade incomum com a que conseguia escrever, a maneira em que me fluíam as idéias, faziam-me pensar que não teria criticado meu propósito. O que não posso julgar é se teria aprovado o resultado.

Anna L'Estrange
Londres, 1977

A HISTÓRIA DO MORRO DOS VENTOS UIVANTES

Embora Retorno ao Morro dos Ventos Uivantes é uma novela completa, por si mesmo, indevidamente existem referências ao livro do Emily Brontë, e para quem não o tem lido ofereço a seguir um breve resumo da história.

A família Earnshaw vive em «Morro dos Ventos Uivante» desde 1500; são agricultores. Quando começa a história, o senhor Earnshaw havia ido e voltado caminhando a Liverpool, trazendo consigo um estranho menino cigano, a quem lhe dá o nome do Heathcliff em lembrança de um filho morto em sua infância. Os filhos do senhor Earnshaw, Catherine e Hindley, ficam desconcertados pela chegada do estranho; não se sabe que idade tem, talvez seis ou sete anos, a julgar pela aparência do menino. Hindley, o filho do senhor Earnshaw, mostra-se ciumento do Heathcliff pois pensa que o suplantou no afeto de seu pai. Heathcliff e Catherine, por outra parte, convertem-se em companheiros inseparáveis. Crescem juntos.

No vale, abaixo do «Morro dos Ventos Uivantes», está a Granja Thrushcross, em que vive a família Linton, latifundiários enriquecidos. O grupo está composto pelo senhor Linton, sua esposa e seus filhos Edgar e Isabella.

Catherine e Heathcliff estão espiando aos Linton por uma janela quando são surpreendidos por um cão, que morde Catherine. A família a atende e a menina fica com eles até que melhora da perna. Edgar se apaixona por Catherine e ela decide casar-se com ele, atraída pela riqueza e a comodidade da Granja. Em seu coração, sabe que ama Heathcliff, mas da morte do senhor Earnshaw, Hindley o degradou, reduzindo-o à servidão. Hindley se casou e tem um filho, Hareton.

Pensando que Catherine não o ama, Heathcliff foge. A moça se casa com o Edgar e desfruta de certa felicidade até que retorna Heathcliff, apesar de que é uma moça nervosa, que vive em contínua tensão e está acostumada a sair-se com a sua. Heathcliff permaneceu ausente três anos; retorna transformado em um homem rico e arrumado, decidido a incomodar aos Linton pelo casamento de Catherine e aos Earnshaw pelo tratamento que recebeu deles.

Esgotada pelas emoções e por sua desesperançada paixão por Heathcliff, Catherine morre depois de dar a luz à filha de Edgar, também chamada Catherine. Heathcliff passa os dezoito anos seguintes lamentando a perda de seu amor, enquanto não cessa de tramar a ruína de Edgar Linton. Ocasionalmente a morte de Hindley Earnshaw (que chora a morte de sua esposa Frances) e degrada a seu filho Hareton obrigando-o a fazer as tarefas servis que ele tinha que fazer antes, forçado pelo Hindley. Hareton cresce descuidadamente e absolutamente analfabetismo.

Enquanto isso, na Granja Thrushcross, a jovem Catherine, ou Cathy, vai transformando-se em uma formosa moça que ignora o que acontece em «Morro dos Ventos Uivantes» até que Heathcliff planeja casá-la com seu débil filho Linton, fruto de seu breve casamento com Isabella, irmã do Edgar. Isabella abandona Heathcliff, mas na sua morte este reclama a seu filho e o leva ao Morro dos Ventos Uivantes.

Eventualmente Heathcliff obriga a Cathy casar-se com o Linton e a deixa prisioneira; esta escapa a tempo para ir ao leito de morte de seu pai. Depois disso,

Heathcliff passa a ser dono do «Morro dos Ventos Uivantes» e da Granja. Pouco depois de seu casamento, o jovem Linton morre.

O fantasma de Catherine continua atormentando Heathcliff e o leva a morte. Então, Hareton e Cathy descobrem que se amam e planejam casar-se.

O livro é narrado retrospectivamente pelo senhor Lockwood, que aluga a Granja Thrushcross, e por Elenca Dean, o ama de chaves, que foi faxineira das duas Catherine, assim sabe toda a história. Termina em 1802, com as projetadas bodas de Cathy e Hareton para janeiro de 1803; pensam viver na Granja Thrushcross e começar uma nova vida. «Morro dos Ventos Uivantes» permanecerá vazia, pois nela só viverá Joseph, o velho e sinistro servente que vive na casa durante todo o transcurso da novela, e que seguirá cuidando-a.

PRIMEIRO LIVRO

Margaret EARNSHAW

CAPÍTULO 1

1340. Igual a meu pai sou um homem de caráter solitário. Sou o mais jovem de seus filhos, e o que mais se parece com ele, além disso o favorito, a quem ele prodigalizou todo seu carinho em seus últimos anos. Em seu leito de morte foi para mim a quem chamou, antes que a outros, me entregando o manuscrito onde tinha escrito a estranha história do que lhe tinha acontecido nesta localidade a alguns anos, ou os acontecimentos mais importantes que ele registrou, pois a maior parte tinha acontecido antes que se convertesse em inquilino da Granja Thrushcross.

Meu pai me disse em um sussurro que a história que lia o tinha seguido toda sua vida, e que sempre tinha querido voltar a averiguar o que tinha acontecido. Confiou-me esta tarefa, sabendo que eu me sentia igual a ele depois de ler a história.

Era um pedido estranho, que não tive tempo de obedecer até depois de sua morte, uma vez terminadas todas as formalidades causadas por seu falecimento. Como era o mais próximo a ele e ainda vivia na Itália, onde morreu, tive a meu cargo a maior parte das tarefas relativas a seus bens.

Uma noite, muito tarde, em que estava um pouco cansado, pu-me a folhear o manuscrito que meu pai tinha feito encadernar, com capa de couro, assim estava em perfeito estado de conservação, com suas finas folhas de papel perfeitamente brancas, cobertas com sua formosa letra, sem correções de nenhuma espécie. Dava-me conta de que meu pai pensava que o que tinha que dizer era o suficientemente interessante para a posteridade, ou para seus descendentes, para passar em limpo sem narração. Eu somente de pensar no trabalho que lhe devia haver custado, despertou minha simpatia e me fez voltar a primeira página e ler com maior atenção o que tão cuidadosamente tinha crêdulo ao papel.

E eu estou aqui, nesta desolada paragem rodeada pelos páramos, quase constantemente envolto na névoa ou banhado por perpétuas chuvas ou açoitado por ventos impetuosos. Seria difícil imaginar nada mais distinto ao ensolarado clima em que me criei, e ao obedecer os desejos de meu pai acredito que, como ele quarenta anos antes, devo ter pago a ousadia com minha saúde, pois assim que cheguei a este lugar pesquei um esfriamento que me obrigou a permanecer em casa, afastado de meus vizinhos, a quem tinha vindo a conhecer.

Sim, o manuscrito me interessou, intrigou-me. Meu pai me conhecia bem; sabia que era um homem imaginativo, sonhador, ouvinte de histórias, e que me fascinaria a história de amor do Heathcliff, o moço enjeitado, e a encantada Catherine Earnshaw, tempestuosa e aborrecida, e seu final tão curioso e amargo. Quem não quereria saber o que tinha passado com a filha de Catherine, de igual nome, e Hareton Earnshaw, o herdeiro de Heathcliff, que foram casar-se em janeiro de 1803, quando meu pai abandonou a Granja Thrushcross e retornou a Londres?

Assim que me impacientei com minha indisposição e os cuidados do bom Dr. Duckworth, ansiando poder sair e ir ver com meus próprios olhos se «Morro dos Ventos

Uivantes» e a Granja Thrushcross seguiam em pé e, em tal caso, quem vivia nelas. O Dr. Duckworth era novo na região, havendo-se graduado fazia pouco do Hospital do St. Bartholomew, em Londres, e os serventes que empregamos esses seis meses que vivi nesse imóvel antigo de Gimmerton foram mantidos a distância por meu criado, Nostro, que às vezes acredita que seu papel é o de uma mescla de pai zeloso e severo irmão mais velho, que deve me proteger até de mim mesmo, me mimando ou me reprimindo, conforme seja necessário. Nostro me serve desde minha infância, sem ele, sentiria-me perdido.

Hoje, entretanto, convenci-o de que estava o suficientemente recuperado para dar um curto passeio para fora da casa com meu cão Patch, que segue-se a todas as partes. Meu guardião me permitiu sair com casaco, boina, luvas e um grosso cachecol ao redor do pescoço. Com a ajuda de um mapa do lugar, cheio de nervoso entusiasmo escalei pelo atalho que atravessa o páramo em direção a «Morro dos Ventos Uivantes». Depois de um grande esforço e numerosas pausas para recuperar o fôlego, cheguei ao alto do páramo e me detive olhar mais alto ainda para a fenda nas montanhas, contendo a respiração ao me dar conta de que meu ponto do destino estava à vista.

Há vezes que acredito que meu pai foi uma grande perda para as letras; então penso em seu poder narrativo, em sua habilidade para descrever estados de ânimo e situações, e apresentar aos personagens. Conhecia perfeitamente bem o «Morro dos Ventos Uivantes»; por suas descrições, sabia que estava sobre uma desolada ladeira, em meio dos páramos. Nada de suas palavras, não obstante, tinha-me preparado para essa beleza tão cabal, essa grandiosidade tão remota. Por acaso o tempo foi compassivo comigo esse dia; corria uma brisa reparadora e o céu estava tão azul que se podia adivinhar a chegada da primavera, embora até estávamos em fevereiro e havia rastros de neve nas partes altas. Aproximei-me da casa, já sem sentir cansaço, animado por essa alegria que recompensa a quem, depois de uma comprida viagem ou uma dura luta, encontram-se à vista de seu êxito. Vi o quanto exposta aos elementos que estava a casa, situada no cume do escarpado páramo; os abetos e fracos espinheiros se inclinavam para oferecer menor resistência ao feroz vento do norte, que subia em redemoinhos vale acima. Entretanto, «Morro dos Ventos Uivantes» tinha algo que lhe outorgava um aspecto duro e resistente, certa segurança e solidez que de algum jeito se relacionava com a terra em que se levantava. As janelas eram pequenas, com grades, sim, e havia um abeto logo que separado do resto, que era o que tinha usado Catherine para escapar da casa e ir junto a seu pai moribundo.

Havia uma magra espiral de fumaça que saía da chaminé, mas além disso era impossível figurar-se se «Morro dos Ventos Uivantes» estaria habitada ou não. Era uma casa firme como uma rocha, que sobreviveria embora ninguém vivesse nela. Ao final da narração de meu pai, o velho Joseph tinha ficado aos cuidados da casa, enquanto Hareton e Catherine, ao casar-se, iriam viver à Granja. Mas Joseph, que então já era velho, devia ter morrido fazia muitos anos.

Entretanto, tinha gado bem alimentado e ovelhas pastoreando nos páramos próximos, e até de longe vi que o jardim estava prolixo e bem cuidado, com a terra preparada para a primavera. Sem saber o que fazer, fiquei parado, duvidando, e deixei que meu cão Patch decidisse que curso seguiríamos. Na Itália, onde vivemos, Patch não sai nunca da casa, pois está rodeado por uma parede alta, assim que tantas ovelhas devem haver gostado a esse cão tão amigável. Estou seguro de que sua intenção era as saudar, e não mata-las de susto.

Um agricultor do lugar não poderia ter apreciado uma intenção tão caridosa de parte de meu malcriado cão. Assim que correu para as ovelhas o animal, latindo, e tudo. Abriu-

se a porta da casa e apareceu a enorme e ameaçador figura de um homem com uma escopeta e apontou ao Patch.

—Detenha-se —exclamei, levantando o braço em vão sinal de mando.

— Detenha-se, detenha-se!

Corri, cambaleante, em meio a possibilidade de morte, com a desvantagem de minhas incômodas roupas e pesadas botas, mas o estranho baixou a escopeta e ficou a me observar com uma expressão que precisamente não parecia dar a bem-vinda ao cão nem a seu amo.

Sou alto mas não corpulento. Ele era mais alto ainda, mas de textura tão maciça que por comparação me fazia sentir insignificante. Todas as partes de seu corpo eram corpulentas, embora perfeitamente proporcionadas com o resto. Tinha uma grande, de cabelo espesso e anelado, negro como o carvão, e a tez obscura, como a de um cigano. Os braços que sustentavam a escopeta eram como troncos cobertos de pelos negros. Levava postos botas, calças e uma camisa arregaçada.

Pela extremidade do olho vi que as ovelhas não se precaveram das intenções do Patch e fugiam para o alto do páramo. Meu sem vontade anfitrião proferiu o que poderia chamar um feroz grunhido, voltou a levantar a arma e apontou.

—Detenha-se, por favor! —gritei, ofegante, e me joguei sobre o homem, fazendo cair a escopeta de suas mãos. Foi um ato desnecessário de dramatismo de minha parte, que fez que me caísse pesadamente. Devo ter formado um quadro ridículo, atirado ali, extenuado pelo esforço, em uma condição deplorável que contrastava radicalmente com o perfeito estado físico de meu atormentador. Para minha mortificação se agachou e com um gesto de desprezo me agarrou pelo pescoço, elevou-me e me deu uma boa sacudida.

—O que...? —começava a dizer rispidamente, quando Patch, ao ver o abuso com que tratavam a seu amo, corajosamente foi em minha defesa e saltou sobre meu atacante.

Pensei que destroçaria o meu pobre cão. O homem o agarrou pelas patas, uma traseira e a outra dianteira, e o jogou com todas suas forças. Patch estava sem fôlego, ganindo, assim corri em sua ajuda. Produziu-se uma nova confusão. Uma menina pequena saiu correndo da casa, passou junto ao homem e chegou até meu pobre cão, que estava estendido, gemendo, com os olhos em branco. A menina o levantou e começou a balançá-lo. Voltando-se, lançou ao homem um olhar malévolos.

—Papai, te vi ! Ia matar-lo. Te odeio! Apesar de sua fúria, dava-me conta de que a menina era cativante. De uns cinco a seis anos, tinha cabelo loiro, olhos de um azul profundo e finas feições aristocráticas. Lhe alargavam as janelas do nariz pela fúria com que olhava a seu pai a quem, é preciso dizê-lo, não lhe parecia absolutamente. Em realidade, tivesse sido difícil imaginar duas pessoas mais distintas

—Hei-te dito, Cathy —disse o homem com um pouco mais de suavidade agora, visivelmente amansado pela aparição de sua filha— que incomodar às ovelhas é um delito que se castiga com a morte. Note, foram-se todas... —Levantou a vista para olhar o horizonte. Realmente, não se via nem um animal. Recuperei minha presença de ânimo, sacudi-me um pouco o pó que me cobria a roupa, me sentindo mais animado, preparado a perdoar, pela chegada da bonita menina.

—Meu nome é Lockwood, senhor, Tom Lockwood —disse—, e lhe rogo me perdoe pelo comportamento de meu cão. Mas é uma criatura amistosa e não fez mal às ovelhas.

—Já lhes tem feito mal ao as afugentar —replicou grosseiramente o homem—. Isso lhes arruína o leite.

Sentia-me envergonhado, e esperava que se notasse. A menina me olhou fixamente, muito séria. Logo sorriu.

É um cão manso. Eu gostaria de ter um para mim. Aqui só temos sabujos, que dormem no celeiro.

—Se teu pai permite, te dou um de presente —falei—, para compensar minha má ação.

Levantei a vista, para olhar ao pai, mas deu a volta com brutalidade, encaminhando-se para a casa, sem apresentar-se. Era um homem grosseiro, um pouco maior que eu, talvez de uns trinta anos, mas não inculto. Embora tivesse um forte acento do lugar, não era um operário. Um cavalheiro agricultor, pensei. Fez-me pensar nos Earnshaw, que, como tinha lido na história de meu pai, trabalhavam a terra desde 1771. Talvez fosse um parente deles, embora ao ver que o tinha incomodado dessa maneira, não me atrevi a fazer nenhuma pergunta.

—OH, meu cachorrinho! —Cathy juntou as mãos e começou a dar voltas. Logo correu à casa, para uma mulher que estava parada na porta com as mãos sobre os olhos, protegendo-os do sol da manhã.

—Mamãe, ganhei um cachorrinho! Dá-me permissão?

Mas a mãe estava observando ao pai, que tinha dado a volta à casa sem dizer uma palavra. Enquanto seguia a Cathy pelo atalho vi que a mulher havia entrecerrado os olhos e tinha os lábios apertados. Era uma mulher bonita, mas havia em seu rosto sinal maturidade como se a vida tivesse sido dura com ela. A menina tampouco lhe parecia, embora a mãe tivesse o cabelo muito loiro, suas feições eram redondas, (alguma vez deviam ter sido arrebatadoras) e tinha uma doçura cheia de covinhas que me atraí enormemente, porque devo reconhecer que eu gosto das mulheres suaves e femininas. Sorri-lhe e estendi a mão, mas ela ficou olhando. Pensei que talvez em «Morro dos Ventos Uivantes» havia uma espécie de enfermidade que fazia que seus habitantes resistissem a toda aproximação. Essa era a maneira em que tinha sido recebido meu pai fazia quase quarenta anos. Também tinham existido cães implicados naquela ocasião. Graças a Deus que não nevava e que não corria o perigo de ter que pedir asilo por uma noite.

—Tom Lockwood, senhora, —disse com uma reverência ao ver que não tomava minha mão, assim que a dava volta e mostrei a palma—. Poderia me lavar as mãos? Logo empreenderei meu caminho, pois perturbei sua casa.

Tinha tomado à menina e ambas estavam paradas a um lado. Cathy também estava calada agora. Antes de transpor a soleira não pude deixar de levantar os olhos para ver as grotescas esculturas em cima da porta, que havia descrito meu pai. Ali estavam, e também a data de 1500 e o nome Hareton Earnshaw. Vi que a mulher observava meus atos com expressão severo, mas não disse nada e me indicou com um gesto que entrasse.

«Como me acelerou o pulso ao entrar em «Morro dos Ventos Uivantes». Tinha viajado da Itália, suportando a inclemência do tempo e toda classe de desconfortos só por esse momento. Dentro, tudo estava como tinha imaginado. Não havia corredor, assim entrei diretamente na sala; ali estava o enorme lar de lenhos, com um fogo ardente, e ainda por cima do velho armário de carvalho, resplandeciam, em fileiras, os pratos de estanho e jarros de prata. Ali estavam as vigas do teto, tal como as havia descrito meu pai, embora não penduravam delas pernas de cordeiro nem presuntos. O piso de pedra estava coberto com um esplêndido tapete, embora puido em algumas partes, e os móveis, muito velhos, eram ainda sólidos e cômodos. Era uma casa que evidenciava certo modesto esplendor, embora nem rica nem pobre.

—A cozinha é essa porta —disse a mulher, indicando com o dedo. —
Achará água no barril, junto à porta. Ou já conhece o caminho, senhor? Ironizou ; logo sorri.

—Pois, não, senhora. Nunca estive aqui. Obrigado por sua indicação.
Atravessei a porta cozinha. Também me pareceu conhecer o grande fogo e os brilhantes utensílios sobre as paredes. É obvio que sentia ter estado ali antes. Era estranho. Tomei uma jarra, joguei água na bacia e me lavei as mãos, as esfregando vigorosamente para tirar a sujeira. Enquanto o fazia se aproximou a mulher e me deu uma toalha branca limpa. Tinha uma atitude de desconfiança, e suspeita.

—Temo me haver misturado —disse —. Seu marido deve estar zangado comigo e com meu cão.

—Não está acostumado a ver estranhos —disse ela com um leve sorriso, como excluindo-se, ou como se queria fazer ver que existia uma barreira entre ela e o hostil marido. Pressenti uma atmosfera de discórdia na casa, o que me causar pena pela menina—. É você de Londres? —perguntou-me, como querendo atenuar a conduta de seu marido.

—Sou da Itália —disse—. Nasci ali e vivo ali, mas meu pai era londrino.

—OH, como eu gostaria de ir a Itália! E veio até aqui de lá?

Sua atitude era de incredulidade e notei que parecia comparar seu lar desfavoravelmente com o meu. Pensei que estávamos a ponto de estabelecer uma relação, por isso me senti agradecido, quando se interpôs em nosso caminho a sombra do bruto de seu marido, que apareceu na porta. Olhou-nos. A mulher se dirigiu à mesa e vi que tinha estado atarefada amassando, pois tinha farinha nos braços. Em silêncio começou a amassar, e voltou a reinar o ambiente de hostilidade.

—Estou a ponto de ir —disse, gaguejando com estupidez—, assim novamente mil perdões por meu cão. Olhei ao meu redor, mas não havia nem rastro da garotinha. O homem se fez a um lado para me deixar passar mas me detive ante a mesa e sorri à mulher.

—Obrigado, senhora. Poderei ter o prazer de voltar para vê-la? Ficarei no Gimmerton uns meses.

Ela não respondeu. Seguiu com seu trabalho, e eu transpus a porta principal triste e silenciosamente. Só o Céu sabia quando teria oportunidade de voltar para esse lugar, imortalizado para mim por meu pai.

Tinham atado o Patch a um poste junto à porta assim que o desatei. Pu-me o chapéu e olhei com fixidez a meu hostil anfitrião.

—Poderia saber seu nome? —perguntei, mas tive que pôr distância rapidamente ao ver que se aproximava seu rosto a uma polegada do meu, me mostrando os dentes.

—Lhe direi —disse—, que viu o Anthony Heathcliff... Heathcliff, ouviu bem? E que segue tão louco como sempre!

E com isso o afável ser me fechou a porta nos narizes.

Cathy... Heathcliff... os nomes me davam volta pela cabeça enquanto baixava com passo inseguros através da negra vegetação fofa que cobria o páramo. Me afundavam as botas na turfa, ainda empapada pela chuva do dia anterior. Patch corria adiante, ladrando e ganindo como se alegrasse de afastar-se desse lugar. Me ocorreu que voltava a ter febre e que tinha imaginado todo o episódio. Heathcliff? O filho do Heathcliff tinha morrido... e Cathy, por que se chamava Cathy a menina? Que era formosa, como todas as Catherine's a respeito de quem tinha lido, uma delas loira, a outra de anelado cabelo castanho. Meu pai tinha comentado a beleza do cabelo de ambas.

Vi que indo colina abaixo sem seguir o atalho tinha chegado a uma espécie de caminho, e pus-se a andar por ele no que me pareceu a direção correta, ainda pensando no extraordinário encontro. Ventava e caía uma garoa fina que parecia queixar-se. Agora que estava no vale, protegido pela metade, pensei como seria lá encima. Escondeu-se o sol e se reuniam as conhecidas nuvens negras na direção em que eu ia, para o Gimmerton. As árvores se balançavam de um lado para outro; de repente vi brilhar um pedaço de piçarra cinza e atraiu meu olhar uma cruz inclinada em um ângulo precário. Dava-me conta de que se tratava da igreja, mais arruinada ainda que a descrição de meu pai, junto à qual estavam enterrados Catherine e Heathcliff, e também o pobre Edgar, marido do Catherine.

À capela faltava a metade do teto. As nuas vigas, expostas a mercê dos elementos, tomaram ante minha febril imaginação o aspecto de ossos de um esqueleto; as janelas rotas pareciam as conchas de olhos sem vista. Fiquei imóvel e o sangue pareceu gelar-se em minhas veias. Reinava um silêncio sobrenatural pois até o vento tinha cessado seu chorar. Dirigi um olhar temeroso para os páramos, esperando ver o que? Os fantasmas do Heathcliff e Catherine, essas almas perdidas vagando ainda em busca da paz que lhes tinha sido negada em vida?

A metade de meu ser queria seguir caminho apressadamente; a outra metade, mais forte, fez-me abrir o fecho quebrado da porta e avançar resolutamente através do cemitério em direção ao rincão que subia para o páramo, sabendo o que acharia. E ali estavam, por certo, as três lápides, separadas do resto, como se o passado do tempo lhes tivesse outorgado uma solitária dignidade.

As três eram cinzas, cobertas de líquen verde; apenas liam-se as inscrições. me agachando, aproximei-me até discernir os nomes. Novamente foi talvez minha excitada imaginação a que me fez acreditar que as lápides do Catherine e Heathcliff estavam mais perto, enquanto que a do Edgar estava à parte, sozinha.

Recordei que Heathcliff tinha ordenado que tirassem um flanco da gaveta do Catherine, para poder estar mais perto dela, e que duas vezes tinha perturbado seu descanso. Apoderou-se de mim um sentimento terrível de medo e espanto, algo que nunca tinha experiente, e pensei que devia fugir desse lugar maldito. Mas tinha os pés cravados na terra úmida, como se me apanhassem mãos invisíveis, e lance um grito. O céu se ia pondo completamente negro e o vento aumentava até ulular sepulcralmente entre as árvores como almas em pena. Os ramos se faziam de um lado para outro, e com um gemido a porta da capela se abriu de par em par, deixando ver um interior que não parecia um refúgio a não ser o abismo do inferno.

Então as lápides pareceram inclinar-se para mim, balançando-se como as árvores, em espantosa harmonia com a discordância da natureza que me rodeava, e os três nomes ressaltaram claramente, dançando ante meus olhos: HEATHCLIFF, CATHERINE e Edgar.

Envolveu-me a escuridão e caí sem sentido ao chão.

Alertado pelo aterrorizado Patch. Nostro, que tinha saído em minha busca, encontrou-me em seguida, atirado entre as tumbas. Ao princípio pensou que estava morto, pois tinha o pulso muito débil, como me disse depois. Levou-me rapidamente a casa e chamou o médico. Não tinha mais que um estado de choque, assim logo me recompus com o calor e um copo de conhaque, com o que mandei dizer ao médico que não se incomodasse em vir.

Nostro estava evidentemente fora de si, de tão preocupado e fazia tanto escândalo como uma galinha a que lhe tocam os pintinhos. Eu estava em um curioso estado de excitação, e depois do jantar ordenei ao Nostro que me deixasse sozinho e que

fosse deitar. Então tomei o manuscrito de papai e me sentei junto ao fogo com um bom charuto e um copo de conhaque.

Fiquei sentado toda a noite, lendo a momentos, logo sonhando, até que o livro passou a ser o sonho, e o sonho o livro, e já não pude distinguir mais entre um e outro. Às vezes apareciam pela janela as formas terríveis do Catherine e Heathcliff, me fazendo gestos com os braços estendidos, me rogando: —nos deixe entrar, nos deixe entrar—. Despertava sobressaltado, e então me dava conta de que não havia razão pela que viessem a essa casa do Gimmerton que não era parte da história, por isso estava a salvo ali.

De vez em quando aparecia Nostro e me pedia que fosse deitar, mas lhe ordenava que avivasse o fogo e me deixasse sozinho. Ao fim, perto da alvorada me afundei em um sonho profundo; quando despertei, já todos estavam levantados, ocupados com seus afazeres. Tinham-me posto uma manta sobre os joelhos e uma empregada estava jogando lenha ao fogo. O sol entrava em torrentes pela janela. Senti-me embargado por um sentimento de segurança do que devia fazer.

Elenca Dean. Estaria viva ainda, depois de quarenta anos? Teria como oitenta anos nesse caso. Somente Ellen Dean, ou alguém como ela, poderia me pôr em dia com a história. Deveria haver alguém que pudesse me informar a respeito desses quarenta anos que faltavam desde que meu pai partiu para a Itália, por causa de sua saúde, deixando a Catherine Heathcliff e o Hareton Earnshaw a ponto de casar-se. Eu sabia o que lhe tinha acontecido o meu pai. Casou-se com uma boa mulher e tido cinco filhos. Embora sua saúde nunca foi perfeita, sua vida tinha sido tranquila, dividida entre sua casa em Roma e seu imóvel nas colinas da Toscana, onde eu vivia atualmente. Tinha viajado várias vezes a Inglaterra, a ver seus filhos, a quem tinha enviado à escola nesse país. Tinha escrito algo, embora pouco; também tinha pintado alguns quadros, embora não muito bons; tinha lido muitíssimo e, em geral, gozado de uma vida tranquila no seio de sua família.

Incorporei-me de um salto e chamei o Nostro, que entrou com essa expressão de recriminação que eu conhecia tão bem. Há vezes que me pergunto por que o tolero. Mas essa manhã me sentia pormenorizado e seguro. Sabia o que fazer.

—Tira essa expressão, meu bom Nostro. Minha queda no cemitério não deixou sequelas. Sinto às mil maravilhas; a caminhada me fez bem. Nostro, depois que me barbeie e me ajude a vestir, procura o ama de chaves. chama-se...

—É a senhora Brown, senhor.

—Ela poderá me ajudar. Te apure, Nostro, ponha a ferver a água! E ordena que me preparem um bom café da manhã quando chegar à cozinha.

Vesti-me rapidamente, completei minha figura e baixei ao refeitório, onde para meu deleite me aguardava uma dúzia de pratos sobre o aparador. Muitas vezes, quando penso que há homens sós como eu que vivem tão bem, sinto saudades que não haja tumultos das classes pobres. Não obstante, servi-me um transbordante prato, e me sentei a comer. Ouvi uma batida na porta e entrou a senhora Brown escoltada pelo Timms, o mordomo. A senhora Brown, turvada, fez uma reverência, e eu me pus de pé e lhe dava a mão.

—Senhora Brown. Apenas se nos vimos. Queria lhe agradecer por me cuidar tão bem quando estive doente. Queria agradecer pessoalmente, a ti também, Timms, e lhes pedir que agradecessem a outros serventes em meu nome.

A senhora Brown se ruborizou e tratou de esconder sua confusão movendo as mãos.

—OH, senhor, alegro-nos tanto de que se recompôs.

Voltei a me sentar enquanto eles seguiam de pé. Pu-me a jogar com a taça.

—Senhora Brown, vim ao Gimmerton por razões nostálgicas. Imagino que se perguntou o que me trouxe por aqui.

A senhora Brown assumiu uma expressão que parecia dizer que nenhum servente de berço poderia ousar tal coisa.

—Bom, é um lugar deserto, sem atrações, mas meu pai viveu aqui muitos anos antes de que eu nascesse.

—Sim, senhor?

—Alugou a Granja. Você conhece a Granja Thrushcross?

—Nunca entrei, senhor. Hão-me dito que está fechada, desde que se foi o senhor Earnshaw. Outros dizem que está à venda.

—Em venda? —exclamei—. O que lhe passou ao senhor Earnshaw?

—Não sei quais são os rumores, senhor —respondeu secamente a senhora Brown

—, Além disso, não sou desta zona, mas sim do Bradford; aqui vim quando me casei com meu finado marido.

Os Lockwood são do norte, e sei muito bem que o temperamento dos do Yorkshire é fechado. Dava-me conta de que, a diferença de Ellen Dean, minha ama de chaves não estava disposta a fofocar com o dono de casa.

—Você conheceu a Ellen Dean, senhora Brown? Timms se esclareceu garganta e deu um passo adiante.

—Como diz a senhora Brown, ela não é nativa do lugar. Duvido que tenha ouvido falar do Ellen Dean por seu nome de solteira, pois se casou com o John Roberts e foram se viver a uma granja, a uns quilômetros daqui. Morreu recentemente, a idade muito avançada. Sei porque minha tia Edna se casou com um sobrinho do John Roberts, assim está aparentada com o Ellen Dean. Conhecia-a muito bem. Mas a tia Edna morreu também, senhor. Na Páscoa passada.

Dava-me conta de que o bom Timms estava a ponto de embarcar-se na história do falecimento da tia Edna, assim que o interrompi, temo-me, com certa brutalidade.

—Não há outra pessoa mais próxima ao Ellen Dean que sua falecida tia Edna?

Timms ficou rígido, ferido em sua dignidade, mas agora interveio a senhora Brown, ansiosa por ajudar.

—Eu conheci o Ellen Roberts, como a chamávamos, senhor, porque sua sobrinha neta Agnes Sutcliffe vivia a um passo de nossa casa na rua Maior do Gimmerton.

—Vive ainda Agnes Sutcliffe?

—OH sim, senhor. É viúva, e poderá lhe contar a respeito da Granja, porque trabalhava ali. Não há nada que ela não saiba a respeito do que ocorre por estes lugares...

Depois de me inteirar do paradeiro do Agnes Sutcliffe, dirigi a seu encontro. Foi Timms quem me indicou onde ficava seu pulcro chalé, no centro do Gimmerton. Ele me acompanhou até chegar, e então lhe pedi que me deixasse sozinho. Queria que tudo fora muito informal. Quando a mulher saiu a me receber, tirei-me o chapéu.

—A senhora Sutcliffe? Meu nome é Tom Lockwood, senhora; sou o filho do David Lockwood, que viveu na Granja faz uns quarenta anos. Ele conheceu sua tia avó Ellen Dean muito bem.

Este discurso, um tanto comprido, tinha como fim tranquilizá-la. Em realidade, a surpresa desapareceu de sua expressão para ouvir o nome de sua tia, e seu agradável rosto se enrugou em um sorriso. Afastou-se e me convidou a entrar. A sala, muito cômoda, resplandecia de utensílios e jarros de estanho e bronze polido; sobre o aparador

havia taças de porcelana, e um bom fogo, típico do Yorkshire, rugia no lar. Quem dera tivéssemos na Itália tão bons fogos. Acredito que a madeira não deve ser de tão boa combustão, ou talvez a resposta esteja no fácil acesso ao carvão nesta zona. Entretanto, só havia lenhos. Sobre o tapete, junto ao lar, estava jogado um cão velho que logo que levantou a cabeça para me inspecionar.

A senhora Sutcliffe me convidou a que me sentasse, ajustando com uns tapinhas nos almofadões de uma cômoda poltrona.

—Sente-se por favor, senhor Lockwood. ouvi falar de seu pai, pois eu sempre fui muito apegada a minha tia avó, e ela estava acostumada falar dele, um verdadeiro cavalheiro, tão distinto de outros que ela conhecia nesta região. Não esteve muito, por sua saúde, e me inteirei que você não esteve tão bem tampouco desde que chegou, verdade, senhor? Ah, intrigas de aldeia. Todos se inteiravam de tudo, é obvio, em um lugar pequeno como Gimmerton; provavelmente sabia mais de mim que eu mesmo.

—É verdade que não estive muito bem devido à inclemência do tempo, sem dúvida. Me alegro de poder dizer que já estou bem, e vim a averiguar certas coisas que acredito que somente você sabe.

—Eu, senhor?

Olhou-me surpreendida e ficou remover no fogo com um comprido atiçador de bronze. Aferrei aos braços da poltrona e me acomodei.

—Depois de morto meu pai me enviou a fazer uma pesquisa. Sua tia lhe contou uma história muito longa e estranha que ele escreveu, dando-me isso antes de morrer. Tráfico da família Earnshaw e um tal senhor Heathcliff.

—Ah, agora me dou conta por que está aqui. Uma história muito estranha, e segue sendo-o, senhor Lockwood.

—Segue sendo-o? —Fiz-me para frente, entusiasmado.

—Eu me inteirei de toda a história por minha tia, refiro-me à parte que você deve saber, até a morte do senhor Heathcliff. Aos Earnshaw nada saiu bem, e acredito que assim seguirá sendo. É pelos Heathcliff, senhor, são uma origem maligna.

Ficou de pé e serviu um copo do que supus era vinho da Madeira de um jaro que estava sobre o aparador. Pô-lo a meu lado, com uma lata de biscoitinhos.

—Sempre tenho Madeira em casa. Ao senhor Sutcliffe gostava de tomar um copo depois do jantar. Morreu faz muitos anos. Minha tia viveu muito...

Olhou-me ansiosamente, juntando as mãos.

—Sinto-o muito, senhora Sutcliffe. Sinto como se conhecesse sua tia, como se nos tivéssemos conhecido toda a vida. Deve ter sido uma pessoa magnífica.

—Sim, assim era.

—E enérgica...

—Tinha que sê-lo.

Tomei um sorvo do vinho, que era excelente, e olhei as brasas.

—Ontem fui a «Morro dos Ventos Uivantes». Devo dizer que me receberam muito mal..

—Ah, sem dúvida o viu.

—Ao Heathcliff?

—Sim, ao Anthony Heathcliff, mau como todos outros...—Disse: «lhes diga que viu o Anthony Heathcliff, e que segue tão louco como sempre», e me fechou a porta na cara.

—Claro, assim é ele. Não diria que está louco, embora nenhum deles é muito cordato. Mas gosta de fazer-se passar por louco, para afugentar às pessoas e para que ninguém a veja.

—A quem? A sua mulher?

A senhora Sutcliffe soprou.

—Chama-a sua mulher? Está casada, mas não com ele. É Jessica Earnshaw, a mulher do senhor Earnshaw, que teve que ir-se da Granja, pelo escândalo. Ele, que era um magistrado...

—Mas —perguntei, procurando as palavras—, quem é Anthony Heathcliff? Como está aqui?

A senhora Sutcliffe me olhou pensativamente.

—Acredito que é melhor que tire o casaco, senhor. Será uma história longa, se é que quer ouvi-la inteira, do começo.

—Do momento em que Catherine Heathcliff, viúva, casou-se com o Hareton Earnshaw, pois suponho que se casaram, não?

—Ou sim, em janeiro de 1803. Recordo-o muito bem, porque estive presente; fui uma das meninas do cortejo da noiva mais encantada que vi ou espero ver.

Suspirou profundamente e olhou ao fogo. Observei-a, e me embargou um sentimento de deliciosa antecipação. Por fim ia satisfazer o propósito de minha pesquisa. Recordei como tinha relatado Nelly a história a meu pai enquanto ele se repunha de sua enfermidade, me perguntando quanto se pareceria Agnes a sua tia, e pensando que era extraordinário que a mesma situação se repetisse quase quarenta anos depois de que meu pai conhecesse o Nelly Dean.

Surpreendeu-me que se sentisse tão disposta a confiar em mim. Talvez seria porque lhe trazia lembranças de sua tia, ou porque sentisse a necessidade de tirar-se de cima o peso de uma história tão extraordinária como a que sua tia tinha relatado a meu pai, e que transcrevo a seguir.

CAPÍTULO 2

Lembrava muita bem o feliz dia em que Hareton trouxe Cathy de volta à Granja como sua esposa —disse Agnes Sutcliffe, dispondo-se a costurar em uma cômoda poltrona junta ao fogo. Umas bodas magnífica. Foi todo Gimmerton porque eram órfãos, sem nenhum parente no mundo.

O padrinho da noiva foi o senhor Molfer, que naquele tempo vivia na casa principal, e seis aldeãs, entre as que me contava eu, formamos o cortejo. A noiva era muito bela, uma criatura pequena que parecia esculpida em mármore, com cachos de cor do linho e olhos de um azul profundo, que nesses dias pareciam rir de felicidade.

Minha tia Nelly estava na glória ao ver a mudança na menina que tanto queria; sentia-se como sua mãe, pois a tinha criado desde que nasceu. Ocupou-se de que a Granja estivesse perfeitamente ordenada para recebê-la. Fez que empapelassem as paredes, limpassem os tapetes, pendurassem cortinados limpos nas janelas e pintassem novamente o exterior da casa.

Hareton se via muito arrumado com seu traje de noivo; todas as moças se sentiam ciúmentas. Estava esplêndido, tão forte, tão alto e robusto, com uma constituição tão sã e seu cabelo castanho anelado. Estava tão apaixonado por Catherine que não lhe tirou os olhos de cima durante a cerimônia, nem durante os dias seguintes. O senhor Molfer deu uma grande festa em honra do casal. Passaram a noite de bodas na Granja, e logo Hareton a levou a Itália para a lua de mel. Permaneceram fora três meses e quando retornaram na primavera tiveram a notícia de um novo romance: minha tia avó Ellen estava comprometida para casar-se com um graneiro, John Roberts, viúvo com filhos já grandes.

A senhorita Cathy estava desolada; pediu a minha tia que não a deixasse, porque o fruto de seu feliz casamento com o Hareton era um bebê, já em caminho. Mas a tia Ellen, que amava muito a Catherine, merecia-se a felicidade própria, e era o momento de decidir-se. Já não era jovem, e não poderia ter filhos, mas o matrimônio lhe podia brindar muitas coisas, como tranquilidade e estabilidade e o amor de um homem bom ao que tinha conhecido de menina. Alguns diziam que tinha querido casar-se com ela, mas não o tinha aceito por devoção aos Earnshaw. Bom, a tia estava decidida e embora sentia muita pena pelo Cathy, foi.

A tia me pediu que fosse cuidar da senhorita Cathy. eu adorava os meninos e me sentia adúlada que me tivesse pedido isso, pois o considerava um privilégio. Então era uma grande coisa trabalhar para uma família importante, e os Earnshaw eram considerados uma família importante porque eram donos de duas propriedades, a Granja e o «Morro dos Ventos Uivantes», e uma grande extensão de terras.

Ainda recordo o dia que fui trabalhar para a senhorita Cathy. Era um formoso dia da primavera; meu pai me levou no carro até a porta principal do muro que rodeia a Granja, e dali tive que caminhar três quilômetros, com meus pertences envoltos em um lenço. Sentia-me livre e feliz, e muito adulta, com a sensação de que começava para mim uma nova vida.

Quando vi minha jovem senhora, esta estava ainda na cama. O sol que entrava na habitação se refletia em seu cabelo loiro, solto sobre o travesseiro. Saltou como uma garotinha (em realidade o era) e me segurou das mãos.

—OH, Agnes —exclamou—, estou tão contente de verte! Somos amigas, verdade, Agnes? E me cuidará, a mim e a meu bebê, como Nelly cuidou de mamãe e a mim?

—Sim, senhorita, cuidarei-os —falei com autêntica devoção, e ela me abraçou e me beijou.

Agnes procurou o lenço e asou o nariz. Ai, mas tanta felicidade não podia durar. Que injusta é a vida, senhor Lockwood, que cruel é o destino, que pouco dura a fortuna! Parecia que os Earnshaw estavam malditos, que um mal se abatia constantemente sobre a família, afugentando a felicidade.

—Eu acreditava que a história de meu pai tinha um final feliz —observei com tristeza, agradecendo à boa senhora Sutcliffe o oferecimento de um novo copo de vinho da Madeira—. Não foi assim, então?

—Durante um tempo, senhor, foram tão felizes como Adão e Eva no Paraíso. Todos e tudo o que os rodeava não era mais que felicidade. Os serventes trabalhavam com alegria, a casa resplandecia de tão bem cuidada que estava, e Cathy e Hareton desfrutavam do calor do amor que se tinham. Apesar de que a senhorita Cathy tinha sofrido muito nas mãos do senhor Heathcliff, parecia ter esquecido seus maus entendimentos. Nunca me contava nada daquele tempo, e não acredito que o mencionasse a seu marido tampouco. Naturalmente, Hareton considerava o Heathcliff de uma maneira completamente distinta. Apesar da forma em que o tinha tratado, parecia reverenciá-lo, e minha tia me disse que foi a única pessoa que chorou quando morreu Heathcliff. Para todos isto era um mistério, pois o senhor Heathcliff tinha humilhado ao Hareton.

Outra coisa que notei foi que a senhorita Cathy tinha especial cuidado de não aproximar-se dos Morros dos Ventos Uivantes». Amava o páramo, e saía sempre, em qualquer tempo. Saía a caminhar, ou montava um mal humorado pônei quando ficou mais pesada, mas nunca ia perto do «Morro dos Ventos Uivantes». Quando não saía a percorrer os páramos, ficava a bordar comigo, pois preparava o enxoval de seu bebê; então falava do futuro com tanta alegria e entusiasmo. Ela e Hareton tinham decidido ter

uma família numerosa; tantos filhos como lhes enviasse Deus. Hareton tinha muitos planos para seus filhos. Um dia estávamos falando disso quando ele entrou silenciosamente e lhe deu um beijo na bochecha e a elevou em seus braços. Me dava vergonha presenciar tanto amor, assim encontrei uma desculpa para sair do quarto. Mas Cathy me fez ficar.

—Querido Hareton, estava dizendo que um de nossos filhos será almirante.

—Sim, e outro será membro do Parlamento —disse Hareton, rindo—, assim teremos muito boas leis. Ah, e eu deverei ser um magistrado. Não seremos então uma família muito respeitável?

—OH, Hareton! Será um pilar da comunidade! —Voltou a beijá-lo, rindo.

Hareton se sentia muito sociável essa manhã e aproximou uma cadeira, ficando conosco.

—Nunca pensei que seria tão feliz, Agnes —disse—, e todo o devo a minha adorada Cathy. Quem poderia necessitar algo, tendo-a por esposa? —Olhou-a com expressão de adoração, e ela o pegou da mão.

—Por isso ouvi, merecem-se esta felicidade —disse eu. Então notei a expressão dos dois, e me dava conta de que tinha cometido um engano. Nunca devia me referir ao passado, mas para mim isso não me parecia natural: não se podia simular que nada tinha acontecido. Devia ter imaginado que uma felicidade levantada sobre alicerces tão fracos não poderia durar.

Bom, esse ano maravilhoso chegou a seu fim, como todas as coisas boas, e quase ao ano justo das bodas, Cathy deu a luz um varão, são e formoso, uma verdadeira alegria para seus pais e todos os que o viam, de nome Rainton Earnshaw. Era um menino robusto como seu pai, com o cabelo castanho encaracolado dos Earnshaw. A tia do Hareton tinha o cabelo castanho mais formoso do mundo, estava acostumado a dizer a tia Nelly, enquanto que Cathy tinha herdado o cabelo loiro dos Linton. Amei ao Rainton no instante que o tirei da parteira, lavei-o e o pus em seu berço. Hareton e Cathy estavam enlouquecidos de contentes com seu bebê. Hareton era um pai magnífico. Nada longínquo, como alguns, mas sim passava muito tempo com ele, brincado e até me ajudando a banhá-lo quando estava na casa à hora e não tinha que trabalhar.

Um dia Hareton entrou no quarto do menino e me disse:

—Quero te agradecer, Agnes, por cuidar tão bem a minha esposa. Deste-lhe confiança em si, e sei que enquanto esteja junto a ela sempre estará bem e a salvo. Quero te dar isto para que sempre te lembre da gratidão da família Earnshaw—. E pôs ao redor de meu pescoço uma corrente de prata com um medalhão de prata, que ainda conservo. Logo ficou comigo um momento enquanto eu seguia com minhas tarefas, sem deixar de olhar a seu filho nem por um segundo.

—Este é o primeiro da dinastia dos Earnshaw, Agnes. Somos uma família antiga, como sabe, de agricultores, não de burgueses. Mas agora que nos aumentaram as terras trabalharei duro para que sejamos a família mais ilustre desta parte do Yorkshire, e posso fazê-lo, Agnes.

—Sim que pode, senhor —repliquei com orgulho—. Você é um magnífico cavalheiro, e merece a boa fortuna que tem—. Lhe brilharam os olhos e me segurou os ombros, como se me fosse abraçar, me sacudindo com afeto.

—Muito obrigado, Agnes; é digna sucessora de sua tia avó Ellen, que sempre foi tão boa amiga de minha esposa e minha tia—. Fez uma pausa, como se a menção desse nome o tivesse confundido—. De minha tia, a mãe do Cathy. Era uma Earnshaw também, sabe, a única irmã de meu pai, e se casou com um Linton, da família mais proeminente do distrito nesse então.

—Suponho que se casou para melhorar sua posição —disse eu, fingindo inocência porque estava realmente interessada em ouvir a opinião que tinha o senhor Hareton de sua tia, que tinha causado tanto escândalo na região, e seguia dando que falar. Alguns diziam que seu fantasma rondava pelos páramos de noite e que não achava descanso por ter sido tão má. Mas disso falarei mais adiante.

O senhor Hareton estava muito solene. Deixou de observar a seu filho, que resmungava e olhava, sorridente, a seu pai, para cravar o olhar no longínquo baldio.

—Talvez foi assim —disse— mas o lamentou muito pelo senhor Heathcliff que se criou com ela e a amou toda a vida. Ela pensou que ele não era digno dela, que era muito superior a ele, assim que se casou com o Edgar Linton, que possuía uma mansão e maneiras refinados.

Pareceu-me que Hareton falava com amargura e me ocorreu que se devia ter informado de muitas coisas pelo senhor Heathcliff, pois apesar de que este o desprezava, eram íntimos.

—Por isso foi —prosseguiu Hareton— que Heathcliff fez tanto por ser rico, para demonstrar a tia Catherine que valia tanto como qualquer Linton. Já sei que muita gente o aborrecia, Agnes, e pensava que era um demônio. Mas eu o entendia muito bem; amava a terra, e me falava dela, e isso nos aproximava. Contava-me que meu pai, Hindley, tinha-o tratado como se fora um animal, só porque o tinham recolhido da rua. Ninguém sabia sua procedência. E pensou que devia fazer o mesmo comigo devido a que eu era filho do Hindley. Mas quando não me odiava por isso, queria-me, porque me parecia tanto à tia Catherine. Dizia-me que sempre a via em mim.

—Era um homem muito estranho, Agnes. Um homem atormentado. Por isso eu não o podia odiar, e lhe perdoava a forma em que me tratava. Por isso chorei tanto por ele quando morreu.

—Você é muito bom, senhor Hareton —lhe disse—. Minha tia Ellen não podia ver o senhor Heathcliff por tudo o que tinha feito, por todo o sofrimento que causou.

—Era duro e cruel —disse Hareton, elevando a seu filho do berço e balançando-o em seus fortes braços com imensa ternura. Era maravilhoso ver que um homem tão forte pudesse ser tão doce—. Era brutal com muitos, inclusive consigo mesmo, mas acredito que era porque sofria tanto, assim que eu o perdoava. Até lhe perdoei o que fez ao Cathy.

Olhamo-nos, com uma pergunta tácita. Por fim Hareton a respondeu.

—Nunca deve mencionar esta conversação a minha esposa, Agnes. É algo do que nunca falamos; temos um acordo mútuo de não nos referir nunca ao passado.

Depois de dizer essas palavras beijou a seu filho, voltou-o a pôr no berço, apertou-me a mão e se foi. Fiquei muito pensativa o resto do dia.

Foi uns poucos meses depois do nascimento do Rainton que notei uma verdadeira mudança em minha ama. Era tão leve que ao princípio não me dava conta, embora talvez levava algum tempo; estava tão atarefada com o bebê que não notava nada. Era uma espécie de inquietação, um desejo de passar mais tempo fora, tanto que nunca estava em casa. O prazer que sentia ao estar com o menino também parecia ter diminuído, e pouco a pouco suas visitas ao quarto do bebê foram fazendo-se mais e mais espaçadas, até que já quase nunca aparecia; era o pai quem passava mais tempo ali. Além disso, já não os via juntos, exceto durante as refeições. Já não deviam acariciar a seu filho antes do banho, como tanto gostavam antes.

OH, o senhor Hareton estava ocupado com suas propriedades, seus livros, suas contas. Mas não era ele, a não ser ela. Além disso, sentia que já não estava tão perto de mim como antes; afastou-se de mim, de seu marido e de seu filho. por que?

Não acredito que Hareton se desse conta de nada então. Sua taça ainda estava, transbordante de nova vida, tão distinta da antiga. Tinha uma formosa mulher, uma linda casa, um filho saudável, terras e serventes, cavalos e gado. Não fazia muito ele mesmo era um servente que não sabia ler nem escrever, um caipira camponês. Não, o senhor Hareton estava cego de felicidade, assim era incapaz de ver o que acontecia com sua mulher.

Ou talvez o notava e não o deixava entrever, pois esse verão voltou a levá-la ao estrangeiro em uma viagem repentina, deixando ao Rainton a meu cuidado. Esperava que ficassem muito tempo fora, mas retornaram em seguida, e então sim notei a diferença, muito marcada, que se tinha produzido em ambos. A alegria tinha desaparecido, e o senhor Hareton estava nervoso e como vencido, sua esposa indiferente. Assim que chegou a carruagem, ela ordenou que selassem sua velha Minny, e saiu em seguida ao páramo, sem sequer ver seu filho. Senti-me mortificada, confesso-o. O senhor Hareton se encerrou em seu estudo com o mordomo e suas contas, sem me dizer nada.

Lembro que esse dia parecia que o outono tivesse chegado cedo. Senti um peso no coração ao abrir o cortinado no quarto do bebê, pois vi que umas nuvens negras se abatiam sobre os páramos e o vento fazia cair as folhas das árvores. Imaginei a minha ama galopando pelos páramos como uma ferosidade selvagem e não como a senhora da Granja. Recordei o que estava acostumado a dizer minha tia avó a respeito de sua mãe: era uma criatura selvagem, teimosa e violenta. A tia Ellen dizia que tinha herdado muito do caráter de sua mãe, embora também tinha a doçura de seu pai, Edgar Linton, e ela esperava que esse sangue fora a influência dominante. Com um estranho pressentimento, levantei o Rainton de seu berço e o abracei.

Esse estado de ânimo passou, como sempre acontece. A casa recuperou seu ritmo normal, embora parecia faltar algo. Logo foi evidente que a férias, embora não tinha tido um grande êxito, tinha dado seu fruto, pois minha ama ficou grávida de novo. Mas esta vez não a alagou a felicidade, nem houve nela um sentimento de ansiosa expectativa, mas sim se mostrou contrariada e zangada quase todo o tempo.

—Ata-me de tal maneira, Agnes —exclamou uma noite, enquanto a preparava para deitar— me ata, ata-me, ata-me à casa. Aborreço-o!

—Mas senhora Cathy —respondi brandamente—, você não pode comportar-se todo o tempo como uma menina, correndo pelos páramos. É a senhora de uma magnífica casa, esposa e mãe. O senhor Hareton é um personagem importante na zona, um magistrado... você tem o dever de estar a seu lado.

—Tolices! —exclamou minha senhora—. Sabe que odeio essas coisas, e ele também.

—Parece-me que não —disse—. Não faz muito o senhor Hareton me disse que tem ambições para ele e sua família. Você mesma disse que queria uma família grande, com um almirante, lembro-me bem, e um membro do Parlamento.

É você a que trocou, senhorita Cathy, não o senhor Hareton.

Observava-se o rosto no espelho, como se não me ouvisse. Tocou o comprido pescoço e se acariciou as bochechas.

—Parecerei-me com minha mãe? Não conheci minha mãe, Agnes. Morreu quando eu tinha duas horas de idade. Não é algo triste para uma garotinha não ter conhecido a sua mãe?

—Sim, é também para um garotinho —disse não com muito tato pois minha ama se levantou imediatamente de seu assento e se precipitou sobre mim.

—O que quer dizer, Agnes? Pois nunca diz nada sem sentido.

Afastei-me, levantando a roupa que tinha atirado ao chão, me cuidando muito bem de me afastar dela todo o possível. Minha tia me tinha aconselhado que sempre fora sincera com os Earnshaw, pois se não se aproveitavam da situação.

—Quero dizer que seu bebê Rainton está crescendo sem mãe —disse—, e você sabe muito bem, senhora Cathy, e seu marido também.

Pensei que Cathy estava a ponto de me atirar o tamborete no que estava sentada, e recordei os ataques de raiva de sua mãe, que estava acostumado a descrever a tia Ellen, mas o pensou melhor e se aproximou com melhor disposição.

—Rainton é um bebê, Agnes. É obvio que o amo, mas não sei o que fazer com ele. Além disso, você encarrega-se dele. Não é assim, Agnes?

Estava-me rogando que lhe desse a razão, mas não o fiz.

—Não era assim no começo —disse—. Sempre estava com ele, e com seu marido, e era tão carinhosa que nunca queria deixá-lo. Agora nunca está com nenhum dos dois, nem parece querer ao menino. É melhor que não saia a sua mãe, senhorita Cathy, pois as coisas não lhe foram muito bem. Espero que me perdoe por dizer-lhe sei que tinha muitos acessos de raiva.

Pareceu-me que já havia dito muito, assim fiz uma pequena reverência e saí rapidamente da habitação, pois já tinha completo com meu dever.

Mas bem podia me haver economizado o trabalho de me arriscar a que me despedisse imediatamente, apesar de minhas palavras. Cathy seguiu tão estranha como sempre. Hareton se voltou mais solitário e a casa se converteu em um lugar triste. Os serventes se começaram a ir; em três meses tivemos três amas de chave. Diziam que era um lugar muito afastado e que não havia bastante que fazer. Além disso, naturalmente, era inverno, não precisamente a melhor parte do ano nem para os que vivemos neste lugar.

Mas nada mantinha em casa à senhorita Cathy, nem a tormenta, a neve, o granizo ou a chuva. Estava fora todo o tempo; logo seu cavalo entrava no pátio ao anoitecer, e ela aparecia quase alvoroçada, até que lhe acontecia a excitação; então ficava muito quieta e taciturna, e se refugiava em sua habitação. Algumas vezes ia ver se me necessitava e a encontrava sentada frente ao espelho, observando-a cara, acariciando o pescoço e as bochechas, como sempre. Olhava-me mas não dizia nada, e eu me dava conta de que estava pensando em sua mãe e no retrato dela, que estava na sala, abaixo. Não sabia então por que teria esta obsessão com sua mãe. Isso viria depois.

Uma noite, lembro que era perto do Natal, e já tinha caído a primeira neve do inverno. Roguei a minha ama que não saísse, mas o fez, me dando um empurrão com impaciência. Enquanto a via afastar-se senti que despertava em mim um sentimento que nunca tivesse sido minha intenção abrigar por minha ama: antipatia. Entretanto, ela era a que tinha trocado e não eu. A obsessão que sentia para sua mãe a estava transformando de tal maneira que se parecia muito a ela, e eu, igual a minha tia, tampouco me sentia bem disposta a seu gênio e seus caprichos.

Essa vez não retornou para o anoitecer, e quando o amo veio para o chá e viu que ainda estava fora, entrou furioso no quarto do menino, se sequer olhar a seu filho.

—Agnes, onde está minha mulher? Não lhe terá permitido que saísse hoje, com a neve ainda fresca?

—Me perdoe, senhor —disse humildemente—, mas eu não sou guardiã e minha ama. Roguei-lhe que não saísse mas fez a um lado. Não sei o que a preocupa.

Voltei-me, a ponto de chorar, porque queria ao senhor Hareton e sentia que não tinha completo com meu dever. Hareton começou a andar zangado, falando em voz baixa consigo mesmo.

—Não sei o que acontece com minha mulher. Não é a mesma, Agnes. Crie que será o bebê? O que lhe passa? O que faz no páramo? Aonde vai? A quem vê?

—A quem vê? —perguntei, entrecortadamente—. A que se refere? Você acredita que vai ver alguém?

Estava escandalizada que lhe tivesse ocorrido algo assim. Eu nunca tinha pensado em tal coisa.

—Você pensa que não faz mais que cavalgar pelos páramos o dia inteiro? —espetou-me Hareton com um tom de voz ao que não estava acostumada—. Com este tempo?

—Se você pensar que sua esposa se vê com outro, então você é quem deveria encarregar do assunto, e não eu —disse iradamente, e comecei a golpear o piso com o sapato. Hareton ficou a cabeça entre as mãos e se afundou na poltrona.

—Me perdoe, Agnes. Estou fora de mim, tanta é minha preocupação por Cathy. Não é a mesma moça com quem me casei, parece com a que se casou com o Linton Heathcliff, áspera e arisca, sempre de mau humor. Nela vejo o mesmo olhar de desconformidade de então, e me pergunto se for possível que a gente troque. Pensei que a faria feliz, e ela quis que fora instruído. Agora sei ler e escrever, mas ela já não sorri mais, sei fazer números, e sou um magistrado, mas Cathy já deixou de rir. Quem tem a culpa, Agnes? Eu? Ou ela? Ou talvez...? —Olhou-me e fez uma pausa—. Dizem que sua mãe estava louca —prosseguiu—. Perdeu a razão ao final de sua vida. Pergunta a sua tia Ellen.

—A senhora Linton teve uma febre —disse eu—. Não esteve louca. Sua filha não pode herdar o que sua mãe não teve—. Hareton se incorporou; pensei que estava a ponto de me abraçar, do alívio que sentia e que se refletia em seu rosto.

—OH, Agnes, obrigado! Diz que não esteve louca.

—Nunca ouvi dizer que estivesse louca —falei com lentidão—. Ouvi dizer muitas coisas a respeito dela, que era estranha, caprichosa, teimosa, mas louca, nunca. No estado em que está a senhorita Cathy talvez se pareça um pouco a sua mãe, em certos... aspectos, diremos. Mas loucura, não.

Pobre senhor. Dava-me conta pela expressão de gratidão de seu rosto que seu temor era que sua mulher pudesse estar voltando-se louca, e isso o fazia sofrer tanto. Por seu comportamento me dava conta também de que ainda a adorava; tudo o que eu queria no mundo era que estivessem tão unidos como o dia em que se casaram.

Já tranqüilo, Hareton baixou a seu estudo e a casa ficou em silêncio até que ouvi o galope de cascos de cavalo que se aproximavam pelo atalho, e logo a voz da senhorita Cathy que chamava o moço de quadra para que se encarregasse do cavalo. Apoderou-se de mim um sentimento de apreensão devido ao tarde que era e ao tom de sua voz e, me assegurando de que o menino dormia, desci para saudá-la no vestibulo.

A cena que vi! Estava coberta de barro, e toda despenteada, com o cabelo molhado pego à cara. Tinha uma expressão de enlouquecimento, como se tivesse visto um fantasma, e estava tremendo de medo ou apreensão. Não sei. À mulher correu a meus braços e ao estreitá-la vi por sobre seu ombro ao senhor Hareton que estava parado ante a porta de sua habitação com uma expressão de infinita ansiedade e tristeza. Parecia a ponto de aproximar-se dela, mas meneei a cabeça e a fiz subir a escada, afastando a dele. Levei-a a seu dormitório.

—Já está minha menina, já está —falei, como se estivesse falando com minha filha, embora em realidade era dois anos mais velha que eu—. Tire-se essa roupa molhada, e farei que lhe preparem uma bebida quente. —Dava a ordem em voz baixa a um servente que foi à porta em resposta a meu chamado e uma vez que minha ama esteve com roupa seca a coloquei junto ao fogo e a cobri com uma manta. Parecia presa

de um choque, e estava completamente pálida. Não disse nada, nem lhe fiz perguntas até que o servente trouxe uma bandeja com um tigela de cereal quente que dava a colheradas. Vi que olhava com estranha fixidez o fogo, e comecei a temer por seu julgamento. Esfreguei suas mãos entre as minhas e lhe falei docemente, como o fazia para tranquilizar a seu bebê.

—Joseph morreu —disse por fim, em voz muito baixa, como se falasse para si—. morreu.

—Joseph! —falei bruscamente, pensando que as suspeitas de seu marido eram certas, e que se esteve vendo com um amante clandestino.

—O velho Joseph, de «Morro dos Ventos Uivantes».

—esteve nos «Morros»! —disse—. Antes não se aproximava nunca. Estava acostumada a fazer um desvio com o proposito de não passar por ali.

—Bom, tudo trocou —disse com essa voz sem inflexões.

—Um dia encontrei ao velho Joseph nos páramos, andava passeando, muito arrasado. Senti vontades de sair correndo, pois odiava a esse velho, mas parecia tão patético e desamparado que me detive lhe perguntar como estava.

—Disse que se sentia muito só no Morro dos Ventos Uivantes, pois toda sua vida tinha estado acostumado a estar com outros, e me pediu que o fora a visitar. Ao princípio lhe disse que não poderia, pois o lugar me trazia lembranças desagradáveis, assim que me perguntou por que, já que era a casa onde tinha nascido minha mãe. Naturalmente, Agnes, a simples menção de minha mãe me animou, pois me dava conta de que Joseph era a pessoa mais indicada do mundo para me falar dela. Ellen nunca falava dela, você não a conheceu, e Hareton era um menino quando ela morreu. Papai e o senhor Heathcliff tinham morrido. Sabia que havia muitas coisas que ninguém me tinha contado, coisas estranhas, e existe o rumor de que seu fantasma ronda os páramos. Ouvi muitas histórias, desde que era menina. Eu estava acostumado a caminhar por estes em sua busca. Estava segura de que me apareceria se podia fazê-lo, porque ela também queria aparecer. —Parecia tão triste que dava vontade de chorar o vê-la. A pobre órfã nunca tinha visto sua mãe. Quanto devia havê-la necessitado, para afastar-se de seu marido. Lamentei não ter tratado de descobrir a razão de suas vagabundagens.

—Sei que mamãe era uma mulher formosa e triste e que papai chorou sua morte o resto de sua vida, mas nunca quis me contar nada dela, de como era. Joseph poderia fazê-lo.

—Disse-lhe que iria visita-lo; demorei alguns dias em juntar coragem, mas finalmente fui e OH, Agnes! Alegrei-me tanto.

O lugar não era o mesmo. Tinha desaparecido quase todos os móveis, mas estava muito limpo, havia um bom fogo e Joseph me preparou o chá. Depois que me acostumei subi ao piso superior e entrei em todas as habitações até que cheguei a que tem a cama antiga que parece uma caixa, que era a de mamãe, onde morreu o senhor Heathcliff. Senti uma presença nessa habitação, Agnes, que não posso explicar; era amistosa e cálida, e me dava vontade de ficar. Fora brilhava o sol sobre os páramos, e havia apenas umas nuvenzinhas no céu muito azul. Via-se até a Granja, e me embargou uma sensação de paz e segurança. Queria ficar no quarto de mamãe e me fixar bem em todas essas coisas que nunca tinha visto; em seus livros encontrei cotas escritas, pequenas notas, e seu nome, escrito pela letra de uma menina: Catherine Earnshaw. Dava-me conta de que eu também era Catherine Earnshaw, e também tinha sido igual a ela, Catherine Linton.

—Baixei o livro e o mostrei ao Joseph, que não fez mais que atizar o fogo e grunhir, embora sua expressão permaneceu amistosa, não azeda e triste, como antes.

—Joseph —lhe disse—, você é a única pessoa que conheceu minha mãe desde menina.

—Sim, assim é —disse Joseph.

—Me conte a respeito dela então, Joseph —roguei—. Tudo o que recorde.

Havia retornado a cor a suas bochechas, e lhe brilhavam os olhos com as lembranças. Tratei de imagina-me nesse casarão obscuro, com esse ancião servente de oitenta ou cem anos. Essa moça, com um bebê na casa e outro no ventre, e um bom marido que se preocupava com ela. Tudo o que lhe importava era inteirar-se de detalhes a respeito de sua mãe, que tinha morrido fazia tantos anos.

É obvio Joseph lhe contou tudo o que sabia a respeito de sua mãe e Heathcliff, que tinham crescido juntos, que se tinha casado com o pai do Cathy em lugar do Heathcliff, a quem amava e que a amava. É por isso que estava tão estranha quando retornava a casa de noite. Sentia-se perturbada ao saber que talvez sua mãe nunca tinha amado a seu pai a não ser a outra pessoa, e essa pessoa era um homem estranho que a havia posto prisioneira e que a tinha obrigado a casar-se com seu filho doentio. Tratava de encontrar no senhor Heathcliff as boas qualidades que tinham visto nele sua mãe e Hareton, e quase ninguém mais. Tratava de compreender a dor e o ressentimento do senhor Heathcliff, e a amargura que sentia para seu pai. É estranho que ninguém lhe tivesse falado de sua mãe e o senhor Heathcliff, já que vivia na mesma casa que ele. Era como se a gente tivesse querido correr um véu sobre o assunto porque pensavam que era algo impróprio, como na verdade o era. Posso-lhe assegurar que a gente de Yorkshire pode ser muito estranha em certos aspectos, como não contar a certas pessoas o que estas deveriam saber. Suponho que o velho Joseph teria seus motivos, mas não vou julga-lo, pois como conheço sua reputação poderia afirmar que não eram bons.

—Assim me acostumei a visitar o velho Joseph quase todos os dias, Agnes, e me passeava pela casa, passando muito tempo na habitação de minha mãe. Tinha esperanças de que me aparecesse, assim que ficava muito tempo no cemitério, e punha flores em sua tumba e na de papai, mas não na do senhor Heathcliff. Não sei por que razão não podia fazê-lo; suponho que é porque eu queria muito a papai e me doía que tivesse sofrido tanto.

—Mas sua mamãe também o fez sofrer —falei com doçura. Mas isso era algo que ela não queria aceitar, e sempre ia em defesa de sua mãe.

—Mamãe não podia evitá-lo; até o Joseph o reconhecia. Ele me disse que era um amor mais forte que a morte. Que ele não podia suportar a nenhum dos dois, mas que assim era, na verdade. —Essa foi a primeira vez que vi a Cathy sorrir nessa noite, embora logo lhe cobriu o cenho com rugas de preocupação.

—E agora morreu, o pobre homem. Encontrei-o morto em sua cama hoje; deve ter morrido durante a noite porque a casa estava fria e o fogo apagado. Tinha-lhe levado uma garrafa de uísque, como estava acostumado a fazê-lo, e não imaginava onde poderia estar. Já estava obscurecendo quando me ocorreu tomar uma vela e ir até seu quarto, onde nunca tinha estado. Está em cima da cozinha, e separado do resto da casa. Quando cheguei o vi. Tinha os olhos abertos, olhando o teto. Foi horrível.

—Estava tão assustada, Agnes, que não sabia o que fazer. Havia visto mortos antes, é obvio. A papai, ao Linton e ao senhor Heathcliff. Mas havia algo nesta oportunidade que me fazia sentir assustada e culpada. Desejei não ter voltado para essa casa para me inteirar de algo que talvez tivesse sido melhor não saber. Voltei a ter medo da casa novamente, da morte e o silêncio que parecem rodeá-la, e pensei na fragilidade da Granja e desejei com todas minhas forças retornar a ela. E de repente começou a ventar, como acontece lá em cima, tomando-me de surpresa. Dei um grito e baixei correndo à cozinha. Ao sair vi que Minny se soltou e estava comendo pasto. Chamei-a,

mas não quis vir. Já quase estava obscuro, tinha passado a hora do chá e comecei a me preocupar ao pensar em como voltar, e agarrar a Minny, pois estava nevando outra vez e o vento ululava ao redor da casa.

—Chamei a Minny, desesperadamente, e já estava a ponto de chorar quando veio trotando e agachou a cabeça, me tocou, como pedindo perdão. Estava por montar quando levantei a cabeça e olhei a casa, e então vi uma cara, uma cara de mulher, Agnes, na janela do dormitório de mamãe. Olhava-me fixamente. Olhei-a, e ela estendeu a mão e me indicou que fosse para ela. Juro-o, Agnes. Juro-lhe isso. Era mamãe, que me dizia que voltasse para «Morro dos Ventos Uivantes».

CAPÍTULO 3

Asseguro-lhe, senhor Lockwood, que me gelou o sangue nas veias para ouvir essas palavras e ao ver a maneira estranha com que olhava o fogo. Aproximou-se, como se estivesse gelada e queria esquentar-se. Nenhuma das duas tínhamos ouvido a porta, assim não sabíamos quanto fazia que o senhor Hareton estava ali, escutando, até que um rangido nas tabuas do piso nos fez levantar o olhar. Então o vimos, entre as sombras.

Parecia sem forças; em lugar do homem vigoroso ao que estávamos acostumadas, vimos um homem arrasado e velho. A senhorita Cathy suspirou fundo e colocou as mãos sobre o estômago. Vi que lhe faltava pouco, e que era um disparate que andasse galopando pelo páramo com esse tempo. Era como se queria fazer mal ao bebê que levava em si, como se não desejasse que nascesse.

—Devo voltar para «Morros dos Ventos Uivantes», Hareton —disse com um tom muito doce no que as palavras pareciam confundir-se com um suspiro, como se fossem parte de um fundo expressivo muito profundo—. Mamãe quer que viva ali. Foi parte dela. Ela amava a essa casa, como me disse Joseph. Aqui nunca foi feliz, nem eu tampouco. Estou inquieta e quero ir, Hareton.

O senhor Hareton lançou um gemido, como, um animal prezo em uma armadilha, lutando desesperadamente de liberar a pata que já não sente. Era um grito de angústia, de dor e de derrota, um pedido de ajuda. Não disse nada; aproximou-se dela e tratou de lhe cobrir a cabeça com os braços, como estava acostumado a fazê-lo com tanto carinho, quando ela se entregava a ele. Mas agora não. Pareceu zangar-se ao sentir que a tocava, e o afastou com brutalidade. Dava-me conta então de que rechaçava seu amor, e que era por isso que não queria ter esse bebê, que era parte dele.

Recordei as histórias que tinha ouvido desde menina a respeito da mulher do páramo, que às vezes andava sozinha, outras com um homem. Muitos juravam que era Catherine Linton, conheciam-na e a tinham visto. Mas minha tia Ellen nunca deu crédito a essas histórias, e negou até o dia de sua morte que a finada senhora Linton aparecesse.

«A senhorita Cathy», estava acostumado a dizer, «foi uma moça desencaminhada, talvez perversa, mas ninguém que visse a paz em que morreu, como eu a vi, a serena expressão de seu rosto, poderia acreditar que pudesse estar em outra parte, exceto com seu paraíso». Minha tia se comoveu ao ver morta a sua ama, que tinha vivido uma vida tão breve mas turbulenta, assim nunca acreditou as histórias de que era um fantasma. Do senhor Heathcliff, sim. Acreditava que nem sequer um Deus misericordioso daria repouso a um ser tão malvado. Minha tia sempre recordava o horrendo olhar fixo de seus olhos abertos quando morreu; ela tratou de fechar-lhe mas não pôde, e estava segura de que se foi diretamente ao inferno, pois todos sabiam que o diabo era seu

verdadeiro pai; ninguém sabia de onde vinha, e nunca havia trazido mais que desgraça a todos, exceto a Catherine, embora muitos diziam que ele tinha sido a causa de sua morte.

Naturalmente eu estava muito influenciada pela sensata atitude de minha tia, assim não me sentia inclinada a acreditar na história de Cathy, aduzindo-a a uma indisposição temporária de sua mente, debilitada pelos contos do malvado Joseph e a proximidade de dar a luz. Mas vi que o senhor Hareton não tinha a mesma opinião. Pensou que era outra evidência mais da loucura de sua mulher. Deitei-a, e fiquei com ela até que dormiu. Quando saí vi que ele me estava esperando no vestibulo, ao pé da escada, e me ordenou que entrasse na sala. Parecia muito severo e rígido quando me pediu que me sentasse. Ele ficou parado, dando as costas à luz.

—Hei-te dito, Agnes —disse—, que minha mulher se está voltando louca. Enlouquecerá igual a sua mãe.

Tratei protestar, mas me interrompeu com um gesto.

—Já sei que disse que teve uma febre; quis que me acreditasse isso, e o fiz. Mas depois de que conversamos, recordei que faz muito o Dr. Kenneth claramente me deu a entender que minha falecida sogra estava louca. É verdade que teve uma febre, e que delirava, mas disso não morreu. Viveu uns meses mais, cada vez mais alienada, em um mundo próprio, tratando a seu marido como se fora um estranho, descuidando o bebê que levava em suas vísceras, igual a minha mulher agora. Disse que sempre tinha sido uma menina selvagem e estranha, sujeita a manhas de criança de jovem, que quando foi maior passou a ter uma espécie de ataques. Ante a coisa mais insignificante que a perturbasse, reagia com paroxismos de fúria. Agora, depois do que passou esta tarde, suas palavras já não me tranquilizam, Agnes. Minha tia Catherine Linton estava louca, igual a sua filha, minha mulher. Kenneth tinha razão. Ele sabia.

—É um homem velho, senhor —protestei—. Os velhos não têm boa memória. Está falando de coisas que ocorreram faz vinte anos. —O senhor Hareton olhou-me nos olhos. Dava-me conta de que, dissesse o que dissesse, ele estava convencido de sua versão. Parecia que queria acreditá-lo. Era a única forma de entender por que essa mulher, que antes o adorava, já não o queria. Era a única forma de explicar seu comportamento. Antes tinha visto que temia que se estivesse voltando louca; agora queria acreditá-lo. Nesse breve espaço de tempo, umas poucas horas, queria que sua mulher estivesse louca.

—Vou desfazer-me de «Morro dos Ventos Uivantes», Agnes. Alugarei-a ou a venderei, qualquer das duas coisas. Mas devo evitar que minha esposa vá ali outra vez; deve permanecer nesta casa até que nasça seu bebê, e se você não pode te encarregar disso, Agnes, procurarei a outra pessoa. Com essas palavras inclinou a cabeça e se voltou, me indicando que me retirasse.

Essa noite me deitei embargada de pressentimentos. Nunca tinha visto o senhor Hareton tão severo nem antipático, tão pouco caridoso e injusto. Eu sabia perfeitamente que Cathy não estava louca; era selvagem, impulsiva, mas estava tão lúcida como eu. O senhor Hareton estava decidido a pô-la prisioneira na Granja, e para fazê-lo, pediria ajuda ao Dr. Kenneth, estava segura. Minha ama, que tanto amava os páramos e a liberdade, veria-se privada de sair. Que outro fizesse de carcereiro; eu não, prometi antes de dormir.

Mas ao dia seguinte minha resolução trocou. Ao entrar em sua habitação me dava conta de que já o senhor Hareton tinha falado com ela, pois estava olhando pela janela em direção a seus adorados páramos e tinha a cara banhada em lágrimas. Nem sequer me olhou quando entrei e me pus a arrumar suas gavetas. Mas no momento o silêncio me deprimiu, pois ela estava acostumada me saudar alegremente pela manhã,

como se amasse cada dia que começava. Parei-me em silêncio junto à cama, olhando-a. Por fim falou, como se se dirigisse a alguma outra pessoa e não a mim, pois nunca deixou de olhar em direção às colinas.

—Hareton venderá o «Morro dos Ventos Uivantes». Me proibiu que volte lá. OH, mamãe...

E ficou a chorar. Então me dava conta de que as palavras não foram dirigidas a mim, assim que me ocorreu que talvez acreditava ver sua mãe, que a chamava dos páramos.

—Silêncio, senhora —disse em voz muito baixa, com alarme—; não se altere. O espírito de sua mãe está com você, não em «Morro dos Ventos Uivantes».

Então me olhou como se recém se precavesse de minha presença em seu quarto. E temi verdadeiramente por sua razão, pois não era para mim a quem tinha estado falando. Ao me olhar trocou totalmente, e me perguntei se a conversação não levava já algum tempo, ou se tinha lugar dentro de sua mente.

Minha ama meneou gravemente a cabeça e vi quão pálida estava, com profundas olheiras negras.

—Sabe como procurei a minha mãe pelos páramos, Agnes, com todas as histórias que ouvi. Não são verdadeiras. Mamãe não está nos páramos, ou eu a teria visto antes. Estava esperando que fosse a «Morro dos Ventos Uivantes»; esperou todo esse tempo, até que fui a ela. Está ali. No quarto que era seu de menina, no que morreu o senhor Heathcliff, Corri de volta à casa essa noite quando a vi. Não lhe contei isso, Agnes, porque Hareton nos interrompeu, e eu sabia que ele não acreditaria. Apesar de que estava obscuro e o vento uivava já não tinha medo porque sabia que mamãe estava nesse quarto, escada acima, esperando para me estreitar entre seus braços e me prodigalizar seu amor. E,... —minha ama suspirou profundamente e voltou a chorar copiosamente— não estava ali; o quarto estava vazio, só a janela estava aberta, onde a tinha visto. Muito tarde. Mamãe se tinha ido. Mas, Agnes, sei que voltará. Sei que voltará, sei...

Elevou a voz, vi que seu pálido rosto estava com gotas de suor, e ao tocá-la senti que tinha a testa pegajosa e úmida. Fechou os olhos, exausta. Terei que chamar ao Dr. Kenneth, porque não estava em meu poder aliviar seu sofrimento.

Em realidade, igual a sua mãe, a senhorita Cathy caiu presa de uma febre. Em muitas oportunidades o médico temeu por sua vida e a da criatura em suas vísceras. Dizia que voltava a recordar esses meses de inverno, fazia vinte anos, quando cuidava da mãe da senhorita Cathy junto a minha tia Ellen; então também temia pela vida de seu filho. Todos os da casa se deslizavam em silêncio e o senhor Hareton deixou todos seus assuntos em mãos do oficial para poder estar perto de sua mulher.

Sei que meu pobre amo se reprovou mil vezes pelas duras palavras que lhe havia dito ao lhe proibir que voltasse a visitar «Morro dos Ventos Uivantes». Me disse que tinha ido a seu quarto essa manhã, antes que despertassem os habitantes da casa e já a tinha encontrado acordada, olhando pela janela. Ao vê-lo cobriu a cabeça com as roupas de cama. Então o senhor Hareton ficou furioso, destapo-a e lhe disse, gritando, que a obrigaria que o escutasse. Ela se enroscou na cama, como se fora um bebê e se negou a olhá-lo. Isto o enfureceu mais, assim gritou e vociferou enquanto se passeava pela habitação.

—«É minha mulher, e me obedecerá!» —disse aos brados—. «Não suportarei que a senhora da Granja Thrushcross ande vagabundeando pelos páramos como se fora uma cigana, e conferenciando com os serventes como uma puta.»

Para ouvir isso ela se incorporou e assinalando-o com um dedo disse:

—«Você, Hareton Earnshaw, que te criou como um servente qualquer, que não é melhor que um servente qualquer, ousa falar dessa maneira! Você, cujo lugar estava junto ao velho Joseph, ao lado do fogo da cozinha, ou com os cães no celeiro, falas agora como um cavalheiro distinto, coisa que não é! Deveria te dar vergonha tanto esnobismo e tanta arrogância, Hareton Earnshaw, tanta arrogância malvada!»—atirou-se ao piso, Agnes, e se pôs-se a chorar desesperadamente, com soluços convulsivos. Dava-me conta de que minhas palavras estavam equivocadas, que o orgulho de minha nova situação me tinha ido à cabeça. Eu era um caipira vulgar antes que Cathy se interessasse em mim e me ensinasse maneiras, e a ler e escrever, e todo o tinha esquecido.

—OH, amo! —exclamei—, não deve falar assim, porque não é culpa dela que sua criação o degradasse dessa maneira. Me perdoe, mas saberá que estou inteirada de tudo por minha tia. Seu pai, o senhor Hindley, o irmão da senhora Linton, era um cavalheiro, e minha tia dizia que o senhor Heathcliff o degradou por despeito.

O senhor Hareton se mordeu o lábio e se voltou. Dava-me conta de que não gostava de falar do passado, que tentava com todas suas forças apagar de sua mente, mas sempre o tinha presente e estava muito consciente de sua nova dignidade.

—E logo, Agnes, —continuou o senhor Hareton, ainda me dando as costas—, ajoelhei a seu lado, tomei em meus braços e lhe supliquei que me perdoasse e que não ficasse assim, por ela e por nosso filho, que levava dentro, e então, como antes, ficamos abraçados como amantes e permitiu que a elevasse, e voltasse a deitá-la tranquilamente. Quando me disse «Não poderei ir ao «Morro dos Ventos Uivantes », Hareton?», soube que devia me precaver , porque se estava aproveitando de minha debilidade momentânea.

—«Não, Cathy» —lhe disse—. «Seu nunca viveu ali, como eu, nem amou o lugar como eu. Nasci ali e ali cresci. É meu lar. Para ti é um lugar fantástico, cheio de lembranças da mãe que não conheceu; imagina ter visto seu fantasma os outros dias, algo impossível, Cathy. Sua mãe descansa em paz com seu pai no cemitério da igreja do Gimmerton. Possivelmente quando estiver melhor, mais forte, e tenha nascido o bebê, iremos ao estrangeiro, a Itália novamente, a Veneza e Florência, e me ensinará tudo o que sabe dos grandes pintores e escultores, como a outra vez... recorda, em nossa lua de mel, Cathy? Falará-me de Giotto, Miguelangelo e Leonardo, e esqueceremos as más lembranças e começaremos outra vida, como quando nos casamos.

—Mas quando me aproximei mais, Agnes, em lugar de mostrar o rosto feliz que esperava ver, em minha noiva, deu-me as costas e voltou a chorar.

—«Me deixe, Hareton, me deixe».

—Como me sentia tão desgraçado, com o coração transbordante de amor por ela, sabendo que não podia fazê-la feliz, me encheram os olhos de lágrimas e saí de seu dormitório. Não a vi até que me chamou, Agnes. E agora é muito tarde.

—Não, Senhor —lhe disse—. Não é muito tarde. A senhora é moça e forte. Tem um bebê são e outro há caminho, e terá muitos mais se Deus quer enviar-lhe. Acredito que faz bem em levar-se a senhora daqui, em ir-se longe...

—Quer dizer, para sempre? —Olhou-me com uma expressão muito estranha.

—Não, senhor Hareton, não quis dizer para sempre... —Mas parecia excitado e não me ouviu. Seguiu falando, como para si.

—Sim, isso, Agnes. Iremos, ao sul, talvez a Londres, e começaremos de novo. Venderei tudo e começaremos uma nova vida onde não haja lembranças do passado que nos atormentem. Cathy e eu não temos parentes, nada nos ata. Nosso futuro está em nós e nossa família. Cathy estará longe dos fantasmas, longe das lembranças de seu pai e sua mãe, e eu... eu venho de uma família de camponeses fortes, Agnes. Posso voltar a começar.

Dava-me conta de que estava muito entusiasmado para escutar, e como me pareceu que não era meu assunto, não disse nada mais, mas senti em meu coração que existia uma forte convicção de que os Earnshaw não podiam separar-se de sua terra natal muito facilmente.

E assim seria. Como se pressentisse a intenção de seu marido de desarraigá-la, minha ama não se apressou em curar-se, e seguiu doente até que as neves do inverno se fundiram nos topos das montanhas e os vales se animaram com o início da primavera. Não estava louca. Não voltou a desvairar nem a falar consigo mesma nem com outra pessoa, nem mentalmente nem com uma aparição que acreditava ver, mas ficava deitada, olhando durante horas pela janela, e seus olhos pareciam ver e não ver. Nunca falava com seu marido quando ele ia vê-la, e o Dr. Kenneth me disse que essa era a maneira em que sua mãe atuava com o Edgar Linton, e que na enfermidade da filha via a da mãe anos atrás. O senhor Hareton estava desolado. Estava acostumado a ficar sentado durante horas junto a sua esposa, em silêncio, tentando às vezes manter uma conversação, mas não lhe falava nem permitia que tomasse a mão, e quando o olhava era com expressão de desprezo, capaz de gelar o coração do amante mais ardente.

O Dr. Kenneth me dizia que era necessário que a senhora estivesse levantada parte do dia, mas embora ela obedecia, negava-se a descer ou a sair; ficava sentada junto à janela aberta, olhando fixamente o páramo na direção de «Morro dos Ventos Uivantes», escondida depois das colinas.

—Em realidade, senhora —lhe disse um dia, quando a ajudava a sentar-se em sua cadeira—, que mal tem, o que lhe impede de saudar seu marido, ou a retomar suas tarefas como dona-de-casa? O Dr. Kenneth não lhe encontra nada mau.

Sabia que tinha sido ousada, mas me atrevi, esperando zangá-la, e assim obrigá-la a fazer algo. Nessa forma inerte que ali jazia era impossível reconhecer a jovem moça que cavalgava livremente pelos páramos com o rosto aceso de boa disposição. Pois não era natural ver uma jovem de não mais de vinte anos, no melhor da juventude, comportando-se como uma velha inválida. Mas minha ama nem sequer se zangou.

—Você sabe o que me aflige, Agnes. Devo ir a «Morro dos Ventos Uivantes», onde me espera minha mãe. Não melhorarei até que viva ali, onde ela se criou, nessa casa que amou. Mamãe não foi feliz aqui, nem eu tampouco. Hareton é muito teimoso para aceitá-lo; esqueceu suas raízes, mas eu não.

—Mas você se criou na Granja, senhorita Cathy. Nasceu aqui, neste mesmo quarto, este é seu lar. Você mesma me disse que nunca foi feliz nos «Morros». Que queria fugir.

—Mas tudo isso trocou, não te dá conta? Trocou com o Joseph, e quando vi mamãe ali. Estava na casa. Sei. Procurei-a muito tempo, e sempre estive ali.

Uma vez mais senti medo para ouvir a maneira estranha em que falava, pronunciando cada palavra atentamente. Essa noite tomei a decisão de falar com o amo e insisti-lo a que levasse a sua mulher a visitar o lugar ao que tanto ansiava ir. As mulheres grávidas freqüentemente têm estranhas fantasias, e me empenhava em acreditar que a senhorita Cathy estava tão estranha por seu estado, em cujo caso o fato de que seu marido lhe desse o gosto teria bom efeito. Bati na porta da sala e quando recebi a ordem de entrar vi o Dr. Kenneth sentado em uma poltrona junta ao fogo, com uma taça de conhaque na mão. Surpreendi-me ao vê-lo, pois não o esperávamos, e não tinha subido para ver a senhora.

—OH, Agnes —disse o amo, e me indicou que me sentasse—. O bom doutor e eu estamos discutindo meu plano de me ausentar.

—Uma idéia excelente —disse o Dr. Kenneth—. Há algo insalubre na atração que sente a senhora Earnshaw por «Morro dos Ventos Uivantes». Temo que possa contrair o mesmo mal que afligiu a sua mãe, enlouquecendo-a; lembro-me muito bem a dor que ocasionou. Temo que nada bom resultará se ficarem.

Esclareci-me a garganta e falei com toda a ousadia a que me atrevi. Devo ter traído meu nervosismo pois não pude deixar de retorcer o avental, sentada incômodamente na borda da cadeira.

—Temo que a ama mora, senhor, se a levar.

—O que diz, Agnes? —exclamou seu marido, rispidamente.

O Dr. Kenneth depositou a cinza de seu charuto no cinzeiro que estava a seu lado e sorriu.

—Vejo que tem a franqueza de sua tia avó, a quem conheci muito bem —disse—, E sua tia Ellen dizia coisas muito sensatas quando se tratava dos Earnshaw ou dos Linton. O que te faz pensar que possa morrer, Agnes? —Olhou-me com amabilidade.

—Sei —disse—. Recordo muito bem o que me disse minha tia a respeito de sua mãe, a senhora Linton. Era obcecada e indomável. A senhorita Cathy está decidida a não abandonar esta região. Essa é a razão pela que não fala com seu marido, nem o escuta. Sabe o que ele pensa. Nunca voltará a lhe dirigir a palavra se a levar deste lugar, e morrerá. Hareton sofreu tal acesso de raiva que quase saio fugindo; o Dr. Kenneth deixou cair o charuto e teve que limpar a cinza do colete, com a cara toda vermelha, pois se tinha engasgado com o conhaque. Dava-me conta então de que as reações desmedidas e iracionais não eram exclusivas dos membros femininos da família Earnshaw.

—Falas como uma camponesa bruta! —disse o senhor Hareton com voz ensurdecedora—. Parece viver nos anos remotos do século dezessete, quando os duendes rondavam pelos páramos e as fadas habitavam os vales. Não tem julgamento, Agnes Dean? Não te dá conta de que vivemos no século dezenove? Que sabemos que um Deus bom e justo governa o mundo, junto com os que Ele ordena sob seu mando, e que não há fadas, duendes e bruxas?

O Dr. Kenneth representa a medicina moderna; ele estudou na universidade, e sabe tudo o que se precisa saber a respeito de pílulas e beberagens. Minha esposa não pode morrer se se vai de um lugar. Isso é impossível.

Pela maneira em que caminhava e gritava, cheguei à conclusão de que o senhor Hareton era tão teimado e irracional como sua mulher. Mas não disse nada, pois sabia qual era meu lugar.

Vi, entretanto, que o Dr. Kenneth não estava olhando ao senhor Hareton, a não ser a mim, e quando o amo deixou de vociferar e fez uma pausa para recuperar o fôlego, o médico nos dirigiu a palavra.

—Faz muitos anos que conheço a família desta boa mulher, senhor Earnshaw; conheci sua tia e a todos seus parentes. São gente do campo, com tantas gerações como você, pessoas de bom praticamente. Não são gente culta, mas conhecem o mundo. Parece-me sensato escutar a Agnes quando diz que sua ama morrerá se se vai daqui, porque não o diz da boca para fora.

—Assim é —falei, agradecida pela atitude do médico, a quem todos queríamos, pois tinha vivido entre nós, fazia mais de quarenta anos, quando chegou como cirurgião e farmacêutico jovem, a praticar sua profissão.

—E lembro-me o estranho mal da mãe do Catherine —prosseguiu o Dr. Kenneth—; não havia razão para que morrera, pois era uma moça forte e saudável, e assim o disse à tia desta jovem. As moças como ela, disse-lhe, não se adoecem por

razões corriqueiras, e é difícil as fazer sanar. Sei que passaram coisas estranhas aqui, e se disseram muitas coisas, e os rumores continuaram até hoje, assim é difícil saber o que acreditar ou dizer. Vi a pessoas geladas de medo, a quem tive que reviver com sais aromáticos, que juravam ter visto fantasmas no páramo do Gimmerton. Vi-os com meus próprios olhos —aos doentes, quero dizer— e não soube o que acreditar. Em todas minhas viagens solitárias através do páramo, a todas as horas e em toda classe de climas, nunca vi nada que pertencesse ao sobrenatural, nem nada que não tivesse uma explicação racional.

—Alguns dizem que essas manifestações aparecem aos fracos e ignorantes, mas o senhor Duff, o padre, estava disposto a jurar sobre a Bíblia que tinha visto uma jovem de branco, não uma a não ser muitas vezes. O oficial do senhor Wolfers, que não é um homem imaginativo, quase se deu à bebida de tanto ver um casal que rondava os páramos ao anoitecer, que logo se esfumava no ar. Em uma oportunidade os seguiu a cavalo e jura que se voltaram para observá-lo, e logo se esfumaram, renda-se, enquanto seu cavalo jogava espuma pela boca, tudo suado. O veterinário pensou que sofria um ataque.

—Não, já estamos acostumados aos contos de fantasmas nos páramos, que começaram faz três anos, quando enterraram ao senhor Heathcliff. Por isso sei, sua tia descansou em paz em sua tumba até que Heathcliff lhe uniu. Não acredito que Satanás o tenha recebido em sua casa.

deu-se conta de que tinha cometido um engano, ao ver que Hareton dava um pulo.

—Desculpe-me, senhor Hareton. Sei que você gostava do falecido senhor Heathcliff como a seu pai severo, mas outros não sentiam nada por ele.

—Sim, sei que era odiado —murmurou Hareton—, mas a sua maneira foi bom comigo. Sentia que tinha sido maltratado, e tinha tido que suportar muito. Suas privações, de menino, fizeram-no mesquinho.

Uma vez mais me maravilhou que um homem criado como um servente em sua própria casa, a quem o tinha privado de seus direitos, pudesse ser tão parvo para beijar a mão de quem o açoitava. Durante todo o tempo que conheci senhor Hareton, nunca me pude explicar isto. Parecia que a Hareton e a falecida senhora Linton, o senhor Heathcliff tivesse mostrado um aspecto que ninguém mais conheceu, pois nunca ouvi ninguém dizer uma palavra amável dele. Enquanto assim pensava me dava conta de que o quarto estava silencioso, o que era estranho, como se o médico e meu amo estivessem pensando a respeito dos inquietantes feitos que acabava de narrar o senhor Kenneth. Eu também conhecia muitas pessoas que juravam ter visto os fantasmas do Heathcliff e uma mulher», algumas vezes em plena luz do dia; mas durante toda minha vida tinha ouvido contos estranhos de fadas e aparições por esta região. Minha avó tinha visto queimar a uma bruxa, pois as bruxas eram coisa muito freqüente quando minha mãe era menina; Pendle Hill não estava a muitas milhas de distância. Os mais velhos conhecem muitas histórias, e as contam de noite, quando nos sentamos ao redor do fogo e o vento ulula pela chaminé e empurra as portas. Mesmo assim, não estou segura. Pensei então, senhor Lockwood, que era hora de que me fora, assim que me pus de pé e dava boa noite a meu amo e ao médico.

—Fique, Agnes —disse o Dr. Kenneth—, pois quero te fazer mais perguntas a respeito da enfermidade de sua ama. Olhei ao senhor Hareton, mas me dava conta pela naturalidade com que falava o médico que sabia o desacordo que existia entre eles—. Tenho entendido que tem a obsessão de que sua mãe a está esperando em «Morro dos Ventos Uivantes».

—Sim —repliquei—, e está em cama desde que o senhor Earnshaw lhe disse que não poderá ir mais. Agora ele quer deixar este lugar. Conheço minha ama. Tem idéias fixas, e é obcecada, deixará-se morrer, pois terá perdido a vontade de viver.

—Parce-me que o que diz tem sentido, Hareton —disse o Dr. Kenneth. dirigia-se a ele com tanta familiaridade porque, naturalmente, conhecia-o desde menino, havia o trazido para o mundo, se mal não recordar, e ninguém conhecia mais dessas famílias como o Dr. Kenneth, exceto minha tia Nelly Dean— Eu escutaria a Agnes. Tiraria-me da cabeça a idéia de ir, até que sua esposa estivesse mais forte; talvez então te escutaria, tendo esquecido tudo isto dos fantasmas e espíritos que espreitam nos páramos. Roga a Deus que seu amor e seu carinho para ela e para seu novo filho lhe devolvam a saúde, e a família da Granja Thrushcross voltará a conhecer a felicidade.

E tinha conhecido a felicidade alguma vez?, perguntei-me, pensando que o Dr. Kenneth só tratava de alegrar a meu amo. Desde que tinha noção, a Granja Thrushcross tinha sido um lugar triste, no que o senhor Linton, chorava a morte de sua esposa; a casa, sem esposa e mãe, parecia deserta e triste. Mas minha tia me havia dito que antes, os avós de meu amo, os Linton, tinham sido felizes, que o advento do Heathcliff tinha sido a causa de suas desventuras. Mas pensei que ao pouco tempo de casados, meus amos tinham conhecido a sombra da dor e a discórdia se cruzou em seu caminho. Agora, a dois anos das bodas, o senhor Hareton já falava de ir-se para sempre. O senhor Hareton estava a ponto de replicar quando um alarido cortou o ar. Dava-me conta de que provinha do dormitório de minha ama, assim fui primeira em atravessar a porta e correr escada acima com toda a rapidez possível. Ao ver a forma em que gemia e se debatia pensei que havia lhe tornado a febre, mas logo o Dr. Kenneth me disse que fosse imediatamente trazer toalhas, tesoura e ordenasse que subissem água fervendo, porque tinham começado os dores do parto. O acontecimento que esperávamos lhe devolvesse a normalidade estava a ponto de ocorrer.

Apesar de que minha ama ser uma moça jovem e forte, que já tinha tido um filho saudável, fazia apenas um ano, sofreu toda essa noite e parte do dia seguinte, espalhando no ar seus alaridos, assustando a todos os serventes. Por certo que foi necessária toda a habilidade do Dr. Kenneth, que não se separou de seu lado, e da parteira a quem mandou chamar, para salvar sua vida. Muitas vezes pareceu estar ao bordo do esgotamento, e pensei que já não respirava; a palidez mortal de seu rosto assustou ao Dr. Kenneth, que em um dado momento me disse que estava igual a sua mãe a noite que deu a luz a essa filha que agora sofria os dores do parto, para depois morrer.

Mas a longa noite obscura e a manhã tormentosa seguinte deram passo ao sol da tarde, que brilhou sobre os páramos com tanto esplendor que parecia incrível que fizesse tão pouco a paisagem estivesse tão cinza e lúgubre; então cessaram os alaridos de minha ama, que ao olhar pela janela pareceu cobrar o valor da natureza. Lhe iluminou o semblante em um sorriso de êxtase, e temi por um instante que tivesse visto a cara do Senhor, como se supõe que acontece aos que estão por morrer. Tomou minha mão e a do Dr. Kenneth, e fazendo muita força, trouxe para o mundo a causa de tanta angústia passada. Não podíamos saber então que seguiria trazendo angústias no futuro, embora também seria fonte de alegria. Refiro a sua filha, Margaret Catherine Earnshaw.

CAPÍTULO 4

Era quase o crepúsculo quando me levantei a contra gosto de minha poltrona e me despedi de minha amável anfitriã, que parecia tão encantada com sua história como eu. Sabia que se ficava mais tempo, Nostro, meu protetor, perguntaria-se se me teria passado algo mau, e estava ansioso por não incomodar à boa Agnes Sutcliffe, me arriscando a que me devessem buscar como se fosse uma criança na escola.

Prometi-lhe retornar à manhã seguinte para que me contasse mais, se não tinha objeção. É obvio que não tinha nenhuma, e supunha eu que estaria mais cômoda na atmosfera cálida e familiar de sua casa que na mansão em que vivia, mais espaçosa mas também mais impessoal, onde estaríamos expostos a muitas interrupções de parte dos serventes, ocupados com suas tarefas.

A senhora Sutcliffe estava certa em uma coisa. Essa noite meu sonho se viu perturbado por estranhas visões de fantasmas nos páramos desolados. Voltei a visitar o «Morro dos Ventos Uivantes » uma e outra vez, sendo recebido cada vez com maior hostilidade, até que Anthony Heathcliff adquiriu as mandíbulas enormes de um cão, sua mulher recebeu a aparência de uma fantasmagórica Catherine Linton e sua filha a de uma órfã perdida na tormenta. Várias vezes despertei suando e me levantei antes de que Nostro entrasse para abrir os cortinados. Tal era minha ansiedade por ouvir o resto do relato, que tomei o café da manhã apressadamente, não terminei sequer meu passeio matinal com Patch, e assim que o devolvi à casa corri ao chalé da boa senhora para escutar a história. Acredito que se surpreendeu à minha presença tão cedo, e lhe pedi perdão pela hora.

—Me ocorreu que poderíamos seguir seu relato hoje senhora Sutcliffe. Estou ansioso por chegar ao presente e de me inteirar mais dos atuais possuidores de «Morro dos Ventos Uivantes».

A senhora Sutcliffe indicou que me sentasse na poltrona que tinha ocupado no dia anterior e novamente tomou seu bordado, fazendo uma breve pausa de vez em quando para me servir um copo de vinho da Madeira ou um biscoito, comer algum bocado , ou atizar o fogo.

—Surpreende-me que esteja tão interessado neste relato, senhor Lockwood — disse com amabilidade enquanto sentava-se comodamente e colocava um par de óculos de aro de ouro. Deve ser algo muito diferente do mundo elegante ao que estará acostumado, pois esta é uma história de gente do povo em uma remota região do Yorkshire.

—Sou muito parecido a meu pai, senhora Sutcliffe. Ele queria ser escritor ou pintor mas era muito indolente. Tinha duas inconvenientes mais: muito dinheiro e má saúde. De menino me fez aprender a arte da composição, mas eu nunca satisfiz suas esperanças; em certo sentido, sou muito parecido a ele, bastante folgazão, não tenho muito boa saúde e, como herdei a maior parte de sua fortuna, não necessito nada.

—Mas nós os Lockwood somos uma família no norte descendente de um ramo muito antigo que, no reino de Eduardo II se viram implicados em uma disputa com o Sir John Elland, xerife do Yorkshire. Temos a imaginação vivida, e o amor dos celtas pelas histórias que caracterizam aos do norte.

—Por que não discutiu isto com você em vida, senhor Lockwood?

—Ah, isso não sei —disse, com um suspiro, me atirando para trás—. Talvez o tinha esquecido, embora me disse que esta história o obcecava, assim não acredito que seja uma explicação satisfatória. Não, acredito que sempre a teve presente em alguma parte de sua mente. Há certas coisas, verdade? que podemos escrever com facilidade, mas outras que não podemos falar, e acredito que essa é a razão (essa é a conclusão que cheguei) pela que meu pai nunca falou dela, embora a escreveu muito cuidadosamente: E logo, quando se sentia morrer e começou a reviver seu passado,

suponho que recordou vividamente os fatos de quarenta anos atrás; como já não podia falar deles por razões de saúde, deu-me o manuscrito.

—Talvez queria me dar um consolo por sua morte, pois saberia que assim que terminasse com todo o necessário viajaria a este lugar para tratar de descobrir mais e me atualizar dos acontecimentos.. Possivelmente encontre quem o publique em Londres, e então todo mundo conhecerá «Morro dos Ventos Uivantes » e a Granja Thrushcross.

—OH, senhor —disse muito preocupada a senhora Sutcliffe—, eu não gostaria de ver minha tia ou a mim incluídas nessas páginas para que todo mundo as leia.

—Não precisa temer nada, senhora, pois naturalmente disfarçaria a história convenientemente, assim não deve preocupar-se por isso. Muitos de nossos romancistas de moda, conforme ouvi, têm o costume de disfarçar a verdade como ficção. Mas por favor continue. Chegamos ao nascimento da Margaret Earnshaw. Agnes Sutcliffe enrugou o cenho, concentrando-se, e prosseguiu.

Não sei se se deveu à dor que lhe custou ter a menina, ou porque se parecia tanto a ela, o caso é que do momento em que nasceu, Catherine Earnshaw a aborreceu. A alegria que seguiu ao parto deu lugar a um sonho inquieto, e depois ficou deitada durante dias, imóvel, igual a antes, só que tinha um semblante espectral, como sem vida. O Dr. Kenneth ia todos os dias e ficava ao lado da cama até assegurar-se de que esta paciente não iria, como a mãe.

O bebê nasceu antes de tempo; era pequeno mas saudável, e tão perfeito que parecia uma boneca diminuta, uma dessas de porcelana que estão sobre o suporte da chaminé. Tinha uma coroa de cabelo suave e loiro e, que contrastava com a brancura, grandes olhos obscuros, como seu pai e sua mãe: os olhos dos Earnshaw. Tinha os lábios perfeitamente formados, e as bochechas tão suaves como um pimpolho de flor de pêssago. Era tão diferente a seu irmão Rainton, que já tinha quinze meses, que parecia incrível que fossem filhos dos mesmos pais. Rainton era um menino viçoso, com espessos cachos de cor castanha e perninhas gordas; era muito desenvolvido, caminhava bem, ria e brincava o dia inteiro, a pesar do descuido de seus pais. Com muita admiração olhava a sua irmã, e como gostava de estar com ela! Recordei como estava acostumado a elevá-lo seu pai, e quanto me comovi ao observar tanta força e fragilidade juntas. Agora, quando o forte garotinho observava a sua irmã e tratava de elevá-la (eu não me afastava nunca) podia ver nos olhos dele a mesma bondade e doçura do pai. Quantas vezes rezei para que, a pesar do parecido físico, a menina não tivesse o caráter da mãe! Pois embora queria eu muito a minha ama, não suportava sua disposição de ânimo, e o mal que tinha causado a seu marido, a seu lar e a seus filhos por seus caprichos e negligência. Quando a via na cama não deixava de imaginar a uma menininha malcriada, e pensava que o dinheiro e os bens não trazem a felicidade. As mulheres de minha classe, assim que dão a luz, levantam-se e ficam a trabalhar na casa, ocupando-se de seu marido tão logo se vai a parteira.

Uns dias depois do nascimento da criatura Hareton entrou no dormitório e se aproximou da cama de sua mulher com um olhar de ternura na cara. Ela o olhou, sem sorrir, e fez uma careta infantil ao ver que se sentava. Sem dizer uma palavra, ele tirou um estojo de couro do bolso e o pôs sobre a saia dela.

Vi que sua ação a tinha posto em um transe. Não queria nenhuma relação com ele, mas estava intrigada. Era evidente que se tratava de um presente caro pelo fino couro do estojo.

Olhou-o, logo desviou o olhar; teve a delicadeza de ruborizar-se, devo admitir com alegria; logo estendeu uma de suas finas mãos e abriu o estojo. Tirou então um dos

colares de brilhantes e esmeraldas mais formosos que já vi. Tal era o brilho que ela ficou sem fôlego e o apertou contra seu peito.

—OH, Hareton!

Hareton a observava, sem tratar de falar ou de tocá-la. Estava sentado muito rígido e orgulhoso, como um verdadeiro cavaleiro, latifundiário e magistrado, um homem de sólidos médios e propriedades. Era tão bonito, com essa cara tosca e arrogante, esse cabelo fino escovado para trás, que lhe caía sobre o pescoço do casaco, essas costeletas que se reuniam no queixo e que pareciam formar uma barba. Sua roupa era feita pelo melhor alfaiate do Leeds, e seu porte era esbelto e firme. Qualquer mulher estaria orgulhosa de te-lo por marido, e ve-lo aqui tendo que rogar seus favores, lhe dando de presente jóias. Ela tinha o colar apertado contra seu peito. Ao momento sorriu e lhe tocou a mão. Vi que ele tremia ao tomar a delicada mão com sua forte; inclinou-se e lhe beijou o dorso, logo os dedos, um a um.

Voltei-me invergonhada, da confusão que sentia, e para que não pensassem que os estava vigiando, mas não acredito que se dessem conta se ia ou ficava. Tinha comprado seu amor com quinquilharias, e talvez não durasse tanto como elas. Quão último vi foi as duas cabeças juntas. Falavam em voz baixa, como quando recém casados, quando era impossível estar no mesmo quarto com eles.

Senti vontade de perturbar essa felicidade comprada com artifícios. Fiz uma reverência e perguntei:

—Trago para a garotinha, senhora?

—OH sim, Agnes! —exclamou Hareton, com os olhos iluminados de alegria—. Traz nossa alegria, pois sinto agora que minha esposa vai curar-se, assim deve ver a menina que leva seu nome.

—Que leva meu nome? —exclamou minha ama— Se chamará como eu?

—Naturalmente, querida, Catherine Earnshaw.

—Parece-me que já houve muitas Catherines Earnshaw —disse a senhora com certa aspereza—. Eu gostaria de um nome como Grace, ou Charlotte.

—Não quer que se chame como você?

—Não.

Senti que não só não queria que a menina se chamasse como ela, mas sim não a queria absolutamente. Desde seu nascimento a tínhamos levado duas vezes por dia, e ela, sem dúvida dando-se conta de que era seu dever, tinha-a inspecionado com indiferença e logo se afundou no travesseiro como se acabasse de cumprir com uma tarefa desagradável. Nunca pensou em pega-la ou abraçá-la, ou em tocá-la sequer. Como era um bebe tão pequeno, o Dr. Kenneth enviou da aldeia um ama de leite, uma mulher que recentemente tinha dado a luz e perdido seu filho, e que sentia certa compensação ao dar de mamar e acariciar a um bebê.

Enquanto discutiam sobre o nome me escapuli a procurar à menina a quem tínhamos posto o nome Catherine, conhecendo os desejos do senhor Earnshaw. Acabava-a de deixar o ama de leite, e apesar de que era tão pequena, pareceu-me vê-la sorrir e me estender os braços, embora naturalmente isso era impossível. Mas seu gesto era de necessidade, assim que a levei, ainda morna e cheirando a leite, envolvi-a em um grande xale de suave lã do Yorkshire e a levei pelo corredor a seus pais.

A atitude distinta de ambos foi tão notável que não é possível esquecer-lo. Hareton estendeu os braços para receber a seu bebê, enquanto a mãe se afundava na grande cama como a esconder-se. Hareton tomou a criatura e a balançou com ternura, logo a ofereceu a sua mulher em um gesto de rogo, como se lhe dissesse «recebe o fruto de nosso amor». Oxalá minha ama tivesse aceito a sua filha com a mesma ansiedade

com que tinha recebido as jóias. Olhou o bebê e logo a seu marido; fez um pequeno gesto, como se fora a tomá-la. Logo voltou a afundar-se entre os travesseiros e disse:

—Não posso, estou muito fraca, Hareton. Logo darei de mamar à menina, hoje não.

—Mas, querida, paga-a uns segundos. Eu te ajudarei.

Ia deixar à menina sobre a saia da mãe, mas esta se retirou violentamente e suas jóias caíram ao chão.

—OH, minhas jóias! Hareton, tome cuidado! —exclamou minha senhora, e com todo o vigor que dizia não ter, inclinou-se sobre um flanco da cama procurando suas jóias.

Pensei que era horrível ver minha ama procurar suas preciosas quinquilharias enquanto meu amo abraçava com desespero o pequeno pedaço de carne que era mais precioso para ele que qualquer jóia. Não havia irritação nem remorso em sua expressão, a não ser resignação. Incorporou-se com lentidão e evitando me olhar aos olhos entregou-me o bebê.

Não sei se as jóias tinham algum talismã secreto que melhorou, ou se foi algum remédio do Dr. Kenneth, a questão é que desde esse dia minha ama começou a recuperar-se. Já comia tudo o que lhe traziam, tomava seu copo de vinho branco duas vezes ao dia, tal como o tinha receitado o médico. Duas semanas depois de dar a luz, levantou-se da cama. Ao princípio se sentia débil e tive que ajudá-la, mas logo pôde vestir-se e baixar, escoltada pelo Hareton, que lhe tinha feito companhia um momento todos os dias sem nunca tentar alcançar a intimidade obtida o dia que lhe deu as jóias. Entretanto, agora pelo menos falavam e sorriam, e ocasionalmente ele a segurava da mão. Apesar de minhas reservas, eu alimentava esperanças de que meus amos voltassem a ser felizes e a estar contentes novamente.

Estávamos em maio e parecia como se a natureza conspirasse para engalanar-se com um manto digno de uma rainha. Os pimpolhos penduravam pesadamente dos ramos e parecia como que fossem abrir se antes que se aproximasse o verão; a terra transbordava de vida nova e os pássaros emitiam gloriosas melodias enquanto recolhiam fibras de erva e palha para seus ninhos, ou barro para assegurar seu tecido. O dia que o ama desceu se abriram todas as portas e janelas. Tudo parecia brilhar e reluzir sob os raios do sol. A senhora Cathy atravessou correndo o vestibulo, transpôs a porta de rua e desceu os degraus. Levantou as mãos ao céu e, como se oferecesse o corpo ao sol, exclamou:

—OH! Hareton olhe! Tudo está cheio de vida, estamos vivos! OH, olhe o céu, o sol...! —Correu até a grama e ficou a dançar como uma menina enlouquecida de alegria com um presente ou um vestido novo. Ninguém que a olhasse poderia ter negado sua felicidade, ou deixar de sentir-se comovido. Até eu o senti, apesar de tudo o que sabia e tão cheia de pressentimentos como estava. Que formosa que estava, senhor Lockwood! Ainda tinha a plenitude da maternidade; eu lhe tinha lavado o cabelo loiro essa manhã com água do rio, pois não gostava da água de poço, a não ser a que corria livremente no arroio. Tinha posto um bonito vestido de seda verde, muito decotado e na moda, e o rosto estava viçoso de juventude e saúde renovadas. Parecia ter dezessete anos, não; mais jovem ainda, e com seu robusto marido a seu lado qualquer um que a houvesse visto, diria que trasbordava de alegria. Deteve sua dança, olhou a seu redor e ao ver o Hareton, que a olhava com tanto amor, correu para ele e o pegou da mão.

—OH, Hareton, busca os cavalos. vamos cavalgar pelo páramo. Hareton, vamos ao «Morro dos Ventos Uivantes». Por favor, por favor, Hareton.

Vi que meu amo duvidava e que mudava de expressão; seu amor se permutava em dor. Tomou-lhe as mãos com firmeza e olhando-a aos olhos disse:

—Não, Cathy, não. Ainda não está bem, para sair a cavalo. estiveste encerrada durante semanas inteiras. Amanhã, se o tempo seguir bom, aprontarei-te a carruagem, e George o cavaliço passeará pelos jardins. Não sairá da casa até que o Dr. Kenneth diga que pode fazê-lo.

Ela seguia de mãos dadas; deu um puxão forte e, ele impediu-lhe separar ,então ajoelhou-se. Olhando-o aos olhos, exclamou:

—Hareton, rogo-lhe isso, por favor, por favor deixa ir a «Morro dos Ventos Uivantes». Devo ver a M... Deteve-se o ver a terrível expressão do rosto de seu marido, sem dúvida, mas também pela enormidade do que esteve a ponto de dizer.

Apenas se podia créditar que, apesar de que tinham acontecido vários meses desde que visitasse «Morro dos Ventos Uivantes», e nesse lapso tinha terminado o inverno, chegado a primavera e nascido sua filhinha, ainda não tinha tirado essa fixação da cabeça. Agora que pensava nisso, parecia como se não houvesse parado de pensar nisso enquanto jazia na cama e olhava pela janela em direção ao páramo, como fazia a todo tempo.

As mulheres ficam estranhas quando estão grávidas, e depois. Mas me dava conta então de que isto não era algo passageiro, tal como esperava. Meu amo tinha tratado de ganhá-la com seu carinho, de suborná-la com presentes, de lhe fazer ver suas responsabilidades como mãe, mas tudo tinha sido inútil. Sabia que a senhorita Cathy nunca tinha tido jóias assim em sua vida —nem as que lhe tinha deixado sua mãe podiam compar-las e agora eu tinha visto que a esta, selvagem menina ,não só gostava, mas sim as amava mais que a sua própria filha.

Hareton a empurrou rudamente ao chão, e a deixou deitada ali. Voltou-se, fazendo um esforço para não perder o controle, tal era a irritação e a tristeza que sentia ao ver que depois de todas essas semanas sua mulher seguia pensando como antes. Pensei que havendo problemas; voltaria a falar em partir. Justo nesse momento uma nuvem obscureceu o sol, perdeu-se momentaneamente o brilho do dia e vi que, igual ao tempo nesta parte do mundo, a fortuna dos Earnshaw mudaria caprichosamente. Subi a meus afazeres, deixando a minha ama desitada sobre o pasto. O amo lhe dava as costas e se mordida os nódulos de raiva.

A menina se chamou Margaret Catherine Earnshaw em honra de sua mãe e da avó de ambos, a mãe do Hindley e Catherine. Na recuperação de minha ama, eu tinha voltado para quarto dos meninos, onde podia prodigalizar amor e cuidado que eram bem recebidos, e pouco me inteirava do que acontecia na casa.

Não me parecia, entretanto, que a senhorita Cathy estivesse mais dócil nem resignada; talvez se tivesse recebido uma surra de seu marido, que bem a merecia, teria estado melhor. Como havia dito anteriormente, não só as mulheres da família Earnshaw eram de gênio forte. Em realidade a senhorita Cathy e seu marido, que era também sua primo, eram muito parecidos, embora ele tinha a doçura de que ela carecia. Mesmo assim, eu não duvidava que quando a ocasião o exigia, ele ia às nuvens e não podia dominar-se.

Agora a senhora ocupava seu lugar durante as refeições, e quando fazia tempo bom, era uma primavera maravilhosa, que nós os que vivemos neste lugar sabemos apreciar depois dos invernos que suportamos— se sentava do lado de fora, a ler ou bordar. Eu seguia lhe levando os meninos duas vezes por dia; em uma oportunidade me atrevi a lhe sugerir que faria bem dar atenção aos meninos, ao Rainton para que brincasse de correr, e à garotinha para que tomasse ar fresco.

—Quer dizer que me deixaria eles aqui, Agnes?

—Sim, senhora, por que não? Eu estarei perto, e poderá me chamar quando me necessitar. Pensei que gostaria de estar com seus filhos.

Olhou-me com aspereza, pois sabia muito bem que eu não ignorava seu pouco amor maternal, e vi que estava a ponto de me repreender por meu atrevimento.

—Pode trazê-los, Agnes —disse—, e fica com eles, talvez a cena entorneça a meu marido e lhe faça trocar de atitude para comigo.

Corri escada acima e abriguei bem ao menino Rainton pois, a pesar do sol, ainda estava fresco. O ama de leite quase não podia acreditar em seus ouvidos. Alegrementemente envolveu o bebê em um xale, pô-lhe uma touca e me seguiu com sua preciosa carga. Tinha muita pena de ver o cuidado com que a pobre mulher se ocupava dessa menina. Ao ter perdido seu filho, entregava todo seu amor maternal a nossa desafortunada garotinha. Era ainda moça, assim poderia ter outro filho. Talvez a pequena Margaret a ajudava a esquecer a dor em vez de lhe recordar a perda.

Fez uma reverência ante a senhora e entregou o bebê com ternura. Vi, surpreendida, que a senhorita Cathy estendia os braços e aceitava a sua filha enquanto o pequeno Rainton dançava e ria, insistindo em jogar à bola comigo. Formávamos esta feliz cena quando chegou o amo, e ao nos ver tirou sua expressão de preocupação. Todas pudemos apreciar a alegria refletida em seus olhos. Acabava de chegar na carruagem e me surpreendi ao vê-lo com uma mulher formosa, de média idade mas muito bem conservada. Tinha o cabelo escuro, feições de aparência muito agradável e estava vestida à última moda, ou assim me pareceu, que não era mais que uma ignorante faxineira. Balançavam-se na brisa as largas plumas de seu chapéu feito de seda marrom, e vestia um casaco de veludo adornado com botões no pescoço e nos punhos. Minha ama também se surpreendeu ao vê-la, e ficou a balançar sobre os joelhos a sua filhinha enquanto esperava que seu marido escoltasse a sua convidada da carruagem até o lugar onde estávamos reunidas. A dama era alta para ser mulher. dirigiu-se com passo majestoso até chegar junto à senhora Earnshaw, a quem saudou com a cabeça.

—Querida, apresento-te à senhora Ibbitson —disse o senhor Earnshaw—. Senhora Ibbitson, minha esposa. —Minha ama levantou a mão e sorriu a recém chegada, dizendo:

—Me perdoe que não levante, senhora, mas estou convalescente.

—Assim esta bem —exclamou a senhora Ibbitson com alegria— é a filhinha da que me falava seu marido. De nome Margaret. Posso pega-la?

A dama estendeu os braços a Mary, a ama de leite, tomou a menina do regaço da mãe e a pôs nos braços da dama, que começou a balançá-la e a dizer palavras doces.

Pareceu-me que procedia como a avó da criatura, ou como alguma parenta próxima. A senhora Earnshaw não sabia como tratar a visitante; não deixava de olhar a seu marido que olhava para o outro lado, ocupando-se em atirar a bola a seu filho. Saiu o sol nos deslumbrando com seu brilho. Qualquer que tivesse visto a família pulando, rodeada de serventes e com um convidado, tivesse jurado que estava ante a gente mais feliz da terra.

—O que traz para a senhora Ibbitson por aqui? —perguntou por fim a senhora, depois de controlar-se muito bem, dada sua natureza impulsiva.

— Estou interessada em uma certa propriedade de seu marido, senhora — replicou a senhora Ibbitson enquanto tomava assento e agradecia com o olhar a cadeira que lhe acabava de trazer um servente. Era uma dama muito fina.

—Sou do Liverpool e estou decidida a viver longe da cidade agora que cresceu tanto pelo comércio. Li um aviso no jornal do Liverpool, a respeito de uma propriedade que se alugava nos páramos, e aqui estou.

Sorriu a minha ama com encantadora franqueza, sem dar-se conta da maneira em que acabava de romper a tranquilidade familiar. Eu olhei com ansiedade a minha senhora, que parecia não compreender.

—Propriedade? Meu marido vai alugar uma propriedade? Procurei o senhor Hareton, mas não sei se a propósito ou não, a questão é que estava muito longe, jogando com seu filho, ao parecer sem nenhuma preocupação no mundo.

—Chama -se Morro dos Ventos Uivantes » —disse a senhora Ibbitson, olhando um papel que tinha na mão—. Acabo de vê-la com o senhor Earnshaw.

—«Morro dos Ventos Uivantes»! —exclamou minha ama, ficando de pé—. foi ver «Morro dos Ventos Uivantes»?

—Espero chegar a um acordo para alugá-la, senhora Earnshaw, desde mês que vem.

Pela expressão de minha ama a dama se deu conta de que tinha causado uma comoção, e olhou a seu redor, em busca do amo, que nesse momento se aproximava de nós, com seu filho nos braços. Minha ama estava pálida; o fulgor encantador dos últimos dias tinha desaparecido, substituído pela palidez mortal a que estávamos acostumados. No olhar que dirigiu a seu marido pude ver a tormenta que a tomava..

—Alugar «Morro dos Ventos Uivantes»! —exclamou minha ama quando viu que o amo podia ouvi-la—. Recém me inteiro de que «Morro dos Ventos Uivantes » estivesse para alugar! —agarrou-se ao braço da poltrona e pareceu serenar-se, recompondo-se.

—Disse-te, querida —expressou com naturalidade o senhor Hareton, unindo-se ao grupo e baixando o Rainton—. Disse que ia alugar «Morro dos Ventos Uivantes» agora que Joseph morreu. Do que nos servem duas casas?

Mas... —disse começou a senhora Earnshaw, como se lhe faltassem as palavras, algo que eu nunca tinha visto.—. Mas não se trata mais que de uma granja, uma singela casa de campo...

—É exatamente o que procuro —disse brandamente a senhora Ibbitson—. Nasci no campo, não muito longe daqui; não esconderei. Atrai-me a vida simples do campo, o bom ar. Conservarei minha casa em Liverpool mas me atrevo a assegurar que viverei aqui a maior parte do tempo e que espero persuadir ao senhor Earnshaw .

A senhora Earnshaw tornou a sentar e olhava o chão, para evitar as lágrimas. Apesar de que era obcecada e voluntariosa, também era uma dama, assim não se atreveria a minar a autoridade de seu marido ante uma estranha, seguindo os ensinamentos de seu pai. Continha as lágrimas e mordida os lábios para não proferir as palavras de fúria a ponto de brotar de sua boca.

—Encantado —disse o senhor Hareton, cuidando-se de não olhar a sua esposa—, e espero que cheguemos a um acordo esta mesma semana. Expliquei à senhora Ibbitson que «Morro dos Ventos Uivantes» é a casa de minha família e que me alegro que passe a boas mãos.

Notei como enfatizava a si, para fazer ver sua esposa que era sua casa, não a dela, para quem não era mais que um capricho. E tinha razão. A senhorita Cathy tinha nascido e se criou na Granja, indo a «Morro dos Ventos Uivantes » à força, uma vez casada.

Na pausa incômoda que se produziu a seguir, a senhora Ibbitson ficou de pé, dizendo que devia ir-se. O senhor Hareton se ofereceu a levá-la ao Gimmerton na Carruagem; ele também tinha coisas que fazer. Dava-me conta de que estava contente de poder afastar-se de sua mulher neste ponto e de permitir que esfriasse sua irritação.

A senhora Ibbitson tinha uma expressão pensativa ao dar a mão a minha ama e despedir-se; pude ver que dava-se conta da tormenta que se escondia na superfície serena do sorriso forçado da senhora Earnshaw.

Assim foi. Assim que se afastou a carruagem, a senhorita Cathy deu rédea solta a um ataque tal de fúria que voltei a temer por sua razão. Ordenando à ama de leite que levasse aos meninos, enquanto eu tratava de tranquilizá-la.

—Como se atreve, como se atreve? —Chutava o chão furiosamente, levantando pó e sujando a saia de seu formoso vestido verde e as sandálias de seda que faziam conjunto.

—Mas, senhora —me atrevi a dizer—. O senhor Hareton é o amo, não? Não está obrigado a consultá-la para dispor de suas propriedades. Em nosso país a decisão do amo é lei.

—Fecha o pico —replicou grosseiramente minha ama—, e recorda qual é seu lugar. Se eu for faxineira do Hareton, você é minha faxineira. Mas eu não sou faxineira dela. Tudo o que ele tem deve a mim. Sem mim não saberia ler nem escrever; sem mim não teria o dinheiro que deixou papai nem esta formosa casa, nem serventes, nem os cavalos do estábulo, a carruagem, nem sequer o coche. Sem mim Hareton não teria nada, porque o senhor Heathcliff não lhe deixou nada. Inclusive «Morro dos Ventos Uivantes», segundo o advogado, teria sido minha porque eu era a viúva do filho do senhor Heathcliff, Linton...

—Mas o senhor Hareton era filho do dono legal, o defunto Hindley Earnshaw, conforme me haviam dito —falei em voz baixa—, e também ouvi que o senhor Heathcliff se apropriou de «Morro dos Ventos Uivantes» mediante um ardil.

Sabia tudo isso por minha tia. Quando ouviu isto, a senhora ficou frenética, e acreditei que me ia bater ao vê-la fechar seus pequenos punhos, que levantou com fúria.

—Você pode saber. Mas é minha faxineira!

—Eu digo simplesmente que ele é o amo, senhora, e que é hora de que você saiba e se converta em esposa e mãe, e em companheira dele. Perdoará-me que seja tão franca, senhora Earnshaw, mas assim somos todas em minha família; o mesmo lhe havia dito minha tia. Você não é mais que uma menina, pois tem vinte anos, com toda a vida pela frente. Eu, que a vi tão apaixonada, sinto-me preocupada com a tormenta que trouxe sobre esta casa por sua teimosia. Você se criou aqui, como uma verdadeira senhorita junto a seu pai, o senhor Linton. por que se comporta como uma camponesa, como uma cigana? Sua mãe morreu faz vinte anos, e descansa em sua tumba, como sempre afirmou minha tia, pois morreu em absoluta paz. Sua mãe não ronda os páramos, senhora, nem «Morro dos Ventos Uivantes». Isso está contra toda possibilidade e contra sua religião cristã...

—A gente que a viu, Agnes. Eu mesma a vi..

Meneei a cabeça decidida, segura de que pela primeira vez me escutava com atenção.

—Não é possível, senhora, não é cristão. Tem estas fantasias desde que concebeu à menina Margaret, antes não. Não é estranho, como diz a tia Ellen, que uma mulher grávida veja coisas estranhas, e me parece que isso é o que aconteceu com você. Há quem diz que a gravidez, afeta o apetite, ou que faz querer a algumas pessoas e odiar a outras. Mas no seu caso, foram estas fantasias estranhas, e o desejo de andar pelos páramos como um rapaz.

—Isso foi antes da Margaret —replicou com tranquilidade a senhora Earnshaw

—. Senti uma espécie de inquietação nesta casa, com a mudança operada no Hareton, que não nasceu para ser um cavalheiro. Sempre foi um camponês rústico, sem educação, e acredito que o preferia assim. Agora viaja ao Leeds a encarregar a roupa e

desdobra maneiras muito finas, mas muitas vezes sustenta a faca e o garfo ao reverso e sorve a sopa diretamente do prato. Comecei a desprezar ao novo cavalheiro, e procurei a liberdade dos páramos, onde tudo a meu redor é silvestre, a cotovia voa muito alto, o riacho corre pela garganta e o urze parece áspero e elástico sob os pés. Lembrei-me do que me contava Nelly, que minha mãe era uma selvagem apaixonada pelos páramos. criou-se neles porque nasceu e passou quase toda sua vida nos «Morros». Comecei a pensar que eu era como minha mãe, que essa classe de vida era autêntica, e que tudo o que queria Hareton era falso.

—Mas adorou as jóias que lhe deu de presente —falei teimosamente e a senhora ruborizou-se com delicadeza.

—Ah, é que eram tão belas, Agnes. Nunca vi nada mais fino em minha vida. Sim, eu adorei, desejei te-las e por um momento pensei que de novo amava ao Hareton por tudo o que lhe deviam haver feito. Mas me dava conta de que Hareton só tratava de me comprar. Em sua nova posição acredita que tudo tem um preço, mas a mim não pode comprar, Agnes, e agora, com o que tem feito com «Morro dos Ventos Uivantes», perdeu-me para sempre.

Senti-me tão triste, senhor Lockwood, ao ver essa expressão de obcecado orgulho.

—Senhora —roguei—, estou segura de que o senhor Hareton a ama pelo que é. Só queria agradá-la, conquistá-la de novo. Se você o tiver feito assim, como pode rechaçar sua obra? Eu acredito que o senhor Hareton é um homem admirável e arrumado, um bom pai e o melhor marido que possa desejar qualquer mulher. Está orgulhoso de suas posses, sim, mas não se corrompeu por isso. Desfruta da posição para a que nasceu, conforme o dispôs o Senhor, como cavalheiro e magistrado. É bom com as pessoas a seu serviço e amável com todo mundo. Todos o respeitam e têm a melhor opinião dele, senhora. É você a que procede mal com ele, e não ele com você.

Minha ama sacudiu a cabeça e pensei que sorria com ironia.

—E eu? O que se diz da senhora Earnshaw?

—Diz-se que é formosa e um adorno para seu marido e sua família —repliquei com cautela—. Mas quase não a conhecem, senhora. Não sai, como outras esposas, não ajuda na igreja nem faz caridade, visitando pobres ou doentes. Não vai a festas nem recebe. Converteu-se em uma pessoa muito solitária aqui, senhora Earnshaw. Deve atuar em sociedade. Esqueça-se dos páramos e de «Morro dos Ventos Uivantes». Esqueça-os. Do contrário, senhora, nunca conhecerá a felicidade.

Acredito que o tom de súplica com que lhe falei a comoveu, porque me olhou, respirou com tranquilidade e me olhou como reconhecendo que o que eu dizia era sensato. Quanto desejava que me escutasse! Quanto rogava por sua felicidade!

Mas minhas súplicas foram em vão.

CAPÍTULO 5

O senhor Duff, o padre, batizou à menina Margaret num formoso dia de junho na nova igreja do Gimmerton, pois a velha já estava completamente destruída. Parece-me que não enterraram a ninguém nesse cemitério desde que morreu o senhor Heathcliff; em realidade, o enterraram ali por seu especial pedido, e porque o tinha solicitado com muita antecipação.

Como se me tivesse escutado, durante um mês notou-se uma sensível melhora nas relações entre meus amos. Acredito que ela não se referiu ao tema de «Morro dos

Ventos Uivantes» depois da visita da senhora Ibbitson. Parecia decidida a ser uma esposa obediente e dedicada. Nunca a vi zangada nem a ouvi levantar a voz, assim pensei que tinham desaparecido os caprichos causados pela gravidez.

Não posso dizer, entretanto, que notasse uma melhoria em sua atitude para com os meninos. Talvez os visse um pouco mais, por certo junto ao senhor Hareton, mas eu não notava calor materno nela. Nunca os pegava nem os balançava nos braços nem os banhava. Ficava séria e solene quando os olhava, sem um sorriso nem o calor que parece iluminar os olhos de uma mãe.

Tampouco saía da Granja, a menos que fosse acompanhada por seu marido a visitar algum vizinho ou ao Leeds ou Bradford para compras, pois estavam fazendo melhoras na casa e necessitava tecidos e tapeçarias.

Mas não me sentia próxima a ela. Parecia que algo se interpor entre nós, e já não havia confidências quando lhe escovava o cabelo ou lhe preparava a roupa antes de sair e deitar-se.

Para agradar a seu marido decidiu dar uma grande festa para festejar o batismo: Pela primeira vez, desde que retornou, casada à Granja, abririam-se de par em par as portas. Todos os serventes pareceram identificar-se com a ocasião, considerando que era um símbolo da posição dos Earnshaw e sua boa fortuna. Vários dias antes, a cozinheira começou os preparativos, em um estado de permanente agitação, e empregou a várias moças da aldeia.

Serviria-se um chá no jardim depois do batismo. Sempre recordo a ocasião como de grande felicidade parece que vejo o jovem casal e à menina, a quem eu levei em braços até a pia. No momento mesmo do batismo, quando o padre jogava a água sobre a testa do bebê, um raio de sol atravessou uma das novas janelas de vitrais e iluminou à garotinha nos braços da madrinha, a senhora Bradshaw, e os rostos dos maridos Earnshaw e do Rainton, a quem seu pai tinha pego no colo. Pareceu-me um preságio que marcava o fim dos maus momentos e o princípio dos bons tempos. Imaginei maior prosperidade e uma grande família de seis ou sete filhos que converteria aos Earnshaw nos mais respeitados da região. Deus tinha enviado esse raio de sol para benzer minhas esperanças.

Embora só tinha oito semanas, Margaret era um bebê forte e gordo, bem alimentado, realmente adorável. Comportou-se muito bem, sorrindo e fazendo grunidos enos braços de sua madrinha. Brilhavam-lhe as bochechas rosadas e aparecia o cabelo encaracolado, de cor dourada, sob a touca. No momento em que o padre lhe deu o nome da Margaret Catherine lhe iluminou a cara de um sorriso, algo estranho em um bebê dessa idade, e isto também me pareceu um preságio, neste caso, de que não teria mais que alegrias em sua vida. Em realidade, todo o tempo que passei na igreja não fiz mais que segurar na mão o lenço para esconder as lágrimas de felicidade.

Os convidados à festa que não tinham ido à igreja já começavam a chegar quando voltamos da Granja com grande pompa, em três carruagens escoltadas por vários cavalheiros da cavalo. Os convidados se reuniram em frente a porta para esperar que descendessem os ams. Eu levava a menina, pois viajava com eles no primeiro carro. Ouviram-se muitas vozes de felicitação e admiração quando viram a recém batizada. Mas meu tesouro estava bocejando; era hora de lhe dar de comer e pô-la a dormir, assim corri ao piso superior onde esperava o ama de leite com os peitos que pareciam lhe arrebentar de dor.

Enquanto ela dava de mamar à menina parei junto à janela que dava ao jardim da frente e pela primeira vez em minha vida vi todas as pessoas distinguidas do Gimmerton passeando e conversando pelo jardim. Em um extremo estavam as mesas, cobertas de toalhas brancas transbordantes de aprimoramentos, tortas, gelatinas, presuntos inteiros e

lombos, pães recém feitos e manteiga acabada de bater. Todos os serventes estavam com seus melhores uniformes, de luva branca; as moços se passeavam entre os convidados com bandejas de vinho e licor para as damas.

Mas era a minha ama a quem não podia tirar os olhos de cima. Nunca a tinha visto tão formosa nem tão feliz. Seu corpo esbelto se arredondou um pouco mais que em solteira, e já não levava o formoso cabelo loiro penteado com cachos, mas penteados para cima, com o estilo da moda que, conforme diziam todas, era o preferido da Josefina, a nova imperatriz da França. Apesar de que estávamos em guerra com a França, a moda tinha cruzado o canal da Mancha e depois de influenciar Londres se propagou para o norte, chegando até o Yorkshire.

Para uma pessoa humilde como eu, os ali reunidos estavam tão À la mode como no melhor salão de Londres, na corte de nosso rei Jorge ou na do imperador Napoleón em Paris. As mulheres levavam vestidos de muito fino seda, raso ou musselina, sapatos e chapéu fazendo jogo, alguns adornados com plumas ou flores, e os cavalheiros se pavoneavam, luzindo seus magníficos sacos cortados no Leeds ou Bradford, como os de meu amo, com calças ajustadas, plastrones e cartolas de asa ondulada. Enquanto admirava a minha ama observei, a um extremo, junto a um homem mais jovem que ela, a uma dama cujo nome não se mencionou na Granja desde a primeira vez que veio: a senhora Ibbitson. Em realidade, tampouco se tinha mencionado após o nome da casa que alugava, embora eu não sabia com segurança o que tinha passado. Ao ver a senhora Ibbitson vestida de maneira mais espetacular ainda que o resto das damas, com um vestido de seda amarela e grande abundância de plumas, recordei esse primeiro dia, e supus que se mudou a lúgubre casa entre os páramos.

Nesse momento, ao ver a senhora Ibbitson, minha ama esteve a ponto de dar meia volta para evitar sua companhia, mas o senhor Earnshaw se aproximou desde atrás, tirou-a do braço e a levou até onde estavam a senhora Ibbitson e sua escolta, provavelmente a propósito, para poder explicar diante de outras pessoas o que não se atrevia a fazer quando estavam sozinhos, por temor a uma nova cena.

O homem que estava com a senhora Ibbitson, alto e moreno, cujas feições se pareciam com as dela, embora eu estava muito longe para vê-lo muito bem, fez uma reverência ante meus amos e ficou a conversar animadamente com minha senhora até que em um dado momento pareceram abstrair-se dos que os rodeavam, de tão interessados que estavam o um no outro. Isso me pareceu curioso, embora no momento não lhe atribuí maior significação.

Mas essa noite, enquanto lhe escovava o cabelo, pensei que minha ama estava muito animada, coisa estranha, e considerei que o êxito da festa, que se tinha prolongado até a noite, algo que ninguém esperava, tinha-a posto de bom humor, pois sorria e conversava como não o fazia desde meses atrás. Imaginei que sua satisfação se devia a sua posição como jovem matrona junto a um arrumado marido e a dois formosos filhos, pois era indubitável que a festa lhe tinha gostado, embora, sabendo o pouco que lhe interessava a sociedade, fui uma parva em pensar que a causa de sua alegria fora o êxito social.

—Sabia que a senhora Ibbitson se mudou aos «Morros», Agnes?

Fiz uma pausa com a escova para ouvir o nome tão temido, mas vi que o ama sorria.

—É uma dama encantadora; estava acompanhada por um homem muito arrumado, seu filho. Deve ter minha mesma idade. chama-se Jack e está no exército. Não vê a hora de brigar contra Napoleón! Outra coisa mais, Agnes —adicionou, tão animadamente agora que tomou ela mesma a escova e começou a passar-lhe

vigorosamente pelo cabelo—, convidaram-me a tomar o chá em «Morro dos Ventos Uivantes». Meu marido, que virá comigo, não pode pôr nenhum reparo esta vez!

Foi então que me dava conta de que a causa de sua alegria não era a festa, nem o jovem soldado, a não ser o que eu tanto temia: o fato de que, depois de todos estes meses, por fim ia retornar a «Morro dos Ventos Uivantes».

Todo Gimmerton falava da estranha senhora Ibbitson, que tinha decidido ocupar essa mansão, situada em um lugar tão desolado e pouco hospitaleiro no meio do páramo. Tão estreito era o atalho que levava a ela que apenas se se podia chegar em charete, nunca em nenhuma carruagem maior, mas todos os que tinham ido ultimamente se mostravam admirados pela transformação causada pela senhora Ibbitson em tão curto tempo.

«Morro dos Ventos Uivantes » é uma casa formosa e espaçosa, construída com sólida pedra do lugar, mas tem trezentos anos e muitas das habitações são estreitas, de pisos desiguais. Eu nunca tinha estado nela até o dia de nossa visita, como um mês depois do batismo, mas já tinha ouvido dizer que aonde estava agora o jardim, cheio de novelo e flores, não havia mais que matagais. Os jardineiros empregados pela senhora Ibbitson o tinham transformado tudo da noite para o dia. Dentro havia esplêndidos tapetes e os móveis eram de desenho moderno, feitos na carpintaria do finado senhor Chippendale.

Havia um sol forte, assim que minha ama levava uma sombrinha para proteger sua cútis delicada. Fomos a primeira hora da tarde—, o senhor e a senhora Earnshaw, eu e os dois meninos. Da Granja era uma viagem comprida, colina acima. Recordei que minha tia estava acostumada ir de uma casa à outra como se estivessem ao lado. Claro que do «Morro» à Granja é costa abaixo, mas na direção oposta a marcha é dura.

A senhora Ibbitson deve ter ouvido os cascos do pônei pois abriu a porta ela mesma. Permaneceu de pé, soridente, com um grande chapéu de palha para proteger do sol e um vestido de musselina branca que lhe dava um aspecto juvenil e a fazia mais bonita. Detrás dela, imóvel à sombra do portal, estava o homem moreno, seu filho, estranhei que não saísse com sua mãe mas sim ficasse na sombra. Não sei por que me fixei nisso, mas a questão é que o fiz, senhor Lockwood. Parecia uma grande ave de presa esperando para atacar, como as corujas ou abutres que espreitam aos animais pequenos em nossos páramos. Apesar da tarde cálida, estremeci-me.

Quando se deteve a carruagem e se baixou o senhor Hareton para ajudar a sua esposa, aos meninos e a mim, o senhor Ibbitson não fez nenhum movimento, mas sim ficou esperando, o que me pareceu indolente e grosseiro de sua parte, não muito próprio de um oficial do exército. Dava-me conta de que minha ama estava excitada e olhava rapidamente a seu redor até que fixou a vista em uma das janelas da frente, mas deu volta a cabeça quando viu que o senhor Hareton a olhava.

Acudiu um servente para me ajudar com os meninos e outro se fez cargo do pônei e da carruagem, levando-os a sombra. Era evidente que a senhora Ibbitson tinha muitos serventes, pois quando entramos uma empregada tomou nossas coisas e apareceu outro servente com uma bandeja de prata cheia de refrescos. Eu estava ocupada com os meninos, mas vi que por fim o senhor Ibbitson tinha revelado sua presença, assim pensei que talvez não tinha sido muito caridosa ao pensar tão mal dele, pois levava uma bengala e caminhava com dificuldade. Assim que pôde, sentou-se.

Havia tanto alvoroço de pessoas e cães que minhas primeiras lembranças são confusas; além disso, a pequena Margaret pôs-se a chorar e Rainton começou a correr e a dar gritinhos de alegria. Sim me lembro, não obstante, do impacto que causou o senhor Ibbitson na família para a que eu trabalhava, especialmente a senhora. Era um homem imensamente alto, musculoso, de rosto obscuro, cítrico, e olhos virtualmente

escondidos baixo grandes sobrelanceiras negras. Não dava uma impressão de refinamento, mas sim de força e vigor e sim, de uma espécie de ferocidade animal que me parecia aterradora. Tinha postos só uma calça e uma camisa esse dia de calor, e era fácil imaginar que com uniforme de soldado ganharia o coração de qualquer moça.

Junto a ele o senhor Hareton, que também tinha muito bom físico, parecia quase delicado com suas calças de montar e seu casaco perfeitamente cortados, seu grande facão e colete. Esse dia o senhor Hareton levava o cabelo preso atrás com um tope de veludo, enquanto que o senhor Ibbitson o deixava muito curto, com uma mecha sobre a testa, o que lhe dava uma aparência dominadora e ligeiramente sinistra.

Minha ama não levava chapéu; estava encantadora, luzindo seu singelo vestido de musselina azul com um buquê silvestres no ombro e uma cinta que lhe caía na parte dianteira. Não quis que lhe recolhesse o cabelo, assim que o levava solto, o que acentuava sua aparência de juvenzinha; sua pálida tez contrastava com o rosto moreno do varonil senhor Ibbitson. Estavam sentados juntos, conversando, em um sofá; eu não podia lhes tirar os olhos de cima. O senhor Hareton estava ocupado conversando com a senhora Ibbitson que dentro tirou o chapéu e luzia sua espessa cabeleira negra. Tinha uma formosa textura óssea e olhos de um azul quase violeta. Entretanto sua pele era blanquíssima, assim que me intrigava a tez morena de seu filho.

—OH, graças a Deus que sopra uma brisa —exclamou a senhora Ibbitson—. foi um dia tão sufocante. Sentamo-nos fora? Direi ao Roger que tire as cadeiras, embora não temos muita grama. Como invejo os formosos jardins que têm vocês. Mas a vista aqui, não é maravilhosa? Era verdade. A vista que ofereciam os páramos que se estendiam por volta do Gimmerton esse dia caloroso era de grande beleza e esplendor.

Inspiravam respeito. Um tapete de urzes se estendia durante quilômetros; recém estavam abrindo os pequenos pimpolhos, formando esse manto púrpura que transforma nossos páramos em agosto e setembro e que lhes dá o aspecto de uma rica tapeçaria interrompida aqui e ali pelo tosco pasto verde pálido, que é o que comem nossas ovelhas montanhesas. Os barrancos que atravessam o terreno pareciam profundas cicatrizes pelas que corriam os rápidos arroios que nascem no alto da montanha e se precipitam procurando o rio. Mas de onde estava eu só se podia ver as copas das árvores, imóveis na quietude do dia. Levantam-se nos barrancos, cobertas de musgo verde obscuro que cresce tão alto como um homem. De meninos nós adorávamos brincar de esconder, e no inverno juntávamos os ramos secos, que usávamos como lenha.

Esse dia soprava uma brisa cálida que levantava dos páramos, obscurecendo a paisagem de vales e campos cultivados. Desde essa altura um acreditava ver a metade do condado do Yorkshire, embora se sabe que isso é impossível. A anfitriã fez um gesto e todos saímos ao jardim. Assaltou-nos o aroma de alhelies e malva louca. Ouvia-se o rumor das abelhas que voavam, atarefadas, de flor em flor, e uma quantidade de coloridas mariposas apareciam e se escondiam entre a rica e variado folhagem. A cena induzia em nós uma sensação de satisfação e bem-estar, lassidão e sensualidade muito prazenteira.

Acredito que nunca vi com tanta clareza o lugar onde nasci nem o apreciei tanto como esse quente dia de julho faz quarenta anos. Agora, enquanto o descrevo, ainda me parece vê-lo. Dava-me conta então de por que uma dama distinta como a senhora Ibbitson, ou qualquer que amasse a natureza queria ir viver em um lugar assim, e também de por que atraía de tal maneira a minha ama que, ao ver-se privada dele, esteve a ponto de enlouquecer. Foi esse dia que soube por que «Morro dos Ventos Uivantes» se arraigou tão profundamente no coração da família Earnshaw ou de

qualquer que entrasse em contato com a velha mansão de pedra, convocada entre os páramos.

Os serventes estavam trazendo o chá ao jardim, distribuindo mesinhas e cadeiras no reduzido espaço. Foi então quando notei que minha ama não estava conosco e que o senhor Ibbitson, apoiado em sua bengala, escutava com atenção a meu amo, que ao parecer estava referindo-se a certos lugares interessantes nos arredores que ele conhecia tão bem. A senhora Ibbitson dava indicações aos serventes e o jovem Rainton fazia estragos entre os trabalhadores de pedreira de flores, enquanto a menina descansava comodamente em uma caminha portátil que lhe tínhamos levado e colocado na sombra, junto à parede da casa. Corri para dentro, mas a senhorita Cathy não estava na sala. Vi um dos muitos serventes que tinham servido o chá e como não conhecia a casa lhe perguntei se podia me ajudar. Disse-lhe que procurava a minha ama e me disse que a tinha visto subir pela escada.

Não sabia se subia ou não, mas senti um impulso e o fiz. Encontrei-me em um corredor comprido de que saíam corredores menores e habitações. Recordei o que havia dito minha ama a última vez que foi à casa, e me dirigi para onde me pareceu que estava o fronte. Uma das portas estava entre aberta. Abri-a com suavidade e vi que a habitação estava vazia; só havia uma grande caixa de carvalho perto da janela, e estava a ponto de ir quando me pareceu ouvir um som proveniente do interior da caixa, assim que me aproximei silenciosamente e espiei por um dos estranhos quadrinhos perto da parte superior, que pareciam venezianas.

Vi que a caixa parecia um quarto diminuto no que havia uma cama sobre a que estava deitada minha ama, de barriga para baixo, com o corpo convulsionado pelos soluços. Não pude encontrar uma porta para entrar na caixa, até que vi um painel que se deslizou ao tocá-lo. Entrei na estranha estrutura. Nunca tinha visto nada parecido, e desde esse dia não tornei a ver outra igual. São como quartos para quem procura a solidão em uma casa cheia de gente. Minha ama não reagiu nem sequer quando lhe pus uma mão no ombro, mas aumentaram os soluços e o pranto se converteu em um gemido.

—Acalme-se, senhora Earnshaw —disse em um sussurro, pois não queria que ninguém me ouvisse.—. Sou eu, Agnes. O que lhe passa? Pareceu-me que a via tão feliz lá em baixo, e agora... Minha ama se voltou e tomou a mão com tanto afeto que senti que me transbordava o profundo amor que lhe tinha e que pensava tinha diminuído.

Tinha a formosa cara banhada em lágrimas e os olhos tão inchados que quase parecia impossível que fossem quão mesmos tinha visto fazia tão pouco; dez minutos no máximo.

—OH, Agnes, este era o quarto de mamãe; esta era sua cama. Foi nessas prateleiras que encontrei os livros que levei a casa. Estava tão segura de que mamãe estaria aqui, me esperando, e entrei nesta habitação com tantas esperanças! Pensava que poderia lhe trazer para seus netos, e que se ela os queria eu também poderia fazê-lo. Mas entrei nesta peça fria e silenciosa e soube que estava vazia, que não havia nenhuma presença nela. Foi desda janela que me olhava mamãe essa noite. Acredito que me esperou tanto tempo que já se foi.

—Silêncio, senhora, silêncio —pedi, lhe separando as mechas de cabelo sobre a testa, que estava tão úmida e quente que temi lhe voltasse a dar febre—. Eu acreditava que lhe tinha passado essa idéia imaginária. Sua mamãe está em sua tumba, senhorita Cathy; faz vinte anos que a enterraram, e descansa em paz no seio do Senhor. Trate de ser sensata, senhora, o rogo, por você e por sua família. É ridículo esperar que o fantasma de sua mãe esteja aqui neste quarto; está enterrada na velha igreja, e ali seguirá

enterrada, —apertei-lhe a mão e lhe acariciei a testa, pois rompeu a chorar a gritos, como uma menina que não aceitava consolo.

Logo apareceu o senhor Hareton em sua busca, e ali me encontrou, consolando-a como a uma menina. Assim que a vi, lhe obscureceu o semblante e me dava conta de que se arrependia de ter aceito o convite da senhora Ibbitson.

—Pensei que estaria aqui —lhe disse com severidade—, Catherine, te levante! —Empurrou-me grosseiramente e a tirou da mão, mas ela se debateu, livrou-se e se aferrou à cama, olhando-o como um ratinho que cai nas garras de um arminho.

—OH, Hareton, não seja cruel. Você também ama esta casa. Como pôde ser capaz de alugá-la? Poderíamos ter vivido aqui, poderíamos ter sido felizes aqui. Nunca poderemos ser felizes na Granja, depois de tudo o que passou. Peça à senhora Ibbitson que se vá. Voltemos a viver aqui, Hareton, onde nasceu, onde nasceu mamãe. Sinto que é o que devemos fazer. Rogo-lhe isso...

Ele voltou a sacudi-la e vi que se debatia entre a dor e a fúria que sentia por sua traição, mas inesperadamente se inclinou e a beijou na boca com ferocidade. Olhei a outro lado de quão perturbada estava. Mas isso a tranqüilizou, pois deixou de opor resistência. Então ele voltou a beijá-la, esta vez com doçura. Cobriu-lhe a cara inteira de beijos, elevou-a e a abraçou.

—OH, Cathy! Recorda os primeiros dias de nosso amor, aqui, em «Morro dos Ventos Uivantes»? Ao princípio te burlava de mim, logo me fez ver que me queria, e me ajudou a que fora instruído como você. E falávamos, recorda? da Granja, de como felizes seríamos vivendo ali, especialmente quando rugia o vento de noite e não podíamos nos aventurar a sair porque a neve chegava aos ombros. E dizíamos que nós gostaríamos de nos liberar do senhor Heathcliff e do velho Joseph para estar sozinhos em um mundo novo. E logo, quando morreu o senhor Heathcliff, e todo se fez possível, que feliz que estava de voltar para sua casa, onde havia tanto espaço, onde seríamos livres! O que te aconteceu, Cathy, meu amor? Esqueceste-te que tudo? por que trocaste?

A doçura de sua voz, a ternura de seus gestos trouxeram lágrimas a meus olhos, mas o rosto de minha ama não se adoçou, como eu tivesse esperado, mas sim tomou uma expressão de fúria. Tratou de rechaçá-lo.

—Como trocaste você, Hareton Earnshaw! Em «Morro dos Ventos Uivantes» foi sensata e firme, forte como a terra, como os páramos. Agora não te reconheço com essas roupas tão finas e uns maneiras tão afetados. Estou prisioneira na Granja, contigo e os meninos. Sou uma prisioneira. Agnes te pode dizer como me sinto, igual a uma cotovia apanhada em uma jaula. Não me importam as festas de sociedade, nem as feiras de caridade. Vivo encerrada em uma cela. Até o Linton Heathcliff era mais autêntico que você. Amava a poesia e adorava estar deitado no páramo, olhando o céu. Você só pensa na quantidade de ovelhas que tem, os acres de terra, o gado. Não é assim? Não é assim, Hareton?

A voz da senhora Earnshaw se elevou, gritando, e temi que os que estavam abaixo pudessem ouvi-la, mas a janela estava fechada e o abeto tinha crescido tanto que quase impedia por completo a entrada da luz. Esperei que também servisse para amortecer as vozes. Vi que meu amo se sentia profundamente ferido pelas palavras de sua mulher e pela referência a seu primeiro marido, o filho do senhor Heathcliff, com quem a tinham obrigado a casar-se por um breve período. Igual ao senhor Hareton, o senhor Linton tinha sido sua primo, filho de sua tia Isabella, irmã de seu pai, Edgar. Segundo minha tia, embora a senhorita Cathy queria a seu primo, não tinha sido um casamento consumado pois o pobre moço estava morrendo quando se casaram, obrigados pelo senhor Heathcliff para poder apoderar-se das propriedades do Cathy. Por

isso compreendi quanto sentia meu amo ao ser comparado com quem, conforme tinha ouvido eu, não era um homem.

O senhor Hareton se mordeu os lábios e se voltou. Pensei que se iria da habitação, mas minha ama, que não podia controlar-se, exclamou:

—Exijo que me responda, Hareton! Pensa em alguma outra coisa? —Ele se deu volta lentamente e a olhou. Vi que estava atormentado e que nele se mesclavam o amor e a ira.

—Penso em ti, Cathy, e em nossos filhos. Tudo o que faço é por ti e por eles. Está mal que um órfão como eu, criado na ignorância, queira ser um cavalheiro como Hindley, meu pai, irmão de sua querida mãe, Catherine? Nós os Earnshaw não foram sempre assim, por mais rude que fora eu, um simples camponês. Só queria recuperar o que era meu por direito de nascimento. Queria ser seu igual, e o de seu pai, que era tão inteligente e que tanto amava seus livros. Não vejo nenhum mal nisso, Cathy, nem tampouco em querer ter uma boa família e desejar a riqueza. Trabalho duro. Nunca estou sem fazer nada. Faço o que posso pela comunidade em que vivemos. Outra esposa que não fosse você estaria satisfeita com sua sorte. Por que não o está, não sei. É algo que me intriga e me entristece. Como me entristecia. Pensei que meu amo tinha falado com nobreza, e desejava com desespero que minha ama acreditasse assim. Mas não. Parecia não ter ouvido nenhuma palavra. Era uma verdadeira filha de sua mãe, pelas referências que tinha eu, pois a falecida senhora Linton também tinha desprezado a seu marido, Edgar, pai da senhorita Cathy, e segundo minha tia Ellen não tinha reparos em dizer-lhe Sua filha estava dizendo o mesmo ao Hareton, e a história se repetia.

Nesse momento apareceu na porta o servente ao que a senhora Ibbitson tinha chamado Roger, dizendo que a senhora queria saber se passava algo. O olhei de esguelha, pois seguia ocupada com a senhora Earnshaw. Era um jovem alto, de bom físico e feições agradáveis. Embora se dirigia ao senhor Hareton, olhava-me com insolência. Lembrei que me ruborizei e baixei a vista, pois embora tinha dezenove anos, nunca tinha tido pretendentes nem estado perto de moços, exceto os amigos de meus irmãos. Minha ama se secou os olhos. Nos sentindo um pouco parvos ante o servente, os três saímos da caixa. O senhor Hareton disse que desceria imediatamente, e ordenou ao Roger que fora adiante. Fiz o que pude para arrumar o vestido de minha ama e lhe pentear o bonito cabelo, mas nada se podia fazer com seus olhos inchados. Ao ver que não queria sair do quarto, dava-lhe um puxão.

—Por favor, senhora, por você mesma não fique aqui, nem se atrase mais. Isso causará pena terrivelmente ao amo, e já está muito preocupado.

—Fecha o pico, Agnes! —espetou minha ama com tom de recriminação. Voltou-lhe a cor à cara e lhe brilharam os olhos, não sei se por causa das lágrimas. Sem outra palavra mais se recolheu a saia e saiu correndo da habitação para o corredor. Enquanto a seguia, pude ouvir seus passos ligeiros baixando a escada.

Não sei o que teria estado dizendo meu amo, mas imaginei, pois quando minha ama saiu ao jardim a senhora Ibbitson a olhou com ar de preocupação e tomou a mão.

—É o calor, senhora Earnshaw. Essa deve ser a causa de sua dor de cabeça. Preferiria sentar-se dentro um momento?

—Estou perfeitamente bem, obrigado —respondeu a senhora Earnshaw, sem sorrir nem olhar a seu marido. Todos podiam dar-se conta facilmente de que algo tinha passado entre eles pois o rosto de minha ama, pálido, estava arrebatado, enquanto que o do amo, normalmente corado, tinha uma palidez antinatural—. Queria ver a habitação que tinha mamãe de menina, e isso me perturbou.

—Ah, qual é? —disse a senhora Ibbitson sem maior interesse enquanto servia o chá de uma grande bule de prata.

—A do frente —disse a senhorita Cathy, levantando a vista—. A do abeto.

—OH, é muito bonita. Eu a queria para mim, mas... —a senhora Ibbitson se interrompeu e pareceu dedicar toda sua atenção ao que estava fazendo.

—Mas o que? —perguntou minha ama ansiosamente.

—Bom, não sei como dizê-lo sem parecer uma parva, e como era a de sua querida mamãe...

Quanto temor senti para ouvir seu tom! Já não estávamos cômodos na reunião. Parecia que todos aguardássemos a resposta com ansiedade.

—Segue, mamãe —disse o senhor Ibbitson impacientemente—. nos Conte o que aconteceu.

—Bom, os operários contam coisas tão estranhas, e não terei que escutá-los, mas me disseram que estava enfeitçada e que todo mundo sabia. Parece que muitas vezes se viu o rosto de uma mulher na janela; estende os braços, como se suplicasse. Alguns dizem que não só a viram, mas também ouviram sua voz.

CAPÍTULO 6

Quando a senhora Ibbitson deixou de falar, minha ama deu um grito e se desabou, desmaiada, ao chão. Meu amo e eu corremos a socorrê-la. Ele a elevou enquanto eu o abanava a cara. O servente Roger, que evidentemente era um moço atento e inteligente, trouxe uma bacia de água fria e uma toalha da cozinha. A senhora Ibbitson parecia cravada no lugar onde tinha pronunciado suas palavras tão inconsideradas, tomando a cara com as mãos, muito preocupada. Vi que o senhor Ibbitson permanecia apoiado em sua bengala contemplando pensativamente à senhora Earnshaw, que já dava sinais de reviver. Dando um gemido, passou-se a mão pela testa.

A senhora Ibbitson se ajoelhou junto a ela e tomou a mão.

—OH, querida, me perdoe! Nunca hei dito nada tão indiscreto. Claro que este espectro não é sua mamãe, se é que é verdade que se vê...

—É minha mamãe —disse minha ama com voz débil—. Eu mesma a vi, mas ninguém me queria acreditar. Crie-me agora, Hareton? —Olhou fixamente a meu amo que, como é de imaginar, estava preocupadíssimo. Quanto tivesse dado ele por que a senhora Ibbitson não houvesse dito nunca essas palavras!

Quanto deve ter desejado não ter levado nunca a sua mulher a esse lugar, depois de opor-se a isso tanto tempo! Os fatos lhe davam a razão.

—Não, não acredito —disse o senhor Hareton, ajudando a ficar de pé a sua esposa e levando-a a um sofá da sala—. Não acredito, que a visse, nem que a visse nenhuma outra pessoa. Nasci nesta casa e a conheço muito bem. Não há espectros nela, nem fantasmas. Não é mais que uma granja do Yorkshire em que nasceram muitos, tiveram filhos e logo morreram, seres que conheceram a tristeza e a felicidade. Mas espíritos não há. Não há nenhum. É algo que não acreditarei nunca.

—O senhor Earnshaw diz a verdade —declarou o senhor Ibbitson, nos levando a sala—. Sou um militar prático e não acredito possível a existência de fadas e fantasmas. Mamãe, é uma vergonha que dê crédito a histórias assim. Eu mesmo me instalarei nessa habitação para te demonstrar que não é verdade.

—OH... —A senhorita Cathy o olhou, mas não encontrou palavras. Ele a olhou bondosamente, e pela expressão de seus olhos (o que se podia ver desses olhos tão

profundos) dava-me conta novamente de que se sentia atraído por minha ama, pois suas duras feições se abrandavam com apenas olhá-la.

—Não tema nada, senhora. Sei que foi o quarto de sua mãe, e talvez o seu, mas minha influência será boa. Além disso, logo retornarei ao exército; assim que me cure desta bendita perna estarei em campanha contra a França.

—O que acontece com sua perna, senhor? —perguntou o senhor Hareton.

—Pois, caí-me cavalgando no páramo. Ia galopando a toda velocidade quando a égua se meteu em uma sarjeta, e se não me despede me tivesse matado, pois a égua caiu e deu voltas. Era um dia esplêndido, de muitíssimo vento, com nuvens negras que passavam rapidamente, assim parecia que se poderia correr uma carreira contra elas. Nada eu gosto mais em um dia assim cavalgar ou caminhar pelo páramo; meu espírito parece elevar-se. Amo este lugar tanto como minha mãe. É-me familiar, como se retornasse de uma longa viagem.

Dava-me conta de que a prática senhora Ibbitson queria pôr ponto final a essa conversação pois se aproximou de minha ama com os saís aromáticos, mas minha ama só tinha ouvidos para o senhor Ibbitson. Enquanto ele falava se olhavam fixamente, e lhe voltou a cor à cara. Vi que nele reconhecia a um espírito gêmeo, selvagem e livre como o dela, e senti muito dentro que um terror espantoso se apoderava de mim ao pensar no dano que poderia causar o reconhecimento recíproco de tal simpatia. A doçura da voz dele parecia tranquilizá-la, como se acabasse de encontrar a um amo que seria capaz de domesticar seu rebelde coração, coisa que o senhor Hareton certamente não podia fazer.

Não sei o que acontecia a mente dele, mas ficou nervoso e começou a passear-se pela habitação até que finalmente disse:

—Acredito que é hora de que leve a minha família para casa, senhora. Obrigado por sua hospitalidade.

—A pesar do desventurado incidente foi um prazer —replicou com graça a senhora Ibbitson—. Por favor não permita que isso impesa que voltem a nos visitar, como nos prometeu, todo o seguido que queiram. Já não voltaremos a falar de fantasmas. Amanhã mesmo prepararei a habitação para meu filho.

A senhora Earnshaw ficou de pé, incômoda. Vi que ainda andava sob o feitiço do senhor Ibbitson, ou mas bem do Capitão Ibbitson, como me inteirei depois. Ele a olhava com atrevimento, como se não lhe importasse o que pudesse pensar seu marido.

—Talvez quando melhorar da perna volte a cavalgar? —disse minha ama em voz baixa; só eu e o homem ao que ia dirigida a pergunta alcançamos para ouvi-la. O senhor Hareton estava atarefado chamando os meninos.

—Senhora, apesar da perna, saio a cavalo todos os dias. Tenho-me proposto castigar a essa égua por me haver feito cair.

—Talvez o encontre, porque eu também amo a liberdade dos páramos —sussurrou minha ama. Eu com o cenho franzido, toque seu braço, lhe fazendo ver que se aproximava seu marido e poderia ouvi-la, mas ela, como a menina tola que era, apesar de ser esposa e mãe de dois meninos, seguiu olhando fixamente ao capitão como se fora uma jovenzinha contemplando a seu primeiro amor. Vi que a senhora Ibbitson levantava as sobrancelhas e olhava preocupada ao marido. O pobre homem não sabia que sua mulher lhe estava sendo infiel.

A viagem de volta foi incômoda. Minha ama estava muito pálida e silenciosa, meu amo muito sério. Eu não sabia se estava zangado consigo mesmo por havê-la levado a casa, ou se era porque tinha visto algo entre ela e o novo inquilino de «Morro dos Ventos Uivantes». Nenhum dos dois tinha olhos para admirar a beleza do entardecer quando baixávamos a colina. Levantou-se a bruma e o ar estava espaçoso;

viam-se as montanhas ao longe. Subia uma ligeira brisa do páramo e as andorinhas e os vencejos voavam entre os ninhos nas frestas das rochas enquanto mirlos e astutas ensurdeciam com seu chamado noturno desde seus refúgios no alto das árvores, que se faziam mais e mais espessos à medida que nos aproximávamos do parque do Thrushcross. O pasto e os urzes tinham um aroma fragrante. Além do canto dos pássaros e do constante zumbido das abelhas, só se ouvia o ruído das rodas sobre o caminho irregular e o tamborilar dos cascos do pônei. Assim que chegamos minha ama disse que estava fatigada e foi diretamente a seu dormitório; meu amo se encerrou em seu estudo e eu fui ao quarto dos meninos pois passou a hora de dar de comer ao bebê e o menino Rainton estava de mau humor, como todos os meninos quando lhes passa a hora de ir-se à cama, especialmente quando como ele estão acostumados a uma rotina fixa.

Não sabia se a senhora Earnshaw fazia uma entrevista secreta com o capitão ou se foi o instinto o que a fez sair. A questão é que uns dias depois de nossa visita esperou a que o senhor Hareton tivesse saído para o Keighley, e então ordenou ao cavaleiro que selasse ao Minny. Quando comecei a repreendê-la, pô-me em meu lugar com aspereza.

—Tenho vontades de andar pelo parque, Agnes! Não tenho direito a fazê-lo, em minha própria casa? Até meu marido me dá permissão para andar pelo parque do Thrushcross.

Mas tal era seu júbilo que, ao recordar quantas olhadas tinha intercambiado com o capitão Ibbitson, tive razão em duvidar que essa cor das bochechas e esse brilho nos olhos fossem causados por um passeio dentro dos limites do parque. Subi as escadas com lentidão até que cheguei ao mais alto da casa. Ali me instalei frente à janela de um mezanino, olhando através do páramo em direção a «Morro dos Ventos Uivantes ».

Era um dia parecido ao da visita, exceto que estava mais afresco pois soprava uma brisa ligeira. O céu parecia mais azul ainda, e o brejo de um púrpura mais marcado.

Apesar de ter nascido nesse lugar, eu mesma me sentia excitada pelo dia.

Embora percorri com a vista o parque palmo a palmo, não vi sinais de minha ama. Então decidi, impetuosamente, ir atrás dela, para ver se minhas suspeitas eram corretas, em cujo caso lhe faria uma séria advertência. Ordenei à ama de leite que se encarregasse dos meninos até minha volta e logo passei junto ao estábulo em direção ao portão que levava diretamente ao páramo. Então comecei a subir lentamente pelo íngreme atalho que vai para «Morros dos Ventos Uivantes» que, como está justo detrás da colina , não se vê da Granja.

Em realidade, sentia-me muito feliz caminhando, e me pus a pensar que gozava de muito pouca liberdade. A minha ama nunca lhe ocorria me dar um dia livre, pensando que já era suficiente recompensa cuidar dos meninos e que nada eu gostava mais que acudir correndo quando me necessitava. Fazia muitas semanas que não via meus pais nem a meus irmãos. Não obstante, esse formoso dia, refletindo, cheguei à conclusão de que em muitos sentidos minha situação era afortunada. Não tinha frio, comia bem, estava bem abrigada. Meus amos não eram maus, e a criação dos pequenos era, em vários sentidos, uma verdadeira recompensa, pois era para eles, além de babá, mãe e pai de uma vez.

O senhor Hareton não parecia capaz de querer à pequena Margaret igual à seu filho, como se estivesse afetado pelo comportamento de sua mulher, ou possivelmente ansioso por não contrariá-la, demonstrando muito carinho. Era verdade que duas vezes por dia, amanhã e noite, levava aos dois meninos a seus pais, para que os acariciassem, mas nunca por mais de meia hora, e às vezes muito menos.

Enquanto assim ia caminhando, perdida em meus pensamentos, ouvi o tamborilar de cascos de cavalo e me pareceu ver minha ama que descia pelo atalho para onde eu estava. Melhor era que me preparasse a receber sua provocação por me ausentar de casa. Não seria melhor me esconder?, perguntei-me, pensando me agachar entre os pastos, mas antes de me decidir o cavalo já estava diante de mim. Escutei uma voz doce, de homem, que me saudava.

—Mas se for a moça que devia ver! Surpreendida, levantei a cabeça, me protegendo os olhos do sol, e devo confessar que o coração me deu um tombo de alegria ao ver o arrumado rosto do Roger, o servente dos «Morros». Me parecia muito bom moço, com seu cabelo castanho encaracolado e essa cara tão juvenil, pois era apenas um moço de dezenove anos mais ou menos, minha idade.

—O que te traz por para cá? —perguntou, baixando e tomando as rédeas.

—Procurava a minha ama —disse— Não está no parque, onde me disse que estaria.

—Ah, ah —disse Roger, rindo significativamente—. Isso disse, né? Que estaria no parque, né?

—Meu amo não quer que saia por temor a um acidente como o que lhe passou ao capitão. Teme por sua segurança, assim quando vi que não estava decidi sair a procurá-la.

—Parece-me que é melhor que não interfira —disse Roger—. Só posso te assegurar que nada passou a sua ama, pelo menos, não se tem cansado do cavalo. — Voltou a rir, e logo o descarado teve o atrevimento de me tomar da cintura, e me aproximando dele, deu-me um beijo na cara.

—É uma moça de qualidade, Agnes Dean, como me há dito seu irmão Arthur, que trabalhava na granja do Daggert, onde meu pai é ordenhadeira principal.

—Mas eu alguma vez te tinha visto antes —perguntei, meio zangada, meio adulada, e adotando o acento com que falamos os trabalhadores do lugar—. É do Gimmerton?

—Não, moça. A granja do Daggert está no Sharpthorpe, junto ao Bradford, perto do caminho do Bingley, mas dos quinze anos estou no Liverpool com a senhora Ibbitson. Conheci seu irmão a semana passada ao voltar para casa pela primeira vez em três anos, a ver meus pais. Disse-lhe que estava no «Morro dos Ventos Uivantes» e ele me disse que tinha uma irmã muito bonita que trabalhava na Granja. Eu lhe disse que não se consegue companhia feminina por estas partes; não é como Liverpool.

—Como está Arthur? —perguntei, pois não me ocorreu outra coisa; além disso, não tinha visto meu irmão, que é o mais próximo que tenho em idade, desde fazia meses. As distâncias fazem que não se viaje com frequência por esta região.

—Parece-me que está por ir-se viver na cidade. Diz que lhe interessa a indústria mais que o campo. Parece que irá ao Bradford a trabalhar nas fábricas que estão pondo ali.

Eu ainda sentia seu braço ao redor de minha cintura, mas não resistia porque não podia negar que era agradável e que me sentia adulada pela atenção que recebia deste arrumado jovem.

—E você vinha ver-me ? —prossegui—. Tem tanta liberdade, então?

—Ah, a isso ia, bonita. Saí com meu amo a cavalgar pelos páramos. Gosta de sair com alguém, por medo de que se volte a cair, pois, apesar de que o nega, com essa ferida não se sente muito seguro sobre um cavalo íamos pelo Penistone quando nos cruzou sua ama, montava em um cavalo grande, e os dois se surpreenderam, encantados, pelo encontro casual, e reprimiram suas cavalgadas. Meu amo pôs-se a rir e me disse que fosse. Parece que já não temia que lhe acontecesse nada. Voltou-se para

sua ama e então me dava conta de que não tinham olhos mais que o um para o outro, assim não lhes ia importar aonde ia eu. Como a senhora Ibbitson acredita que estou com ele... dirigi-me à Granja Thrushcross.

Tinha-me detido e o olhava fixamente, com os olhos como pratos.

—Pensa que tentavam encontrar-se?

—Acredito que no caso de meu amo, não. Do contrário, não me tivesse pedido que o acompanhasse. Depois de tudo ela é uma senhora casada, a proprietária da Granja Thrushcross. Suponho que não gostaria que todos se inteirassem que se encontram em segredo no meio do páramo. Mas, por outra parte, se tinham planejado encontrar-se, o fato de que eu estivesse ali o faria parecer accidental, e em caso de que me perguntassem isso, isso é o que diria eu.

O jovem Roger me sorriu e me dava conta de que não só era um homem encantador, mas também além disso era inteligente.

—É leal a seu amo? —perguntei-lhe astutamente.

—Sim, sou-o. É um bom homem. Chamamo-lo Capitão Jack. Espero ir à guerra com ele, como seu servente, se me aceitarem no exército.

—OH! —O pesar em minha voz fez que me olhasse com seus olhos risonhos e pícaros; atraiu-me novamente e me voltou a beijar, esta vez durante mais tempo.

—Te causou pena bonita?

—É obvio que não! —falei, acalorada—. O que você faz não me interessa. Apenas te conheço. —E me apartei para que não pensasse que já me tinha conquistado.

—A senhora Ibbitson não quer que vá, mas estou decidido, se o amo pode conseguir que me admitam. No exército, imagine! Voltaria freqüentemente —disse, me olhando, e eu pensei quão bem ficaria com um uniforme de soldado.

—Se é que não lhe matam —disse, e corri pelo caminho, para incomodá-lo; ele me seguiu, largando do cavalo. Assim chegamos à porta lateral da Granja Thrushcross, onde tomou-me em seus braços, e me apoiando contra a parede, beijou-me com força, até que o rechacei, dizendo que poderiam nos ver.

—É muito atrevido —disse—, e quanto antes entre no exército, para que ponham como deve ser, melhor para todos!

Olhou-me com esse sorriso audaz, muito dele.

—Não fala a sério, Agnes. Observei outro dia nos «Morros», a maneira que me olhava, e me dava conta de que seria bem recebido se vinha verte. Na cidade as moças são mais desenvolvidas, e não dão muita importância a um beijo.

—Até parece!

—Mas você é distinta. Estou decidido a te cortejar, Agnes Dean. Você gostaria?

—Talvez —disse, sabendo que meu coração estava ao seu dispor incondicionalmente. —Devo retornar com os meninos. Volta já para «Morro dos Ventos Uivantes»?

—Sim, a esperar por meu amo. Não direi nada da senhora Earnshaw a minha ama, embora seja muito indulgente com seu filho, a quem adora. Não duvido que ele mesmo o contará, para ser mãe e filho, são muito unidos, e não parecem ter segredos o um para o outro.

—O que lhe aconteceu ao senhor Ibbitson? —perguntei.

—Morreu antes que eu começasse a trabalhar com eles. Era um homem muito velho. Disseram-me que ela se casou já velha, e que ele tinha muito dinheiro.

—A que se dedicava?

—Vendia tecidos; tinha uma casa esplendida em Liverpool e uma boa entrada. O capitão Jack teve uma educação excelente, no colégio Winchester no sul, e logo

compraram uma nomeação para ele no exército. É um lar feliz. O ama é bondosa sem ser branda, e o capitão Jack magnífico.

—É um descarado —disse eu— por olhar tão descaradamente a uma senhora casada em presença do marido.

—OH, sim, é assim, e tem quebrado muitos corações. As mulheres não podem resistir. Mas isso é só em questões amorosas. Como homem e soldado é reto e honesto, embora tem um gênio muito forte quando se zanga. Queria que sua mãe fora a viver ao sul, pois seu regimento está em Londres, assim que se zangou quando ela decidiu vir aqui. Mas lhe faz as vontades em tudo, embora os ouvi discutir acaloradamente. Agora gosta do lugar tanto como a ela.

—Ainda não sabem como é o inverno —disse eu.

—Não, mas no inverno ela irá a Liverpool para os concertos, bailes e jogos de cartas. Aqui só estará no verão. É melhor que me apure em te cortejar, Agnes Dean.

—OH!, eu não sairei da Granja —disse— enquanto meus meninos careçam de pais.

—Que meninos?

—Os que cuido. Margaret e Rainton.

—Mas teem pai e mãe!

—Não, seus pais os ignoram. Ela é uma mãe má, uma má mulher em muitos sentidos. Eu acreditava que chegaria a querê-la, como toda boa empregada deve querer a sua ama, mas este último ano se levou de uma maneira muito estranha. Foi uma noiva tão bonita, tão encantadora! Ela e o senhor Hareton eram tão felizes! Tudo trocou o dia que nasceu Rainton.

—Sim, dizem que o amor se vai —suspirou Roger.

—Não, não dessa maneira. No caso dela, é como se assim o tivesse decidido, com perversidade. Rechaçou a seu marido e a seus filhos, e começou a afastar-se da casa. Sempre andava no páramo, inverno e verão. Sua mãe também foi muito estranha. Minha tia Nelly Dean a criou, e minha ama começou a parecer com ela à medida que foi crescendo. É uma larga história. Contarei-lhe isso algum dia.

—Assim gosta ao Capitão Jack —disse Roger—. As mulheres inquietas e ousadas, pelo general são infiéis a seus maridos.

—Pois não têm nenhum direito —disse mordazmente—. Seu lugar está em sua casa, junto a seu marido e a seus filhos.

—E você; será uma boa esposa, Agnes?

—Poderia ser —falei, mas como voltou a aproximar-se lhe empurrei, pois não queria que pensasse que era «fácil», como as mulheres que andavam com o Capitão Jack, ou talvez com o Roger—. Devo voltar com meus meninos.

—Posso vir te visitar?

—Se tiver tempo. Entra pela parte de atrás —disse—, porque não quero que se chegue a inteirar minha ama.

—Ela!

Sabendo o que ia dizer, meneei a cabeça.

—A mim não importa o que ela faça. Ou sim, importa-me, mas isso não vai afetar meu comportamento. Não aprovaria que tivesse nanorado, e me despediria. Tenho um posto muito bom para me arriscar, jovem Roger.

Mas deixei que me beijasse uma vez mais antes de nos separarmos, e com a cabeça que me dava voltas corri de retorno à Granja, pensando em quando voltaria a vê-lo.

O que foi muito antes do que pensava, como se verás.

Esse dia estava nas nuvens pela atenção do jovem Roger. Em realidade, sempre desfrutava com meu trabalho, mas esse dia me sentia leve, com o coração cheio de felicidade. Era tão notório, que se deu conta o ama de leite, Mary, quem me repreendeu pela aventura. Foi logo no meio da tarde que pensei em minha ama. Corri a seu quarto e o encontrei vazio. Então olhei na sala e cheguei à conclusão de que ainda não havia tornado. O amo chegaria a qualquer momento. Então notei que algo se movia no jardim, apareci e vi que era minha ama, sentada com seu trabalho tomando sol.

Senti-me envergonhada e saí, turvada e nervosa por meu próprio comportamento.

—Divertiu-se em seu passeio, senhora? —perguntei, me inclinando para recolher um novelo de lã.

—Pois sim, Agnes, e fiquei no parque, como prometi. —Senti que me ruborizava para ouvir essa mentira, e não pude evitar dizer:

—Verdade, senhora? Eu a busquei e não a encontrei.

—E por que —disse, cortante— me buscava?

—Podia ver se tudo estava bem, senhora.

—Te ocupe de suas coisas, entremetida!

Vi que tinha aborrecido a minha ama e que deveria ter muito cuidado, ou me enviaria de volta para casa, me tirando a possibilidade de voltar a ver o jovem Roger.

Mas não devia me haver preocupado pois em poucos dias uma das ajudantes da cozinha foi me buscar ao quarto dos meninos, me dizendo que me esperavam no pátio.

Falou em voz baixa, e lhe brilhavam os olhos de excitação, assim que me acelerou o coração, pois passava algo. Assumi uma expressão de gravidade, já que era muito mais jovem que eu e estava muito por debaixo na hierarquia do serviço. Disse-lhe que já iria, e que a pessoa que me buscava podia esperar. Mas assim que se foi saí correndo, atravessei a cozinha, e ao chegar ao alpendre vi o Roger, dando de beber a seu cavalo de um balde.

—Sim que é ousado! —exclamei—. Não sabe acaso que estou muito atarefada com minhas obrigações?

—Disse-te que te viria logo —exclamou Roger, olhando rapidamente a seu redor antes de me tomar da cintura. Liberei-me imediatamente, pois não queria que nos visse nenhum dos serventes—. E estou de serviço —disse, tirando um envelope do bolso de suas calças de montar—. Toma esta carta, é para sua ama.

—Do capitão Ibbitson! —exclamei.

—Sim. Disse que queria lhe enviar uma mensagem mas que não sabia como fazê-lo. Disse-lhe a verdade. Que te tinha visto e que eu gostava tanto que ia cortejar te. aplaudiu-se o joelho e riu, dizendo que era um acerto ideal, pois meu namoro lhe permitiria cortejar a sua ama.

—Por Deus, isto eu não gosto! —exclamei—. É algo malvado o que faz e me arrasta a fazer. Não enganarei a meu amo, a quem quero e admiro. —E lhe devolvi o envelope que me tinha posto nas mãos.

Então Roger atou o cavalo a um poste e tomando de um braço me levou aos estábulos, longe da cozinha. Não tratou de me tocar mas sim me olhou profundamente aos olhos.

—Me diga, moça, você crê que pode trocar os intuitos da Providência? Ou interferir nas intenções de nossos amos? Não sabe que sua ama deseja tanto a meu amo como ele a ela, e que nada os separará agora? Há-me dito que está enlouquecido por ela, que cada minuto que passa sem ela é uma agonia para ele. E diz que ela se sente igual,

que tudo começou no dia que se conheceram neste jardim. Se tratar de interferir, sua ama te enviará a sua casa e procurará outra que não a incomode.

Então me tomou atrevidamente e me apertando contra seu corpo jovem, beijou-me, me dizendo tantas coisas doces ao ouvido que a cabeça começou a me dar voltas e me dava conta de que se não o escutava, logo nos separaríamos. Conhecia minha ama e sabia como se enfureceria quando se inteirasse que tinha se despedido do Roger com a carta.

—Vê —exclamou Roger, excitado, me soltando depois de sentir a paixão com que respondia a seus beijos— poderemos nos ver, com a bênção de nossos superiores. Sabendo que conhecemos seu segredo, farão todo o possível por nos agradar, porque nos necessitam.

—É mau, Roger —disse, tomando a carta—, mas o que diz tem sentido. Nada tenho que ganhar se fizer o que sei que está bem ante Deus e meu amo. Ninguém me agradecerá isso quando empacotar minhas coisas e empreenda o caminho para casa. Meus meninos não me dirão obrigado por deixá-los; minha ama talvez minta ao dar minhas referências a um novo empregador, e não se consegue trabalho facilmente. Mas me entristece que minha ama engane desta maneira a seu marido legítimo.

—Tolices! —disse o muito descarado—. Meu amo logo se irá à guerra, me levando, espero. Então, você e sua ama ficarão em casa, sozinhas, com todo o tempo do mundo para ser virtuosas. Até então, por que não nos divertir todo o possível?

Devo reconhecer que seu entusiasmo era contagioso, e sei que cada vez que o via, mais me apaixonava por ele. Não podia me negar o prazer de vê-lo, fossem quais fossem as consequências para meu pobre amo.

—Devo ir agora —disse—. Meu amo sairá de casa ao páramo e me esperará junto ao portão de atrás. Acredito que lhe encontrará a amanhã, e devo voltar pela resposta hoje, mais tarde. Me mostre sue dormitório e atirarei pedrinhas na sua janela, para não incomodar aos serventes da cozinha, ou não lhes parará a língua.

Uma das janelas do quarto dos meninos dava ao pátio de atrás, e a indiquei; estava perto do final da casa, assim ninguém o veria. Beijou-me ligeiramente e correu a seu cavalo. Com grande dor na consciência me dirigi em busca de minha ama.

Estava na sala escrevendo cartas, e levantou a vista quando entrei. Imediatamente viu a carta em minha mão e indubitavelmente vendo a expressão de meu rosto, incorporou-se.

—O que acontece, Agnes? Tem algo para mim? dêem-me isso

Arrebatou-me a carta da mão e, me voltando as costas, rasgou o envelope, atirou-o ao chão e se dedicou à missiva, que conforme vi tinha várias páginas. Não sabia se ia ou ficava, e estava a ponto de me escapulir quando, com uma exclamação minha ama se voltou para mim, sustentando as páginas que estava lendo.

—Ah! Assim tem um pretendente, pícara! Está-me utilizando para ter entrevistas secretas com este jovem rufião.

Pu-me tão furiosa com a injustiça de sua observação que estava a ponto de replicar quando observei que sorria e, em lugar de estar zangada, tinha uma expressão terna no olhar.

—OH, Agnes, me alegro tanto que você também tenha descoberto o amor! Porque eu sou tão imensamente feliz que quero que todos compartilhem minha felicidade, mas não posso. Agora posso confiar em ti, Agnes, e você em mim. Vêem, sente-se. Me conte dele. É bonito?

—OH, senhora! —Estava tão envergonhada que não sabia aonde olhar. Minha ama me abraçava e me considerava uma amiga! Poderiam voltar aqueles primeiros dias,

quando logo entrei em seu serviço? Era possível que o bem resultasse do mal? Pois o que ela fazia era muito mau. No fundo de meu coração não tinha nenhuma dúvida.

—Já sei! É o alto o que trouxe as cadeiras, que veio nos buscar! Não pode ser outro, pois era a mais jovem e o melhor moço.

Maravilhou-me que tivesse olhos para alguém, mais que seu amado, mas não disse nada, e baixei a cabeça.

—É ele, não, Agnes? Como se chama?

—Roger.

—Ah, sim —voltou a olhar a carta—. «Roger. Meu fiel servente Roger, a quem espero levar comigo à frente». OH, Agnes, as duas sofreremos quando se forem! Poderemos nos consolar reciprocamente!

Adivinhei que minha ama me estava implicando em seu mal proceder, enquanto eu pensava que receber uns poucos beijos de um homem solteiro igual a mim não fazia mal a ninguém.

—Me olhe, Agnes. Por que evita meu olhar? É acanhamento? Ou é...? Sim, não aprova isto, verdade? Pensa que faço mau.

—OH, sim, senhora! —exclamei, me esfregando as mãos—. Você sabe que G gosto e respeito o senhor Hareton. É tão bom como o Capitão Jack, mas é seu marido, senhora, e lhe deve respeito.

Minha ama não me repreendeu, como esperava, mas sim ficou de pé e foi à janela. Ficou olhando durante um comprido momento o páramo que tanto amava.

—Sei que perante seus olhos e aos olhos do mundo faço mau, Agnes. Mas sei que ante meus olhos, e acredito que ante os de Deus, não faço nenhum mal ao Hareton. Ele é quem mudou, não eu. Não é o homem forte que me apaixonei, uma criatura dos páramos, selvagem e ignorante. «Morro dos Ventos Uivantes » significava muito mais do que eu acreditava, Agnes. Mamãe e Hareton nasceram nessa casa, e embora não fui feliz ali ao princípio, foi ali onde comecei a amar o Hareton e, indiretamente, ao lugar. Não te dá conta de que agora não é só Jack, mas também o lugar, o que me faz sentir livre? Jack tem nele o espírito do «Morro dos Ventos Uivantes»: o amor ao páramo. Nele se sente como em sua casa, há-me dito, igual a em meus braços. OH, sei que te escandalizo, Agnes, mas esse dia que vi o Jack aqui, quando batizaram à menina, soube que estávamos destinados o um ao outro. Olhou-me e não houve nada que eu pudesse fazer: no lago profundo de seus olhos vi assinado meu destino.

—Senhora, o que vai fazer?

—Fazer? Não pensamos no que deveríamos fazer. Jack me levará algum dia ao sul e com o tempo quando nos esquecerem, voltaremos a viver em «Morro dos Ventos Uivantes», quando terminar a guerra.

—A gente nunca esquecerá, senhora.

—Nesse caso terão que aceitá-lo. Não me importa, e se ao Hareton importa, porque se vá a outro lado.

—Mas os meninos, senhora!

Minha ama fez uma pausa e me olhou.

—Sabe que esse é um ponto que não estou orgulhosa, Agnes. OH, há muitas outras coisas, mas esse em particular... Nunca quis a meus filhos. Quis o Rainton a princípio, acredito, mas era um amor misturado com a lástima que sentia pelo Hareton. Logo, quando deixei de amar ao Hareton, deixei de amar ao Rainton. Talvez seja porque eu nunca tive o amor de minha mãe; por isso não posso ser uma boa mãe. Pensava que se via mamãe, embora fora uma só vez, ajudaria-me a amar a meus filhos. Mas são formosos, Agnes; você os ama e Hareton também. Mary os ama; nunca lhes faltará carinho. Estarão melhor sem mim. Faço-lhes mal, ficando, mas entretanto, devo ficar

durante algum tempo. Rogo a Deus que a guerra termine logo, para que Jack retorne para sempre.

—Não ficará no exército, senhora?

—OH, acredito que sim. É sua profissão, mas eu irei com ele aonde vá, e, quando pudermos, retornaremos a «Morro dos Ventos Uivantes».

Eu era uma menina virtualmente então, senhor Lockwood, de dezenove anos, e nunca me tinha afastado mais de dez quilômetros do Gimmerton em toda a vida.

Entretanto, apesar de minha ignorância, pude visualizar uma vida de esbanjamento, uma vida excitante, de lugar em lugar, país em país. Minha ama e o Capitão Jack, e talvez eu e o servente do capitão, Roger. Era uma idéia absurda e malvada, mas atraente. Então pensei nesses meninos sem mãe e esse homem com o coração destroçado que nunca tinha feito mal a ninguém, e que ficaria sozinho. Desejei então não ter sabido nada da infidelidade da senhora Earnshaw, embora era muito tarde para voltar atrás.

Minha ama estava na escrivaninha, escrevendo desesperadamente. depois de terminar a carta, beijou-a, pôs em um envelope, selou-o e me entregou .

—Diz que Roger virá às três a procurar a resposta. Acredito temente que lhe diga que não; que me tenha arrependido de minha loucura do outro dia, no páramo.

Mas, Agnes, não me arrependi. Amo ao Jack Ibbitson. Ele é minha vida e sem ele não poderei voltar a ser feliz.

CAPÍTULO 7

O resto do verão conspirei, dia a dia, ajudando a minha ama em sua relação ilícita com o Capitão Ibbitson. Enviava oas «Morros» com um bilhete, o jovem Roger vinha a cavalo, parava-se frente a minha janela, atirando pedrinhas até que eu saía, e então me dava a última missiva de seu amo. Algumas vezes, apesar de que os amantes se acabavam de ver, chegava uma carta de «Morro dos Ventos Uivantes», sem dúvida contendo a efusão dos sentimentos do capitão pela senhora Earnshaw. Então eu lhe levava a carta e, enquanto ela riscava uma resposta, passava um momento agradável com o Roger, nos beijando à sombra do alpendre da parte posterior da casa.

Devo confessar que era excitante para uma serviçal como eu, cuja vida tinha seguido um curso monótono desde dia em que veio a este mundo. E estava tão apaixonada pelo Roger que não podia reprovar a minha ama por sentir uma felicidade parecida com a minha. Pois nunca a tinha visto tão feliz, nem tampouco tão agradável nem atenta com seu marido. O pobre homem não suspeitava nada. Suas ocupações como magistrado o mantinham longe da casa durante largas horas; além disso, tinha interesses próprios na indústria armazéma de lã, de recente desenvolvimento no Bradford, que avançava a grandes passada graças aos novos inventos dos senhores Cartwright e Watt durante o século anterior. Agora estamos acostumados a que as fábricas sigam a vapor, mas então tudo era muito novo, recém se começavam a construir as fábricas que substituíam as indústrias que eu tinha conhecido de menina, localizadas em casas de família.

De todos os modos, o senhor Hareton estava entre os primeiros dessa zona, em interessar-se nos novos processos e se for verdade que com o tempo se enriqueceu, o

merecia, pois se arriscou, e é verdade também que lhe trouxe dor e duro trabalho, como se verá, pois o dinheiro não compra a felicidade.

Assim, o senhor Hareton estava fora muito tempo, e às vezes não dormia em casa; quando isso acontecia não era estranho que minha ama tampouco ficasse em casa, feito que eu tratava desesperadamente de ocultar a outros serventes, sem resultado, pois o pessoal de uma casa grande sempre está a par de tudo. De qualquer maneira, a informação não provinha de mim.

Em realidade minha ama se foi voltando cada vez mais ousada, como acontece quando se sente dominada por uma paixão temerária; não parecia lhe importar que Hareton se inteirasse.

Logo, um horrível dia por volta de fins de setembro aconteceu um duplo desastre que não vou esquecer até o dia que mora. Ou melhor, o primeiro não foi tanto um desastre, mas sim algo que as duas sabíamos que era inevitável, e que devíamos esperar.

O capitão Ibbitson enviou uma carta pela manhã cedo, antes de que saísse o amo, e tive que ter muito cuidado em entregá-la para que ele não a visse. A notícia fez que o ama fora correndo ao quarto dos meninos.

—OH, Agnes, Jack deve retornar ao exército. chegaram seus papéis e parte a semana que vem. Roga-me que vá hoje ao «Morro», assim que possa. OH, Agnes —e se desabou sobre meu ombro; não pude fazer nada para evitar que chorasse desesperadamente, pois eu também estava oprimida, já que sabia que esse também era o fim de meus namoricos. Mas algo mais passava esse dia, além da triste notícia que recebemos cedo. O senhor Hareton se mostrou áspero com minha ama, e anunciou que só iria ao Gimmerton e retornaria para o almoço, que esses dias tínhamos às quatro. Notei que não beijava a sua mulher, como acostumava fazer ao sair, nem tampouco aos meninos, a quem dava a bênção para o resto do dia. Era como se estivesse esperando por más notícias. Minha ama estava tão desolada que não se deu conta de nada e, assim que deixou de ouvir o ruído dos cascos do cavalo do amo, saiu com o Minny através do parque, transpondo o portão da parte de atrás, como era seu costume.

Eu me sentia incômoda e triste, e fiquei pensativa. Justo antes da hora da comida ouvi pisadas de cavalo e, ao aparecer, vi meu amo acompanhado por um cavalheiro. Era o senhor Green, o advogado do Gimmerton, a quem só conhecia de vista porque minha irmã Joan tinha trabalhado em sua casa. Era de tão mau gênio que ela se foi e agora, para melhor ou pior, trabalha em uma das novas fiações do Keighley.

De repente, a casa inteira se viu tumultuada. Meu amo entrou no vestibulo do piso inferior e começou a gritar, chamando à senhora, e se ouviu o ruído de serventes que subiam e baixavam escadas, simulando que a buscavam, pois sabiam muito bem que não estava. Logo o senhor Hareton em pessoa entrou como trovão no quarto dos meninos e perguntou aonde estava.

—Não... não sei, senhor —gaguejei, e o senhor Hareton tomou bruscamente dos ombros.

—Não me minta, moça! Você é sua donzela pessoal. É sua obrigação saber onde está sua ama!

Olhei-o fixamente, geada de medo, quando se ouviram novas pegadas de cavalo no pátio, o que significava que provavelmente o ama retornava a casa, com a esperança de chegar antes que seu marido. Esquecendo sua posição como amo da casa, ou que sua mulher era o ama, foi à janela, abriu-a e bramou:

—Catherine! Sobe imediatamente! —Em três pernadas chegou a saleta do primeiro piso, que é o piso em que está o quarto dos meninos. Corri a ajudar a que o ama se tirasse o casaco e vi que tinha a cara vermelha e que estava toda desarrumada.

Subia a escada respirando com dificuldade, como se tivesse vindo a todo galope. Quando me viu apurou o passo e se aferrou para mim, dizendo:

—O que acontece, Agnes? O que acontece a seu amo?

—Não sei, senhora, exceto que está muito perturbado, e que trouxe para o senhor Green, o advogado!

Minha pobre ama começou a tremer, aferrando-se a mim de uma maneira lastimosa, mas apareceu o amo e ao vê-la voltou a gritar.

—Catherine, estamo-lhe aguardando na sala.

—Não posso me arrumar um pouco, Hareton? —disse fracamente minha ama, mas ele tomou-a com brutalidade e com o casaco meio tirado, arrastou-a à sala. Seguiu-os, tratando de lhe tirar o casaco como podia, mas ninguém me emprestou atenção, e é por isso que posso dizer o que aconteceu.

O senhor Green estava de pé junto a lareira, com aspecto de uma pessoa doente. Nunca tem muito bom aspecto, de todos os modos, pois se excede no peso; deve ser de roubar às pessoas, como todos os advogados. Entretanto, seu rosto normalmente corado tinha uma palidez mortal, e ao ver a senhora e ao amo furioso, pareceu querer esconder-se na lareira. O senhor Hareton arrastou a sua mulher até pô-la em frente do advogado, e logo lhe deu um empurrãozinho, de maneira que quase a atirou em cima do senhor Green. Nunca tinha visto fazer nada tão grosseiro ao senhor Hareton, e me fez recordar de sua má criação.

—Escute bem, senhora! Escute o que tem que dizer Green, e logo me diga se estiver orgulhosa de seu proceder.

O senhor Green se esclareceu garganta mas não lhe saiu nenhum ruído, até que perguntou se não podia tomar um gole de água. O amo gritou, entretanto:

—Termine, homem! Termine de uma vez, digo-lhe! lhe diga o que sabe. Está bem, ajudarei-o. Eu lhe direi o que sabe a aldeia inteira, e Agnes, aqui presente, e todos os serventes, e todo mundo até a cidade dos York. Que me põe os chifres! Todo mundo sabe, exceto eu! Todos sabem que minha esposa já não me é fiel, que se deita com outro homem, e que esse homem é o inquilino de «Morro dos Ventos Uivantes». Mas há mais, há mais. Diga-lhe Green! Diga-lhe

Minha ama tremia de tal maneira que, simulando que lhe ia tirar o casaco, apertei-lhe o braço para lhe dar valor, temerosa do que poderiam dizer a seguir. Green voltou a esclarecê-la garganta e logo com voz cantada que não estava de acordo com sua gordura, gaguejou:

—O Capitão Ibbitson é filho do defunto senhor Heathcliff. O...

Para ouvir essas palavras minha ama se desabou ao chão, e eu me ajoelhei a socorrê-la. Lhe moviam as pálpebras, entretanto, por isso pensei que fingia, mas em realidade já não podia suportar nada mais. Entretanto, apesar de seu estado, meu amo não teve piedade. Parado em cima dela, com as pernas abertas sobre seu corpo, olhou-a com fúria.

—Sabia isso, Catherine? Sabia isso?

Minha ama gemia, mas eu me dava conta de que entendia o que lhe diziam, pois tratou de sentar-se, e olhou, abobalhada, a seu marido, de aspecto apavorante.

—O que é o que diz, Hareton? Que Jack...?

—Sim, é o bastardo do Heathcliff. Alguma vez notou o parecido? É obvio que o notou. Eu sim, só que sempre recordávamos a seu pai como de média idade, e o filho é uma versão muito mais jovem. Mas eu notei a parecência, especialmente o dia que fomos tomar o chá; então comecei a fazer averiguações por intermédio deste rufião sem princípios, Green, que é capaz de fazer qualquer coisa, sempre que lhe lubrifiquem bem as mãos. Fez todo o possível por me privar de minha herança, e a ti da tua, atrasando-se

enquanto seu pai morria, e apesar de que odiava ao Heathcliff tanto como qualquer, este lhe pagou muito bem para que enganasse e roubasse. Assim pensei, quem melhor que este descarado para rastrear a origem da senhora Ibbitson e seu bom filho e para averiguar a verdadeira razão pela que alugaram uma casa por estes lugares? Direi-te que suspeite assim que o vi, mas quando pude apreciar que ela era uma dama distinguida, acostumada à boa vida, dava-me conta de que ia se sentir tão cômoda nos «Morros» como uma porca na sala de um cavalheiro. Assim hoje... —O senhor Hareton deu um passo e tirou de uma orelha ao senhor Green, o que me deixou geada—, hoje este imbecil incompetente e servil me manda chamar para que vá ver o, pensando que sei o que ele sabe e é por isso que quero averiguar mais. Pensou que eu sabia que te via com o arrumado soldado, e essa era a razão pela que queria saber mais. Ao mesmo tempo que me informa sobre o passado da dama e seu filho, deixa deslizar a informação de que não passa um dia sem que você e o capitão se encontrem no páramo, em um celeiro ou nos «Morros», onde essa malvada mulher não vê nada mau na sedução de uma mulher casada porque ela no passado não foi mais que uma puta.

—Dorothy Ibbitson foi a amante do Heathcliff, intermitentemente, durante três ou quatro anos, quando ele se foi dos «Morros» porque sua mãe não queria casar-se com ele; preferia os finos maneiras de seu pai e a comodidade da Granja Thrushcross.

Eu era um bebê então, e você não tinha nascido, mas sei o que aconteceu quando retornou se dedicou a arruinar a meu pai e foi a causa da morte de sua mãe. E eu o queria. Sim, digo-o! Tinha que gostar a alguém, e quis ao Heathcliff, porque apesar de sua brutalidade não me tratava mau, e embora me negou o que me pertencia por nascimento, e me tratava como a um servente, falava comigo. Eu era um pobre órfão, e o considerava meu pai, ou talvez meu amo, e quando morreu chorei. Mas já não mais. Agora não só espero que se esteja apodrecendo no inferno, mas também sofra o tortura e a agonia dos condenados eternamente, e que se retorça como um porco atravessado por um crave...

—OH, Hareton... —disse minha ama, estendendo a mão, mas nada era capaz de acalmar a ira de meu amo.

—Não só nos privou da felicidade em vida, mas também de morto nos envia sua semente para que siga atormentando aos Earnshaw, privando do que lhes pertence e que conseguiram legalmente e com honestidade. Você é minha esposa legítima, e te dei tudo o que tenho. Entretanto, assim que vê este feto de Satanás, corre a seus braços como a prostituta de sua mãe. Para isso veio, para me tirar o que mais honrava e amava neste mundo? A única coisa, a única mulher que amei, e que um dia me amou?

Meu amo se afogou e vi, horrorizada, que seus formosos olhos se enchiam de lágrimas que começavam a deslizar-se por sua cara. É terrível ver chorar a um homem grande. Mas sufocou os soluços, esfregou-se os olhos com os punhos e com voz forte e vigorosa exclamou:

—Liberarei ao Gimmerton da maldição de Satanás e da de sua mãe, puta de Satanás. Varrerei o chão com eles!

Não sei se foi pelas lágrimas do senhor Hareton, ou porque encontrou força de alguma parte, a questão é que o afetado esclareceu a garganta e falou, esta vez com voz mais firme.

—Não, senhor, isso não o pode fazer. Eu estendi o contrato de aluguel para a senhora Ibbitson, e lhe asseguro que não pode rompê-lo. Recorde bem que você queria assegurar-se que não houvesse forma de que se fora até depois de um bom tempo. Você não pode fazer nada. Ela é seu inquilino durante cinco anos, goste ou não.

Green, como todos os covardes, estava contente de aferrar-se à letra da lei, e a meu amo lhe escureceu o rosto ao dar-se conta do que tinha feito. Também se calou. Minha pobre ama murmurou:

—Hareton, posso ir para meu quarto? Tenho palpitações, e não me sinto bem.

—Vá a seu quarto! —gritou grosseiramente Hareton— e fique ali até que diga o que fazer contigo!

Vi que minha ama seguia com o casaco posto pela metade, e a segui pelo corredor, tratando de ajudá-la. Entrou em seu dormitório e atirou-se sobre a cama, onde pôs-se a chorar desesperadamente. Eu estava asustadíssima, e tratei de acalmá-la; sentia muita lástima pela tola mulher que agora via sua vida arruinada. Eu conhecia o orgulho do senhor Hareton, assim pensava que não a perdoaria agora nem nunca.

Estava-lhe dando tapinhas no ombro e lhe dizendo o que me vinha em mente quando ela se incorporou com a cara banhada em lágrimas mas com um brilho nos olhos que não tinha antes.

—Agnes! Devemos partir imediatamente, enquanto Green ainda está com ele, enquanto decidem o que fazer. Já é quase de noite. Devemos ir já.

—Ir, senhora? —perguntei, confundida—. Aonde?

—Ao «Morro dos Ventos Uivantes», onde está Jack, onde estaremos seguras. Hareton está louco. Nunca me perdoará; é possível que me ponha prisioneira e te despeça, porque é amiga minha. É capaz de me encerrar em um manicômio. Eu sabia que se fazia zangar ao Hareton seria inflexível, porque no fundo é um camponês e não um cavalheiro. Terá visto o violento e abusivo que foi comigo e com o Green. Rápido. Desce fala ao cavaliço que sele ao Minny. Você irá na garupa.

—Eu senhora? —exclamei, estupefata—. Mas se eu devo ficar com seus filhos.

—Pensa que permitirá que fique uma noite mais em baixo este teto depois de me ajudar a fugir? Jogará-te em meio da escuridão, sem lhe importar o que te possa acontecer, nem se lhe assaltam os fantasmas dos páramos caminhando a sua casa. Não, você vai comigo, Agnes Dean. Rápido. Procura seu xale e te reúna comigo no pátio. Devemos ir antes que seja tarde.

Saí ao corredor e vendo que ainda seguia fechada a porta da sala e que estavam conversando, fui correndo ao quarto dos meninos onde sem fôlego disse a Mary que devia sair por um assunto urgente, assim devia cuidar dos meninos. Beijei-os porque não sabia quando voltaria a vê-los e com lágrimas nos olhos foi aos estábulos.

Nunca esquecerei esse cruzamento dos páramos ao entardecer; aferrava-me à cintura de minha ama com os dois braços, do medo que tinha de cair, pois minha ama tinha decidido não alertar ao cavaliço, assim íamos em cabelo. Como ela era um cavaleiro excelente, não havia muito perigo nesse sentido, mas o mesmo para mim foi um pesadelo. Lembro-me, entretanto, que os páramos ofereciam uma visão maravilhosa ao cair a tarde. Os raios do sol poente iluminavam o brejo aqui e ali, e à medida que avançávamos começamos a ver «Morro dos Ventos Uivantes, desolada e triste, enquanto se terminava a luz e crescia a escuridão. Por fim chegamos à porta.

Houve uma comoção quando um servente correu ao ver quem se aproximava, e ao me dar conta de que era Roger quase caí do cavalo em seus braços, e logo acudiram o senhor Ibbitson e sua mãe, e todos falavam de uma vez, e minha ama chorava e falava com mesmo tempo, até que o capitão a abraçou e a levou a casa.

Deve ter sido um espetáculo cômico para o que acertasse a nos ver, pois o ama chorava, tirada no braço do capitão, eu, a servente, fazia o mesmo, acompanhada pelo Roger, enquanto que a senhora Ibbitson, com a cara contorcida, pela preocupação, caminhava de um lugar para outro tratando de fazer que o ama tomasse um copo de conhaque e eu um pouco de licor de laranjas. Por fim os soluços de minha ama não

foram tão violentos; o capitão fez que se sentasse em uma poltrona, lhe pedindo que falasse, mas ela meneou a cabeça e começou a tremer. Ele me olhou. Eu me tinha serenado com o licor, disse:

—A senhora Earnshaw fugiu que sua casa, senhor. Seu marido se inteirou de que se vê com você.

—Ah!, isso me parecia —disse a senhora Ibbitson, dando um golpe com o pé—. Quem o disse?

—Todo mundo sabe, senhora —disse eu, me atrevendo a falar com sinceridade

—. O único que não sabia era o marido, até que o advogado o disse.

—Green?

—Sim, senhora.

—Mas, por que fez uma coisa assim Green? Alguma vez se não gostou, mas, era assunto dele, por acaso?

—Acredito que o amo lhe pediu que averiguasse algo, senhora —murmurei, sem saber como seguir, e então minha ama deu um grande gemido e explorou:

—Disse que você é o filho do senhor Heathcliff, meu finado sogro! OH, diga que não é verdade, Jack! Isso enfurece mais ao Hareton que perder a sua mulher a um estranho.

O capitão pigareou e olhou a sua mãe, com uma expressão de fúria em seus olhos negros.

—É obvio que não sou filho desse senhor Heathcliff, seja quem fora. Sou filho do falecido Josiah Ibbitson, comerciante do Liverpool. Por que diria uma coisa assim? Olhou, furioso a sua mãe que começou a retorcer o lenço que tinha na mão, presa de emoções conflitivas.

—Mamãe! —exclamou o capitão—. Por que diria tal coisa? Não sou filho do Josiah?

—Hareton diz que é parecido ao Heathcliff, e tem razão. A princípio não o notei porque só conheci o senhor Heathcliff quando era adulto, um homem de quase quarenta anos, corpulento, embora bem conservado para sua idade. Mas agora o vejo: é muito parecido. Sobre tudo nos olhos, e na tez morena, como de cigano. Então pensei... OH, Jack, não creia que sou tola! Pensei que essa era a razão pela que me apaixonei por ti a primeira vista, porque mamãe amou a seu pai e morreu por ele... Mamãe queria que eu estivesse aqui em «Morro dos Ventos Uivantes» contigo, que conhecesse o amor e a paixão que lhe foi negada com o Heathcliff.

—Mas isso é absurdo... —começou a dizer o capitão, com o rosto arrebatado de fúria—. Eu sou...

Mas a senhora Ibbitson ficou de pé, lutando por controlar-se, como pude ver, e aproximou-se de seu filho, levantando a cabeça com orgulho.

—É filho do Heathcliff, Jack. Não o negarei. Em realidade, estou orgulhosa de que assim seja, pois nunca amei ao Josiah Ibbitson da maneira que amei ao Heathcliff. Josiah era um bom homem, e se casou comigo quando era um bebê. Tinha-me cortejado durante muitos anos. Era um viúvo, muito mais velho que eu, e te tratou como seu filho, te dando uma boa educação e um bom começo na vida, como poderia desejar o filho de um cavalheiro.

O capitão Jack se afundou no sofá junto à senhora Earnshaw e escondeu a cabeça entre as mãos.

—Por que não me disse isso antes, mãe?

—Não havia necessidade. Foi feliz, estava contente. Eu amava a seu pai e odiava aos Earnshaw, que o tinham tratado como a um servente, fazendo-o comer e dormir em outra parte. Amava a Catherine Earnshaw, sua mãe —disse, olhando a minha ama—.

Cresceram juntos, mas ela o desprezou, porque era pobre e ignorante, e o rechaçou pelo dono da Granja Thrushcross, que tinha dinheiro e boas maneiras.

—Heathcliff fugiu a Liverpool, de onde provinha (isso era tudo o que sabia ele) e trabalhou nos moles para ganhar dinheiro e aprender algo, e foi assim como o conheci.

Era a filha da proprietária da pensão onde ele vivia; eu tinha uma pequena escola para moças, a quem ensinava comportamento e noções elementares. Eu também tinha subido na vida de um berço muito humilde; era filha de um estivador. Era quase impossível melhorar a posição nesses dias mas, como Heathcliff, eu trabalhei duro até obtê-lo. Mas embora vivia em um bairro melhor, não descuidava a minha mãe, visitava-a todas as semanas e lhe dava um pouco de dinheiro. Foi assim conheci este jovem encantador, moreno e bonito, que lutava por melhorar sua posição no mundo, trabalhando de manhã e noite com esse fim. Instintivamente senti grande afeto por ele; não havia mulher que resistisse, pois era muito bom moço. Tinha o mesmo magnetismo que herdaste você, Jack. Além disso, eu admirava sua dedicação, e queria ajudá-lo, assim que lhe dava lições de comportamento e lhe ensinei aritmética, e a ler e escrever.

—Era muito bom aluno, estava ansioso por aprender e tinha aptidões, o que me fez pensar que sua verdadeira família devia ter sido boa. Mas era ambicioso e queria fazer dinheiro para casar-se com essa moça, Catherine Earnshaw, a quem amava, e a que tinha deixado. Assim que se foi de Liverpool, mas cada vez que voltava lhe via mais próspero. Então minha mãe já tinha morrido, e eu tinha minha própria pensão, assim parava em minha casa. Com o tempo aconteceu o inevitável, e nos convertemos em amantes. OH; confesso que sempre tinha esperanças de que se esquecesse do Catherine e se casasse comigo, mas sempre foi honesto e me dizia que embora eu tinha um lugar em seu coração, era com ela com quem queria casar. Era generoso comigo, dava-me dinheiro antes de ir-se.

—Bom, por fim um dia veio e me disse que tinha bastante dinheiro para viver como um rico, assim estava preparado para ir pedir a mão do Catherine. Talvez compraria «Morro dos Ventos Uivantes» de seu irmão, seu dono, porque ela amava o lugar. Eu seguia querendo-o me entreguei a ele, porque ele me desejava, e foi então quando foi concebido, Jack. Ele não soube, porque para quando eu mesma o descobri, ele tinha partido. Não quis nada dele, até que depois de sua morte o advogado me enviou uma carta e um dinheiro que me deixava Heathcliff. Na carta me contava de sua vida triste e que sua amada Catherine estava casada quando ele voltou, e que tinha morrido ao dar a luz em menos de um ano. Ele tinha jurado vingar-se de seu irmão e das famílias Earnshaw e Linton por priva-lo de uma boa educação quando menino, e de Catherine quando homem. Disse que agora que tinha o que queria, já nada lhe importava, e queria morrer. Mas me recordava com afeto, e se perguntava o que teria sido de mim. Se ainda vivia e recebia essa carta, pedia-me que pensasse bem dele e que comprasse alguma lembrança com o dinheiro que me enviava.

—Depois que se foi, pensei que voltaria, mas com o tempo acreditei que tudo tinha saído como ele queria, que estaria casado com o Catherine e que não queria que lhe recordassem o passado. Nasceu você e depois de um tempo decidi me casar com o Josiah, que me cortejava a muito tempo e que me daria dinheiro e me faria uma mulher respeitável. Nunca me arrependi, e fui feliz com ele até que morreu. Mas nunca esqueci ao Heathcliff, que foi o amor de minha vida. Depois que morreu, e o advogado me enviou a carta e o dinheiro que me deixou, e me inteirei de seus anos de sofrimento, pensei em retornar e vingar sua memória, e também me vingar eu, pelo magnífico homem que tinha perdido. Já o consegui. —Sorriu e olhou a seu filho. —Sem nenhum esforço, vi triunfar a justiça. Tenho esta casa, e você tem a sua esposa. Que os Earnshaw

sofram pelo que fizeram ao Heathcliff, o melhor homem que conheci, o mais direito e o mais honesto.

Os olhos de minha ama estavam secos agora. Tinha escutado à senhora Ibbitson como em um transe, igual a seu filho. A senhora Ibbitson era uma mulher formosa, alta, com uma voz ressonante, e relatou muito bem sua história. Ninguém podia negar que estava convencida que tinha a razão, e que tinha feito algo justo, embora eu sabia que seu estratagema tinha sido malvada, e que estava equivocada em desejar o mal ao pobre senhor Hareton. Foi aonde estava seu filho e lhe pôs a mão no ombro.

—Não tema, Jack. Seu pai foi um homem honesto e decente: apesar do que possam dizer outros, lhe fez uma grande injustiça na vida. Você é um orgulho para mim, como seria para ele. É vigoroso, inteligente e próspero. Muitas vezes desejo que te tivesse conhecido porque seu próprio filho, como me dizia na carta, foi uma triste decepção para ele. Talvez cometi um engano em não lhe dizer de sua existência, talvez não. Mas não me arrependo de nada. O fato, feito está.

—E o que faremos agora, mãe? —disse Jack em voz muito baixa, como se se desse conta pela primeira vez que nem tudo era tão honesto como pensava sua mãe—. Se veio aqui com a esperança de que seduzira à mulher do Hareton, saiu bem. A amo, e ela me ama. Mas o que faremos agora? Sou um capitão do exército do rei. Chamam-me de meu regimento. Crie que posso levá-la comigo à frente na França? O que diria o comandante? O que faremos agora, mãe? Você deve decidir. Ela ficou de pé e começou a caminhar pela sala.

—Levarei ao Catherine a Liverpool —disse com firmeza a senhora Ibbitson—. Por um tempo. Logo retornaremos. Não quero que Hareton pense que isto é todo o preço que deve pagar. A Granja Thrushcross pertencia ao Heathcliff. Era dela, por herança; dizia-me isso na carta. É tua, Jack, pois é seu filho. Talvez —adicionou, encolhendo-se de ombros—, não é tua de acordo com a letra da lei, pois não estávamos casados e os bastardos não herdamos; mas moralmente, e ante os olhos de Deus, você é o dono da Granja Thrushcross e de «Morro dos Ventos Uivantes», e é minha intenção que passem a suas mãos, igual à mulher do Hareton. Que fuja de vergonha! Que fique em completa ruína!

—OH, não —exclamou a senhora Earnshaw—. Não seja cruel com o Hareton. Não lhe desejo nenhum mal, conheço-o desde menino e ele também foi maltratado pelo Heathcliff, embora não por nada que tivesse feito ele, a não ser simplesmente porque era um Earnshaw. Esta luta deve terminar.

Não posso voltar com o Hareton, mas não lhe desejo o mal. Que fique com a Granja. Eu não a quero, nem tampouco quero dinheiro, nem roupas elegantes. Só quero ao Jack. OH, Jack!

Correu a seus braços, e ele a cobriu em um abraço protetor, beijando docemente seus lábios.

—Mas deixem ficar aqui. Permitam ficar em «Morro dos Ventos Uivantes». Vejo agora que mamãe queria que estivesse aqui com o Jack, e foi por isso que me fez gestos essa noite. Por favor, deixe que fique. Por favor.

—Querida minha —disse o capitão Jack—. Não pode ficar aqui. Quando eu vá, Hareton virá a te levar. Enviará a seus serventes para que lhe busquem. Você é de sua propriedade, e ele é um magistrado. Mamãe tem razão—, deve ir para Liverpool, e logo talvez peçamos o divórcio. Neste momento não sei. Meu deus, isto passou em um mau momento.

Pude apreciar que o capitão estava causando pena e preocupado pelo acontecido, e que não era responsável absolutamente. Imagino que lhe tivesse bastado jogar com uma mulher casada, gozar enquanto estava de licença, e logo ir-se voltar a divertir-se em

algum outro lugar, como Londres, ou talvez Flandes, ou França. Verdadeiramente era filho do senhor Heathcliff: de tal pau, tal lasca. E meu pobre ama! O que seria dela agora?

—Me leve contigo, Jack! Rogo-lhe isso. Não te estorvarei. Hospedarei-me perto de ti. OH, Jack! Amo-te tanto! Não permita que nos separemos. Rogo-lhe isso.

Ainda estava em braços dele, que voltou a estreitá-la com mais força, mas seu grave rosto estava pensativo. Ela seria uma carga para ele, um apêndice que não desejava nem se merecia, e todo se devia às malvadas maquinações de sua mãe.

Eu não vou ocultar o: pensava que a meu amo tinham posto os chifres e que minha ama tinha sido enganada pelo rancor de uma mulher que se entremetia em algo que não lhe incumbia, por que não deixar em paz à família Earnshaw? por que teve a senhora Ibbitson que perturbar aos fantasmas do passado? Era maldade, uma maldade que chegava da tumba. Pensei nos fantasmas que, conforme diziam, rondavam o páramo. Não seriam eles os que se vingavam dos vivos?

CAPÍTULO 8

Essa noite dormiu a minha ama no dormitório que tanto amava: o de sua mãe. Ainda estava ali a caixa contendo a cama. Roger levou os poucos pertences do capitão Ibbitson; estava claro que era um militar por seu estilo parco de vida. A senhora Earnshaw estava pálida e fatigada depois dos acontecimentos do dia, mas havia em seu rosto uma espécie de triunfo, reflexo de uma felicidade profunda, que eu não via desde que recém se casou, quando estava apaixonada por seu marido como agora do capitão.

Eu não sou uma mulher inteligente nem imaginativa, mas mesmo assim me dou conta de que há pessoas a quem o amor as alimenta; adquirem plenitude só quando amam e são amadas. Minha ama pertencia a esta classe de pessoas, igual a sua mãe. Pensei em minha adorada menina Margaret e pronunciei uma silenciosa oração para que não seguisse a tradição familiar. Para minha ama e as mulheres como ela, a devoção de um homem bom não bastava; necessitavam o que, por falta de um término melhor, devo chamar paixão, um sentimento que devia renovar uma e outra vez e que, como no caso de sua mãe, indubitavelmente seria a causa de sua perdição.

Antes de deitar-se, minha ama passou um comprido momento na janela. Era uma noite estrelada, de lua cheia, e o páramo estava alagado de uma luz dourada, enquanto barrancos e terrenos baixos adquiriam o aspecto de furiosas cicatrizes obscuras. Era uma noite de forças conflitivas, que procurava eco na alma de minha ama, aparecida em paisagem tão querida. Vi que tinha os olhos brilhantes e o rosto tranqüilo quando se virou e me disse que a ajudasse a deitar-se.

—Vê, Agnes? voltei para casa. É uma servente boa e fiel. Sei que não aprova o que faço. E entretanto, Agnes, será-me fiel sempre.

—Sim, até a morte —disse, comovida pela emoção do momento e a beleza etérea de minha ama com o cabelo comprido solto sobre os ombros, luzindo sua branca camisola.

—Deus queira que haja muitos anos até então, Agnes! Sei que não fui uma boa esposa para o Hareton, nenhuma boa mãe para meus filhos. Acredito que todo isso se deve à Granja. Minha mãe se ressecou quando foi viver ali e sempre estava doente, como eu. Espíritos como os nossos necessitam a liberdade, e a encontramos em «Morro

dos Ventos Uivantes». Jack e eu estávamos destinadas a nos conhecer, talvez há cem anos. Cre nestas coisas, Agnes?

—Contos de fadas —disse, zombadora.

—OH, eu acredito que é mais que um conto de fadas, ou talvez isso é, para quem acredita nas fadas, como eu. Acredito no mundo espiritual e sei que minha mãe está comigo e em meu redor, aqui, neste quarto. Não pensa às vezes que ela e Heathcliff queriam que Jack e eu nos uníssemos aqui, neste lugar em que se amaram?

—Você sabe o que eu penso —disse eu, deitando—. Acredito que estão mortos e enterrados, igual a estaremos nós.

—OH, não, não é assim, Agnes. O sentido de minha estranha vida se esclareceu desde que conheci o Jack. Como ia ou seja que era filho do Heathcliff? É uma coincidência quase impossível, não? Acredito que foi o destino o que nos reuniu e agora que somos felizes, mamãe e o senhor Heathcliff descansarão em paz em suas tumbas.

Segurou-me da mão com esse gesto de afeto que tanto me emocionava e, me aproximando dela, fez que a beijasse na bochecha.

—Que Deus te proteja, Agnes, boa amiga. E obrigado. Sei o que te custou vir aqui comigo. Nunca o esquecerei.

Deixei-a derramando lágrimas de felicidade, possivelmente mescladas com lágrimas de dor, pela separação. Apaguei a vela rapidamente, por temor a me começar a chorar.

Quando desci me fizeram ir à cozinha onde outros serventes estavam comendo. Uni a eles e comi com vontades, pois não tinha provado bocado do café da manhã. Fixei-me que na cabeceira Roger comia ao mesmo tempo que eu, e terminamos juntos. Quando nos levantamos nos encontramos na porta, e me pegou da mão.

—Vamos lá fora. É uma noite formosa.

—Sim, sei. —Estava indecisa, porque me sentia muito cansada, mas o só ver meu amado me fez bem, e muito melhor seus beijos contra a parede do estábulo.

—OH, amo-te, Agnes. Tem-me enfeitiçado. Como poderei te deixar a semana que vem, para ir à frente?

—Tem que fazê-lo? —perguntei-lhe.

—Sim, estou comprometido para entrar no exército. Além disso, confesso-te que aceito o desafio. Quando voltar, casa comigo?

—OH, Roger —lhe disse— Quem sabe quando voltará, ou que acontecerá? —

Sentia que me doía o coração pois o primeiro homem que amava estava a ponto de me deixar. Minha ama e eu ficaríamos desamparadas.

—Sim, casaremos-nos —disse Roger—. Possivelmente deixe o exército, e nos compremos uma pequena granja, modesta, com um par de ovelhas. Teremos filhos e seremos felizes como duas pulgas em seu fardo de lã.

—Que coisas tão românticas diz! —exclamei, rindo, e lhe encaixei dois beijos, tal como ele me tinha ensinado e que tanto eu gostava.

Roger me levou a estábulo e subimos a escada à parte de acima onde se guardava o feno para alimentar aos cavalos, e ali nos jogamos comodamente entre os fardos. Assim ficamos aquecidos porque, apesar da lua, era uma noite fria.

—O que cre que acontecerá ao amo e sua ama? —disse-me Roger depois de me ensinar outras delícias que eu não sabia que existiam. Embora me dava conta de que não estava bem, ele o justificou dizendo que logo nos separaríamos.

—Ao melhor se casam, com o tempo. Dizem que é possível divorciar-se.

—Eu acredito que voltará com seu marido —disse meu amado—. te Lembre.

—Não, Roger, ama muito ao capitão Jack.

—Sim, mas o que passará quando o capitão Jack não esteja mais aqui? Não será a ama de «Morros dos Ventos Uivantes », como sabe muito bem. A senhora Ibbitson é o ama, e à senhora Earnshaw não gostará de ser a filha depois de estar acostumada a ser a proprietária.

—Não acredito que isso a incomode —falei—. Nunca se interessou no manejo da casa, deixando tudo em mãos da governanta e os serventes. Não lhe interessam as coisas domésticas.

—Pois ao capitão gostará de ter uma casa ordenada —disse Roger, me cobrindo com seu casaco pois estava tiritando de frio—. Então terão que lhe interessar. Parece-me que o capitão será menos condescendente que o senhor Earnshaw. O capitão tem um gênio feroz quando se zanga. Teria que havê-lo ouvido esta noite, depois que se deitou sua ama.

—Sim?

—Sim, descarregou-se contra sua mãe. Sorte que as paredes são grossas, porque do contrário tiria derrubado a casa. Eu estava arrumando as coisas em um canto mas não pareceu notar minha presença.

—«Mãe», bramou. «O que significa esta revelação que me ocultaste durante mais de vinte anos? Não te parecia que era o suficientemente grande para saber quem era meu verdadeiro pai, que teve que recorrer a uma mutreta? Trouxe-me aqui como a um galo cego, para que seguisse à primeira galinha que me cruzasse?»

—«Sei que você gosta das galinhas, Jack», —disse sua mãe maliciosamente; ele se aproximou e acreditei que lhe ia bater. Mas é uma mulher orgulhosa, e se levantou, enfrentando-o. Parecia que jogava faíscas pelos olhos enquanto sorria—. «Mas se trata de uma galinha muito fina; uma menina encantadora. Não negarei que me deu grande satisfação o fato de que tenha vingado a seu pai, que foi rechaçado pela mãe dela. Se tivesse sabido quem foi, cre que lhe teria feito amor? Eu não. Não, Jack, quão único lamento», disse, sentando-se cansadamente no sofá, «se é que lamento algo, é que seu pai não te tenha conhecido, pois qualquer pai estaria orgulhoso de ter um filho como você. Não tem nada do que te envergonhar, nem eu tampouco. Amei ao Heathcliff, e de não ser por essa desatinada obsessão por Catherine Earnshaw, casaria comigo. É algo que me amargura, confesso-o. Eu era tão boa como ela, e bonita. Dava-lhe tudo o que tinha. Ensinei-lhe de tudo, dava-lhe dinheiro, e um lar, e sim, entreguei-lhe meu corpo. Tratou-me bem, e o entreguei com gosto. Em troca ele me respeitou, e acredito que nunca me esqueceu, como prova sua carta. Deixou-me, e sem saber que eu estava em boa posição, enviou-me dinheiro, que guardei para ti. Assim era meu Heathcliff, de um coração de ouro».

—«De onde era meu pai?»

—«Nunca soube. Trouxe-o para «Morro dos Ventos Uivantes» o senhor Earnshaw, avô desta Catherine, que era um bom homem e amava a seu pai. Alguns diziam que era filho natural do senhor Earnshaw, porque o queria e o mimava mais que ao Hindley, seu filho legítimo, que começou a odiar a seu pai e o degradou quando morreu o velho. Seu pai tratou de todas formas de averiguá-lo. Assim veio a Liverpool, a rastrear sua origem, e eu o ajudei. Mas foi impossível descobrir nada, assim será um mistério para sempre. Não há dúvida de que era de bom berço, possivelmente inclusive nobre, por seu porte distinto; quando tratava com a gente parecia um rei. Além disso, como te disse, era muito instruído. Por tudo isso, sempre estive orgulhosa de ti, Jack.»

—«Mas que me diga isso agora, é algo que não posso te perdoar, mãe». O capitão voltou a levantar a voz e avermelhou de raiva. Sua mãe se incorporou e lhe pôs a mão no ombro.

—«Me perdoe, Jack. Logo agora está preparado para sabê-lo; é bastante homem para aceitá-lo. Quando foi mais jovem, e não tinha conhecido o amor, poderia te haver escandalizado. Se tivesse esperado a que fosse mais velho, tampouco me teria perdoado. Acredito que este foi o momento preciso, embora sinta que passasse assim, devido ao Earnshaw, e não quando eu o decidisse. Nós não gostamos porque foi forçado. Mas agora que sabe, mantén a cabeça erguida e te orgulhe de ser o filho do Heathcliff».

—«E levarei seu nome», exclamou Jack. «Sim, chamarei-me Heathcliff, para que todo mundo saiba quem foi meu pai. Pode arrumar-se, não, mãe?»

—Sua mãe o olhou e pude apreciar que não estava segura se convinha.

—«Jack», disse-lhe. «É o filho do Heathcliff em realidade; não faz as coisas pela metade. Foi bom estudante, é bom soldado e bom amante. Sim, talvez convenha que leve seu sobrenome, mas espero que nunca esqueça a esse bom homem, Josiah Ibbitson, que fez possível que fosse como seu pai e que tivesse as coisas boas da vida».

—«Não o esquecerei», mãe. Foi um bom velho; muitas vezes pensei que deveria ter sido meu avô, e não meu pai. Sim, qui-lo muito. Porei-lhe seu nome ao primeiro filho que tenhamos Cathy e eu. Josiah Heathcliff».

—«Nesse caso, convém que arrume a separação», disse sua mãe, que é uma mulher prática. «Existe o que se chama divórcio. Não é fácil, mas pode obter-se. Quando for a Londres a te trocar o nome, averigua o que pode fazer para dissolver seu matrimônio, embora te acautelo que não vai ser fácil. Ao Hareton Earnshaw não vai gostar de perder a sua mulher.»

—«Nunca voltará com ele!», disse com brincadeira meu amo. «Está preparada a deixá-lo tudo, disse-me. Estará segura contigo, mamãe, até que eu volte».

—«Não seria melhor que visse o Earnshaw antes de ir?»

—«Não, não me receberia. Deixarei que lhe aconteça um pouco e pensarei a respeito de minha posição e a dele. Logo, quando se der conta de que minha amada não quer saber nada dele, talvez o imbecil mentecapto permita que se dele separe, para preservar o bom nome».

—«Não é um imbecil mentecapto», disse com firmeza sua mãe. «Lhe posso assegurar isso. Se assim o cre, está equivocado com respeito a seu caráter. Estou segura de que se valerá de métodos sutis para recuperar a sua mulher, pois é um homem inteligente e nenhum parvo. Em realidade, se não fora um Earnshaw, eu gostaria. Mas como é um Earnshaw devemos tratar de esmagá-lo como a um inseto, a ele e a sua prole.»

—«E o que fará para consegui-lo, mamãe?», perguntou meu amo, soridente pela primeira vez desde que começaram a falar. «Roger, me traga um copo de vinho. Como esmagará aos Earnshaw como a um inseto?»

—«Elucubraré um plano», disse a senhora Ibbitson, me indicando que servisse vinho a ela também, «e durante sua ausência tratarei de pô-lo em prática».

—Depois de lhes servir o vinho me ordenaram sair da habitação, mas ali seguem, falando. Cre que sua ama dormirá bem esta noite?

—Sim.

—Possivelmente meu amo a faça entrar em calor, como eu a ti?

—Possivelmente.

—Cre que nos chamarão?

—Minha ama estranha vez se acordada antes do alvorecer.

—Então fiquemos até o alvorecer, e eu despertarei quando cantar o galo.

Tudo o que posso dizer da semana seguinte, senhor Lockwood, é que foi uma das mais felizes de minha vida. Acredito que também foi para minha pobre ama. Era como se a natureza se pôs de acordo para que tudo contribuísse a nossa felicidade. O

tempo de fins de setembro estava maravilhoso. Minha ama e o capitão a passavam fora no páramo o dia inteiro, e Roger e eu nos reuníamos com eles em algum lugar escolhido especialmente para um pik nik. Às vezes também vinha a senhora Ibbitson, mas ficava mais atrás, pois era um modelo de tato e discrição. De noite serviam comidas estupendas, com abundância de vinhos, e depois da comida o ama cantava, acompanhada ao pianoforte pela senhora Ibbitson. Algumas vezes lhe unia o capitão, que tinha uma formosa voz de baixo, e cantavam em dueto. O que faziam de noite não sei, pois depois de agasalhá-la e de apagar a vela, por Deus me encaminhava ao celeiro, onde o muito pícaro do Roger fazia um abrigado leito no que, como ele dizia, estávamos tão cômodos como dois tórtolos.

Do senhor Earnshaw não havia nem rastros. Era como se vivêssemos em nosso mundo, protegidos do exterior, em uma atmosfera de ternura e de amor. Os serventes foram ao Gimmerton em busca de provisões, mas se escutavam algum rumor, não o repetiam, e se viam alguém, não nos diziam isso. Mas todos eram do Liverpool e não conheciam às pessoas do lugar, por isso era estranho que os nossos, tão fechados e reservados por natureza, ficassem a murmurar ou a fofocar com estranhos.

Assim foram passando, um a um, os felizes dias do outono até que, uma horrível manhã, Roger despertou antes de cantar o galo pois devia preparar sua bagagem e o do amo para a viagem. Dando tropeções atravessei com ele o pátio as obscuras, com os olhos úmidos de lágrimas de pensar na separação.

Minha ama e todas as pessoas da casa também se levantaram antes do amanhecer, e logo o fogo rugia na cozinha e saíam bons aromas do forno, pois a cozinheira estava preparando o café da manhã e a comida para os viajantes. Depois de ajudar a seu amo a vestir-se, Roger foi ao estábulo a escovar os cavalos e eu ao quarto de minha ama, onde a encontrei completamente vestida e caminhando de um lado para outro.

—Senhora —perguntei— está bem?

Correu a meus braços e apoiou a cabeça sobre meu ombro.

—OH, Agnes, não posso suportar esta separação. Não quer que vá com ele. O supliquei a noite inteira. Fiz todo o possível para que permitisse que eu, que nós duas, fôssemos com ele. Disse-lhe que você amava ao Roger, que fomos duas mulheres sãs e que podíamos tomar um carro em Leeds, e que eles poderiam nos seguir a cavalo. O novo carro só demora vinte e quatro horas em fazer a viagem. Em Londres não lhes daríamos trabalho, pois nos buscaríamos alojamento. Mas ele se mostrou inflexível; não fez mais que me fazer o amor como só ele sabe fazê-lo.

—«Meu amor», disse-me, me apertando com ternura, «Não posso permitir que venha como essas que seguem à tropa; é uma dama, e será tratada como corresponde. Se vier comigo a Londres como minha mulher, será desprezada, pois Londres é um lugar pequeno, especialmente o mundinho de sociedade. Sou oficial do rei, e circularão rumores desagradáveis a respeito de mim; dirão que levei a uma mulher casada a Londres, abandonando-a logo a sua sorte. Até poderiam me dar baixa, o que desonraria a memória de meu pai. Porque agora que sei, estou orgulhoso de ser filho do Heathcliff, e farei tudo o que esteja em minhas mãos para ser digno dele».

—Não pude dizer nada, Agnes, porque eu conheci o senhor Heathcliff, e meu querido Jack não. Parece-me que tem uma imagem distorcida dele, como a que tinha Hareton, porque Heathcliff foi um homem vingativo e miserável. Sei que com o tempo Jack também se inteirará da verdade, mas não era o momento para dizer-lhe pois não beneficiaria nosso amor. Pensei também que o senhor Heathcliff foi realmente um homem estranho, pois fez que muitos o amassem, como minha mãe, a senhora Ibbitson e Hareton, enquanto outros como papai, Nelly e inclusive seu filho Linton, detestavam-

no. Agora não sei o que sinto, desde que me inteirei do grande amor que se tinham mamãe e o senhor Heathcliff, que foi além da tumba.

—Sinto-me orgulhosa de ser amante de seu filho. Pensei que mamãe e o senhor Heathcliff aprovariam se nos vissem deitados juntos na cama estreita da caixa que está na antiga habitação de mamãe, onde morreu o senhor Heathcliff e onde Jack e eu nos juramos amor.

—Jack estava deitado a meu lado olhando o raio de luz de lua no teto, e lhe perguntei no que pensava.

—«OH, penso em quando for minha esposa e possamos ter filhos para que os conheça todo mundo. Não é que não esteja orgulhoso, meu amor, que te tenha entregue a mim, e que tenha seu amor e sua lembrança para levar comigo à guerra...»

—«OH, Jack», falei, tomando-o da mão. «Tenho tanto medo da guerra, medo de que lhe matem»...

—«Sei que não me matarão» disse ele. «Sei que voltarei para ti, são e salvo, e trarei comigo ao Roger, para seu Agnes».

—OH, Agnes, é tão consolador que diga coisas assim!

Disse também que se encarregaria de trocar seu sobrenome e de minha situação com meu marido.

—«Voltarei a ser a senhora do Heathcliff» disse. «Não é estranho? Casada com os dois filhos de seu pai!»

—«Sim, não é estranho que seja uma rameira», disse em brincadeira, «se tiver estado casada três vezes».

—«Mas não estive casada com o pobre Linton no verdadeiro sentido da palavra», falei em seguida, «porque ele sempre esteve doente; e só entreguei a ti com uma paixão desconhecida até com...»

—«Shhh...», disse com severidade meu amante. «Não quero» que nem sequer o nomeie. Não o suporto. Tanto pelo que sua família fez a meu pai como pelo fato de que esteve casado contigo. Por ambas as coisas me vingarei».

—Então, Agnes, senti medo pelo Hareton, que em realidade é inocente e não tem feito mal algum. Implorei a meu amado que o deixasse tranqüilo, por mim, mas me dava conta pela maneira em que ficou de que não o faria. Disse que me calasse, tomou em seus braços e ficamos assim, sob a luz da lua, e fomos dormindo pouco a pouco, embargados por pensamentos felizes, sem medo ao futuro. Mas agora é de amanhã, Agnes, e Jack se vai, e volto a sentir todo o medo que ele afugentou ontem à noite. Façamos as valises, Agnes, e insistamos em acompanhá-los!

—Não, senhora —disse eu—. Me sinto angustiada pela partida do Roger, mas conheço capitão, e não me atreveria a causar sua ira. Está fazendo bem as coisas, senhora, como devem fazer-se.

—Mas Agnes, temo... OH. —Minha ama se apertou as mãos—. Não sei o que é o que temo. Sim, temo que se nos separarmos, nada volte a ser igual outra vez.

—Silêncio, senhora. São tolices. Há um caminho longo e duro por diante, e não é sempre reto nem liso; pode haver tormentas, mas em suas mãos eu me sentiria segura se fosse você. Deixe tudo em mãos do capitão e a bondade da Providência.

Como podia acreditar eu realmente que a Providência ia sorrir lhes aprovando a ruptura dos mandamentos do Senhor, coisa que tinha feito minha ama tão imperdoavelmente? Como pude esperar alguma vez que tanta maldade tivesse um final feliz? É que eu mesma estava tão cegada pelo amor, por minha própria juventude! Era uma rústica camponesa, mas entretanto também tinha uma visão romântica do mundo. Talvez seja melhor que tenhamos ilusões quando somos jovens, pois se evaporam rapidamente quando crescemos.

Não posso pensar sequer nesse terrível momento em que subiram aos cavalos, tornando a bagagem as costas. O capitão se despediu de minha ama na solidão da casa. Tudo o que eu recebi de meu amado foi um beijo apurado na boca quando se agachou do cavalo. O capitão iniciou a marcha. Disse-me, com o cenho franzido: —Cuida-a muito, Agnes. Vê com ela em seguida e consola-a quando nos vir baixar a colina.

Beijou a sua mãe, que estava de pé no pátio, lhe dizendo algo em um sussurro. Pelo triste sorriso da mulher me dava conta de que ela também sentiria falta dele. Logo se elevo nos arreios, acariciou sua cavalgada com o látego e, junto com meu Roger, saiu do pátio a caminho, saudando com a mão aos serventes que se reuniram para despedi-los. Eu corri ao lado de minha ama, que estava na janela da habitação em que tinham dormido juntos a última noite. Tinha a cara banhada em lágrimas, mas estava erguida e sorria corajosamente, lhe dizendo adeus com a mão. Eu fiz o mesmo a seu lado até que não foram mais que dois pontinhos à distância, e logo desapareceram. Para então nos unirmos a senhora Ibbitson. Quando me separei da senhora Earnshaw para dar rédea solta a minha dor, vi que abraçava à mãe do homem que amava. A senhora Ibbitson dizia coisas em voz baixa, e pensei que minha ama encontraria nela à mãe que nunca teve.

Durante vários dias todo voltou para a normalidade; ocupávamo-nos dos a fazeres comuns, sem deixar de pensar nos dois valentes que partiam a Londres a cavalo. Minha ama passava muito tempo em seu quarto, olhando pela janela, brincando com seu trabalho. Muitas vezes tivesse dado tudo o que tinha por saber o que pensava, pois devia sentir emoções conflitivas no peito. Pensaria em seu amante todo o tempo, ou talvez também em seus filhos e em seu marido, ao que tinha amado, esse bom homem, que certamente sofria na granja Thrushcross? A senhora Ibbitson era uma mulher tão capaz que não queria empregar a uma governanta, pois ninguém seria melhor que ela para dirigir sua casa.» Começou a fazer planos para transladar-se imediatamente a Liverpool, onde pensava passar o inverno. Já se tinha dado conta de que sua futura nora não se sentia atraída pela arte de cuidar de uma casa, assim que me pediu que a ajudasse a reunir as pertences de minha ama, os poucos que tinha, já que tínhamos saído da Granja Thrushcross rapidamente. Também a ajudei a escolher a roupa de cama e as toalhas. Uns dias depois da partida do capitão estávamos no quarto de costura na parte posterior da casa quando ouvimos que se aproximava um cavalo. Saltei da cadeira, pensando que talvez nos trariam notícias do capitão e do Roger, e quando corri à janela e vi quem era lancei uma exclamação e me cobri a boca com as mãos.

—Senhora, venha em seguida. É o senhor Hareton.

—Ah, ah —disse a senhora, tirando-se rapidamente o avental que pôs sobre o vestido—. Me perguntava quando o veríamos. Vem sozinho?

—Sim, senhora.

—Desce em seguida então, e faz-o entrar.

—OH, não, senhora, eu não posso.

—OH, tem medo, não? Cre que estará zangado contigo?

—Sim, senhora. Dirá que não cuidei de minha ama.

—Vê então e fala a sua ama que seu marido está aqui, que o verei na sala, e que se o preferir, fique em seu dormitório.

Corri ao quarto de minha ama, mas ela já sabia da chegada de seu marido.

Tinha-o visto subir a colina, pois passava todo o tempo junto à janela. Estava pálida e desenhada, e correu para mim.

—OH, Agnes, é ele, Hareton. veio a me buscar.

—OH, senhora, não acredito que tenha vindo a procurá-la. Talvez queira falar com você, saber o que pensa. O senhor Hareton se comportou muito bem neste assunto. Não acredito que venha a levá-la contra sua vontade.

Mas ela estava tremendo. Quando chegou a senhora Ibbitson a viu em tal estado que a boa dama exclamou:

—Mas, menina, está morta de medo. Asseguro-te que se mostra muito cortês e correto; não grita nem vocifera. Diz que só quer saber como está de saúde e verte, se o permite. Parece-me que deve lhe dar o gosto. Seu comportamento é correto, e acredito que o teu deveria ser igual.

—OH, mas estou aterrorizada, senhora Ibbitson. Não me repreenderá?

—Asseguro-te que não. Tenho a situação completamente sob controle. Deu-me sua palavra de que não fará uma cena, e te roga que você não a faça, tampouco. Vêem, querida, é seu marido. Deve juntar valor para esta tarefa, e logo concluirá. Queria vê-lo a sós?

—OH, não, não, com você... e com o Agnes. Quero que esteja comigo.

Eu estava petrificada, mas para dar a minha ama a coragem do que infelizmente carecia, alisei-me a saia, aprumei os ombros e resolvi encarar ao meu ex-amo com toda a dignidade que pudesse juntar.

Estava de pé junto à janela que dava ao páramo quando entramos, e ao voltar-se vi que sua expressão era agradável, embora me dava conta pelas rugas sob os olhos e a palidez de seu rosto que estava em tensão, indubitavelmente desde nossa partida.

Foi até sua esposa, inclinou-se, tomou a mão e a beijou com correção; logo me saudou com a cabeça. antes de dar um passo atrás vi que havia em seu olhar certo fulgor não necessariamente amistoso. Desejei que algum dia me perdoasse, quando soubesse toda a verdade.

—Vim a ver como está, Catherine, e se houver algo que possa fazer para te ajudar. Hão-me dito que o capitão Ibbitson partiu para Londres, e quero saber se for seu desejo permanecer aqui, ou se prefere retornar a casa, ou alguma outra coisa.

—A casa? À Granja Thrushcross? —disse minha ama, alarmada.

—Pois naturalmente. É sua casa, Catherine, e há nela dois meninos que lhe esperam. Não te exijo nada, nem te ponho condições. Se quer retornar pode fazê-lo, e não te farei perguntas. Pode reatar sua antiga vida.

—Aceitaria-me de volta? —disse minha ama, entrecortadamente—. Hareton, não sei o que dizer. —deixou-se cair em uma cadeira, completamente aniquilada.

Como admirei a meu amo, e à habilidade com que dirigia a minha ama! Se tivesse gritado, ou chorado, o resultado teria sido contraproducente. Tal como atuava, conseguiria confundi-la, e por isso ela não o despediu imediatamente. Logo pensei em como era o caráter da senhora Earnshaw, tal como eu o conhecia; era uma mulher que necessitava um homem que lhe desse o amor e a admiração que procurava. Amava ao capitão Jack com paixão, disso estava segura. Mas ele não estava ali, e não era provável que voltasse em muitos meses. Devia ter pensado nisso desde que se foi. Embora se levava bem com a senhora Ibbitson, não era tão mesmo quando estava seu filho.

Tinha-me dado conta, em resumo, de que minha ama se estava aborrecendo, e conhecendo seu amor pelos páramos, suponho que não se sentiria precisamente contente ante a perspectiva de ir viver por um tempo na comercial cidade de Liverpool.

A expressão do senhor Hareton permaneceu impassiva e quando entrou um servente trazendo vinho, tomou um copo e olhando a sua esposa, levantou-o e disse:

—A sua saúde, Catherine. Que tenha saúde e felicidade. Rogo-te que medite a respeito do que te hei dito, e se quer voltar para casa, envia ao Agnes com uma nota, e eu mesmo virei te buscar. É seu lar, Cathy, e quero que esteja nele.

Ante minha surpresa, apurou o conteúdo do copo de um gole, pôs o recipiente sobre a bandeja, tomou seu chapéu, saudou com ele à senhora Ibbitson e à senhora Earnshaw e se dirigiu à porta. Nunca em minha vida tinha visto uma atuação tão decorosa nem tão digna de elogio, que sumiu aos habitantes da casa em absoluta confusão, coisa que possivelmente ele esperava.

—Que rabugice! —exclamou a senhora Ibbitson, correndo a fechar a porta de um golpe, para que ouvisse meu amo. Nunca vi audácia semelhante!

Mas a senhorita Cathy, reclinada em sua cadeira, sorria, com a cara arrebatada.

—Pois não sei, senhora. Eu acredito que se comportou com dignidade. Não te parece, Agnes?

—A mim sim —disse com sinceridade.

—Que vergonha! Pensa voltar para leito de seu marido quando ainda não se esfriou o que compartilhou com meu filho?

Minha ama olhou com desprezo à senhora Ibbitson, para repreendê-la pela vulgaridade de suas palavras.

—É que sugeri tal coisa? falei, simplesmente, que Hareton se comportou com dignidade. Deveria vê-lo quando perde a paciência, senhora! É obvio que não penso retornar. Mas, para ser franca, não me agrada a idéia de ir para Liverpool com você. Eu não gosto da cidade, senhora. nasci e me criei no campo. Minha vida mesma se alimenta de páramos. Por isso queria ir com o Jack. O campo e seu espírito me fazem me sentir libere. Liverpool, certamente, não.

A senhora Ibbitson avermelhou. Dava-me conta que estava zangada.

—Acreditava que nunca tinha estado ali, Catherine, assim não sei como pode julgar. Se não pensar retornar à Granja Thrushcross —e se o fizer, isso seria o fim de sua relação com meu filho, embora mesmo assim não poderia jurar que não retornasse a matar a seu marido, que é algo que não posso prometer— e não quer ir a Liverpool, o que você gostaria de fazer?

—Ficar aqui.

—Em «Morro dos Ventos Uivantes»? Sozinha?

—Com o Agnes.

—É impossível. Seria o escândalo da vizinhança e, como resultado de sua conduta recente, que todos conhecem, vítima de qualquer homem só.. Sei que vivemos épocas mais adiantadas, Catherine (notei que a voz da senhora Ibbitson se tornava perigosamente crítica), mas não tão adiantadas para que todos perdoem o comportamento de uma mulher casada que abandona a seu marido e a seus filhos e escapa com outro homem. Além disso, prometi ao Jack que não me separaria de ti. Tenho um dever sagrado com ele, embora não contigo.

Dava-me conta de que o afeto que podia ter existido entre ambas as mulheres, se alguma vez existiu, tinha chegado a seu fim, porque minha ama ficou de pé e se dirigiu à senhora Ibbitson, com a cabeça erguida, e uma expressão de orgulho.

—Assim é? Tão licenciosa sou? Qualquer homem pode me seduzir porque me escapei com seu filho! Não entende você o que significa a paixão, mulher tola? Sentiu alguma vez o que é? O amor que nos temos Jack e eu é grande, e não o assunto sórdido que implicam suas palavras! A senhora Ibbitson jogou atrás a cabeça e riu, com as bochechas avermelhadas de ira.

—Que eu não sei o que é paixão! Ora! Não me arrisquei acaso, não incorri na censura da sociedade por minha relação com o pai do Jack? E você fala de paixão.

—Ah, mas ele nunca a amou. Amou a minha mãe. A usou, simplesmente. Minha ama se deteve abruptamente ao ver que a senhora Ibbitson avançava para ela. Ao chegar a seu lado deu um forte bofetão na bochecha. Estava a ponto de lhe dar outro quando a peguei do braço e lhe supliquei que desistisse. A senhorita Cathy se acariciou a bochecha, mas conteve as lágrimas de dor que apareciam em seus olhos pela fúria que sentiu ante o abuso.

—Toma, puta! —exclamou a senhora Ibbitson, não contente com o furor que tinha causado—. Merece isso e mais. Já que terei a meu cuidado, encarregarei-me de que receba a surra diária que necessita. Espera a que volte meu filho e se inteire...

—Espere. Espere! —espetou minha ama—. A encerrará em um manicômio, fechará com chave a cela e jogará a chave fora!

Mas a senhora Ibbitson se tampou os ouvidos com as duas mãos e exclamava:

—Não escutarei mais! Vá a seu quarto! Será tratada como o que é, uma criatura que não conhece limites, e encerrada! E amanhã partiremos para Liverpool a primeira hora, assim poderei te controlar melhor. Agnes, leva a sua ama a seu quarto e trata de fazê-la entrar em razões. Logo encerra-a com chave e me traga a chave.

Fiquei estupefata pela natureza de minha obrigação e pelo giro que tinham tomado os acontecimentos. Minha ama, prisioneira! Subimos e nos encerramos em seu quarto. Ela se deitou e se passou a mão sobre a testa..

Agora conhecemos minha futura sogra tal como é. Verdadeira filha de um estivador, e muito a tom com suas origens. E como cre que terá saído meu Jack, com uma mãe arpia e um pai como Heathcliff?

—O que fará você, senhora?

—Devo pensar. Faz o que te ordenou agora e retorna com minha comida. Então te direi o que fazer. Enquanto isso, não trate de desafiá-la, querida Agnes. É uma serpente.

Mas quando desci e obedientemente entreguei a chave à senhora Ibbitson, encontrei-a de gênio muito distinto. Estava sentada no sofá, chorando devagar, com um lenço nos olhos.

—Que coisa, Agnes! Como não pude me conter! Nunca me perdoará, meu Jack tampouco! Eu não sou assim, sabe, nunca bato em ninguém. Pergunta a meus serventes.

—É verdade que Roger sempre falou bem de você, senhora —disse em voz baixa, muito cortesmente, pois na verdade ele só tinha tido palavras de elogio pela bondade e solicitude de sua ama.

A senhora se enxugou as lágrimas e sorriu.

—Já vê, e estive comigo quase quatro anos. Claro que tenho meu gênio, mas sei controlar. Mas há algo nessa obcecada mulher que me provoca.

—Não serão ciúmes, senhora, por causa de seu carinho por seu filho?

A senhora Ibbitson me fulminou com o olhar.

—Tolices, moça. Sou sua mãe, não sua amante. Jack trouxe muitas moças para que as conhecesse, mas nenhuma com a energia e a falta de vergonha desta mulher. Claro que é uma Earnshaw; sempre me esquecimento. São uma prole impossível. Bem, sem dúvida quando chegarmos a Liverpool se arrumará tudo, e tratarei de esquecer o ocorrido aqui.

—Duvido que a senhora Earnshaw esqueça, senhora. Está acostumada a ser proprietária de sua vida, exceto durante um breve tempo, quando foi encerrada nesta mesma casa pelo senhor Heathcliff. Era a mimada de seu pai e a menina dos olhos do senhor Hareton. Está acostumada a fazer sua vontade.

—Pois, é melhor que se desacostume —espetou a senhora Ibbitson, voltando-se zangada— enquanto esteja a meu cuidado! Que tarefa difícil me encomendou meu filho!

Eu refleti, chegando à conclusão de que a senhora Ibbitson era responsável por seu dilema, assim não senti nem pingo de lástima; em realidade, comecei a aborrecê-la tanto como minha ama.

O resto do dia me ocupei de meus serviços, sem ver a senhora Ibbitson, que permaneceu em sua habitação com sua donzela. Tampouco vi minha ama, que seguia encerrada, como se fora uma garotinha. O jantar, a senhora Ibbitson comeu sozinha, me ordenando que levasse uma bandeja à senhora Earnshaw e lhe informasse que partiríamos para Liverpool à alvorada, por isso era melhor que se preparasse mentalmente para isso.

Subi com a bandeja e encontrei a minha ama ainda na cama, com os olhos fechados, como se estivesse dormindo. Não havia luz na habitação, exceto a do crepúsculo. Quando fechei a porta, sussurrou:

—É você, Agnes?

—Sim, senhora, com sua comida. Deve comer tudo e preparar-se para partir amanhã cedo.

—Partiremos mais cedo ainda, Agnes. Vêem e sente-se a meu lado. —Minha ama se incorporou e me pegou da mão.

—Decidi retornar à Granja Thrushcross. —Para ouvir que eu lançava uma exclamação entrecortada, interrompeu-se, para continuar em seguida—. Não te surpreenda. O que outra coisa posso fazer? Hareton me ama; é meu lar. Ali sou proprietária e senhora. Ve-se às claras que a senhora Ibbitson me odeia e, se me tiver prisioneira aqui, que não me fará quando estiver longe de minha família, em sua própria casa? Envenenará-me, sem dúvida, e dirá ao Jack que minha morte foi accidental. Não, Agnes, leva minha bandeja, fecha a porta com chave e te prepare para ir à cama. Não deixe de dar a chave à senhora Ibbitson, para que não suspeite nada. Logo, quando todos durmam, desce sem fazer nenhum ruído e, se puder, tira o Minny do estábulo e traz-a até aqui debaixo de minha janela. Escaparei-me pela janela, como a outra vez! —Minha ama riu com amargura—. OH, já tenho prática, Agnes! O abeto é meu bom amigo, e o quarto de mamãe, meu refúgio.

—Mas, o que dirá o senhor Hareton, senhora?

—Pensa que Hareton me jogará? Nesse caso, converterei-me em vagabunda. Viria comigo, Agnes? Quem nos receberia? Não, Hareton não me jogará. É um homem bom, e em seu rosto hoje vi amor e perdão. Tem muito que perdoar. —Apertou-me a mão, para dar-se fortaleza para o que estava a ponto de me dizer—. Sabe, Agnes, que se não me equivoco, Jack me deixou grávida.

CAPÍTULO 9

Logo que tive tempo para compreender a importância terrível do que me havia dito minha ama quando se ouviram fortes golpes à porta e a voz da senhora Ibbitson que dizia:

—Bem, jantou a senhora? Traz a bandeja, Agnes, e me dê a chave. te apresse. Te encarregue de que sua ama esteja preparada, com a bagagem preparada para a viagem.

Minha ama me apertou a mão na escuridão e sussurrou a meu ouvido:

—Debaixo da árvore. Quando te ver ali, descerei. Se Minny não quer vir, não a obrigue. Podemos caminhar, embora não tenho muitas vontades de fazer a pé esse longo trajeto. —Beijou-me ligeiramente na bochecha. Me alagou o coração de amor e compaixão para essa jovem amalucada, apenas uma adolescente, que tinha feito tais despropósitos levada pela paixão. Rezei para que o amor do Roger não me tivesse proporcionado igual destino.

—Sim, ali estarei —sussurrei e, tomando a bandeja, saí, fechei a porta com chave, fazendo todo o ruído possível, e desci a escada, onde me esperava a carcereira da senhorita Cathy, com expressão carrancuda.

—Tudo feito?

—Sim, senhora, está em cama.

—Bem. Desperta-a ao amanhecer, porque quero partir antes de que o senhor Earnshaw se inteire do que acontece. OH, pensei para mim, o senhor Earnshaw se inteirá muito antes que você!

Os serventes não demoraram para deitar-se devido à viagem cedo. Tive sorte de dormir no mezanino, sozinha, pois do contrário não sei se tivesse podido escapulir quando o fiz, depois que a casa ficou em silêncio, adivinhando a hora. Desci a escada em absolutamente silêncio, me detendo no descanso para me assegurar de que não houvesse luz no quarto da senhora Ibbitson. Logo golpееi ligeiramente a porta de minha ama para lhe indicar que estava pronta e desci as obscuras escadas, atravessei a casa e saí pela porta da cozinha, que tinha a chave na porta.

Aqui foi onde saiu mal a primeira parte de nosso plano. Não consegui fazer mover a Minny. Encontrei-a, e ela me reconheceu perfeitamente, pois me olhou e lhe brilharam os olhos. Mas quando tratei de lhe pôr a arreios, relinchou e meneou a cabeça. Quando voltei a tentá-lo, levantou a cabeça e quase me golprou. Então lhe tirei os arreios e tratei de levá-la das crinas, mas isso tampouco deu certo; retrocedeu, até que deu com a parede do estábulo com o anca. Pensei que se fazia mais ruído descobririam nossos planos. O ama tinha feito muitas vezes a pé a viagem entre a Granja e «Morro dos Ventos Uivantes», e eu era jovem; se ela me guiava, nada podia nos passar. Mesmo assim estava apreensiva. Elevantei a gola do casaco porque era uma noite fria, de vento forte. Enquanto dava a volta pelo fronte da casa, começou a chover.

Parei-me debaixo do quarto de minha ama e vi que estava aberta a janela. Logo percebi o contorno obscuro de sua cabeça. Entretanto, como esperava-me com um cavalo, não se deu conta e estive parada algum tempo lhe fazendo gestos com as mãos, em vão, até que por fim me vi obrigada a dar um grito surdo, lhe dizendo que a esperava abaixo. Vi que tremia o abeto. Ligeira como um gato desceu minha ama, caindo brandamente ao chão e me abraçando.

—Agnes, o que acontece? Onde está Minny?

—Negou-se a vir comigo, senhora. Relinchou e recuou e pensei que podia despertar a todos.

—Nesse caso devo ir eu a procurá-la.

Tomei à senhora Earnshaw do braço.

—OH, senhora, vamos! Tenho um medo espantoso enquanto estamos aqui. Ao menor ruído nos veremos rodeadas pela senhora Ibbitson e todos seus serventes.

—Mas faz frio e chove, Agnes.

—Sim, senhora, sei. Mas somos mulheres jovens e fortes e você conhece bem o caminho.

Quando recordo minhas palavras me arrependo tanto de que fôssemos caminhando essa noite fria e chuvosa, mas se fosse dado ver o futuro não seríamos

mortais, não? De qualquer maneira, tomando da mão como duas garotinhas, deslizamos até o portão, logo estivemos no caminho, e nos jogando a andar muito rapidamente, logo pusemos distância entre a casa e nós. De vez em quando alhavamos para trás, mas na intensa escuridão sem lua e sem estrelas, só se via a sombra imponente dos Morros dos Ventos Uivantes» nas colinas. Não havia rastros de vida na casa. Sabendo a condição em que estava, roguei a minha ama que diminuísse o passo. Aferrava-se para mim a pobrezinha. Lhe batiam os dentes de frio, e assim avançávamos, impregnadas até os ossos.

—Agnes, sei um atalho que atravessa o páramo. Economizaremos uma hora ou dois neste tempo espantoso. —Lhe tremiam mais ainda os dentes e me dava conta de que, pelo outono temperado que estávamos tendo, minha ama levava roupa muito liviana, pouco apropriada para uma noite como essa. Por isso, embora era contra meu instinto abandonar o atalho e entrar no empapado páramo (mais houvesse me valido escutar a meu instinto, mas não o fiz) meu único desejo era levar o mais rápido possível a minha ama à segurança de seu lar, assim aceitei sair do caminho e empreender o abrupto descida à Granja Thrushcross. OH, senhor Lockwood, não tenho palavras para descrever essa viagem! Minha ama pensava que conhecia palmo a palmo esses páramos, mas nunca antes se entrou neles em meio da escuridão e com um tempo assim. Logo estávamos metidas no brejo até os tornozelos, caíamos-nos em sarjetas e o pântano nos chegava, até os joelhos em partes. Enquanto isso a chuva nos tinha impregnado até os ossos e a roupa nos pegava ao corpo. O cabelo nos jorrava água. O vento soprava do norte, impedindo nosso avanço. Logo me dava conta de que estávamos completamente perdidas; não havia nada familiar que guiasse nosso passo. Não obstante, minha ama seguia resolutamente adiante. Não acredito que fora por falta de valor ou decisão que não chégássemos ao destino.

—Senhora —exclamei quando nos detivemos por um momento para recuperar o fôlego—, estamos, perdidas. Estamos caminhando em círculos.

—Tolices, Agnes; baixamos todo o tempo. Este atalho deve nos levar, cedo ou tarde, ao vale; não importa que passemos a Granja, logo estaremos a resguardo deste tempo—. me Atirando da roupa, minha ama me fez seguir. De repente deu um grito e, me soltando a mão ou do contrário me tivesse miserável com ela, desapareceu na escuridão. Durante um momento terrível pensei que se precipitou ao abismo do penhasco do Penistone, pois não sabia onde estávamos, mas então ouvi um gemido e, graças a Deus, senti a provas a forma de seu corpo molhado e enlodado mas com vida. Ajoelhei-me junto a ela e apoiei sua cabeça em meus braços.

—Acredito que me quebrei o tornozelo, Agnes. OH, OH! que dor sinto quando o levanto! OH, Agnes, estamos perdidas! Morreremos neste desolado lugar antes de que cheguem a nos socorrer. OH Jack, Jack, por que me deixou? OH, Jack.

Essas palavras me fizeram sentir terror no coração. Temi que delirasse. Era verdade: não sabia o que fazer, se abandoná-la e ir procurar ajuda, ou tratar de esquentá-la com meu próprio corpo congelado. De repente, ao olhar, desesperada-se, a mim ao redor, vi, à distância, a luz de uma vela que se via momentos pelo vento que ululava.

—OH, senhora, vejo a luz de uma vela. Deve ser da Granja. —Minha pobre ama elevou fracamente a cabeça.

—Onde, Agnes? Onde? OH, corre a ela, Agnes, ou morreremos! me deixe e vê.

—OH, senhora. —Esquentei-lhe as mãos e a beijei nas bochechas—. Não se deprima nem durma, ou morrerá de frio. Faça tudo o que possa para manter-se acordada, senhora, e voltarei o mais rápido que possa.

Assim dizendo me pus de pé e dirigi às tropeções em direção da luz, me colocando em sarjetas, subindo pequenas colinas através dos pântanos. Às vezes o pé

me entupia em alguma raiz, e temendo correr a mesma sorte de minha ama e perecer no páramo, retinha o passo, sem deixar de seguir com a vista de trêmula luz que às vezes parecia extinguir-se por completo mas que logo voltava a brilhar com renovada intensidade, como se fora um farol que me guiava.

Não sei quanto tempo demorou essa horrível viagem. Acreditava que veria as luzes do alvorecer antes de chegar, mas por fim comecei a divisar o muro do parque do Thrushcross e, sem perder tempo em procurar a entrada, não me importou me machucar as mãos nem me encher de moretones os joelhos: subi o muro e me deixei cair, agradecida, do outro lado. Logo, impelida por renovadas energias, e agradecida pelo corpo livre da desumana tirania do vento, corri desordenadamente através do parque até chegar a escadaria da Granja, onde virtualmente me desmoronei, começando a golpear a porta com os punhos.

Mas o vento assobiava de tal maneira nos beirais que ninguém me ouviu. Logo vi a luz que me tinha guiado: provinha do escritório do amo. Pela metade caminhando, pela metade me arrastando, cheguei à janela e o vi sentado junto ao fogo, meio dormido sobre um livro. Então comecei a golpear a janela até que meu amo, o rosto mudado pelo susto, despertou de um salto e quase desmaia ao ver quem era a que golpeava. Logo desapareceu e antes de me dar conta (eu já estava aturdida) pegou da cintura e me fez entrar na casa. A pele a salvo pus-se a chorar e me desabei no corredor.

—OH, senhor, o ama caiu no páramo. Apure-se, ou morrerá na intempérie.

—Sua ama! —exclamou, alarmado, meu amo—. A deixou no páramo?

—Escapamo-nos de «Morro dos Ventos Uivantes». Decidimos abandonar o caminho para procurar um atalho e chegar mais rápido, pois minha ama estava segura de que conhecia o terreno. Mas caiu, e está com um tornozelo quebrado, a metade de caminho entre aqui e «Morro dos Ventos Uivantes».

—Como vamos encontra-la em meio desta tormenta? OH, Agnes, o que tem feito? —O amo fez soar um gongo que temos no refeitório e que se usa para chamar o jantar. Fez-o ressonar com todas suas forças.

Em um instante toda a casa foi um tumulto. Os serventes de roupa de dormir, desciam as escada, esfregando-os olhos de sono, perguntando onde era o incêndio.

Meu amo ordenou que se vestissem imediatamente, lhe dizendo que o ama se machucou, e estava sem poder mover-se no páramo. Logo enviou a um servente a procurar ao Dr. Kenneth, ordenou às mulheres que preparassem o fogo na quarto da senhora, esquentassem a cama e acendessem a cozinha. Logo, com todos os homens que pôde reunir, preparou-se a conduzi-los em busca da senhora. Quando terminou o ruído e o alvoroço me dava conta de que todos me olhavam. Eu ainda estava no vestíbulo, e me seguiam tremendo os dentes.

—Agnes —disse meu amo, que ao parecer se esqueceu de minha existência—. Você é tão única pode nos guiar. Fiquem forças para vir conosco?

—Sim, amo —falei, e ao me pôr de pé recuperei as forças. A governanta, a senhora Kemp, levou-me a cozinha onde uma empregada me trouxe roupas quentes e secas. Rapidamente estava trocada e pronta, me sentindo muito melhor depois de tomar um pouco de leite quente e de que me friccionassem as doloridas pernas com linimento.

Os cavalos estavam selados, nos esperando no pátio. Rodeados de cães, saímos a todo galope. Eu ia no mesmo cavalo que meu amo, detrás de suas arreios, pois ele queria estar à frente da operação. Ajudava-nos o fato de que tivesse cessado a chuva; acredito também que o vento tinha amainado, pelo menos no plano. Acredito também que no este o tempo parecia chatear-se com a proximidade do amanhecer.

Em realidade, foi a luz a que nos salvou pois, apesar de que me parecia que tinha vindo à Granja em linha reta, e que se seguíamos direito para «Morro dos Ventos

Uivantes » encontraríamos a minha ama, estava completamente equivocada, pois na escuridão a distância é enganosa. Quando começaram a vislumbrá-los páramos à pálida luz do alvorecer e os mirlos iniciaram seus cantos, meu amo viu um braço que se elevava no horizonte, para logo deixar cair à terra. Exclamou: —Ali! Está viva! —e lançou seu cavalo a todo galope.

Tinham passado quase três horas desde que tinha deixado a minha ama, talvez mais, e apesar de estar viva, e consciente, seu estado era lamentável. Contou-nos depois que tinha perdido as esperanças de que a encontrássemos antes que quão serventes certamente a senhora Ibbitson teria enviado dos «Morros». Logo, ao ver nossos cavalos, tinha duvidado, mas ao sentir que estava a ponto de desmaiar ou perecer, tinha levantado o braço, agitando-o não uma vez a não ser muitas. Foi depois de um momento longo, quando sentia o braço muito cansado para seguir movendo-o, que respondemos.

Desmontei para ajudar a minha ama, cuja perna estava intumescida e lhe pendurava de maneira muito estranha, como se fez evidente quando meu amo a elevou e a sentou sobre o cavalo. Voltando-se rapidamente e me deixando que me arrumasse isso como melhor pudesse (por sorte um dos serventes viu que tinha ficado a pé) partiu para tudo galope para a Granja, onde aguardava uma cálida e amante bem-vinda, além da ajuda médica na pessoa do Dr. Kenneth. A bem-vinda era para alguém que não a merecia, mas não há verdadeira justiça neste mundo, verdade, senhor Lockwood?

Durante a maior parte do mês seguinte, quer dizer entre fins de setembro, que foi quando fugimos, e fins de outubro, minha ama esteve entre a vida e a morte. quebrou-se a perna, e o Dr. Kenneth disse que chamaria um médico especialista em ossos do Bradford, pois a quebração era complicada e temia que o ama ficasse permanentemente coxa. Mas ainda antes de que chamasse o especialista, os estragos do inclemente tempo na constituição delicada de minha ama fizeram sentir suas conseqüências, e adoeceu de pneumonia.

Devo dizer que eu também tive um esfriamento e me vi confinada ao meu dormitório durante uns dias, mas minha enfermidade não foi nada comparada a de minha ama, e passou inadvertida. Por certo meu amo nem se precaveu dela, sentado constantemente junto a minha ama como estava. Em realidade, tive que arrastá-lo para que se fora a dormir. Sempre me maravilhava que ele correspondesse com fidelidade e devoção à inconstância dela, e muitas vezes pensei que talvez era melhor, depois de tudo, tratar aos homens como ela.

Naturalmente eu estava preocupada com a criatura que levava em suas vísceras, pensando que tivesse sido bom que a tivesse perdido, pois então podia começar uma vida nova. Mas não, isso não aconteceria, e embora sofreu tanto, e durante tanto tempo, sem poder comer nem tomar líquido sem ajuda, não perdeu a seu bebê.

Falando de bebês, que alegria ver novamente a meus meninos depois de uma ausência tão larga! O pequeno Rainton se negou a me dirigir a palavra durante dias, como me castigando por ir. A pequena Margaret parecia uma beleza, grande e gorda, verdadeira alegria para sua mãe e para todos os que a criamos. Acredito que ao princípio Mary, que se tinha feito cargo deles durante minha ausência, ficou ciumenta com meu retorno, mas logo minha enfermidade, que fez que estivesse ausente do quarto dos meninos durante mais tempo, junto com a enfermidade muito mais séria de minha ama, subtraiu a importância a essa classe de coisas. Em realidade, eu não estava segura de qual era meu lugar na casa até o dia em que o amo me mandou chamar a seu escritório. Disse-me que se inteirou de minha enfermidade e que esperava que estivesse

melhor. Fiz uma reverência e, balbuciei que não estava segura de como me trataria o senhor Hareton depois de ajudar a minha ama a fugir da Granja.

—Sabe muito bem, Agnes Dean, que tem muitas coisas que explicar —disse, sentando-se e deixando de pé frente a ele.

—Sim, sei, senhor...

—Se não tivesse sido por sua ajuda, sua senhora não teria escapado desta casa, por começar...

—Teria ido do mesmo modo, senhor! —exclamei, em defesa própria—. Estava decidida a fazê-lo, com minha ajuda ou sem ela. Eu não queria ajudá-la, porque sentia afeto e reverência por você, senhor Hareton, e ainda o sinto. Em realidade, supliquei a minha ama que não fosse, mas ela não quis me escutar e me disse que se não ia com ela, você me despediria, me obrigando a voltar para minha casa a pé.

—Ah, possivelmente tinha razão, Agnes —disse meu amo, apertando os lábios com amargura—, e não tenho direito a te culpar, pois sei quão obcecada pode ser ela.

Mas além disso mostrou pouco julgamento do retornar em uma noite de tormenta. O que te impulsionou a fazer uma coisa assim?

—Ah, minha ama brigou com a senhora Ibbitson, que a encerrou em seu quarto e que ia levá-la a Liverpool a primeira hora da manhã, e ela pensava que ali a assassinaria.

—Já vejo —disse meu amo. fez-se uma longa pausa—. Assim não tinha outra alternativa?

—Não, senhor, e Minny se negou a vir, pois do contrário tivéssemos vindo pelo caminho e não nos teria passado nada. Foi o destino, senhor.

—É claro que sim —disse meu amo—. O destino. O Dr. Kenneth diz que minha mulher está grávida. Sabia, Agnes?

—Sim, senhor Earnshaw. —Baixei a cabeça como se eu tivesse a culpa. Bem sabe Deus que fiz mau, mas nisso não tive nada que ver.

—Minha mulher lhe disse isso?

—Sim, senhor, o dia que fugimos.

—Mas a criatura não pode ser minha; sabia isso, Agnes?

Voltei a murmurar algo ininteligível porque esse tema me fazia sentir vergonha mais que nenhum outro.

—Porque faz tempo que não me deito com ela. É impossível. portanto, deve ser filho do senhor Jack. Sabe a senhora Ibbitson?

—OH não, senhor.

—Nem o capitão?

—Acredito que não, senhor, porque minha ama acabava de descobri-lo.

—Bem. Agora, Agnes, quero que ouça o que vou dizer, e logo quero que não volte a mencionar o assunto, nem diga nunca a ninguém o que vou dizer. Entende?

—OH sim, senhor! —disse, tremendo ante a terrível responsabilidade que me impunha.

—Nunca direi a ninguém que este bebê não é meu. O Dr. Kenneth não sabe, não precisa inteirar-se. Criarei-o como próprio, e terá o mesmo direito que outros quando se repartirem minhas posses depois de minha morte. Amarei ao menino como se fora meu, porque amo ao Catherine, e o que é dela, é meu. Não falei com ela, pois não fala coerentemente ainda, mas se aceitar, levarei-a daqui até que nasça o bebê. Voltarei a pensar em ir daqui para sempre, porque parecemos predestinados a não ser felizes nunca neste lugar.

—Em troca de seu silêncio, Agnes, voltará para seu posto como encarregada dos meninos e donzela pessoal de minha mulher, mas se voltar a fugir e não me comunica

imediatamente qualquer plano que tenha sua ama antes de que possa levá-lo a cabo, não só te despedirei, mas também farei que te jogue do distrito, e te desonrarei. Está claro, Agnes?

Eu tremia violentamente pois nunca tinha visto o senhor Hareton tão severo e solene.

—Sim, senhor.

—Bem, pode ir então. OH, e recorda bem, Agnes, que não foi você quem salvou a sua ama essa noite, a não ser a misericórdia de Deus. Porque não podia dormir, e ao me fazer descer ao escritório a procurar um livro. Ele permitiu que comigo a luz te guiasse. Do contrário, teria morrido no páramo, junto com sua ama. Não esqueça nunca que é Deus quem decreta tudo o que acontece, e não nós, Agnes.

Sem replicar, corri a meu quarto, joguei-me na cama e chorei desconsoladamente durante um longo tempo.

Até ao final, quando minha ama estava fora de perigo, lhe estava compondo a perna e já não tinha febre, parecia-me debilitada mentalmente, e me maravilhava dessa vida que se aferrava com tanta tenacidade em suas vísceras. Falava pouco; em realidade, durante um tempo não conhecia ninguém e parecia habitar um mundo suspenso entre «Morro dos Ventos Uivantes» e a Granja Thrushcross, habitado por espíritos do passado. Embora freqüentemente mencionava a sua mãe e gritava o nome do Heathcliff, nunca nomeava ao Hareton ou ao Jack.

E em realidade, além de ouvir que a senhora Ibbitson tinha partido para Liverpool, tal como planejava, o dia depois de nossa fuga, sem dizer nada a ninguém, não voltamos a ouvir nada dela ou de seu filho. Eu estava agradecida porque minha ama estava uma vez mais no seio de um legítimo lar.

Como conseqüências da pneumonia, à ama ficou uma tosse persistente. Notei, consternada, que freqüentemente tinha a cara avermelhada e os olhos brilhantes. O Dr. Kenneth lhe revisou os pulmões e disse que estavam bem, mas me dava conta de que ele também estava intrigado por sua enfermidade. Uma vez mais, lembrou-se de sua mãe.

—Há sangue mau nesta família —me confiou uma vez o Dr. Kenneth depois de passar muito tempo ao lado de minha ama—. Parece afetar às mulheres. Mau gênio, teimosia, tendência a ter febre e, para falar a verdade, uma leve loucura, embora esta não é tão louca como sua mãe. Mas não vê como fica inerte todo o tempo? Não te fala alguma vez?

Meneei a cabeça, afligida.

—Pede-me água, ou me diz que abra a cortina para poder ver o páramo. Mas o que se diz conversação, nunca.

—São más, estas fêmeas Earnshaw —murmurou o Dr. Kenneth com seu aspereza habitual; ele conhece melhor que ninguém nossos costumes e a nossa gente—.

Inteirei que escapou com o filho do Heathcliff, igual à mãe com o pai dele.

—Eu tinha entendido que a senhora Linton em realidade nunca escapou» com o Heathcliff, senhor.

—OH, a mesma coisa. Uma paixão desenfreada. É lógico que em vinte anos estejamos mais adiantados e mais desprejuiciados, com o exemplo do Príncipe do Gales e a alta sociedade, que corrompem nossos moral e nossos princípios. Dizem que o Príncipe tem sua amante em uma casa na mesma parte de Brighton onde está sua residência de veraneio, e as correrias de outros príncipes, nenhum dos quais está casado legalmente, são mais que escandalosas. Em tempos de sua mãe as coisas não estavam tão mal. É a época. Paixões desenfreadas. A lascívia levada a loucura. De todos os modos, Earnshaw parece satisfeito com que o filho é dele, e ele deveria sabê-lo. —O

Dr. Kenneth colocou todas as pílulas e instrumentos em sua maleta e, colocou o casaco, e foi para não voltar esse dia.

Supus que minha ama estava dormida, mas abriu os olhos ou ouvi-lo sair. Me encheu o coração de alegria ao ver que me olhava e sorria pela primeira vez desde fazia semanas.

—Paixão desenfreada! —disse fracamente—. Que tolice!

Corri a seu lado e a peguei da mão.

—OH, senhora, está melhor.

—Quanto tempo estive doente, Agnes?

—Um mês, senhora. É a véspera de Todos os Santos. teve febre, e tem o peito débil.

—E estou louca, além disso, se o Dr. Kenneth tem razão.

—OH não, senhora Earnshaw, louca não está. Não diga isso.

O sorriso abandonou o rosto de minha ama. Que formosa que estava, com os cachos loiros espalhados sobre o travesseiro, a cara blanquíssima, até comparada com a brancura dos lençóis. ficou a tossir.

—Não estou louca, mas sim terminada, Agnes. Sinto muito. Não voltarei a cavalgar pelos páramos, não irei a menos que me levem a enterrar junto a minha mãe. Agnes, quero que te encarregue de que me enterrem a seu lado, ou mas bem, do lado de meu pai, porque não quero perturbar suas tumbas...

—OH, senhora, rogo-lhe que não fale assim. Tem a melhor razão do mundo para viver. Dois filhos, outro em caminho, e o senhor Hareton, que a ama tanto como quando recém se casaram.

Minha ama suspirou e isso trouxe outro ataque de tosse; em realidade, o menor movimento parecia causá-lo.

—Sei, Agnes. Mamãe veio para mim uma noite e me disse que logo estaria com ela. Estou terminada, Agnes. Não quero viver. Jack se foi e nunca mais me aceitará, e Hareton... o que é a vida com o Hareton? Não é nada, depois da paixão que conheci. Não; quero morrer. E talvez Jack mora também na guerra, e estaremos juntos, igual a mamãe e Heathcliff.

Confesso que não agüentava as lágrimas ao ver essa mulher tão desgraçada. Pensei que sua vida tinha sido um desperdício, e que tinha causada dor a outros. Valia a pena, esta breve e vacilante chama que chamamos vida?

Dava-me conta então de que não falava porque, segundo me ocorreu, tinha avançado no tempo e estava muito afastada de nós.

Para o Natal lhe permitiram levantar-se, mas não descer porque a dor que sentia na perna fazia com que a arrastasse. Era tão triste ver uma mulher formosa coxeando! O senhor Hareton lhe dava o braço e caminhava com ela lentamente porque não queria que se sentisse uma inválida.

Mas era uma inválida, em corpo e em alma. Não direi que mentalmente também. Estava perfeitamente corda, sabia o que acontecia a seu redor, e o que fazia; mas com o senhor Hareton se comportava como uma boneca: sorria quando ele esperava que sorrisse e respondia quando lhe dirigia a palavra, mas não havia verdadeira comunicação entre eles, de nenhuma classe. Ela carecia de vida, o que o deixava perplexo.

—É a lesão nos pulmões —me disse um dia depois de tratar em vão de fazê-la caminhar de um extremo ao outro do corredor—. Depois que nasça o bebê iremos a um clima mais quente. Oxalá pudesse ser antes!

Mas Deus não o permitiu, e logo tivemos um inverno terrível. OH, lembro-me bem desse inverno. Não pudemos sair da casa durante semanas, enquanto a neve chegava ao alto de um homem no páramo, e até os altos postes que servem de marcos

para guiar aos viajantes desapareciam sob o manto branco. Uma vez quase ficamos sem provisões, —e o Dr. Kenneth não pôde ir visitar nos. O senhor Hareton se queixava porque não podia encarregar-se de seus assuntos, que, conforme se dizia, eram cada vez mais prósperos, embora tenha decidido deixar a magistratura devido ao escândalo causado por sua mulher.

Minha ama estava tão magra, e tinha piorado tanto a tosse que às vezes eu pensava que morreria antes de que chegasse a seu término a gestação. Para mim era um milagre que a criatura sobrevivesse. Talvez deveria ter morrido dentro da mãe, e nos teríamos liberado de todos os problemas que nos causou até hoje.

Com o tempo derreteu a neve, voltaram a aparecer os primeiros açafrões e as aves que não se foram e sobreviveram, se acasalaram, deixando atrás o longo inverno, e começaram a fazer seus ninhos nesse ritual eterno que chamamos primavera. E em uma época do ano quando a terra se renova e produz, minha ama teve, antes de tempo, um varão de cabelo negro, a quem lhe puseram o nome do Anthony Earnshaw... a quem você conheceu como Anthony Heathcliff, senhor Lockwood, embora já chegaremos a isso. Bom, minha ama mostrou tão pouco interesse no pirralho como nos outros. Pela maneira em que respirava e pelo aspecto espectral de seu rosto pensei que não ficava muito deste mundo. Agora tinha a alguém que dormia junto a ela toda a noite, para ajudá-la quando se produziam os ataques de tosse e parecia a ponto de afogar-se. recuperou-se do parto, mas morria de tuberculose e por fim o Dr. Kenneth disse ao senhor Hareton que era inútil ter esperanças. Eu observava atentamente ao senhor Hareton nesses dias terríveis. Tinha sombras obscuras sob os olhos e o aspecto de quem não tem muito tempo antes de que a terra se fechamento sobre ele. Passava horas inteiras junto ao leito dela. Sempre entrava na habitação com um buquê de flores que ele mesmo tinha apanhado, e as colocava sobre seu peito se estava acordada ou sobre o travesseiro se dormia. E embora só falava com dificuldade, minha ama sempre era amável com ele e às vezes levantava a mão e acariciava seu sufriente rosto.

—OH, Hareton —disse em voz muito baixa um dia—. Não te servi para nada. Quero que volte e te casar e procure uma boa mãe para os meninos; eu não fui nem boa esposa nem mãe. me esqueça, Hareton, porque eu nunca mereci a ninguém tão bom como você...

—OH, Cathy... —soluçou ele, tomando sua mão fraca—. Melhorará. Iremos ao estrangeiro. Está fraca depois do inverno e do parto. É uma menina muito jovem, Cathy. Não me deixe.

—Devo fazê-lo, Hareton. Já não quero ficar mais aqui. Vejo que só nasci para ter uma vida breve mas turbulenta. Amei e fui amada... OH, Hareton, posso te pedir um último favor?

—OH, algo, meu amor, algo —disse ele, ocultando a cara entre as roupas da cama.

—Deixe morrer em «Morro dos Ventos Uivantes». me Faça esse favor, Hareton. Quero morrer no quarto de mamãe.

Para ouvir essas palavras, os soluços de meu amo se fizeram mais fortes, o que não me surpreendeu, porque isso significava que em seus últimos dias ela nem sequer pensava nele. Quando conseguiu controlar-se novamente saiu do dormitório sem responder, deixando que eu enxugassem a testa afiebrada de minha ama.

—Agnes —suplicou—, quero morrer nos «Morros».

—OH, senhora, não cause mais dor a seu pesaroso marido. Pense nele, por uma vez em sua vida! —Era duro dizer isso a uma moribunda, mas me voltei, pois não podia suportar mais seu egoísmo, embora acredite que não sabia o que fazia, pois eu não gosto de ser pouco caridosa com os mortos.

Era uma mulher a quem eu tinha odiado e querido, admirado e desprezado, que sempre produziu em mim emoções conflitivas.

Mas essa mesma noite a que me refiro aconteceu algo que ninguém poderia ter imaginado nem nos sonhos mais descabelados e que determinou o subsequente curso de acontecimentos, muito breve, por certo.

À hora do crepúsculo se produziu uma comoção no pátio e ao acudir vi o rosto jovem e bonito de meu amante Roger; detrás dele, desmontando, estava seu amo, o capitão Ibbitson. Fiquei imobilizada onde estava —como se tivesse criado raízes— e logo, com a cabeça que me dava voltas, corri pelo vestibulo justo quando entravam Roger e o capitão Ibbitson. Ambos levavam casacos, e estavam salpicados de lodo e cansados de uma longa viagem.

—Ah, Agnes! —exclamou o capitão com voz vigorosa apesar da fadiga—. me Leve a seu amo. Lhe diga que quer vê-lo o Capitão Heathcliff. Não se esqueça de dizer Heathcliff, pois me troquei o sobrenome e uso agora o de meu pai. te apure, Agnes, e logo poderá estar com o jovem Roger outra vez.

—OH, Capitão —exclamei, correndo a seu, encontro—, o ama se está morrendo, e o amo...

—Sim, inteirei-me disso —rugiu o capitão—, e vim a levá-la a seu lar. Te apure, procura a seu amo.

—Meu amo não está em casa —respondi—. Recentemente estava junto a sua esposa, mas teve que ir ao Gimmerton. Em realidade, acredito que foi fazer os preparativos para o funeral, pois estamos seguros de que já não falta muito.

—Muito melhor então —exclamou o capitão, subindo os degraus de dois em dois. Só atinei a olhar ao Roger com ansiedade antes de que seguisse a seu amo. Mas quando chegou ao quarto dela, como precavendo-se da condição delicada da doente, diminuiu o passo e se voltou para mim.

—Agnes, entra você primeiro. meu deus! Está muito doente?

Era o morrer da tarde e os raios do sol que entravam na habitação de minha ama projetavam um fulgor dourado ao redor da casa. Eu acreditei que já tinha morrido, chamada pelos anjos, de tão pálida e quieta que estava. Mas quando entrei abriu os olhos e os fixou, não em mim, a não ser em um ponto detrás de mim. Lhe iluminou de tal maneira o rosto, irradiando felicidade, que pensei que acabava de ver o Divino Senhor que vinha em sua busca.

—OH, Jack —suspirou.

Com um soluço, o capitão correu ao leito e se ajoelhou a seu lado.

—OH Cathy, Cathy... —tomou suas diminutas mãos entre as suas enormes e, apertando-lhe cobriu-lhe a cara de doces beijos. Os dois choravam.

—Jack, estou-me morrendo. me leve a «Morro dos Ventos Uivantes».

—É obvio, meu amor, mas não morrerá. Agora não, que estou aqui. Melhorará em «Morros», com o vento que sopra e as nuvens que passam rapidamente no alto. E sairemos a cavalo, Cathy, como estávamos acostumados a, né? E Roger e Agnes trarão a cesta do picnic, e procuraremos prímulas, nomeolvides, malmequeres e margaridas, e farei uma grinalda e lhe porei isso sobre a cabeça, porque é minha rainha, Cathy, e ninguém pode comparar-se contigo.

Mas pela forma em que a tirava das mãos e chorava me dava conta de que não acreditava no que dizia, quão mesmo ela. Eu estava tão confundida, presa da alegria e a tristeza, que vi que estava chorando, igual a Roger.

—Me leve, Jack, me leve em seguida porque sinto que fica pouco. Mamãe me espera ali e me guiará ao lugar onde as almas benditas encontram o descanso eterno. te apure, Jack.

O capitão me olhou. Senti-me embargada de ansiedade e incerteza.

—OH, senhor, está muito doente para viajar. Além disso, o senhor Hareton...

—OH, Agnes, você que é boa deve nos ajudar —exclamou minha ama—. Não fica muito, e você sempre foste uma boa amiga minha. Me ajude agora, em minha hora de extrema necessidade.

O capitão Jack a elevou em braços. Parecia uma menina, não a mulher formosa e saudável que não fazia muito tinha acariciado.

O esforço que fez ao falar lhe produziu um novo acesso de tosse. Sustentei uma bacia para que cuspsse e lhe sequei a frente.

—TE apure, Agnes, uma manta. Envolve bem a sua ama. Quando estiver em «Morros» se reporá logo.

Envolvi-lhe a cabeça em um xale e o corpo em mantas. O capitão saltou da habitação, levando-lhe como se fora uma pluma.

—TE apure, junta suas coisas e vêem você também! —sussurrou Roger—, ou o senhor Hareton te matará!

—Não temo ao amo —disse com tristeza—. Ele sabe que eu sirvo bem a minha ama. Mas não levarei nada porque sei que antes de que rompa o alvorada já descansará em paz. Os serventes se agruparam no vestibulo para ver a partida de sua ama, alertados pela curiosidade que causava a estranha situação, mas também por compaixão. Mas o capitão não pareceu reparar neles e saiu ao pátio onde Roger o ajudou a montar e logo elevou à ama, pondo-a diante dele, para que pudesse sustentá-la. Logo eu montei detrás do Roger. Sem jogar um olhar atrás, a triste procissão partiu para «Morro dos Ventos Uivantes».

Lentamente fomos subindo a colina para a casa. A terra estava ressecada, pois não tinha chovido recentemente, ao contrário da última vez que fizemos o trajeto. OH; me ocorreu então que eu tinha a culpa pelo estado em que se encontrava minha ama, mas logo pensei que Deus não deixa essas coisas em nossas mãos de mortais, nos impondo Sua vontade. Vi que minha ama ia erguida e não apoiada contra o capitão, como se saboreasse até o último minuto dessa viagem final ao lugar que tanto amava, sem perder detalhe dos páramos nos que tinha cavalgado e brincado de correr toda sua vida, cheios de flores aparecendo nas sarjetas, cheirando por última vez o pasto novo e os brotos de urzes. Mas, por sobre tudo, deve ter querido desfrutar de do glorioso entardecer que com suas cores o transformava tudo. Os últimos raios do sol que se ocultava detrás de «Morro dos Ventos Uivantes» pareciam deter-se em Catherine Earnshaw, para lhe dar a última bem-vinda.

Por fim chegamos à casa. O capitão desceu do cavalo e ordenou ao Roger e a mim que corrêsemos a preparar as camas e fizéssemos um bom fogo na quarto de minha ama. Eu corri adiante e ao chegar aconteceu algo tão extraordinário que o recordarei enquanto viva, tão nitidamente como se acabasse de ocorrer. Quando abri a porta do dormitório que necessariamente devia ter estado gelado, já que fazia nove meses que ninguém o ocupava, sentimos uma quebra de onda de ar quente. O quarto cheirava bem, e havia uma atmosfera de repouso e júbilo, sim, de júbilo. O capitão depositou meigamente a minha ama sobre a cama, que deveria logicamente ter estado fria e úmida, mas não, estava seca e morna. Quando corri a fazê-lame ocorreu que já tudo estava preparado, aguardando minha ama desde fazia algum tempo. Nunca me pude explicar isso até hoje.

—Já está, meu amor —disse com ternura o capitão, agasalhando-a uma vez que a cama esteve pronta—. irei tirar o casaco e Agnes te preparará algo para comer, e amanhã já sentirá que começa a melhorar.

—OH, Jack, não me deixe. Dá seu casaco ao Roger. Cheguei em casa, não vê? Mamãe está aqui, neste quarto. Não fica muito tempo juntos, Jack, e quero te dizer o muito que te amei, o quanto pensei em ti e quanto rezei para poder verte antes de morrer. Temos um filhinho, Jack, que se chama Anthony, que quero que ame e proteja como a mim. É igual a ti. Fui uma má mulher em muitos sentidos, uma má esposa e mãe, mas você...

Neste ponto minha ama teve um novo acesso de tosse, e outra vez me ajoelhei e lhe sequei a frente úmida. Respirava tão agitadamente que era um milagre que pudesse falar.

—Não me deste mais que alegria —disse em voz muito baixa o capitão, transpassado de dor—. Eu sou o que nunca deveu te deixar. Você queria ir comigo, e devi haver lhe permitido isso, pois você sabia o que aconteceria não vir.

Minha ama lhe sorriu com ternura.

—Sim, sabia. Queria tanto ir contigo. Talvez assim você e eu, Agnes e Roger teríamos sido felizes e estado sempre juntos.

—OH, não diga isso, minha alma! Não me deixe essa recriminação, esse recorde para o resto de minha vida. Desde não ser por mim, teria vivido! OH, não o diga. Rogo-lhe isso. Mas, o que estou dizendo? Estou aqui, meu amor. cheguei a tempo, e ao te trazer aqui estará bem em seguida, não é assim, Agnes?

E se fez atrás e me olhou. Seu tom era de súplica.

—Não, não é assim, Jack —disse minha ama com voz mais débil; dava-me conta de que se aproximava uma crise—. Não chore, porque eu estou resignada. Nunca poderia te haver tido para mim enquanto vivesse Hareton; sua carreira não te deixa livre, e ele não me tivesse permitido partir. A luta me extenuou.

—Cala, meu amor —voltou a dizer o capitão ficando de joelhos e lhe enfraquecendo a mão com seus beijos—. Não te canse. Descansa. —E a abraçou e lhe beijou a cara uma e outra vez, como se tratasse de lhe dar vida. Lhe devolveu os beijos com muita dificuldade e, fracamente, com mão tremente, acariciou-lhe a cara em sinal de despedida.

—Não descansarei —disse brandamente— porque logo irei a esse comprido descanso, e quero te olhar e levar a lembrança. Jack, não chore. Vê? Eu não tenho lágrimas. Sou feliz. por que chora você também, Agnes? Não fui acaso uma carga para ti?

—OH, não, senhora, não. —Voltava a chorar e me ajoelhando lhe beijei a mão.

—Ah, obrigado por esse beijo, querida Agnes. Não seja muito severo comigo porque muito do que fiz não foi com intenção, mas sim porque estava em minha natureza fazê-lo.

Com os dois ajoelhados a seu lado, minha ama se incorporou de repente, abriu grandes os olhos sem brilho e olhou o crepúsculo pela janela. O capitão rapidamente a sustentou. Ela estendeu os braços e um sorriso beatífica lhe iluminou o rosto.

—OH, Jack, olhe para o céu, para o alto do páramo. Que formoso! Revoam as cotovias e já chegaram as primeiras andorinhas a construir seus ninhos. Olhe, Jack, não vê? Ali está mamãe, vejo-a claramente... OH, Jack, você não...?

Estremeceu-se e se desabou sem forças contra o capitão, com os olhos ainda abertos e uma expressão de serenidade. Aposto qualquer quantidade de dinheiro que Catherine viu em realidade a sua mãe e então seu espírito foi a seu encontro.

Ao princípio não pude acreditar que tivesse morrido, mas o capitão a depositou brandamente na cama, fechou-lhe os olhos, beijou-os e logo deu rédea solta a sua dor, soluçando de maneira espasmódica. Roger e eu nos retiramos à habitação de abaixo,

onde permanecemos toda a noite sem comer, na escuridão, e sem acender o fogo, encerrados em nossa dor enquanto o capitão ficava sozinho com o sua..

À alvorada, com o novo sol que apareceu no vale, subimos e o encontramos tal qual o tínhamos deixado, atirado sobre a cama junto ao Catherine, cuja expressão de serenidade se via acentuada por seu formoso sorriso.

Roger tentou animar ao capitão, lhe dizendo que já tinha amanhecido e devia descansar ou se adoeceria.

—OH, iria com ela aonde foi. Como posso ficar aqui sem ela, Roger? — exclamou seu amo, e logo permitiu que o ajudasse a levantar e o levasse do dormitório.

Eu também senti uma paz desconhecida até então. Lavei a minha ama e a arrumei, pondo neste último ato o amor que havia sentido todos esses anos por essa mulher tão estranha e atormentada, Catherine Earnshaw.

Quando terminou seu relato a senhora Sutcliffe, sentia-me vazia. Já tinha anoitecido e me surpreendeu que não tivesse chegado Nostro para me buscar. Pu-me de pé e sacudi o casaco.

—Lembrei-me que sua tia Nelly disse que ninguém lhe deu a bem-vinda quando nasceu, e que sua sorte seria parecida. Entretanto, não morreu sem amigos.

—Não, morreu com muito amor a seu redor, com sua mãe que vinha a procurá-la para compensá-la por ter morrido quando ela nasceu. Esse dia, mais tarde, chegou o senhor Hareton, aturdido de dor, e o capitão lhe permitiu ficar sozinho no dormitório com sua esposa. Eu não sei o que aconteceu, porque fiquei fora.

—Parece que a dor reconciliou temporalmente aos dois homens, e também o desejo de comportar-se de maneira apropriada e não causar mais escândalos, pois o capitão permitiu que levassem o corpo da senhora Earnshaw à Granja e não voltou a incomodar a seu marido. Foi como convidado ao enterro, sem fazer-se notar.

Mas quando baixavam o corpo de sua amante à terra junto a seu pai no velho cemitério vi que os dois homens que a tinham amado mais do que se merecia eram os únicos a chorar. Depois que se foram todos ficaram um longo momento ao lado da tumba. Logo, enquanto os enterradores começavam a cobrir a de terra, partiram ao mesmo tempo, sem dizer uma só palavra, um costa acima, aos «Morros», o outro colina abaixo, à Granja.

SEGUNDO LIVRO

CAPÍTULO 10

Depois de comer essa noite fiquei acordado até as primeiras horas da madrugada fazendo apontamentos do relato de Agnes Sutcliffe. Seria Sutcliffe o sobrenome do Roger?, perguntei-me enquanto deixava correr a caneta. Teria terminado algo bem, pelo menos? teria se casado com ele Agnes Dean? Pois sua história, relatada com acanhamento mas com grande franqueza, era quase tão comovedora como a dos principais dramáticos personagens.

Se, algum dia escreveria tudo em um livro, cumprindo eu, o desejo dele de ser escritor. Talvez imaginou, e por isso me deixou o manuscrito, para que me visse inspirado por seu esforço e adicionasse o relato do que mais tarde descobrisse.

Sabia que o pobre Nostro não poderia entender o que me passava. Fora todo o dia, e o resto do tempo áspero e entrospectivo em meus pensamentos. Ficou revoando a meu lado a noite inteira, negando-se a deitar-se até que o ameacei coloca-lo no primeiro navio de volta a Itália se não me deixava sozinho. Assim, de mau humor e em silêncio, deixou a garrafa de conhaque a meu lado e saiu do quarto sem sequer me dar as boas noites.

Assim que esse era Anthony Heathcliff, neto do Heathcliff original e parecido com seu avô, tanto fisicamente como em caráter, se não estava equivocado. Então, quem era a mulher bonita e curvada de inquietação que vivia com ele? E a menina? Também uma Cathy? meu Deus, onde terminaria essa história? Os fatos que tínhamos falado tinham ocorrido fazia trinta anos. Catherine tinha morrido em 1806! O acontecido parecia tudo quando o relatava Agnes! Se embelezava um pouco seu singelo estilo camponês podia transformar a história em uma boa narração, digna de ser publicada em Londres.

Na manhã seguinte não levantei tão cedo. Era bastante tarde quando despertou Nostro com um amplo sorriso, como satisfeito de que chegasse tarde a minha entrevista com a senhora Sutcliffe. Mas eu queria completar meus apontamentos antes de voltar a vê-la, assim que lhe enviei um bilhete lhe pedindo permissão para ir no dia seguinte, e fiquei o dia inteiro sentado em meu escritório escrevendo a história que me tinha contado.

Às quatro interrompi meu trabalho e antes de que escurecesse levei o Patch para um passeio. Antes de me dar conta, estava perto de «Morro dos Ventos Uivantes». A fumaça que saía como uma espiral da chaminé parecia acentuar sua separação do mundo. Logo tomei o caminho para a Granja Thrushcross, que já divisava no meio do vale a uns três ou quatro quilômetros. Ao contrário dos «Morros», parecia desocupada; não saía fumaça das chaminés nem havia sinais de atividade nas grandes extensões de terrenos nem nas dependências. Quando cheguei ao portão vi que estava trancado com

corrente e cadeado. Observei o atalho e a impressão que recebi foi de abandono e desolação. A grama estava sem cortar.

Assim «Morro dos Ventos Uivantes» continuava habitada, enquanto a Granja estava abandonada? Que estranhas voltas a roda da fortuna me proporcionava ainda o relato da senhora Sutcliffe?

Ao chegar em casa me esperava uma carta na bandeja de prata do aparadouro do vestíbulo. Tinham-na entregue em mãos. Fui à sala, onde a atmosfera era morna, para lê-la.

Era de meu irmão Dalby e continha a notícia de que me faria uma visita essa semana. Nem sequer me perguntava se me resultava conveniente, nem pedia permissão.

Não, Dalby nunca faria uma coisa assim. Dalby Lockwood é um desses homens que estão convencidos desde que nasceram, que a natureza os escolheu para que suas ações sejam sempre aprovadas por todos. Tem dois anos mais que eu, mas minhas lembranças se remontam ao Dalby dono absoluto da casa desde sua cadeira alta, enquanto todos corriam ante seu menor desejo.

Dalby e eu não nos parecemos em nada, nem sequer fisicamente. Em realidade, não temos nenhuma característica em comum, exceto a altura, como papai. Dalby é um homem grande, enérgico, de aparência agradável, com grande atrativo para as mulheres, com quem continuamente se mete em confusões. Destroçou os corações de todas as moças casadeiras londrinas, onde é muito procurado pois, além de ser de aparência agradável e encantador, tem muito boa voz e conversação muito engenhosa.

Não só possui estes dons naturais. Também é inteligente, e apesar de que só tenha vinte e sete anos, já é membro do Parlamento. Se rumoreia que Sir Robert Peel lhe jogou o olho e tem planos para ele em caso de que volte a postular-se como candidato, embora talvez sejam coisas do Dalby.

Meu deus. Vem Dalby. Afundei-me na poltrona e chamei o Nostro, que devia ter aberto a carta com vapor pois me dava conta pelo sorriso bobo que tinha que estava informado do conteúdo.

—Meu irmão Dalby vem de visita, Nostro.

—Sim, senhor? Será um prazer voltar a ver o senhor Lockwood.

Encolhi-me de ombros, vexado.

—Nostro, quando vais aprender as regras da etiqueta? Meu irmão John, o major, é o senhor Lockwood. A meus irmãos Horace, Dalby e nos chama por nosso primeiro nome. Deve nos dizer senhor Horace, senhor Dalby, etc. Minha irmã Frances, por ser a única mulher, sempre foi a Senhorita Lockwood, até que se casou com o Marquês de Serrafini, e então se converteu na Marquesa.

Minha pobre irmã, que Deus a ajude, casou-se com um nobre italiano e aos trinta anos já era mãe de seis meninos, e sem dar sinais de parar. Entretanto, Giuseppe dizia a Serrafini que tinha dinheiro suficientes para mantê-los a todos, e a mais, se fosse necessário, e como o matrimônio parecia desfrutar de uma felicidade conjugal, ao parecer sem limites, em seu imóvel nas colinas toscanas, eu não tinha razão para me entremeter.

—Me perdoe, senhor. —Nostro se inclinou com um leve arqueamento da sobancelha esquerda que estava ao bordo da insolência—. O senhor Dalby. Será um prazer voltar a ver o senhor Dalby, senhor.

—Não estou seguro. Estou atarefado escrevendo. Não sei se estou disposto a que me incomodem. Entretanto, está no norte fazendo um estudo das fábricas para sua partida, tenho entendido. Está ansioso porque elevem a idade mínima para que possam trabalhar os meninos. Meu irmão Dalby sempre anda fazendo o bem, embora não perdesse de vista a oportunidade de promoção, é obvio. Nunca faz nada sem assegurar-se

primeiro de que o reconheça aonde corresponde. Mas assim é a política, não, Nostro?

Comerei cedo esta noite, e espero que a senhora Sutcliffe conclua seu relato, assim termino de escrevê-lo antes de que venha Dalby a me distrair.

A senhora Sutcliffe me saudou com carinho na manhã seguinte, me dizendo que tinha sentido minha falta no dia anterior. Contei-lhe a respeito da visita de meu irmão, e se mostrou muito impressionada ao inteirar-se de que logo se alojaria na aldeia um membro do Parlamento. Ao parecer, eu sempre refletia a glória do Dalby, uma das razões pelas quais vivia na Itália, pois assim estava fora da órbita de Dalby, sempre tão resplandecente. O respeito e a bondade da senhora Sutcliffe para mim, sempre marcados, foram exagerados esse dia, se lembro bem. Como seu relato não terminou esse dia, nem o dia seguinte, mas sim se prolongou até a véspera da visita do Dalby, transcreverei-o tal qual me contou, ou do contrário nunca chegarei ao fim.

—Bem, estávamos no funeral da senhora Earnshaw —começou dizendo a senhora Sutcliffe enquanto continuava seu bordado, já muito adiantado—, e na silenciosa despedida do capitão Heathcliff e o senhor Earnshaw.

Eu não queria deixar sozinha a minha ama, nessa terra fria. Tinha vinte e dois anos e parecia ter vivido como se tivesse três vezes essa idade. Casou-se duas vezes, tinha tido um terceiro homem como amante, três filhos que se levavam um ano entre si.

E o senhor Hareton, seis anos mais velho que ela, parecia um homem velho, arrasado pelas preocupações que lhe tinha proporcionado a vida, em minha opinião tão pouco merecidas. Tinha fios brancos nas têmporas, e começava a curvar as costas.

Enquanto subia a colina para logo baixá-la, esse dia cinza de fins de maio, com nuvens que passavam rapidamente pelo céu ameaçando chuva, perguntei a quem devia seguir, se ao Roger, que ia com seu amo, ou ao senhor Hareton, embora não sabia o que me poderia dizer meu amo. Da morte de sua esposa quase não tinha trocado uma palavra com ninguém. Não me tinha falado nenhuma só vez, exceto para me perguntar se estavam bem seus filhos. Não foi vê-los e nem fez que os levassem.

Minha ama me tinha dado um exemplo, que me ensinou muito: ela sempre fez o que era melhor para ela e utilizou às pessoas para seus próprios fins. Eu sabia que Roger e o capitão voltariam a partir para o fronte de batalha, enquanto que, lhe rogando um pouco, o senhor Hareton seguiria me proporcionando casa e comida. Assim corri atrás dele, jogando um olhar ao Roger, embora me cuidei muito bem de não alcançar a meu amo até chegar em casa. Uma vez que entrou, encerrou-se em seu quarto e ninguém o viu durante mais de uma semana, exceto seu valete.

Assumi desta maneira que minha posição estava assegurada, e voltei a cuidar dos meninos. Entretanto, quanto ansiava ouvir o ruído de cascos de cavalo no pátio e de pedrinhas nos cristais de minha janela, me anunciando que meu Roger tinha chegado para fazermos amor.

Anthony não era um bebê bonito. Era diminuto, moreno e desagradável. Assim seguiria depois de grande, embora muitos o achem atraente, especialmente as mulheres, como lhe contarei. Mas para mim ele era a causa da vergonha de sua mãe, e de sua morte, embora sem sabê-lo, e por isso nunca pude querê-lo. Rainton e Margaret eram muito pequenos para conhecer sua mãe, ou, é obvio, para julgar de menos, e a alegria e o calor que trouxeram para esse lar contribuíram em grande parte para aliviar nossos corações durante os tristes dias e tristes anos seguintes.

Antes de falar da maneira que criei o menino Rainton e à senhorita Margaret devo lhe contar o que aconteceu na semana do enterro de sua mãe, enquanto dava de comer ao Anthony e tratava de fazê-lo dormir logo.

Finalmente o senhor Hareton tinha saído de sua reclusão e visitado os meninos em seu quarto, onde não falou nem sorriu, mas sim os contemplou, meneando a cabeça.

Foi então que observei quanto tinha envelhecido e como havia mudado seu aspecto. Abriu a porta sem dizer uma palavra, e entrou. Rainton pareceu olhar a seu pai como se fora um estranho, e se afastou dele rapidamente, enquanto a garotinha lhe sorria de seu berço, e lhe dava os braços para que a elevasse. Mas ele não fez mais que olhá-la, sem mover-se. Logo se aproximou até onde eu estava vestindo ao Anthony depois de trocá-lo. A Mary lhe tinha secado o leite fazia muito e como não foi possível conseguir um ama de leite, dávamo-lhe a mamadeira. Muitas vezes me pergunto se não foi a falta de leite de mãe o que fez que Anthony fora um menino tão ingrato e difícil.

Dizem que são coisas de velhas, mas muitas vezes observei que os meninos que deixam a teta muito cedo são petulantes e difíceis e não têm o afeto dos que foram amamentados pela mãe. Fiquei quieto, friccionando as costas de Anthony enquanto olhava com certo temor ao amo.

—Pelos gases, senhor —disse a modo de explicação.

—Sempre chora assim? —perguntou o amo.

— Sim, não é um menino feliz, como seu irmão e sua irmã. —Olhei ao senhor Hareton para ver se objetava que referisse a seu «irmão» e a sua «irmã», pois não sabia se a morte de sua mulher e o triste giro dos acontecimentos lhe tinham feito trocar de opinião a respeito da forma de atuar com o menino que não era seu filho. Mas não só não pareceu objetar, mas também sorriu pela primeira vez desde que entrou na habitação, e agachando-se elevou ao menino. Imediatamente Anthony deixou de chorar e seus olhos, que logo que enfocavam bem, pareceram fixar-se no senhor Hareton, com aprovação. Acredito que foi nesse momento que nasceu um afeto eterno entre o Anthony e o homem que não era seu pai, embora ele acreditou durante muito tempo que o era.

Em realidade, senhor Lockwood, de agora em diante, até uma etapa muito posterior de meu relato, referirei-me ao senhor Hareton como pai do Anthony, pois Anthony cresceu com essa crença, e durante toda sua infância desfrutou da invejável posição de filho favorito.

Bom, esse dia de que falo o senhor Hareton tomou ao Anthony em braços pela primeira vez e o estava acariciando quando se ouviu uma comoção abaixo e uma vez mais em tão curto tempo voltei a ouvir a voz familiar do capitão Heathcliff que gritava: «Onde está Earnshaw?» Não sabia em realidade que direito tinha esse homem a entrar gritando em casa alheia, exigindo ver o dono de casa. Isso me enfureceu e também a meu amo, que, me dando ao bebê, caminhou até a porta do quarto dos meninos, quadrando-se de ombros.

Fui até onde estava o amo e ambos estávamos parados na porta quando vimos subir ao capitão, que percorreu a grandes passos o corredor a nosso encontro. Roger o seguia timidamente a certa distância.

—Ah, Earnshaw. Aí está! Quero falar com você.

Falava tão alto que todos os serventes o ouviram. O senhor Earnshaw deve ter temido o que poderia dizer-se a seguir, pois o fez entrar no quarto dos meninos e fechou a porta. O pequeno Rainton retrocedeu ante a presença deste temível monstro, apoiando-se na parede. Eu fiz que seguisse construindo casas com seus tijolos e voltei a deitar ao Anthony em seu berço. Senti-me aliviada pela presença do Roger, pois sabia que ele não permitiria que houvesse violência estando eu e os meninos.

—Agora, Earnshaw —disse o capitão, sem dar oportunidade a meu amo a que dissesse nenhuma só palavra—. Onde está meu filho? vim por ele! —Meu amo aspirou fundo e, com uma expressão tão áspera e ameaçadora como a do capitão, disse:

—Seu filho, capitão Ibbitson? Aqui você não tem nenhum filho, que eu saiba.

—Maldito seja, —exclamou o capitão, aproximando-se mais—. É obvio que tenho um filho. Anthony. Ele é meu filho. Você sabe. Note-se... é esse! Por Deus, é igual a mim.

Aproximou-se do berço e se inclinou, olhando ansiosamente a carinha que na verdade era parecidíssima a dele, muito me temo. Mas o senhor Earnshaw, parado a seu lado, também ficou a contemplar a cara da criatura, muito menos nervoso agora.

—É filho meu e de minha falecida esposa Catherine, senhor. É filho dela e meu. Não conheço nenhuma razão, legal ou moral, pela que possa ser seu.

As tranqüilas palavras de meu amo, e a maneira de falar, gravaram-se no capitão, que se voltou lentamente e olhou de frente ao senhor Hareton com uma expressão de total incredulidade.

—Você sabe perfeitamente que não é pai dele.

—Não, não sei. por que não seria?

—Você sabe que Catherine era minha amante...

—E minha esposa. Não acredito que você possa provar de maneira nenhuma sua paternidade.

Como se se desse conta pela primeira vez, o capitão parecia aniquilado. Não era um homem acostumado a sentir-se frustrado.

—Parece-se comigo! —balbuciou.

—Também se parece comigo —disse o senhor Hareton, imperturbável—. Estou seguro que se se parecer com você é por mera coincidência. Note-se, tem meu mesmo nariz, larga...

—Como a minha —disse o capitão, tocando-se seu apêndice nasal de maneira ridícula em minha opinião.

—Como a de minha esposa —replicou o senhor Hareton—. Fomos primos irmãos e tínhamos muitas feições parecidas. Todos temos os olhos escuros, como já deve ter notado. Reconheço que tem o cabelo negro, mas minha mãe, Frances Earnshaw, a quem não conheci, pois morreu a pouco tempo depois do meu nascimento, tinha o cabelo preto, conforme me hão dito. Como vê, capitão Ibbitson, este menino herdou todas as minhas características e de minha esposa.

O capitão deu uma espécie de grunhido animal, dando-se conta pela primeira vez de que sua brutal estratégia contra meu amo tinha fracassado, pois o tinha considerado menos inteligente do que era. Lembrei-me que em «Morros» havia dito que era pusilânime, e apesar da advertência de sua mãe não tinha trocado de opinião. Devido a que lhe tinha sido fácil conquistar a minha ama, pareceu-me, o capitão só sentia desprezo para o marido que a tinha deixado ir; em realidade, este era um aspecto muito estranho do senhor Earnshaw, difícil de explicar. Eu pensava que porque conhecia sua mulher, sabia que era teimosa, e se tinha deixado dominar, sendo em consequência desprezado por seu amante, este agora nos olhava de maneira ameaçadora.

—Você sabe que não diz mais que absolutas tolices —disse amargamente o capitão, com um tom de voz muito mais respeitoso.

—Nesse caso, o que fará a respeito? —disse o senhor Hareton. Notei que com cada palavra aumentava sua confiança—. Recorrerá à lei, ou dirá ao mundo inteiro que pretende apoderar-se de um menino que é filho de minha mulher e leva meu sobrenome?

—Você sabe que ela não estava com você, a não ser comigo!

—Não o bastante como para não duvidar que o menino não seja meu —replicou com suavidade o senhor Earnshaw—. Certamente, nunca lhe ocorreu tocar no tema com o Dr. Kenneth. Não, Anthony é meu filho e leva meu nome e você será o artífice de sua própria ruína, Ibbitson, se insistir em seu propósito. Todo mundo rirá e se burlará de

você. Eu conheci seu pai, se é que era seu pai, pois alguma vez podemos estar absolutamente seguros nesse sentido, verdade?

Vi que o capitão estava a ponto de agarrar pela garganta ao senhor Earnshaw ante esta provocação, mas Roger se adiantou e brandamente lhe pôs uma mão sobre o braço, contendo-o. Com cautela, o senhor Hareton deu uns passos atrás.

—Eu o queria, embora em muitos sentidos foi um homem cruel, que me degradou. Mas acredito que a sua maneira ele também gostava de mim, embora era contrário a sua natureza fazer algo por mim, porque odiava tanto a meu pai que quão único queria era trazer a ruína a nossa família. Vejo que você se parece com o senhor Heathcliff neste particular exceto pelo menos para mim você carece de bondade ou de encanto algum. Entra em minha casa como se fosse o dono, insulta-me ante meus serventes e trata de roubar a meu filho recém-nascido. Faz todo o possível por arruinar a mim e a minha família. Com esse fim enfeitou a minha esposa. Vejo que tem como móveis más intenções com minha família, senhor. Exijo-lhe que se vá e não volte a incomodá-los jamais. Vi que o capitão lutava por sobrepor-se. Estava furioso, mas no momento tinha perdido. Deu meia volta e se dirigiu para a porta. Antes de chegar se deteve, fez gestos ao Roger para que o seguisse e falou por última vez a meu amo.

—Estamos em guerra, Earnshaw, você e eu. E não se esqueça que sou soldado; esta não será a última vez que me vê. Amei a Catherine com uma classe de amor que você não pode entender; ela também me amou, e me deu um filho para que nunca a esquecesse. Em seu leito de morte me disse que Anthony era meu filho, e eu sei, pois basta olhá-lo para dar-se conta. Se não tivesse sido um imbecil, a teria levado comigo quando me pediu isso. Não quis fazê-lo. Estava muito seguro de mim mesmo, e dela. Não me dava conta de que sua enorme fortaleza era também sua debilidade, e que seu amor por mim era tão capitalista que sem mim não podia viver. Dizia-me que eu lhe dava vida, e assim era. Você viu como ia morrendo pouco a pouco, Earnshaw, e isso é algo que tampouco esquecerei nunca. Você a deixou morrer, é como se você mesmo lhe tivesse atravessado o coração de uma punhalada. Sim, sou filho de meu pai, e Catherine filha de sua mãe, e seres como você não podem habitar a esfera que habitamos pessoas como nós. Nunca durma tranqüilo em sua cama, Earnshaw. Não pense nem por um momento que me esqueci, o que aconteceu a muito tempo. Porque recordarei, Earnshaw, e voltarei!

Com estas palavras saiu do quarto, acompanhado pelo Roger, que não me olhou ao ir-se.

Quando se foi notei o efeito que tinham causado suas palavras em meu amo.

Estava pálido e olhava fixamente a porta fechada. Aproximei-me e o olhei aos olhos.

—Senhor? Senhor Hareton? Está bem? —Não me viu durante um momento.

Seguia olhando a porta, como se esse homem perverso seguisse ali, ou vendo com a imaginação como subia a colina rumo a «Morro dos Ventos Uivantes». Finalmente meneou a cabeça, para apagar a horrível imagem, e me olhou.

—Ah, Agnes. Sim, estou bem. Não temo ao Ibbitson, ou ao Heathcliff, como se faz chamar agora. Se Deus for bom, fará que mora na guerra. Se se salvar, não poderá seguir vivendo com esse rancor o resto de sua vida... embora seja filho de seu pai.

Com essas palavras saiu do quarto, me deixando pasma com os meninos. Dá-se conta, não, senhor Lockwood, que o senhor Hareton não tinha aprendido nada de todos esses anos que viu chorar o Heathcliff pela morte do Catherine, enquanto com firmeza causava a ruína dos Earnshaw e dos Linton? Nós fomos os mais indicados para conhecer o coração apaixonado dos Heathcliff, e a mente malvada, para nos dar conta de que o capitão se vingaria, tal como o havia dito.

Imaginará-se quão triste fiquei o resto do dia, além de preocupada com minha responsabilidade, mas sobre tudo me sentia dolorida por meu amor, Roger, com quem não tinha trocado uma palavra desde o enterro. E agora que meu amo e o dele eram inimigos de morte, que esperança havia no casamento de que falava com tanta alegria o inverno passado?

Ainda estava acordada, tarde essa noite, me sentindo muito triste. Tinha-me ficado no quarto dos meninos porque na Margaret estavam saindo os dentes e estava muito inquieta. De repente ouvi o ruído de pedrinhas no vidro da janela. Com o coração cheio de alegria corri a aparecer na janela e vi o Roger no pátio, que me fazia gestos para que descesse..

—Não posso —sussurrei tudo quão alto pude—. Sobe você, pela cozinha. Verei-te na escada.

Não preciso descrever a emoção que senti enquanto saí ao corredor com a vela e vi aparecer a meu amado na parte superior da escada. Correu a meu encontro e me abraçou com tanta força que quase me afoga.

Então o levei ao quarto dos meninos, mas seguiu me beijando até que quase me caiu a vela da mão.

—OH, Roger —disse entrecortadamente quando me permitiu isso—, OH, o que acontecerá nós?

—Podemos nos casar —disse Roger, o muito matreiro—, e posso te deixar uma lembrança, como lhe deixou meu amo a sua falecida ama.

—OH, não fale assim! —disse, mal-humorada, empurrando-o—. Pensa que eu gostaria disso, quando tenho a três meninos aqui que me necessitam, enquanto você estaria na França, me deixando sozinha, sem que ninguém me cuidasse nem lhe importasse nada de mim?

—Mas Agnes, quero que seja minha esposa, e um dia...

—Como é possível? —disse com tristeza—. Seu amo e o meu nunca poderão ver-se.

—Com o tempo, eu deixarei o exército, e você irá da Granja. Não, Agnes. Não lhes deve nada. Cumpriremos nosso dever com eles. Quer ser como sua tia e perder a oportunidade de ter filhos por servir a uma família que se esquece assim que lhe dá as costas?

—Sim —disse, recordando o carinho que tinha minha tia Nelly pelos meninos; agora que se casou era muito velha para poder ter seus próprios filhos—. Pode ser que quando voltar possamos fazê-lo; os meninos já serão maiores e poderei deixá-los. Mas seu amo hoje... Roger não.

—Estou acostumado a ele. Chaman-no «o diabo» no exército. É seu apelido. Dizem que cavalga melhor que ninguém, amaldiçoa mais que ninguém e faz o amor mais tempo que ninguém. É o melhor com a pistola e a espada. É um homem cruel, um homem duro. Os que estão sob seu mando o obedecem porque sabem que não tem compaixão. Mas também é justo e não pedirá a ninguém que faça o que não pode fazer. Vi-o cavalgar em frete das tropas até que todos estavam a ponto de cair. Comigo é bom, porque lhe sou leal, assim não permitirá que me façam mal. Assim devem ser os comandantes, Agnes, porque deles depende a sobrevivência.

—O capitão se criou em uma escola privada e logo no exército. Ele e o senhor Earnshaw não têm nada em comum, exceto ter amado à mesma mulher. E o capitão esta costumado a ganhar. Seu objetivo é ganhar, e sempre o faz.

—Seguirá pensando em vingar-se?

—OH, sim. Já achará um momento livre entre campanha e campanha e virá aqui a torturar ao senhor Earnshaw como prometeu. Terá-te dado conta, Agnes, de que tem

razão. Sabemos que Anthony é filho dele, não? E o senhor Earnshaw também sabe. Assim é. O capitão sempre está certo. Nunca o vi atuar injustamente quando não tem razão.

—O senhor Earnshaw faz valer seu direito —disse abatida—. Sabe que o capitão não pode prová-lo.

—Sim, mas está equivocado. Não é filho dele.

—Mas, o que faria o capitão com seu filho?

Meu amado me tomou em seus braços e tratou de me desprender o sutiã, o que não permiti, havendo meninos na habitação, apesar de que o desejava. Rechacei-o, embora a contra gosto, devo admitir.

—Isso não importa —disse Roger—. O que faria com ele não está em discussão, como me explicou isso. É seu filho. Em realidade, acredito que o tivesse deixado com sua mãe, e nesse caso ambos teriam deixado em paz ao senhor Earnshaw. Ele tem seus próprios filhos e poderia voltar a casar-se. Mas agora se procurou confusões. O capitão não desistirá. Conheço-o. nos deitamos agora e nos beijemos.

—Não, não posso —protestei—. Não com os meninos. Não é decente.

—Não verão nada.

—Não, Roger, não posso.

—Mas amanhã vamos.

—Não posso —falei—. Os meninos nos importunarão, e sentirei vergonha.

Como queria me entregar a esse jovem soldado, que se via tão alto e bonito à luz da vela! Mas quando a paixão e o dever estão em luta, eu sabia o que correspondia fazer, ao contrário de minha pobre falecida ama, e é por isso que ela está em sua tumba há trinta anos e eu viva. Sempre cumpri com meu dever, senhor Lockwood, e me orgulho ao dizê-lo.

Pois bem, meu amor parte e o capitão Heathcliff também, e não voltamos a vê-los durante anos, quando todos nos tínhamos esquecido deles e da inimizade que o capitão tinha jurado manter viva.

A que não se afastou da zona era a senhora Ibbitson, a mãe do capitão, embora tudo o que eu sabia era que sempre vinha em maio e ia em setembro. Eu nunca a vi nem ouvi dizer nada dela, nem tampouco o senhor Earnshaw, que tinha decidido não piorar as coisas, por isso não a incomodava para nada, e ela pagava o aluguel ao senhor Green. Inclusive consentiu em lhe renovar o contrato, o que foi desafortunado em vista do que aconteceria. Acredito que ele pensava que o passado estava esquecido, e era melhor não avivar as brasas. A senhora Ibbitson não nos incomodou, pelo menos até que cresceu Margaret, mas ainda não chegamos a esse ponto.

O que posso dizer desses anos que seguiram à morte de minha mãe, exceto os meninos, bem cuidados e bem alimentados, converteram-se de jovens brotos em formosas árvores? Margaret sempre foi formosa e atrativa, uma menina carinhosa, que queria agradar a todos e ser agradada. Rainton não possuía seu encanto, mas era um moço bonito, alto para sua idade, muito parecido a seu pai em aspecto e em sua maneira de ser. O que posso dizer do patinho feio da ninhada, o jovem Anthony? Só que cresceu de forma tão distinta aos outros dois que fisicamente eram o dia e a noite; a meus olhos pelo menos, não possuía encanto nem boa índole. Ficava mal-humorado se não lhe davam o que queria, e se o davam exigia mais, assim não havia forma de satisfazê-lo, e era em extremo ingrato. Nunca lhe ouvi dizer «obrigado». Todos os serventes o odiavam cordialmente, pois em algum momento todos chegavam a ofendê-lo, enquanto amavam a Margaret e Rainton.

Era uma situação desgraçada. Entretanto, posso dizer com honestidade que embora o comportamento do Anthony todos esses anos era extremamente molesto,

nunca chegou a romper a discórdia do lar. Disso se encarregava o senhor Hareton, esse homem tão consciencioso e tão bom. O segundo fato surpreendente era o tenro afeto que sentia o senhor Hareton para o Anthony e que, na maneira em que Anthony era capaz de demonstrar qualquer tipo de ternura, era correspondido. Margaret também amava a seu irmão menor, em detrimento do Rainton que, apesar de ser o herdeiro legítimo, cresceu com os sentimentos de inferioridade que, em justiça, deveria ter tido Anthony. Rainton tinha um caráter encantador, talvez por causa de que devia esforçar-se tanto para ganhar o amor dos membros de sua família. Qualquer palavra agradável o agradava tanto que era patético ver sua alegria; constantemente fazia costure para congarçar-se com eles, inclusive com o ingrato Anthony que tinha o poder de um irmão maior.

O senhor Hareton estava fora quase todo o tempo, por isso o cuidado de seus filhos ficava em minhas mãos. Tinha a ajuda de uma donzela mais jovem. Como eu não tinha cultura, à medida que foram crescendo, os meninos recebiam lições da senhora Tinkler, uma dama viúva a quem foram procurar todas as manhãs em Gimmerton na carruagem. Por isso, de uma idade assombrosamente precoce, Margaret e Rainton aprenderam a ler e escrever, muito distinto que eu, senhor Lockwood, que logo que sei fazê-lo rudimentariamente, para escrever cartas e coisas deste estilo. Margaret era um verme de biblioteca, igual a sua mãe e sua avó, mas Rainton era lento, e preferia estar ao ar livre, pois se interessava especialmente nas glórias da natureza e nas maravilhas do reino animal. Logo aprendeu os nomes de todos os arbustos, flores e árvores do parque, assim como de todos os pássaros que voavam por ali.

Anthony era muito distinto. Nada parecia lhe interessar, exceto satisfazer suas próprias necessidades e fazer sua Santa vontade. Claro que era menor que os outros dois, e por isso sua irmã parecia acreditar que devia lhe prodigalizar um cuidado e amparo especiais. Mas o que lhe faltava em erudição o suplantava com astúcia e inteligência; penso que se sua vida não tivesse sido desbaratada dessa forma, poderia ter sido um bom advogado ou político, já que era inescrupuloso e tortuoso por natureza, sem afã de ofender ao presente, senhor Lockwood, pois refiro a seu distinto irmão o senhor Dalby.

Assim passaram os anos. Estávamos cômodos, sem sentir a influência da maioria dos acontecimentos que tinham lugar na guerra contra França e o Imperador Napoleón.

Digo em sua maioria porque, é obvio, não ignorávamos tudo, porque os assuntos do senhor Hareton freqüentemente o levavam a Londres, onde, conforme diziam alguns, tinha uma senhora amiga, embora eu nunca me inteirei se era verdade, por mais que desejava com todo o coração que conhecesse alguém agradável e se casasse de novo. Nunca o fez.

As mulheres da família Earnshaw ao que parece exerceram uma atração verdadeiramente fatal sobre seus homens, especialmente se se pensa no senhor Heathcliff, que adoeceu por sua Catherine durante tantos anos, igual ao senhor Edgar. E logo, na geração seguinte, o senhor Hareton não pôde livrar-se da lembrança de sua mulher. Quando estava em casa nunca deixava de visitar a tumba de sua esposa uma vez por semana, nem de falar dela comigo quando subia para brincar com os meninos.

Em muitos sentidos, o senhor Hareton se resignou. Logo desapareceu esse aspecto envelhecido, de um homem freqüentado por fantasmas. Acrescentou suas terras até o ponto de que grande parte do Gimmerton passou a suas mãos, além de outras regiões, e seus extensos interesses incluíam carvão, ferro, lã, canais e as novas ferrovias, dos que se começava a falar então. Desempenhava uma parte ativa em assuntos cívicos e filantrópicos, mas sobre tudo se dedicava a seus filhos. Eles o adoravam; corriam ansiosamente a seu encontro quando viam aproximar-se da carruagem depois de uma de

suas viagens. Ele os abraçava e os elevava, beijando-os, e logo seu servente distribuía montões de presentes.

Um dia da primavera, muitos anos depois da morte da senhora Earnshaw, quando Margaret tinha uns dez anos e o parque parecia iluminado pela profusão de narcisistas e os espessos brotos que penduravam das árvores, o senhor Hareton entrou no quarto dos meninos, ou no quarto de jogos, como o chamávamos então. Eles estavam atarefados estudando com a senhora Tinkler. O senhor Hareton se dirigiu à janela e olhou para fora.

—Um dia formoso, Agnes, embora nunca vejo um dia assim sem me pôr triste. Lembra-te de sua ama?

—Ai, claro que sim, senhor.

—Foi em um dia como este, em maio, quando morreu.

Não disse nada e segui atarefada com meus afazeres.

—Me diga, Agnes, voltou a ouvir falar desse homem, Roger, o servente do Ibbitson, que te cortejava?

Não sei se era uma maneira indireta de averiguar se eu sabia algo do capitão, pois não me tivesse atrevido a questionar a meu amo, assim que lhe disse a verdade.

—Não, senhor. Nunca soube dele, desde esse dia até hoje.

—Passaram quase dez anos, Agnes.

—Sim, senhor, assim é. —Traguei com dificuldade e so ouvir mencionar seu nome trouxe lágrimas a meus olhos—. Deve haver-se casado faz muito, se não o mataram na guerra.

—Meu deus, como passa o tempo —continuou dizendo o senhor Hareton—. Não pensa te casar, Agnes?

—Não —disse, pois não queria discutir o tema—. Não me casarei. Tenho minhas obrigações aqui, e estou muito contente com elas. Você não é o mais indicado para falar de casamento, senhor Earnshaw, se me permitir o atrevimento. Um homem como você deve ser o foco do olhar de todas as mulheres casadouras!

—OH, tenho muito que fazer —disse o senhor Hareton, voltando-se com um sorriso—. Não me falta companhia feminina de vez em quando, sabe, quando vou a Londres, assim mesclo o prazer com o dever, mas nunca substituirei à senhora Earnshaw. Não, acredito que tenho uma vida plena e quem poderia desejar ter três filhos mais formosos?

Em realidade, algumas vezes pensava que o senhor Earnshaw se esquecia que Anthony não era seu verdadeiro filho, pois sempre o incluía com os outros dois. Justo então correram os três ao quarto de jogos, pois tinham terminado as lições da manhã.

Margaret e Rainton deram um grito de alegria ao ver seu pai, enquanto Anthony ficou, carrancudo, na porta, chamando a atenção ao ser distinto, como de costume. Vi que o senhor Hareton levantava a vista por cima da cabeça dos outros dois para fixá-la em seu filho menor.

—Ah, Anthony, por que não vieste abraçar a seu papai? Não se sente bem?

Sem emprestar atenção aos beijos da Margaret e do Rainton, o senhor Hareton foi rapidamente à porta e se agachou, solícito.

—Diga a papai, querido menino, o que te passa.

—Tenho dor de cabeça —disse Anthony com petulância, passando a mão sobre a fronte com um gesto afetado que eu conhecia muito bem, mas que sempre enganava a seu pai.

—OH, querido menino, estuda muito. Devo falar com a senhora Tinkler para me assegurar de que não esteja tratando de te pôr ao nível dos outros. Vêem o jardim com

papai. Talvez a brisa fresca te faça bem. —Abraçando a seu preferido e sem voltar a olhar aos outros dois, desceu com o menino e saiu ao parque.

Não era a primeira vez, nem foi a última, em que acontecia algo semelhante. O que sempre me maravilhava era que os outros dois tomassem tão bem, mas esse dia acredito que Rainton olhou zangado a seu pai. Lembro tão bem esse dia e posso lhe transmitir os detalhes porque foi esse dia que, inspirada pelas perguntas de meu amo, tomei uma decisão cujas conseqüências uma pobre servente como eu nunca podia ter previsto.

CAPÍTULO 11

Poderá imaginar-se com quanta inquietação, embargada de lembranças, subi a colina em direção à casa que não via desde fazia perto de dez anos. Nem «Morro dos Ventos Uivantes» nem seus habitantes eram mencionados na Granja, e em realidade os meninos nem sequer sabiam que existia. Ao contrário de sua mãe e de sua avó, Margaret não se sentia atraída pelos páramos, mas sim preferia brincar com suas bonecas, ler algum livro ou cuidar de seu irmãozinho Anthony, a quem idolatrava quase tanto como seu pai. Em realidade, era uma menina muito maternal, cálida, carinhosa e compassiva.

Não, se ha alguém que gostava de estar ao ar livre era ao Rainton, um verdadeiro naturalista, e a ele terei que lhe impedir de afastar-se muito; tinha proibido sair categoricamente dos limites do parque sozinho. Algumas vezes seu pai os levava ao páramo, de visita a tumba de sua mãe, mas cuidava que não subissem muito longe como para que a vista da casa na colina despertasse a curiosidade.

Posso dizer por isso que durante esses dez anos quase não pensei na casa nem em seu passado.

Essa formosa manhã de maio eu estava a ponto de ver a mulher que, indiretamente, tinha causado a morte de minha ama fazia muitos anos. Enquanto caminhava me fixei nas primulas e violetas silvestres que cresciam nas sarjetas, e os vencejos que voavam pelo alto páramo anunciando que era verdade que tinha terminado o inverno e que já chegava o verão.

Eu sabia que a senhora Ibbitson já tinha chegado, ou do contrário teria pensado que a casa estava deserta, mas não havia movimento no pátio nem saía fumaça da chaminé. Mas assim que levantei a trava do portão abriu-se a porta principal e vi aparecer Jennie, a donzela da senhora, que me olhava com suspeita. Ante seu olhar hostil me começou a palpitar o coração, e tive vontades de me voltar e correr por onde tinha vindo.

—O que quer? —disse Jennie sem me saudar.

—Quero ver sua ama —repliquei—. Está em casa?

Sem dizer outra palavra, Jennie, que indubitavelmente me tinha estado espiando de uma janela, fechou a porta e me deixou pensando o que fazer. Depois de uns minutos se voltou a abrir a porta e com sua maneira nada amistosa me indicou que podia entrar.

Sua ama estava sentada na sala, fazendo crochê. Tinha-me visto chegar. Quando entrei não levantou a vista nem deixou de tecer. Senti-me incômoda, me apoiando primeiro sobre um pé, logo sobre o outro, enquanto Jennie me observava com uma expressão de malévola satisfação em seu rosto.

—Bem, Agnes Dean —disse finalmente sua ama, ainda sem me olhar—, o que te traz por aqui depois de tantos anos? Procura emprego, talvez, como dama confidencial de companhia? —Notei o tom de sarcasmo com que falava, e me pus vermelha, chegando à conclusão de que não tinha esquecido a fuga de minha ama, assim não me queria mais que então.

—Não senhora. Queria saber se... se sabia um pouco do Roger, senhora.

—Roger?

—O servente de seu filho... do capitão Heathcliff.

—OH, Roger —disse a senhora com tom muito diferente, apoiando-se no respaldo e me olhando diretamente pela primeira vez—. Sim, tenho notícias do Roger. por que o pergunta?

—OH, senhora —exclamei precipitadamente, aliviada. Então não tinha morrido!

—. Gostava de mim. Sabe?, e eu esperava receber alguma notícia dele em todos estes anos, mas como não sabe ler nem escrever Y...

O rosto da senhora Ibbitson se adoçou e sorriu.

—Passaram tantos anos, e você segue pensando em seu apaixonado! Pobre menina.

Ficou de pé e se aproximou de mim, fazendo um gesto a Jennie para que nos deixasse sozinhas. Sabendo o bisbilhoteira que era Jennie, não duvido que ficou a escutar pelo buraco da fechadura. A senhora Ibbitson parou perto de mim, me olhando de frente, e então notei que tinha a cara cheia de pós e rugas e profundas rugas ao redor da boca, e me dava conta de que tinha envelhecido e sofrido muito todos esses anos.

Mas seus olhos, de um estranho tom violeta, seguiam sendo brilhantes e claros, e notei uma curiosa expressão neles quando me disse:

—E durante todos estes anos eu pensei em meu neto, Anthony, Agnes Dean, assim sei muito bem como se sente. Me fale dele.

Eu estava tão confundida que quase me afundo no piso. Tinha-me esquecido, é obvio de que era a avó do Anthony, de tão acostumada que estava em pensar que era um membro da família, o filho do senhor Hareton. Se tivesse pensado nela como avó do Anthony, talvez não teria ido.

—Bom, senhora... é um lindo moço... alto, moreno como o CA... como você, senhora. —Vacilei, sem saber que palavras usar—. Inteligente, muito voluntarioso...

—Eu gostaria de vê-lo, Agnes.

Olhou-me e sustentou o olhar até que me vi obrigada a baixar a vista, confundida.

—Trará-me isso? Então te poderei dizer tudo o que queira saber do Roger.

Assim disso se tratava! Tinha sido enganada com uma mutreta! OH; era natural que alguém relacionado com o Heathcliff se comportasse de maneira tão pouco honorável.

—OH, não quero dizer para sempre, moça! —adicionou, rindo, ao perceber minha apreensão—. Só de visita. Prometo-te que não se inteirará ninguém, se você arrumar para tira-lo da casa. Posso te enviar um carro, se for isso o que se preocupa, para que te recolha junto ao muro. Fará-o, Agnes? Permitirá-me conhecer meu neto?

Falava com um tom tão doce, premente e lastimero que me vi obrigada a conceder o que me pedia; por outra parte, queria ter notícias do Roger e me inteirar como eram seus sentimentos para mim. Eu tinha esperado tanto, sem olhar a outro homem.

Muitas vezes penso que minha tia Nelly sempre pensava com rapidez e clareza, enquanto que eu sou débil e de mente confusa, e caio sob as ordens de um e outro. Sabia que a ia agradar, embora também sabia que para fazê-lo devia trair ao

senhor Hareton, coisa que não queria. Minha tia teria ido a ele diretamente com o problema. Mas eu não.

—Se posso fazê-lo, senhora.

—OH, estou segura de que poderá, Agnes. Hão-me dito que o senhor Earnshaw se tornou muito próspero, e viaja freqüentemente. Talvez em ocasião de alguma viagem; me envie uma mensagem, e eu te mandarei o carro. Traz para os outros dois. Eu gostaria de conhecer os filhos do Catherine.

—Com respeito ao Roger, senhora, não poderia...? —perguntei, mas ela já me empurrava para a porta.

—Quando nos voltarmos a ver, Agnes. Que seja logo.

Poderá imaginar-se como me sentia, sabendo que tinha feito algo que não devia e me perguntando aonde me levaria. Cada vez que olhava ao senhor Earnshaw me sentia culpado e me punha tinta. Mas sentia curiosidade sobre o homem que amava —o único homem que tinha amado— assim cumpriria minha promessa.

Uns dias depois, quando o senhor Earnshaw viajou a Londres, enviei-lhe um bilhete por meio de um dos serventes mais jovens em quem confiava. Esse mesmo dia, mais tarde, levei aos meninos à parte posterior do parque e me pus a esperar o carro que lhe tinha mandado pedir. Os meninos estavam excitadíssimos; havia-lhes dito que não deviam dizer nada deste passeio, ou não voltaria a repetir.

Quase nunca saíam da Granja. Eu pensava que era uma lástima que os meninos crescessem tão sozinhos, tão afastados de outros meninos de sua idade, igual a sua mãe, cujo professor tinha sido o senhor Edgar. Algumas vezes desejava que seu pai os levasse a viver em Londres ou em alguma outra cidade onde poderiam levar uma vida mais normal, com muitos amigos. Sabia que não era questão de dinheiro, mas quando lhe falava da solidão de seus filhos me respondia que eram afortunados em ter uma casa tão formosa, com um parque esplêndido, um ama de chaves e uma donzela, coisa que ele nunca teve de menino, e assim terminava a conversação.

—Quem é a senhora Ibbitson, Agnes? —perguntou-me Margaret quando o carro subia a colina.

—Uma velha amiga de seu papai e sua mamãe.

—Logo veio a viver por aqui?

—Não me faça perguntas se não quiser que te responda com mentiras —lhe disse—. Não perca a formosa vista. —Desviei sua atenção. Rainton não deixava de admirar as flores silvestres e as aves que voavam daqui para lá.

—Olhe, Agnes! —Assinalou acima um pássaro grande que voava em círculos sobre a crista do páramo—. Nunca vi um igual no parque. É um zarapito, e busca o espaço aberto. Talvez haja um ninho perto. Devo pedir a papai que me traga para o páramo mais seguido.

Senti aflição ao pensar no que tinha me metido.

Logo nos aproximamos da casa, e Margaret e Rainton não deixaram de maravilhar-se ao ver um edifício tão magnífico, tão solitário, no topo do páramo. Dava-me conta de que não seria possível esconder isto de seu pai, que me faria responsável por romper a harmonia de seu lar. Enquanto assim pensava, vi a senhora Ibbitson que nos saudava da porta; ao ver que nos aproximávamos saiu a nosso encontro, enquanto estudava os três rostos infantis. Não era necessário tanto estudo, pois a identidade de seu neto saltava à vista. Era o que menos se fixou em nada, que menos interesse tinha demonstrado pelo passeio. Procurava do que queixar-se, e assim ter motivo para estar carrancudo o resto do dia.

—Bem-vindos, bem-vindos —exclamou a senhora Ibbitson, estendendo os braços para o Anthony assim que se deteve o carro—. Vêem, querido, deixa que te

ajude a descer. Vejo que é o bebê. Meu Deus! falei algo indevido? Ajudo primeiro a sua irmã, por ser menina?

Voltou-se para Margaret ao dar-se conta de que havia dito algo que tinha incomodado a seu tesouro. Vi que lhe tinha dado o motivo de queixa que esperava, e que agora ficaria de mau humor.

Mas estava equivocada. Não tinha tido em conta o encanto de sua avó, ou talvez foi pelo laço de sangue.

Não sei. Acredito que Anthony se sentia envergonhado de que o chamassem bebê, pois saltou do carro depois que desceu sua irmã, e quando a senhora Ibbitson se voltou para ele permitiu que o beijasse na bochecha e logo lhe deu solenemente a mão.

—E como te chama?

—Anthony, senhora, Anthony Earnshaw. Tenho nove anos.

—OH, Anthony, é um encanto. O moço maior é Rainton. E Margaret, é uma beleza! Conheci sua querida mamãe, e és igual, verdade, Agnes? E você, Rainton, é igual a seu papai. Sabem que estiveram aqui faz anos? Esqueceram-no, claro, eram dois bebês.

—Nesta casa? —perguntou Rainton, abrindo muito os olhos. Eu me lembrava muito bem das circunstâncias dessa visita, que não só estreitou o laço entre minha ama e o capitão, mas sim também foi o começo da atração entre o Roger e eu.

—Sim, querido, com seu papai e sua mamãe, quando ainda não tinha nascido o pequeno Anthony. Nem se tinha pensado nele ainda, verdade, Agnes?

—Não, senhora —respondi, me sentindo muito incômoda, mas ela nos conduziu em seguida à sala, onde havia uma mesa coberta de guloseimas capaz de deleitar a qualquer menino. Jennie acudiu, coisa estranha, com uma expressão agradável no rosto, e sua ama lhe ordenou que começasse a servir aos meninos, enquanto conversava comigo. Assim, depois de conversar um momento com os meninos e responder a suas perguntas, levou-me ao jardim, onde tinham florescido as tulipas, os malmequeres e os rododendros, e as groselheiras despediam esse perfume tão persistente que sempre me faz acordar ao verão.

—Bem, Agnes, cumpriu sua promessa, assim que eu cumprirei a minha. Mas me diga primeiro, como é o senhor Earnshaw com o Anthony? —Olhou-me fixamente, em meus olhos.

—Quê-lo como se fora seu filho, senhora. Sempre foi assim. Em realidade, prefere-o aos outros dois. Não sei por que, mas essa é a verdade, senhora.

—É um menino encantador —exclamou a senhora Ibbitson com orgulho—. É fácil ver por que é o favorito do senhor Earnshaw. É rápido e inteligente, comparado com o Rainton, que me parece um pouco torpe.

—Não, senhora —protestei—, isso não é verdade. Rainton tem um caráter magnífico. É bom, alegre, amoroso...

—Não há dúvida de que Anthony também o é —disse sua avó, e me dava conta de que os laços de sangue cegam às pessoas, que só vêem o que querem ver. Preferia ao Anthony porque era seu neto. Qualquer outro tivesse preferido ao Rainton, porque se via que era alegre, um menino feliz e saudável, cujo caráter expansivo contrastava com o retraimento do Anthony.

—De todas maneiras, senhora, agora que a agradei, não me falará do Roger?

—Sim, Agnes. —A senhora Ibbitson conduziu a um banco que estava na sombra—. Mas antes quero que me prometa algo mais.

Me encolheu o coração, porque me dava conta de que tinha metido o pé em uma armadilha, e ela não me deixaria em liberdade sem um preço.

—Do que se trata, senhora?

—Quero ver o Anthony com maior frequência. Quero que me traga isso quando puder. Fará-o, Agnes? Tenho poucos consolos em minha velhice. Fará este favor a uma anciã?

Em realidade, enganava-me, porque sabia muito bem que ficavam muitos anos de vida, mas assenti, pensando que quando o senhor Hareton se inteirasse da visita, despediria-me, com o que o assunto já não seria de minha responsabilidade.

—É boa, Agnes —disse a senhora Ibbitson, tomando da mão—. Bem, é verdade que não sabe nada do Roger desde 1806?

—Assim, é, senhora.

—Pois está vivo, e goza de boa saúde, como meu filho. Ambos estão cobertos de glória na guerra. Faz muito que não sei nada de meu filho, embora não sejam anos a não ser meses. Não o vejo desde que se embarcou para o Portugal em 1808 com seu regimento.

—Embora meu filho é um homem muito capaz, foi extremamente afortunado ao ter como comandante na primeira refrega no Portugal, em 1809, ao Sir Arthur Wellesley, atualmente o grande duque do Wellington. Foi a batalha do Oporto, e meu filho lutou tão magnificamente que chamou a atenção de um dos oficiais mais próximos ao Sir Arthur, que lhe falou a ele de meu filho.

—Embora em muitos sentidos meu filho Jack é atordoado, na guerra é muito disciplinado, embora temerário, e estas qualidades o distinguiram ante o Sir Arthur, que admira um bom soldado. Fez que lutasse junto a ele em todas as campanhas importantes.

—Jack destacaou-se em Portugal e na Espanha, lutando em Burgos e Badajoz (não acredito que esses nomes signifiquem algo para ti, menina), na Salamanca, e finalmente na batalha decisiva de Aclama, em junho de 1813. Jack formou parte da invasão a França com o exército do Wellington até a vitória, e estava a ponto de retornar a Inglaterra o ano passado, mas teve que ir a Espanha com a missão diplomática do duque, e agora está no Flandes com o exército. Espero-o este ano. Depois não sei o que fará, se seguirá no exército ou ficará aqui. Parece-me que vai ser difícil adaptar-se à vida civil.

—Durante todo este tempo, Roger lhe foi fiel como servente; muitas vezes lutou no fragor da batalha. Jack diz que nunca conheceu a um homem mais leal como servente.

Meus olhos estavam cheios de lágrimas ao pensar nas privações que teria tido que suportar Roger, sob o tórrido sol da Espanha, mas ao mesmo tempo estava muito orgulhosa de que se houvesse coberto de glória. Talvez me tenha sido fiel e não me tinha esquecido.

Antes de poder perguntar mais à senhora Ibbitson, os meninos, que tinham comido até fartar-se sob o olhar do Jennie, saíram correndo ao jardim, e a senhora se dedicou a fazer-se amiga deles, o que não foi difícil. Com a exceção do Anthony, reagiram positivamente ao carinho e a amabilidade. Inclusive Anthony parecia atraído, sem saber por que, a sua avó. Poucas vezes o tinha visto tão sociável, tão amistoso e cômodo, como se verdadeiramente estivesse em sua casa.

Logo chegou o momento de ir e depois de voltar a prometer que retornaríamos com a maior frequência possível, despedimo-nos afetuosamente.

Agora é possível perguntar-se como reagiria o senhor Earnshaw ao inteirar-se de nossa visita. Pois aconteceu algo realmente extraordinário. Esteve ausente essa vez durante muito tempo, e meu relatório coincidiu com a notícia da gloriosa batalha do

Waterloo, em junho, quando o duque venceu ao imperador Napoleón e terminou com ele para sempre. Contou-nos que todo Londres fervia de entusiasmo e que os bailes e as festas tinham atrasado sua volta.

Assim quando eu lhe contei de nossa visita à avó do Anthony, pois não queria que se inteirasse por outro, ele exclamou:

—Agnes, que idéia mais fantástica! passaram tantos anos que não acredito que as duas famílias guardem rancor. Pelo menos, assim me sinto. Em realidade, em Londres não se fala de outra coisa que na fama do coronel Heathcliff, pois ascendeu.

Dizem muitos, que é muito próximo ao salvador da pátria, o duque em pessoa. Estou seguro de que o coronel, cheio de medalhas e de glória, não seguirá pensando em uma vã ameaça proferida faz mais de dez anos. Eu não me ponho a ruminar a respeito de antigos enganos nem a recordar vinganças; embora pelo que me fez não me poria contente nem daria a bem-vinda em minha casa, se o chegar a aparecer aqui, não obstante, com magnanimidade.

Devo dizer que em todos esses anos o senhor Earnshaw não se tornou a referir ao Anthony como se existisse a possibilidade de que fora filho de outro homem. Eu sabia qual era meu lugar, e tampouco me tivesse atrevido a trazer para colação o assunto. Assim que o problema ficou tácito. Eu desejava com todo o coração que o coronel pudesse ser tão magnânimo para meu bondoso amo, como este estava disposto a ser com ele.

—Podemos agradecer a Deus, Agnes —prosseguiu dizendo meu amo— que Napoleón esteja terminado. Esta vez se cuidaram de pô-lo a boa cobrança, a muitas milhas de distância da França. Não voltará a escapar. Passamos maus anos para os negócios neste país. Estes largos anos de guerra com a França e mais recentemente com a América dizimaram a riqueza e os recursos deste país. Não tínhamos saída para nossos produtos, nem oportunidades para o comércio. Isto, junto com um governo impotente, da morte do Pitt, reduziu ao país a um triste estado. Agora veremos o ressurgimento do vigor britânico a um ponto sem paralelo na história, porque somos nós, nós sozinhos, os que fizemos beijar o pó ao Bonaparte, graças ao Duque do Wellington e às gélidas neves da Rússia. Bendito seja Deus como ambos.

Embora estávamos agradecidos pela paz (duvido que tivesse nascido você, senhor Lockwood, ou talvez acabava de nascer) havia muito sofrimento no país. As fábricas se foram estendendo e desalojavam às pessoas de suas terras para que fossem trabalhar nas indústrias. Posso lhe assegurar que a situação era terrível. As coisas não melhoraram muito, mas então eram muito piores. Havia mais revoltas aqui no norte que no resto do país, rompiam as maquinarias e açoitavam aos homens, deportavam-nos ou os enforcavam. Lembro que enforcaram um moço que ainda não tinha dezesseis anos.

O pobrezinho chamava a sua mamãe para que o salvasse. Era diminuto e meio raquítico pela má alimentação. Eram épocas difíceis, pois tinha terminado uma era e as pessoas não sabiam qual era seu lugar. As autoridades eram cruéis e malvadas, ou assim nos parecia com os do povo. Mas graças a Deus as coisas não trocaram fundamentalmente na Granja Thrushcross, onde todos conhecíamos nosso lugar, e estávamos satisfeitos. Ninguém tinha podido desejar ter um amo melhor que o senhor Earnshaw. Em um instante darei um novo exemplo de sua bondade.

Uma manhã, poucas semanas depois do Waterloo, sentiu-se uma comoção no pátio. Como vivíamos uma vida apazível, com muito poucos visitantes, o coração me começou a pulsar rapidamente para ouvir o ruído de cascos de cavalo. Talvez era Roger, de baixa do exército, que retornava para mim. Olhei pela janela e vi, consternada, que era Will, meu irmão menor, que trabalha como ferreiro na aldeia, perto da casa de

minha mamãe. Will tinha pedido emprestado um dos cavalos de seu amo. Vi pela janela que estava falando com um dos serventes.

—Will —disse em voz alta, abrindo a janela—, o que acontece? Está bem mamãe?

Will levantou a vista e me dava conta de que passava algo grave.

—Deve vir em seguida para casa, moça. Retornou seu noivo, e está gravemente doente.

Que peso senti no coração para ouvir essa horrível notícia! Corri a ver o senhor Earnshaw quem, felizmente, estava trabalhando em seu escritório, e lhe pedi permissão para retornar com meu irmão. Deu-me isso, é obvio, e aos poucos minutos estava sobre o anca do cavalo, detrás do Will, a tudo galope através do parque para o Gimmerton, sem perguntar sequer ao Will o que tinha ocorrido. Obstinada a ele, rogava com todas minhas forças que Roger não morrera antes de que eu pudesse chegar.

Corria tanto o cavalo do Will que à meia hora estávamos já na casa do Roger, na aldeia próxima ao Gimmerton. me esforçando por sorrir e ocultando o pesar de meu coração, entrei correndo à habitação principal, onde estava Roger deitado, com os olhos fechados e uma palidez mortal no rosto. Sua mãe correu a meu encontro, pegou-me do braço e me disse que desde sua volta Roger, em seu estado febril, não tinha feito mais que pronunciar meu nome, mas que temia que não me reconhecesse. Sorri-lhe, tratando de lhe infundir ânimos, e me localizei junto à cama. Em realidade, a julgar por seu semblante, acreditava que era seu leito de morte.

Estava tão fraco e gasto que parecia que tivesse partido semanas inteiras. Com tremenda dor notei que lhe tinham amputado o braço esquerdo à altura do ombro. O coto estava coberto de vendagens ensanguentadas. Tinha o aspecto de um homem que não voltaria a ver a juventude, com matas de cinza no anelado cabelo castanho, embora ainda não tinha completado trinta anos. OH, como amaldiçoei essa guerra que o tinha reduzido a esse estado, e ao coronel Heathcliff, por deixar que lhe acontecesse isto!

Senti o coração cheio de ódio e de ressentimento, sentada junto ao leito de meu amado, não só esse dia, mas também muitos outros, enquanto ele se debatia entre a vida e a morte. Eu lhe umedecia a cara e lhe trocava as ataduras da horrenda ferida quando era necessário.

Acredito que soube que melhoraria quando por fim me reconheceu, depois de pronunciar meu nome sem cessar e de que lhe dissemos que estava a seu lado. Sorriu com tanta alegria e alívio que pela primeira vez em todos esses dias me dava o luxo de chorar e afundei a cabeça em seu peito. Como reconfortado por minha presença, pela primeira vez dormiu com tranquilidade. O Dr. Kenneth, que o tinha cuidado bem (Deus benza a esse bom velho, embora cobrou seus bons honorários, que pagou o senhor Earnshaw!), disse-me um dia que a crise tinha passado e que Roger se recuperaria.

Pouco a pouco, Roger começou a digerir sólidos e a tomar um pouco de vinho que lhe tinha enviado o senhor Earnshaw. A senhora Ibbitson também lhe enviou comida quando se inteirou do estado em que havia retornado o leal servidor de seu filho.

Um dia Roger abriu os olhos e os vi tão limpos e livres de sofrimento e da sombra de morte que o rodeava fazia tempo, que lhe tomei em meus braços e voltei a chorar.

—Moça —disse, falando com um tom forte e claro pela primeira vez—, o que ainda está aqui? Não tem trabalho que fazer?

—OH, Roger —exclamei—, não sabe que quase lhe perdemos? Não uma vez, a não ser cem vezes? Como ia deixar-te? O senhor Earnshaw se encarregou de que

cuidem bem dos meninos, e me há dito que fique todo o tempo que seja necessário. Todas suas irmãs estão fora, e sua mãe estava desesperada.

—Não, moça —disse Roger soridente —, estava te fazendo uma brincadeira. Sabia muito bem que estava a meu lado, e lhe agradeço muito por isso—. Assim dizendo, deu-me o primeiro beijo em mais de dez anos, e apesar de sua debilidade, foi um bom beijo. Depois de um tempo pôde falar mais e recordar o que tinha passado, e me relatou isso.

—Terá ouvido como se distinguiu o coronel Heathcliff na guerra, como soldado valente, embora não temerário. Assim chamou a atenção do duque, que diz que os homens ousados são tolos. Gosta dos homens valentes, mas cautelosos. O duque, ou Sir Arthur, como o chamávamos, era muito rigoroso com a disciplina; gostava de açoitar e inclusive enforcar aos homens de filas inferiores por qualquer falta de disciplina, por mais insignificante que fosse. Por isso, era impossível querê-lo, embora se podia respeitá-lo porque lhe importavam suas tropas e vivia igual a elas, compartilhando suas penúrias. Cuidava que todos comessem bem e que não lhes faltassem provisões; quando a gente via o estado em que estavam as tropas espanholas ou as francesas dava-se conta de que devia estar agradecido ao Sir Arthur.

—Eu era, quando chegou à península, oficial comandante; então o estado dos homens, tanto oficiais como soldados, era indigno do exército britânico. Tínhamos lutado sob as ordens do Sir John Moore até que nos empurraram ao mar, na Coruña, e então soubemos como era a guerra, asseguro-te. Mas Sir Arthur trocou por completo o exército, transformando-o em uma força de primeira ordem. Claro que o coronel era um oficial muito moderno então, e embora tinha dinheiro, a classe social a que pertencia não fazia possível que ascendesse, porque a maioria dos oficiais eram nobres ou de famílias distinguidas. Mas ao Sir Arthur não impressionava o berço, e logo viu os merecimentos do Heathcliff, especialmente nas batalhas liberadas na Espanha e Portugal, no Vimeiro, Badajoz, Albiã, Salamanca, e a mais grandiosa, a de Aclama.

—O Coronel Heathcliff sempre esteve no mais cruel da luta, onde mais o necessitava. Eu nunca vi ninguém que conservasse tanto a calma, nem que fora tão capaz. Sempre cuidava de que seus homens estivessem a salvo e que houvesse a menor quantidade de baixas. Asseguro-te que vi chorar ao Wellington quando levavam a lista de baixas. Sempre elogiou a meu amo por conservar a cabeça e pelo cuidado que tinha, quando outros oficiais lançavam a seus homens à refrega sem medir as conseqüências.

—Eu sempre estava a seu lado, naturalmente, cuidando-o e lutando junto a ele. Muitas vezes me salvou a vida, e quero acreditar que um par de vezes salvei a dele, ou contribuí que não o ferissem. Como Wellington, que sempre estava no fronte, meu amo parecia ter uma espécie de amparo divino, porque nunca o feriram, enquanto os que estavam a seu redor caíam como pinos. No Waterloo feriram todos os que estavam próximos ao Wellington, exceto a ele, que entretanto estava à frente de seus homens.

—Depois que enviaram o Bonaparte a Elba, o duque se retirou do exército para converter-se em uma espécie de diplomata, conforme tenho entendido, e essa foi a primeira vez que ele e meu amo se separaram, pois meu amo ficou para mandar as tropas. Lembro que o duque estava muito emocionado quando se despediu de meu amo; abraçou-o, algo que nunca tinha visto antes, pois o duque despreza qualquer demonstração emotiva e não agüentava aos franceses, que sempre se estavam abraçando e beijando. Ao tempo enviaram a meu amo para que se unisse ao séquito do duque na Espanha. Bom, depois de algum tempo Napoleón escapou, como sabe, e o exército acampou primeiro no Quatre Bras, para fora de Bruxelas, e logo na aldeia do Waterloo.

O duque escolheu este lugar porque havia uma colina, o monte St. Jean, de onde se dominava a planície; no dia seguinte o exército francês tomou posição com grande

pompa e desdobramento de marchas militares. Eu estava com meu amo, junto ao duque; lembro que o duque riu entre dentes, dizendo que se podia ver com clareza a posição das melhores unidades, como o Guarda Imperial e os Lançadores poloneses, tropas de primeira ordem utilizadas pelo Napoleón em sua campanha. Em realidade, por primeira e última vez em minha vida vi o Imperador em pessoa; é um homenzinho, que ia montado em seu famoso cavalo branco, Marengo. Um dos fuzileiros pediu permissão ao duque para despachar a Bonaparte que estava tão perto, mas o duque o repreendeu com severidade, dizendo que os comandantes rivais não se assassinavam entre si. O duque era um verdadeiro cavaleiro, coisa que não pode dizer-se do Napoleón.

—Estávamos muito nervosos enquanto esperávamos que começasse a batalha. Tinha chovido a noite anterior e o dia tinha amanhecido cinza e triste. O terreno era um lodçal. Desde cedo aprontaram os canhões. Não tínhamos medo, pois estávamos com o Wellington, embora sabíamos que nosso exército era muito menor que o do Napoleón, e não tínhamos idéia de onde estava o exército prusiano, que ia ir em nossa ajuda mas que tinha sido dispersado pelos franceses no Ligny.

—Durante cinco horas estivemos frente a frente. Wellington estava nervoso, e de tão mau humor, porque não havia notícias do Blücher e os prusianos, que se mostrou mordaz com Lorde Uxbridge, algo que nunca lhe tinha visto fazer antes de uma batalha, pois sempre se mantinha tranqüilo e sereno. Depois se desculpou com Sua Senhoria, que perdeu uma perna na batalha. Bom, não te contarei os detalhes da batalha, para não te aborrecer. Em realidade, apenas posso me lembrar de tudo, de tão espantoso que foi.

Os Guardas defendiam a granja longínqua do Hougoumont, e meu amo se afastou do duque no fragor da batalha para ajudar ao batalhão que estava na granja, porque os franceses os tinham a mal trazer e as desce em nossas tropas eram terríveis.

Toda a granja ardia e era difícil saber quem lutava contra quem, pois tanto os uniformes vermelhos como os azuis estavam tingidos de sangue. O Marechal Ney tinha decidido, por alguma razão, que devia apoderar-se do Hougoumont e mandou contra ela divisão detrás de divisão, quando tivessem usado melhor suas tropas contra o exército principal e Wellington. Mas nossos moços resistiram, embora nos inteiramos que Ney deu procuração da outra granja do Maye Sainte, penetrando através de nossas filas. Foi uma batalha difícil, muito mais do que pensa a gente, mas ao entardecer chegou Blücher, e isso contribuiu à vitória. Mas muito antes disso eu já não participava da luta. Lembro que me separaram de meu amo, que brigava a pé no mais feroz do combate; eu tinha tirado a baioneta e atacava e me defendia quando senti um terrível golpe no braço, que desabou, inerte, a um flanco. Não senti nada mais, até que despertei no hospital do campo e vi meu braço junto a mim, separado do corpo. Estava rodeado de tipos como eu cujos membros estavam esparramados por toda parte. O aroma de sangue e imundície e as emanções de conhaque eram asfixiantes. Os gritos agonizantes dos feridos eram entristecedores. Deram-me um copo de conhaque para aliviar a dor, mas antes de que sortisse efeito voltei a desmaiar.

Na confusão da batalha e da vitória meu amo me perdeu o rastro, e não me encontrou até o dia seguinte, pois me tinham levado a Bruxelas com outros feridos. Meu amo pôs-se a chorar ao ver meu braço e eu soube que já não poderia seguir lhe servindo. Depois de tanto tempo nos conhecíamos muito bem. O necessitava o Duque em Bruxelas; encarregou-me que me cuidasse até chegar em casa, me dizendo que não me faltaria nada. Estou seguro de que meu amo não sabia, nem o Duque tampouco, quão mau tratava a seus soldados o país pelo que tínhamos lutado durante tantos anos.

Quando desembarcamos na Inglaterra nos deram baixa antes de que nos sanassem as feridas, e assim me encontrei viajando a Londres, onde uns salteadores no caminho me roubaram. Como não tinha a quem recorrer dirigi-me a casa, a pé; ainda

estava débil e a ferida voltou a abrir. Todos se sentiam enojados ao ver o sangue que me jorrava, assim que ninguém queria me socorrer. Asseguro-te que sobrevivi a essa espantosa caminhada por milagre. De vez em quando algum homem caridoso me elevava em seu carro ou uma camponesa me proporcionava uma cama para passar a noite e um pouco de comida. Não sei quantos dias ou quantas semanas demorei, sem deixar de pensar na glória que tinha compartilhado com meu amo no campo de batalha ou fora dele, pois ser servente de um soldado era muito bem visto por outros soldados e pelo oficial de mando mesmo, assim para mim era uma honra. E agora me via reduzido a esse estado lamentável, sem dinheiro, vestido de farrapos, com os pés extenuados e sangrando, porque as vestes se gastaram fazia muito.

—E logo por fim vi a casa de minha mãe e ao transpor a colina me acabaram as forças. Muitas vezes, depois de uma batalha extenuante, vi que os homens estão tão fracos que se perguntam como tiveram forças para lutar. Vi a casa de minha mãe, e a fumaça que saía pela chaminé, e me pareceu impossível ter feito essa viagem tão longa de Londres, e estar vivo. Meu irmão me encontrou, desacordado no campo. O resto já sabe.

Apertou-me a mão, tão fraco estava depois do esforço de relatar a história que apoiou a cabeça em meu regaço. Estava tão embargada de amor e de emoção que deixei cair umas lágrimas silenciosas enquanto meu Roger dormia em meus braços.

Bom, senhor Lockwood, sei que está mais interessado nos assuntos das famílias Heathcliff e Earnshaw, mas como é um homem bondoso —me dava conta o preocupado que ficou ao inteirar-se da desgraça do Roger— que devo lhe dizer que Deus foi muito bom conosco. Pois Roger se recuperou e nos casamos na nova igreja do Gimmerton. O senhor Earnshaw nos deu de presente uma casa no terreno do parque e empregou ao Roger para todo trabalho; eu passei a ser a governanta porque os meninos já estavam muito crescidos, embora ainda os fazia falta uma mãe. Ocupava-me do manejo da casa, cuidando do bem-estar do senhor Earnshaw e dos meninos, a quem amava com todo meu coração, até depois de ter meus. Roger era um bom pai, e cuidava de nossos filhos, duas meninas e um varão, enquanto eu trabalhava na casa. Todos estão muito bem, graças ao senhor Earnshaw.

Os, meninos Earnshaw consideravam a nossa casa uma extensão da deles, assim constantemente estavam entrando e saindo, brincando com nossos filhos, especialmente Margaret, que os cuidava e brincava com eles como se fossem bonecos.

Que tempos felizes foram! Parecem anos dourados quando penso neles, agora que estou sozinha neste chalé, que se foram meus filhos e meu Roger está clandestinamente no cemitério. Nunca recuperou suas forças depois do Waterloo; sempre foi um homem magro e doentio, que tinha perdido, a robustez da juventude.

Mas era um homem encantador, muito bom e foi um marido e pai excelente e um verdadeiro amigo todos os anos que durou nosso matrimônio. E um bom servente, além disso; nunca descuidou suas tarefas, apesar de sua invalidez, nem esperou que outros fizessem o que não podia fazer ele. Estava acostumado a dizer que isso o ensinou o Duque do Wellington durante todos os anos que lutou junto a ele. E o Duque vive ainda, senhor Lockwood, enquanto meu Roger morreu; há quem diz que tem tanta saúde que viverá para sempre.

Mas você se estará perguntando, com impaciência, o que lhe passou ao coronel Heathcliff. Devo me referir agora a sua volta, e a suas horríveis consequências, embora lhe direi que não o faço com muitas vontades.

CAPÍTULO 12

Lembro muita bem quando o coronel Heathcliff retornou a «Morro dos Ventos Uivantes» porque Margaret acabava de fazer dezessete anos, e seu pai tinha dado um baile em sua honra, o primeiro, que eu me lembre, que se dava na Granja Thrushcross. Anthony e Rainton voltaram da escola —ambos foram à escola do Dr. Arnold, no Rugby, ao cumprir os treze anos— e se convidou aos membros das famílias mais distinguidas da região; muitas das relações comerciais do senhor Earnshaw vieram de lugares distantes, como York e Hull, especialmente para essa ocasião.

Margaret tinha convertido-se em uma moça formosa, tanto em seu aspecto físico como por seu caráter. Não havia nela nada da petulância ou teimosia da mãe, mas muito da fortaleza interior e serenidade do pai, algo estranho em uma pessoa tão jovem.

A diferença de sua mãe, também, era alta e, embora era muito loira e tinha os mesmos olhos escuros e brilhantes, não parecia ter nada em comum com ela, algo pelo que eu, devo adicionar, dava graças a Deus.

Entretanto, sempre tinha falado de sua mãe; seu pai não deixava de falar dela, lhe dizendo quanto a tinha amado, sem mencionar, é obvio, até hoje, os namoricos com o coronel Heathcliff. Em todos esses anos os serventes eram todos distintos, exceto Roger e eu. Ao morrer o velho mordomo, Roger passou a ocupar seu posto, e como eu era a governanta, pensávamos que tínhamos progredido na vida, dando todo o possível a nossos filhos.

Foi Roger, em realidade, o primeiro em inteirar-se da chegada do coronel. Toda a aldeia falava de que o tinham visto passar em uma esplêndida carruagem. Logo tinha tido que retornar a deixá-lo ali e seguir viagem a cavalo porque o carro era muito largo para o estreito caminho que subia aos Morros».

Roger entrou correndo, tão excitado, como poucas vezes o tinha visto, gritando: —Agnes, tornou o coronel. Meu ano voltou para os «Morros»!

Lembrança esse dia. Eu estava no quarto da roupa branca, remendando uns lençóis e olhando pela janela quando podia, pois era um esplêndido dia de junho, as folhas se moviam com a brisa e as nuvens, diminutas como casulos de algodão, flutuavam pezarosamente pelo céu. Já meus olhos não eram como antes, e ao costurar tinha freqüentemente que fazer uma pausa, assim que me punha a contemplar a aprazível paisagem. Recordava como o tinha conhecido, ao chegar de moça, fazia dezenove anos —era o ano 1822—, como tinha crescido, me sentindo parte da casa, como se fora minha própria, e como Roger e eu finalmente tínhamos encontrado a felicidade depois de todos esses anos. Sentia que minha taça transbordava, até que ele irrompeu no quarto e, para ouvir suas palavras, estremeci-me, como se alguém me tivesse jogado um balde de água geadas.

—OH, Roger! —falei, e ao ver a expressão de meu rosto lhe fugiu o sorriso.

—O que acontece, Agnes? Não está contente?

—Contente? —exclamei—. Não recorda todo o problemas que causou o coronel a última vez que estive aqui?

—Mas, Agnes, isso foi faz dezesseis anos. Tudo aconteceu e foi esquecido. O coronel Heathcliff é um soldado famoso, e o senhor Earnshaw um próspero homem de negócios. Nada mau pode acontecer agora.

—Sinto-me feliz que esteja tão contente —falei com amargura—, depois da forma em que levou contigo. Abandonou-te, para que voltasse para sua casa como pudesse, e quase morre, sem um vintém, depois de tudo o que te devia o exército.

—OH, isso não foi por culpa do coronel, Agnes. Seja razoável, garota. Pode estar segura de que o coronel se encarregará de que me paguem tudo o que me devem agora. Irei vê-lo assim que possa.

—Nesse caso, acompanharei-te —falei, cortando com os dentes o fio—, porque quero que se proceda com justiça.

Assim foi que, dois ou três dias depois, Roger tirou a carruagem e, enquanto me punha o chapéu, Margaret entrou dançando em nossa casa, como fazia sempre que lhe ocorria.

—Aggie, vais sair? OH, me leve. Faz duas semanas que papai está em Londres e morro de aborrecimento. Aonde vai?

Tive um estranho pressentimento enquanto seguia me atando os laços do chapéu e não disse nada. Parecia-me que sabia que isto ia acontecer. Ao mesmo tempo experimentei uma sensação de alarme e apreensão que não tinha sentido em anos. Entretanto, não podia dizer a que se devia. Margaret estava acostumada a ir ao «Morro dos Ventos Uivantes»; ia duas ou três vezes por ano desde quando não sei, pois, cumprindo minha promessa, eu sempre levava ao Anthony a ver sua avó durante as férias do verão. E a senhora Ibbitson sempre se comportou muito corretamente, até o ponto que os meninos só sentiam admiração para ela.

—Os «Morros» —disse.

—A ver a tia Dorothy? —como a chamavam os meninos.

—Não, a ver o coronel Heathcliff que acaba de voltar da guerra. Ao Roger devem um dinheiro atrasado e espera que o coronel o ajude a cobrá-lo. Além disso, quer lhe apresentar seus respeitos.

Margaret tomou as mãos e lhe iluminou a cara.

—OH, me leve contigo! Dizem que é um verdadeiro herói! eu adoraria conhecê-lo. OH por favor!

—Não sei o que diria seu pai —disse com gravidade—. Duvido que gostasse.

—Mas ele não importa-se em que vejamos a tia Dorothy —disse a senhorita com simpatia.

—Não, mas no passado (não vou entrar nisso porque não há razão para fazê-lo) houve um problema entre seu papai e o coronel Heathcliff.

—OH, o que aconteceu, Agnes? Não acredito possível que alguém tenha um problema com papai.

—Bom, repito-te que não posso te dizer nada. Não me corresponde, mas... Suponho que não pode acontecer nada mau. Claro que está aborrecida. Não tem nada que fazer, agora que nem seu pai nem seus irmãos estão, e não há jovens com os que possa estar regularmente. Ponha o chapéu e te reúna conosco no alpendre.

Com estas palavras casuais determinei o curso dos estranhos e desventurados acontecimentos que nos aguardavam.

Oxalá tivesse podido ver o futuro, senhor Lockwood, mas bem sabe, isso é impossível, e talvez é melhor que seja.

Ao princípio pensei que a casa estava vazia. Reinava o silêncio embora as janelas estavam abertas e saía fumaça pela chaminé. Roger tinha posto seu melhor traje e estava muito pálido, sentado na carruagem. Me ocorreu que se sentia receios antes de ver o homem que tanto admirava. Como estávamos com a Margaret não nos atrevemos a ir pela parte de atrás, mas sim nos detivemos frente ao portal. Roger ajudou a

Margaret e logo a mim. Os três ficamos parados, sem saber o que fazer, quando se abriu a porta e saiu a senhora Ibbitson em pessoa.

—OH, Margaret, que formosa surpresa! Veio para ver-me, querida? Não vieram os moços contigo? —Beijou-a na bochecha e a pegou do braço, e estava a ponto de levar à casa quando, reparando no Roger, disse-lhe secamente:

—Pode levar o cavalo à parte de atrás, homem, e tomar uma taça de chá ali.

Senti que me punha vermelha ao ouvir suas palavras, mas logo vi que não tinha reconhecido a meu marido, que já não era mais a moço robusto e de aparência agradável que estava a seu serviço muitos anos atrás. Em realidade, tinha o cabelo branco em mechas e embora sua cara ainda era jovem —tinha trinta e sete anos somente— parecia mais velho, pois estava curvado os ombros e a falta de equilíbrio pela falta de um braço o fazia caminhar de uma maneira estranha.

—É Roger, senhora —lhe disse abruptamente—. Seu ex-servente, e o do coronel; faz sete anos que nos casamos.

—OH, Roger, não te tinha reconhecido. Por favor, me perdoe. OH, seu pobre braço, Roger, o que...?

Esqueceu-se tão logo, pensei, se é que alguma vez soube o que lhe passou. Nada mais que outro soldado ferido na guerra.

—Foi no Waterloo, senhora.

—OH, pobre homem.

—Tive sorte, senhora. A maioria dos homens aos que lhes cortaram alguma extremidade, morreram. Salvei-me porque era jovem e forte.

—Por isso veio a ver o coronel, senhora —disse com firmeza e vi que Roger ficava avermelhado; sabia que preferiria voltar para casa sem fazer o que nos tínhamos proposto—. Lhe devem dinheiro atrasado do exército. Pensou que o coronel poderia ajudá-lo.

—OH... —A senhora Ibbitson não sabia, o que dizer e apertou com força o braço da Margaret— O coronel se retirou do exército. Não acredito que ele possa fazer nada. Entretanto, saiu a cavalgar e voltará logo. Agnes, leva ao Roger à cozinha e prepara um pouco de chá. Eu quero conversar com a querida Margaret.

Era a primeira vez que me faziam entrar pela porta de serviço, e me incomodou o bastante. Todas as outras vezes me recebia na sala porque vinha com os meninos, e tomava o chá com eles. Estava indignada, o mesmo acontecia com minha menina.

Dava-me conta porque olhou zangada à senhora Ibbitson, apertou os lábios e logo me olhou como dizendo o que posso fazer? Roger era um homem muito humilde, acostumado a servir, e não parecia zangado pelo ocorrido, mas a mim, por minha relação estreita com os meninos (havia vezes, em realidade, que pensava que eram meus filhos e que tinha seis em lugar de três), eu não gostava que me considerassem uma simples servente, assim falei: —Nesse caso esperamos na carruagem, senhora, —e com essas palavras subi indicando ao Roger que fizesse o mesmo.

—Mas eu gostaria de tomar uma taça de chá, querida —disse o Roger, intrigado.

—Sobe! —disse com severidade—. Não é um simples servente, e não deve esquecê-lo. É o mordomo do senhor Earnshaw. Eu sou a governanta da Granja Thrushcross, e não uma faxineira.

Mas para então já a senhora Ibbitson e Margaret tinham desaparecido na casa e, em pouco tempo, apareceu um servente nos trazendo o chá em uma bandeja, enquanto eu não deixava de repreender ao Roger por ser tão rústico e não ter orgulho.

Devo confessar que era muito lindo estar ali sentados, sob o sol. Havia uma leve brisa que vinha do páramo e que trazia o aroma da erva e das flores do jardim. Não fazia

calor, mas sim estava morno, mas já revoavam as moscas pelas orelhas e a cauda do cavalo, e ele as espantava, enquanto Roger cochilava. Eu também fechava os olhos.

De repente ouviu o ruído de cascos de cavalo e, ao levantar a vista, vi uma figura familiar sobre um zaino. Senti um peso no coração que não soube a que atribuir. Minha memória não era tão breve como parecia a de muitos. Tinha estado no centro dos acontecimentos ocorridos fazia dezesseis anos, para poder esquecê-los facilmente. Além disso, conhecia muito bem toda a história e o mero nome do Heathcliff era de mau agouro.

Enquanto se aproximava observei que se mantinha muito erguido sobre o cavalo. Seus anos de soldado eram a amostra disso; além disso, ao contrário de meu pobre Roger, tinha o ar e o porte de um homem muito mais jovem que seus trinta e poucos anos. Estava segura de sua idade, pois era a mesma de minha finada ama. Pareceu-me que ia por detrás, diretamente à cavalaria, mas viu o carro e aproximou-se; a princípio não sabia quem eramos. Mas ao ver o Roger cochilando, deteve seu cavalo.

—Meu Deus, eu conheço essa cara! Roger Sutcliffe!

—Senhor! —Não sei se estava dormido, a coisa é que para ouvir as palavras pronunciadas com tom de ordem, Roger se incorporou de um salto e quase caiu do assento ao ver quem era o que lhe falava. Desceu imediatamente e parou o mais direito que pôde, o que não era dizer muito, pois sempre estava escorado pela falta do braço. O coronel saltou de suas arreios com a agilidade de um jovem e correu para meu marido, apertando seu ombro são—. Roger, meu bom homem, meu bom servidor. Muitas vezes me perguntei o que te passou depois que nos separamos. Não ponha assim, meu amigo. Nunca te vi chorar durante a guerra na Espanha, Roger, nem tampouco no Waterloo. O que diria o Duque?

Em realidade meu marido chorava como um menino. Seu pobre esqueleto se estremecia pelos soluços. O coronel me olhou, para que o ajudasse.

—E quem é você? Sua mulher? Se for Agnes! Assim terminou felizmente. Graças a Deus por isso.

Desci um pouco rígida pois tive que ter em conta minha dignidade como governanta da Granja e queria que ele se desse conta, apesar da maneira em que nos tinha tratado sua mãe.

—Não tão felizmente, coronel Heathcliff —disse com cautela—. Roger quase morreu de retorno a casa por causa das feridas e a falta de cuidado...

—OH, Agnes! —exclamou Roger, com a voz tremente ainda não comece com isso, rogo-lhe isso. nos esqueçamos.

—Não, falarei disso —respondi, me adiantando com as mãos na cintura, como uma lavadeira qualquer, pois no fundo sou uma camponesa, e sempre o serei—. Eu não o posso esquecer, pois graças a meus cuidados seguiu vivendo.

—Mas não refira a isso agora, quando faz sete anos que não vejo o coronel. Ele não teve a culpa.

—Que não teve a culpa? —falei, muito zangada ao ver que meu marido não tinha fala—. Não é culpa sua não ocupar-se de que o servente que o atendeu fielmente por quase dez anos, que arriscou sua vida e perdeu um braço por ele, retornasse a salvo a sua casa, e de que lhe pagassem o que lhe deviam? Que maneira de agradecer é essa a um homem que quase morreu por sua pátria?

Eu bufava de fúria e ao levantar o olhar vi que o coronel sorria. Parecia ter crescido, ou talvez eu me tinha encolhido, como dizem que acontece quando se envelhece. E estava de muito boa saúde, de aspecto juvenil. Tinha a cara bronzeada, como se passasse muito tempo ao ar livre, e os olhos lhe brilhavam, como se estivesse muito bem do fígado e não se entregasse com excesso aos prazeres, como muitos. Tinha

alguns fios brancos, mas contribuíam a seu bom aspecto. Levava roupa de montar de muito bom corte, que sentava à perfeição a sua figura alta e angulosa.

—Segue sendo uma mulher de temperamento forte, Agnes! Vejo que você não trocasse. tiveram filhos para benzer sua união?

—Sim, senhor, três, duas meninas e um varão.

—Me alegro muito de ouvi-lo. Darei-te uma moeda de ouro por cada um.

Deu uma palmada de ânimo ao Roger, nas costas, como se aí terminasse a coisa, e fez gesto de dirigir-se para a casa. Eu estava encolerizada ao ver quanto se emocionou meu pobre marido ao ver o coronel, e o pouco que parecia significar o encontro para este. Assim se comportam as classes altas com as baixas, lamento dizer, embora não sempre.

—Coronel Heathcliff —disse—. Lhe rogo que não entre na casa antes de ouvir o que tenho que lhe dizer. Roger veio a vê-lo para lhe falar do dinheiro. O exército nunca lhe pagou nada.

O coronel estava a ponto de levar o cavalo; voltou-se e me olhou fixamente.

—Eu não estou a cargo dos pagamentos, mulher. Que esperas que eu faça?

—Mas você era seu amo. Ele o serve fielmente durante dez anos...

—Sim, sim, sim, sim... —interrompeu-me o coronel Heathcliff com impaciência

—. Cumpria com seu dever, como todos nós. Era soldado, e isso era o que devia fazer, verdade, Roger? —O coronel se aproximou de meu marido e o fulminou com o olhar—. Recorda o que dizia o duque? O que se requer de um soldado é seu dever, e não deve esperar elogios nem as obrigado por cumprir com ele. Se não fizer o que lhe mandam, enforcaram-lhe, e se o faz, não o agradecem. Esse era o axioma do duque, e é o meu, também. Roger sabia o que fazia quando se alistou, igual a mim. Ninguém o pediu, nem o obrigou. Suplicou-me que o admittessem, e eu obtive que assim fosse. O alimentou e o cuidou bem, igual à todos os soldados do duque. Se não recebeu seu pagamento, é culpa do governo, não do duque. O duque fez tudo o que se esperava dele. Cuidou de seus homens e os converteu em um corpo de tropas organizadas capazes de lutar contra Napoleón ou contra qualquer exército do mundo. Creio que Roger tivesse sobrevivido a suas feridas se não tivesse estado bem cuidado? Pode agradecer-lhe ao Duque do Wellington.

O coronel estava a ponto de afastar-se, pondo ponto final à discussão, mas eu não ia permitir .

—Nesse caso, por que não se ocupa o duque do Wellington de que receba o que lhe deve? —disse—. Ele se encarregou muito bem de ficar bem provido! É um duque, hão-me dito que tem muitas terras e formosas casas, o agradecimento da nação. Por que não se ocupa o duque do Wellington de que seus homens recebam o dinheiro que lhes pertence? Nem mais, nem menos. Isso é o que pede Roger: somente o que é dele.

—E o que tem que o que é meu, senhora Sutcliffe? Não lutei ao lado do duque continuamente, sendo depositário de sua confiança, e de suas confidências? O que consegui? Nada. Fui como capitão, e saí nada mais que como coronel. E não me deram minha nomeação, mas sim o comprei.

E por que? Porque apesar do que dizia, o duque não subiu a homens que não pertencessem à nobreza. Ele era um nobre —seu pai era um Lorde— e seguiu igual. Vi como preferia aos filhos dos nobres ao melhor comandante de infantaria do batalhão, e por que? Porque conhecia seus pais e mães. Eram homens que ingressavam recentemente, menores que eu e sem minha experiência, e são agora generais, cobertos de honras. Assim lhe passou ao mesmo Wellington durante sua campanha na Índia, na década do 80 e do 90, e logo até o Waterloo. Eu admirava ao duque como comandante, mas não o queria como homem. Era duro, e estava de parte do berço e dos privilégios.

inteirou-se das circunstâncias de meu nascimento porque me troquei de sobrenome. Isso lhe bastou. Ao Heathcliff não correspondiam ascensões porque tinha nascido bastardo, e entre pessoas que se ocupavam do comércio. O dinheiro não interessa; não é um de nós.

Quão único importa é o sangue. Eu também me sinto amargurado! Se pensarem que me enriqueci na guerra, estão equivocados. Não tenho nem um vintém mais que antes. Tudo o que consegui é fama de bom soldado, pelo que posso estar orgulhoso, e o agradecimento do rei Jorge quando me retirei, escrito em um pedaço de papel.

—Por que pensam que voltei? Porque a sociedade londrina me rechaçou uma vez que terminou a guerra, quando já não se podiam fazer façanhas nem demonstrações de valor. Não era mais que um coronel, em um exército cujas filas estavam lojas de comestíveis dos filhos da nobreza. Não podia aspirar mais que a um posto na Índia, assim me tiravam de cima. A guerra significou pagamentos atrasados, posso lhes assegurar. Não pensem que eu não estou amargurado. Y...

O coronel tinha dado rédea solta a seu ressentimento. Levantou a vista e as palavras lhe afogaram na garganta. Margaret estava parada junto à porta, e sim bem, como hei dito, era mais alta, completamente distinta a sua mãe, de longe havia certo parecido. Dava-me conta de que o coronel tinha visto imediatamente esse parecido, e isso o fez calar. Sob a pele bronzeada me pareceu que ficava pálido, e apertou as mãos ao redor da redea, que não tinha solto durante sua explicação.

—É sua filha —disse em voz baixa, para que ela não ouvisse—. Margaret.

—Margaret Earnshaw —sussurrou ele, como se se tivesse ficado sem fôlego—. É incrível.

Margaret estava tão surpreendida ao ver o coronel como ele ao vê-la a ela.

Enquanto se aproximava, meus pensamentos retrocederam dezessete anos atrás, ao encontro dele e sua mãe no jardim da Granja Thrushcross. Era igual: viram-se, e se juntavam, como atraídos por um ímã. Deu-me um tombo ao coração e olhei ao Roger, para ver se se tinha dado conta, mas estava concentrado em seu sofrimento, com a cabeça baixa sobre o peito, como o imbecil do povo. Então me lembrei de que o coronel podia ser seu pai, e desprezei a ridícula idéia que acabava de ocorrer-se me

A senhora Ibbitson correu atrás de Margaret e a alcançou antes de que chegasse até onde estava o coronel.

—Não reconhece à garotinha, não, Jack? É a pequena Margaret, que teria um ano a última vez que a viu.

—Sim, cresceu —disse finalmente o coronel, surpreso—. E encantadora, se me permite dizê-lo.

—Este é meu filho Jack, querida Margaret. Durante a guerra se converteu em um soldado muito famoso, como te disse. O preferido do próprio duque do Wellington.

—Assim me disse, tia —disse Margaret sem deixar de olhar ao coronel com os olhos brilhantes de admiração, e me dava conta de quão atrativo devia lhe parecer, com todos esses anos de experiência, e não só na guerra, devo dizer. Se a isto se adiciona o fato de que não tinha oportunidade de estar com jovens de sua idade, pode-se ver que não tinha com quem comparar ao coronel Heathcliff. Todos os homens jovens que tinham concorrido a seu baile de aniversário eram imberbes e provinham de lugares distantes. Dessa maneira, uma jovem normal, com os desejos e as emoções próprios das moças de sua idade (como bem sabia eu por experiência própria) carecia de válvula de escape. Vi então que Margaret se converteu em uma mulher, algo que não tinha notado por estar tão perto dela; para mim seguia sendo minha garotinha adorada.

—Não irá, Margaret? —disse o coronel, dando as rédeas ao Roger como se ainda fora seu servente, o que me incomodou terrivelmente, embora ao muito ganso não, pois tomou docilmente as rédeas do cavalo—. Eu conheci muito bem a sua mãe.

Parece-te muito com ela, mas entretanto, quando te aproximou me dava conta de que não era tão parecida. É mais alta, acredito, e tem traços mais definidos. Não é assim, Agnes?

—Sim —disse com aspereza—. E muito parecida com seu pai, também.

—Não, não se parece com seu pai —disse o coronel—. Em nada. Entremos, querida, assim me fala de ti. —Ao ver que estavam absortos um ou outro, sua mãe se fez a um lado para deixá-los passar. Olhou-me com estranheza. Deve ter notado que eu estava furiosa.

—Pode ser seu pai! —vaiei.

—Sshh, Agnes. Já passará. ficou encantado momentaneamente pela moça. É pelo parecido com sua mãe. Ontem à noite mesmo me disse que nunca pôde esquecê-la. Quão único fez ao chegar foi ir pôr lhe flores na tumba.

Ao ver que todos se esqueceram que eu era uma servente, segui à senhora Ibbitson que já entrava na casa, me voltando para fazer um gesto ao Roger para que viesse também, pois o muito parasita estava afundando os talões na terra, como um cavalo assustado. Mas meneou a cabeça, dizendo que devia levar o cavalo de seu amo ao estábulo para limpá-lo. Pensei que há parvos que nunca trocam nem aprendem nada—, e Roger era um deles.

—Que amo nem amo! —E me fazendo para atrás, entrei na casa.

Sentados no sofá, o coronel e Margaret estavam entretidos conversando como se se conhecessem de toda a vida, embora assim era, se se pensava bem. Ele estava rindo de algo que ela havia dito, e pela maneira que a moça levantava a cabeça e o olhava, dava-me conta de que estava fascinada, igual a sua mãe anos atrás. Nesse instante me pareceu que crescia e se convertia em uma mulher amadurecida e casadoura, deixando de ser a criatura encantadora que eu tanto amava. A senhora Ibbitson também parecia dar-se conta do perigo e ficou a caminhar de um lado para outro, diante deles, como uma galinha que está ansiosa por seus dois pintinhos desencaminhados. De vez em quando tratava de intervir, dizendo algo ou servindo um licor da jarra que estava sobre a mesa.

—Vejo que se sente cômoda nesta casa —lhe dizia o coronel.

—OH, sim, vim muitas vezes a ver a tia Dorothy com meus irmãos. Não é em realidade minha tia, como você sabe, mas é tão boa e amável como se fosse.. Nem papai nem mamãe tiveram irmãos, assim não temos tios nem tias. Muitas vezes nos contou de suas façanhas no estrangeiro.

—Estou muito orgulhosa de meu filho. —Sua mãe aproximou-se, parou-se detrás dele e o beijou na bochecha—. trouxe glória ao sobrenome da família.

—Mas por que leva o sobrenome Heathcliff? —disse Margaret com inocência

—. Sabia que se chamava Jack, mas não que seu sobrenome fora distinto ao de sua mãe.

—Porque o sobrenome de meu pai era Heathcliff, bonita —disse o coronel—. Me chamo como ele, e estou orgulhoso disso. Alguma vez ouviu o sobrenome Heathcliff antes?

—Sim. Vi-o escrito na tumba junto à de minha avó. Nada mais que «Heathcliff». Quando pergunto a meu pai ou ao Agnes quem foi, fazem-se os que não sabem. Assim era seu pai, então? —Levantou os olhos para olhá-lo. Eu senti uma angustiosa agitação no peito.

—Sim, era meu pai, e estou, muito orgulhoso disso.

—E é por isso que você e papai tiveram um desacordo? —prosseguiu dizendo Margaret. Eu me volvei a sentir consternada—. É por isso que não diz nada?

—Disse-te algo seu pai? —exclamou o coronel com um sorriso, embora a expressão de seus olhos era de agitação.

—Nunca. Agnes me disse que faz muitos anos vocês dois se distanciaram.

—Pois não foi por causa de meu pai; não posso te dizer ainda a que se deveu.

Mas se esqueceu já, pois passaram muitos anos. O que diz você, Agnes? Terá-o esquecido o senhor Earnshaw, diria você?

—Perdoou-o, sim, pois é um bom cristão, temeroso de Deus —disse eu—, mas já que me pergunta isso, coronel Heathcliff, não acredito que tenha podido esquecê-lo.

Vamos, senhorita, coloque o chapéu, ou chegaremos tarde para o jantar. —

Estava ansiosa por tirá-la dali e zangada comigo mesma por ter permitido que fora. Lamentei os intuitos do Senhor, que nos conduz por atalhos tortuosos, cuja direção não conhecemos até que já é tarde, quando é difícil emendar os enganos.

Não preciso adicionar que Margaret não fez mais que falar do bonito coronel não só durante a viagem de volta, mas também também vários dias depois. Quando voltou seu pai, o primeiro que fez foi jogar-se em seus braços e exclamar:

—Papai, conheci coronel Heathcliff, o famoso militar.

—Como, está aqui? —disse o amo com certa agitação, me olhando por cima da cabeça de sua filha.

—Sim —disse lúgubrememente—, encantado como sempre. —Indiquei à senhorita com a cabeça, olhando-o intencionalmente.

—OH, papai, é muito bom moço, embora Agnes diz que quase tem sua idade, e que é mais velho que Roger. Mas parece que Roger tem o dobro de sua idade!

Que dor senti para ouvir com quanta ligeireza e frivolidade falava a menina a quem eu tinha criado como a uma filha! Que cruel! Tinha esquecido tão rapidamente as lições que eu lhe tinha dado com tanto esmero? Que nunca se burlasse dos anciões, nem que preferisse o superficial ao verdadeiro. Dava-me conta, entretanto, de que tinha falado sem malícia, embora com ligeireza, assim que lhe disse com tristeza, pois sempre lhe falava com franqueza:

—Dói-me ouvir que fala assim de meu marido, senhorita Margaret, que embora só tem trinta e sete anos parece um velho, e caminha como um velho devido à vida dura que teve no exército, e a terrível ferida que pôde ter matado a um homem mais débil. Seu pai poderá lhe dizer que arrumado era de jovem, e segue sendo-o ante meus olhos. E, mais importante que isso, é um homem bom, verdade, senhor Earnshaw?

—Assim é, Agnes —assentiu meu amo, perplexo pelo giro que tinha tomado a conversação.

—Como conheceu Margaret ao coronel Heathcliff? —perguntou brandamente, embora havia ansiedade em sua maneira de me olhar. Expliquei-lhe as circunstâncias da visita, e para completar a coisa lhe contei a diátribe do coronel contra o duque.

—Ah!, assim não perdeu a dureza, então? —lamentou-se meu amo.

—Realmente não, senhor. Direi-lhe que está cheio de ódio e de amargura. Esperava adquirir maior importância no exército, e sair melhor recompensado.

—Assim é Heathcliff —disse meu amo—. Soa familiar. Bom, talvez tenhamos a sorte de não voltar a vê-lo. Duvido que o satisfaça a vida nestes sítios depois da agitação de Londres e do Continente.

Pareceu esquecer do assunto, como suponho que era seu desejo, e se negou responder às perguntas que lhe fez Margaret esse dia e os subseqüentes. Eu sabia que cedo ou tarde, de uma maneira ou outra, inteiraria-se da verdade.

Não tinha transcorrido uma semana desde nossa visita aos «Morros» quando chegou um servente trazendo um bilhete do coronel para o amo, lhe pedindo uma entrevista. Eu estava na sala com ele pois como governanta era meu dever lhe informar sobre o manejo da Granja e discutir vários assuntos.

Meu amo leu o bilhete um bom momento e logo disse ao servente que oferecesse algum refresco ao mensageiro do senhor Heathcliff enquanto ele meditava a resposta. Permaneceu sentado um comprido momento, com a carta em uma mão e a cabeça apoiada na outra.

—Agnes, o que devo fazer? —disse por fim—. O vejo? —Já me tinha lido o conteúdo do bilhete.

—OH, senhor, eu não posso responder essa pergunta —respondi, me sentindo atemorizada—. Mas temo que nada bom pode provir de sua visita. Pressinto-o.

—Eu também, querida Agnes —disse meu amo com um suspiro—. Mas não vejo maneira de me negar. Pede-me isso com cortesia. Não entra pela força, como a outra vez. Seria uma grosseria de minha parte me negar a vê-lo.

—Você é um cavalheiro, senhor —disse—, e ele não.

—Talvez o seja agora, sob a influência do duque —disse o amo, rindo—. Dizem que tem maneiras perfeitos, até no campo de batalha.

Meu amo respondeu o bilhete, fixando dia e hora, e quando chegou o momento não saí do vestibulo, esperando ao coronel Heathcliff, para poder participar da entrevista, embora com a intenção de simular um encontro casual.

Chegou a cavalo até os degraus da entrada principal e não ao alpendre de atrás, e quando um cavaleiro correu a ocupar-se do cavalo eu me adiantei a esperá-lo no último degrau. Lembro que bem lhe via com seu calete de montar verde e calças marrons.

Tinha a cartola na mão, e o sol brilhava em seu cabelo negro com alguns fios cinza. De repente se deteve e saudou com a mão a alguém que estava em uma janela do piso superior. Logo, soridente ainda, aproximou-se de mim.

—Acredito que me estava esperando, Agnes.

—Quem? — falei, me levando a mão gelada ao coração, pois sabia muito bem a quem acabava de ver.

—Margaret. Saudou-me da janela. Ah, aqui está.

Vi, consternada, que Margaret descia correndo a escada, com o rosto radiante de felicidade. Estava formosa esse dia, com um vestido de musselina azul pálido e uma cinta azul no cabelo, que fazia ressaltar os cachos de cabelo dourados.

—Coronel Heathcliff! —exclamou—. Que surpresa! Sabe papai que vinha?

—Espera-me, senhorita Earnshaw. —Tomou a mão, inclinando-se para beijá-la e ao mesmo tempo arrumando-lhe arteramente para olhá-la aos olhos, o descarado. Vi-a ruborizar-se, e lhe brilharam os escuros olhos. Vi, com horrenda certeza, que estava a ponto de apaixonar-se. O que podia lhe custar a um forasteiro bonito e experiente ganhar o coração de uma donzela impressionável que tem muito tempo livre? Muito pouco, certamente.

—Eu o levarei até o senhor Earnshaw, senhor - falei, desejando separar o da Margaret quanto antes—. O está esperando.

O coronel assentiu, saudou com uma reverência, sem esquecer-se de sorrir a Margaret e lhe sussurrou algo ao ouvido, que não alcancei para ouvir, mas vi que ela se ruborizava, assim pude imaginar do que se tratava. Quando entrávamos no escritório de seu pai me virei e vi que o seguia com o olhar. Ele se deteve e a olhou outra vez.

O senhor Earnshaw estava de pé, aguardando seu convidado. Como me indicou muito claramente que saísse da habitação, fechei a porta, com um terrível pressentimento, e retornei ao corredor, aonde estava Margaret.

—OH! por que quer ver papai, Agnes?

—Por negócios, suponho — falei secamente.

—É o homem mais bonito que vi em minha vida —exclamou, juntando as mãos, extasiada—. Não o cre?

—Não, não acredito —respondi—. Meu Roger era muito bom moço antes de arruinar-se na guerra. Seu papai é muito arrumado...

—OH, sim, sei, mas o coronel Heathcliff... é como imagino que deve ser Lorde Byron, ou um cavalheiro romântico das novelas do Sir Walter Scott.

—Lê muitas novelas, esse é seu problema. Vamos ao jardim, a fazer algo.

—O que devo fazer, Agnes? —Surpreendida pelo tom da voz, notei que tinha as bochechas rubras e que estava furiosa, por alguma razão—. O que devo fazer? O que posso fazer? Não tenho nada que ler, nenhum vestido que costurar, terminei o bordado. Não tenho a quem escrever uma carta. me diga então, Agnes, o que devo fazer?

—Nunca me falou que esta maneira —disse, ressentida, levando-a ao alpendre de entrada—. Sempre se mostrou de acordo com a vida que levava. Que lhe brindou muito. Um bom lar e um pai de que pode estar orgulhosa, uma vida fácil e o estômago cheio, coisa que não pode dizer-se de muitos em nosso país. por que está descontente, então?

Olhou-me sem responder, mas a intensidade desse olhar me atemorizou. Tinha os dentes apertados e havia em seus olhos um fulgor apaixonado que nunca tinha visto antes.

—É por ele, verdade? —disse-lhe—. Pelo coronel Heathcliff. Esta inquietação se deve a ele. Desde que o conheceu, não deve ter acontecido um dia sem que o nomeasse. Lamento o dia em que a levei a essa casa.

—OH, tivéssemos conhecido de todos os modos —respondeu com calma Margaret, e as palavras me pareceram sinistras—. Sei que nos conheceríamos algum dia.

—Essas são tolices —disse—. Parecem palavras tiradas de uma novela tola. O coronel tem outras coisas que fazer antes de ocupar-se de uma menina que poderia ser sua filha.

—Já o há dito antes, Agnes —disse, voltando-se e descendo os degraus—, Mas não se casou alguma vez, não?

—Eu não sei nada da vida privada do coronel —disse, seguindo-a lentamente—. Eu..

Não sei o que ia dizer, pois nesse momento ouvi uma comoção proveniente do escritório do senhor Earnshaw. Levantavam a voz, zangados. Margaret me olhou atônita. Tratei de que seguissemos caminhando para o parque para afastá-la do desagradável estrondo.

—O que acontece, Agnes? por que gritam assim?

—Não sei, senhorita —respondi, agitada—. Vamos até o fundo do parque a juntar ramos de salgueiro para arrumar a sala.

—OH, Agnes não me trate como a uma menina! Nunca me diz nada! — Minha jovem ama se soltou de minhas mãos e, tornando-se a chorar, correu para um grupo de árvores em um extremo do parque. Segui-a torpemente, mas logo decidi deixa-la só e retornar à casa, justo quando o coronel Heathcliff saía ao alpendre, pedindo a gritos seu cavalo. Estava furioso. Oxalá o tivesse visto assim Margaret, com suas bonitas feições transtornadas pela cólera, e tremendo de ira! antes de que chegasse a ele já a moço de quadra lhe tinha alcançado o cavalo. Imediatamente montou e se afastou ao galope como se o levasse o diabo. Corri à casa, aonde estava meu amo. Encontrei-o

desmoronado na cadeira, com a cara pálida, em marcado contraste com a do Heathcliff, tão rubra. Respirava com tanta rapidez que acreditei que soluçava.

—Golpeou-o, senhor? —perguntei, consternada, me inclinando. Negou com a cabeça, mas não pôde falar, e me senti realmente com pena; perguntei-lhe se queria que procurasse o Robert, seu valete.

—Não, não, Agnes. me sirva uma taça de xerez do botellón. Isso me reanimará. Por Deus, Jack Heathcliff não trocou absolutamente; segue tão bruto como sempre. Não tem mais que o verniz de soldado cobrindo as gretas podres.

—O que aconteceu, senhor?

Meu amo me agradeceu pelo xerez e tomou um sorvo da taça que lhe servi.

—Tudo começou muito bem. Falamos da guerra, convidei-o com xerez. Logo me disse:

—«Para ir ao grão, Earnshaw, vim a perguntar por meu filho». Eu lhe disse: «Aqui não há nenhum filho dele». Como sabe, sempre hei sustentado que Anthony não é seu filho...

—Mas, senhor, ele sabe...

—OH, sei —disse meu amo—, e sei que você também sabe a muito tempo, embora acordamos não falar do tema, mas não posso admiti-lo por temor a que faça uma demanda judicial. De qualquer maneira, zangou-se.

—«Você sabe perfeitamente que Anthony é meu filho», disse, «e você virtualmente o reconheceu publicamente ao permitir que visitasse minha mãe».

—«Mas é que todos meus filhos visitam sua mãe», disse afavelmente. Então deu um golpe sobre a mesa e derrubou o vaso.

—«Por Deus, Earnshaw, é meu filho e de Cathy, e quero que todo mundo saiba. E saberá. Não tenho nada a perder, Earnshaw. Se alguma vez tive ambições no exército, faz dezesseis anos, já as perdi; desvaneceram-se como fumaça. Deveria ser general e ter um título de nobreza, mas não sou mais que um coronel que comprou sua nomeação, lhe pagaram seus serviços e logo foi deixado de lado pelo Wellington, como se nunca tivesse existido. Asseguro-lhe que em muitas batalhas e refregas eu contribuí decisivamente à vitória, e ele sabe muito bem».

—«Deixou-o de lado, igual a você fez com o Roger», disse com sarcasmo. «Por sorte eu estava aqui para lhe dar um teto».

—«Roger era um soldado raso, maldito seja», disse Heathcliff dando um salto. «Carne de canhão, como os chamávamos, a escória da terra. Eu era um oficial, um homem acostumado a mandar. Digo-lhe que...»

—«Você me dá asco, Heathcliff!» disse-lhe. «Roger é o sal da terra, e todos os bons soldados como ele que contribuíram a salvar a esta nação. E foram maltratados. Não só aqui, mas também também em Londres, inteirei-me que os inumeráveis soldados, mortos de fome ou de suas feridas, que percorrem as ruas sem lar, trabalho ou dinheiro...»

—«Não tenho por que seguir esta conversação, Earnshaw», disse Heathcliff, levantando a voz. «Vim cortesmente a perguntar a respeito de meu filho e para lhe dizer que quero que seja oficial do exército.»

—«Você não tem nenhum filho», repeti, olhando-o. Pensei que me ia soquear, assim que me pus a um lado, mas conseguiu controlar-se.

—«Quero que Anthony entre no exército. Eu pagarei sua nomeação. Quero que seja reconhecido como meu filho. E maldito seja, Earnshaw!»

—«Não é seu filho », respondi, perdendo o controle. «Nem sabe que você existe, e você lhe importa em nada. Rogo-lhe que lhe deixe em paz a mim e a minha família, como estávamos acostumados durante sua ausência.»

—Então fui à porta e a abri, mas me pegou pelo colarinho e pensei que me ia estrangular. Nem sequer podia chamar o Robert, mas lhe dei um murro no estômago, com o que me soltou, cambaleou contra a parede e ficamos olhando um ao outro como boxeadores.

—«Estou amargurado, Earnshaw», disse. «Não obtive o que procurava na vida. Tenho quase quarenta anos, e me sobra o dinheiro; investi-o sabiamente enquanto estive no estrangeiro. Porei algo em ferrovias, que me hão dito vão transformar a civilização; também participarei dos negócios locais. Acossarei-o, Earnshaw, transformarei sua vida em um inferno, e algum dia direi ao Anthony que sou seu pai. Você pode fazer o que lhe ocorra. Estamos em guerra, Earnshaw. Sempre o estivemos... Odeio-o, e não o perdooarei nunca»

—«E você acredita que eu o perdoei?», murmurei, fora de mim, tanta era minha raiva por seu descaramento. Quase não podia falar de tanto que batia o coração. «Você seduziu a minha mulher, e a arrastou à morte. você cre que posso perdoar isso?»

—«OH, ela veio por sua própria vontade, Earnshaw. Parece-me que você não fez suficiente uso dela. Estava ansiosa por meus abraços, asseguro-lhe. Isso de que a matei é um disparate. Nem sequer estava aqui. Se tivesse estado, ela não teria tornado com você, é obvio. Esse engano cometi, ao deixar que nos separássemos. Se não, não teria havido nenhum engano com respeito a quem é o pai do Anthony. Ainda não me desforrei que você, Earnshaw, e lhe juro que não descansarei até fazê-lo».

—Com isso partiu, pedindo a gritos seu cavalo. Viu-o Margaret?

—OH, não, senhor. Ouviu os ruídos, e isso a transtornou. Correu ao bosque. Parece-me que lhe jogou o olho ao arrumado coronel.

—Devo afastá-la —disse o amo—. Devo afasta-la dele, maldito seja. Iremos a Londres. A temporada quase terminou, mas se nos apuramos poderei leva-la a alguns bailes e festas, e logo talvez ao Continente.

—OH, senhor, que plano esplêndido! —exclamei—. Deveria havê-lo feito antes. Está muito encerrada aqui, muito isolada de jovens de sua mesma classe.

Seu pai assentiu.

Deveria me haver dado conta antes, mas parecia tão feliz, tão contente. Foi uma filha perfeita, verdade, Agnes? Nunca me deu nenhum problema, nunca teve manhas de criança. E eu estive tão ocupado que nem sequer me fixei se se sentia sozinha.

—É uma jovem mulher, senhor, apontei significativamente—. Precisa casar-se.

—Casar-se! —disse meu amo, horrorizado—. Não é mais que uma menina.

—É mais velha que sua mãe quando esta se casou pela primeira vez. Claro que à força, mas mesmo assim... —falei—. E quando sua mãe se apaixonou por você e se casaram, tinha dezenove anos, apenas dois mais que Margaret agora. As mulheres se desenvolvem cedo, senhor. É natural.

—Margaret, casada! OH, não! Deixaria-me, iria daqui. Como poderia viver sem ela?

—OH, senhor —falei, consternada ao vê-lo como um pai tão possessivo—. Deve aceitar o curso da natureza. Margaret é uma beleza. Não se deu conta disso? Não viu como brigavam os jovens por dançar com ela? Não vai seguir solteira muito tempo, ou se casará com quem não deve, asseguro-lhe. É amadurecida para sua idade e os moços de sua idade não são mais que meninos para ela, como irmãos, muito jovens para atraí-la. Os encantos amadurecidos do coronel Heathcliff têm seu atrativo.

—Não pode falar a sério! —exclamou, angustiado, meu amo—. Ele é velho para ela.

Mas me dava conta de que estava preocupado, assim não tive necessidade de mencionar o que ela havia dito do coronel meia hora antes.

—OH, tirarei-a daqui —disse—. Sim, e os rapazes podem reunir-se conosco durante as férias. Alugarei uma casa. Deixarei a ti e ao Roger para que cuidem a Granja. Claro que eu virei de vez em quando, para atender os negócios.

—OH, não se pensará ir para sempre, não? —falei, alarmada, pois pensei que se perdia a minha família (isso eram para mim) morreria.

—Para sempre não, Agnes! Voltaremos depois de uns tempos, mas quero mostrar a Margaret algo da vida. É uma beleza, tem razão, e se casará bem, mas ainda não. Verá, quando estiver em Londres logo se esquecerá do Gimmerton e da Granja Thrushcross... sim, e também de «Morro dos Ventos Uivantes».

Mas, como verá, senhor Lockwood, meu amo se equivocava. Margaret não deixava atrás os problemas ao ir-se, mas sim ia para eles, com os olhos completamente abertos. Sem sabê-lo, todos contribuímos a empurrá-la.

CAPÍTULO 13

Como sabe você, senhor Lockwood, eu não leio muito bem, mas esse ano que permaneceu longe de mim minha jovem ama não descuidou de me escrever, algumas vezes apenas umas linhas, mas pelo geral uma larga carta em que me contava tudo o que fazia, do excitada que se sentia por estar em Londres, ou quando ia ao Bath ou a Brighton de passeio com seu papai. Pensava eu que era muito distinta a sua mãe, ou a sua avó, pois para qualquer delas, ao afastar-se dos páramos teria equivalido à morte.

Margaret parecia ganhar vida com a agitação e o bulício da cidade. Estava acostumado a me levar as cartas à senhora Tinkler, que se tinha retirado de seu ensino e vivia na aldeia. Aqui as tenho ainda, senhor Lockwood. Pode as olhar você mesmo. Conservarei para o final a última, a mais importante de todas, para quando tiver terminado de ler as outras.

Junho 19 de 1822.

Querida Aggie:

Estou tão enlouquecida aqui em Londres! Sinto-me como em outro mundo. A amiga de papai (é muito boa e respeitável), a senhora Wright, conseguiu-nos alugar uma casa na rua George, no Marylebone, e nos mudamos diretamente depois de passar uma noite no hotel. É uma casa bastante pequena, mas há lugar para todos. Além disso, Aggie, está no centro da cidade. Na volta da esquina está a mansão do marquês do Hartford, na praça Manchester, e Hyde Park fica bastante perto. Do outro lado está a estrada nova, construída pelo senhor Nash para o rei desde o Carlton House até o parque Marylebone, que agora se chama Regent's; a rua nova, muito elegante, com colunatas, chama-se também Regent.

Londres é imensa e suas ruas estão cheias de cavalos e carros o dia inteiro e a metade da noite. A senhora Wright vive bastante perto, na rua Devonshire, e me acompanha a todas as partes quando papai está ocupado. Levou-me às compras. Nunca

vi tanta variedade de mercadorias em venda: meias de seda, cintas, sutiens, galões de toda classe, luvas francesas, musselinas de todo tipo, e sedas, brocados, peles e plumas de todas as cores do arco íris, importadas de todos os países do mundo. E as casas de comida, abarrotadas de quanta delicadeza possa imaginar !Nunca vi nada igual em minha vida.

Papai não me deixa ir ao teatro, mas ele foi com a senhora Wright, e as outras noites ela ofereceu um jantar para me apresentar ao círculo de seus amigos íntimos.

A senhora Wright é jovem, muito mais que papai, e muito bonita. Estava casada com um oficial que morreu no Waterloo, e quando lhe contei do Roger chorou, mas me disse que muitas estavam pior que você. Acredito que tem uma posição muito desafogada e evidentemente quer muito a papai. Mas ele me há dito que não lhe deu nenhuma esperança nesse sentido, o que me parece uma lástima, porque mamãe faz dezesseis anos que morreu e papai e a senhora Wright se vêem muito bem juntos.

Parece-me que à senhora Wright foi encomendada a tarefa de me apresentar a alguns jovens, pois sempre que vou a sua casa encontro com um sortido variado de sérios cavalheiros que gentilmente me emprestam sua atenção e tratam de conversar comigo. Mas, para te dizer a verdade, Agnes, sinto-me como uma camponesa, ignorante do mundo e seus costumes; fico sentada em silêncio, assim logo perdem todo interesse...

Setembro 22 de 1822.

Queridíssima Aggie:

Acabamos de retornar de uma visita ao Continente! Papai tinha que ir por negócios e paramos em um hotel em Paris. Acompanhou a todas partes outra amiga de papai, Madame Jules Rébart, um pouco mais velha, que a senhora Wright é inteligente mais que bonita. Acredito que Madame Rébart está casada, mas nunca se menciona a seu marido, e é óbvio que é muita afeta a papai. Parece-me que quando está fora do Gimmerton é muito popular com as mulheres. Paris está tão alegre agora, depois dos anos terríveis da guerra. Madame Rébart diz que é como se Napoleón não tivesse existido nunca. Todo mundo lançou um suspiro de alívio quando morreu na Santa Helena o ano passado.

Estivemos em Paris só uma semana e depois seguimos viagem para o sul, ao Mediterrâneo. Ficamos na Niza papai, eu e os rapazes, que se reuniram conosco em Paris ao termino das aulas. Anthony está muito alto, muito mais que o Rainton. Há muita inimizade entre os dois, o que aflige a papai e que eu não posso entender. Brigam incessantemente. Rainton já terminou o colégio e irá a Oxford em outubro. Papai diz que lhe fará bem.

Havia muitos ingleses na Niza e papai ofereceu um jantar em nosso hotel em honra de alguns amigos. Saíamos todas as noites, a festas e bailes. É mais fácil falar com os franceses que com os ingleses, tenho descoberto. Gostam de flertar, jogar olhadas e fazer requerimentos amorosos. Papai nunca me deixou sozinha, nem por um instante!

Logo fomos a Itália, aonde papai sempre levava a mamãe, e ficamos na Génova, uma feia cidade comercial, embora muito bem localizada. OH, Aggie, não posso te contar por carta todas nossas aventuras no estrangeiro. Isso terá que aguardar até que nos vejamos. Viajamos pela Suíça e Alemanha até Bruxelas, e daí a Inglaterra, onde chegamos a semana passada...

Novembro 8 de 1822.

Queridíssima Aggie:

Lhe agradeça à senhora Tinkler por me escrever uma carta tão linda em seu nome. Pu-me contente de ter notícias de casa e de me inteirar de que Roger e os meninos estão bem. Sinto falta da todos. Mas Londres é tão excitante, com tantas coisas que fazer, que não compreendo como pude sobreviver no Gimmerton, onde não fazia nada o dia inteiro, e não via ninguém. Assim que chegamos compareceu a senhora Wright. Diz que tenho feito tantos progressos que estou irreconhecível. Parece-me que realmente pensava que eu era uma camponesa torpe, embora sua educação não lhe me permitia dizer isso Naturalmente, agora tenho tema de conversação, e encontro aos jovens cavalheiros mais entretidos e interessantes. Rainton tem um amigo íntimo chamado Henry Livingstone que sempre está em casa. Papai diz que vem para ver-me para mim, não ao Rainton. Igual à meu irmão gosta da botânica, e vai estudar a em Oxford. depois disso quer entrar na Armada, diz...

Janeiro 4 de 1823.

Queridíssima Aggie:

Fomos a uma festa tão maravilhosa de Ano Novo e dancei toda a noite com o John Fairfax, que é bastante velho: tem vinte e dois anos, e é amigo do Hettie Wright (agora lhe digo Hettie. Parece que só tem dez anos mais que eu! Oxalá papai se casasse com ela, pois está enlouquecida por ele e não faz mais que falar dele).

John Fairfax é um bom moço, com maneiras formosos, e diz que se apaixonou locamente de mim. O que te parece, Aggie? Não posso acreditá-lo. É tão distinto do Gimmerton. Hettie diz que é muito bom partido, pois herdou uma pequena fortuna de sua avó. É um cavalheiro de futuro, com terras no Hampshire. Quer me levar a visitar sua mãe, mas papai diz que nunca o permitirá ainda...

Janeiro 25 de 1823.

Queridíssima Aggie:

Queria te contar que acredito estar apaixonada pelo John Fairfax, pois não me posso tirar isso da mente e espero todo o dia que chegue a hora de sua visita. Não creio que isso é estar apaixonada, Agnes? Mediante uns amigos influentes que tem conseguiu entradas para ir ao Almacks, os salões da rua King, que são majestosos, e eu estava enlouquecida com a idéia, mas papai se negou categoricamente a que fosse.. Acredito que papai tem medo de que me apaixone a sério do John, pois pensa que é muito jovem e ocioso. A papai gosta dos homens que estão bem empregados, no exército ou que se dedicam aos negócios, e John não faz nada disso...

Fevereiro 26 de 1823.

Queridíssima Aggie:

Ocorreu a tragédia mais espantosa, a mais dolorosa de minha vida. John pediu minha mão mas papai o despachou imediatamente, sem dar nenhuma razão adequada, exceto que sou muito jovem. Logo que houve tempo para uma muito breve despedida. Ele retornou ao Hampshire, com o coração destrozado, mas diz que me esperará e me escreverá por meio do Hettie Wright. Estou muito triste, mas não tão desolada pelo John como pensava. Acabo de conhecer um tenente muito simpático, do regimento dez de húsares (que antes se chamava o regimento do Rei), chamado Charles Talbot, que em realidade é muito mais divertido que John (que não fazia mais que ficar melancólico e suspirar por mim todo o tempo quando o que quer uma é entreter-se um pouco mais).

Papai diz que voltaremos para casa para Páscoas. Desenhei e bordei bastante, mas a maior parte do tempo a dedico a visitar amigos ou receber suas visitas, ou passeio pela rua Regent ou no parque. Também fomos ao surpreendente museu de cera do Madame Tussaud, no Strand. As figuras parecem de carne e osso. Ela veio da França como emigrante em princípios do século. A família do Charles vive em Londres, e tem uma quantidade de irmãos e irmãs. Uma delas, Laetitia Talbot, fez-se muito minha amiga. Diz que Charles está apaixonado por mim, mas que não tem dinheiro, pois tem muitos irmãos mais velhos que ele, assim não devo ter esperanças. Pedi ao Hettie que devolva ao John Fairfax suas cartas sem abrir...

Ah, já vejo, senhor Lockwood, que está chegando ao final. Bom, as outras são muito parecidas; todas falam de festas, bailes, jovens cavalheiros. Depois destas missivas houve um intervalo longo durante o qual não recebemos cartas da Margaret nem notícias do amo. Eu estava preocupada. Passou a primavera e começou o verão; comecei a pensar que não recebíamos notícias porque não passava nada mau, assim não estava preparada para a muito mau notícia que recebi a fins de julho em uma carta que me escreveu Margaret com um selo postal do estrangeiro. Aqui está, senhor Lockwood, e não lhe contarei nada pois se vai dar conta de tudo.

Bruxelas, julho 29 de 1823.

Minha querida, queridíssima Aggie:

Custa-me muito te escrever depois de um intervalo tão largo, e mais me custa te contar o que aconteceu desde que te escrevi por última vez, embora agora talvez papai já tenha voltado para casa e esteja inteirada de tudo. Não me condene, Aggie, até que se inteire do que tenho que te dizer.

Pouco depois que te escrevi, Charles Talbot acompanhou a uma festa. Eu acreditava estar me apaixonando por ele. Não queria dançar com ninguém mais que ele, e me dava conta de que papai o passava. Ele tinha ido com o Hettie, e nos olhava, soridente ao Charles, o que era um bom sinal.

Estávamos dançando a valsa, Aggie, a última peça de moda muito atrevida, pois os bailarinos se pegam da cintura. Ao princípio muito poucos casais se atreviam a dançar, mas já todo mundo o aceita. Até vi papai dançar com o Hettie! Essa noite eu não sentia nada mais que felicidade em companhia do Charles. Tudo ia muito bem entre nós, e papai estava muito contente quando de repente, na escada que dava ao salão de baile, vi um homem que me olhava intensamente. OH, Aggie, deu-me um tombo o coração, e acreditei que desmaiaria! Era o coronel Heathcliff, mais distinto e esplêndido que nunca com seu casaco azul, suas calças brancas e um enorme chapéu. Deu-se conta de que o tinha visto, pois o saudei com a mão, e quando terminou a música aproximou e me saudou com uma reverência.

«Senhorita Earnshaw, estou encantado de vê-la. Não podia acreditar a evidência de meus olhos, ao vê-la dançar a ousado valsa, pois acreditava que estava em seu lar do Gimmerton. E já está aqui, posso ter a honra da próxima peça?»

Olhou aos olhos, Aggie, tão fixamente que tudo desapareceu, exceto ele. Charles nos interrompeu fríamente: «A senhorita Earnshaw está comprometida comigo para toda a noite, senhor. Tenha a bondade de...» Mas eu exclamei:

«OH, Charles, é um velho amigo de casa. me desculpe». Com muito pouca graça se fez a um lado enquanto o coronel Heathcliff conduzia à pista. Era outra valsa. Senti seu braço ao redor da cintura, e OH, Agnes, era como estar no Paraíso. Nunca havia sentido nada igual. De repente, já não vi nada mais. Desapareceram papai, John Fairfax e o pobre Charles Talbot ante a paixão que sentia pelo coronel. Quando o olhei nos olhos e vi os seus cravados nos meus me dava conta de que estava absoluta, irrevogavelmente apaixonada por ele. Senti nesse momento que só existíamos nós dois no mundo, apesar dos bailarinos que nos roçavam e o ruído da orquestra, e até depois que terminou a música segui olhando-o, sem poder lhe tirar os olhos de cima, como se estivesse em um transe, até que me tirou da pista e começou a me falar com pressa e urgência.

«Tornamo-nos a encontrar, Margaret. É o destino, verdade? Posso voltar a verte? Posso ir visitar te? Onde está parando? Quanto tempo estará aqui? Margaret, devo te dizer que da última vez que te vi não pude te apartar de minha mente. Como não podia ir à Granja, pu-me a pensar em mil maneiras distintas de chegar a ti. Como sabia como pensa seu pai via muito difícil poder sair deste dilema, assim vim ao estrangeiro para me distrair, e hei aqui que volto a te encontrar...» Igual a no caso dos demais casais, de cuja existência nem sequer nos tínhamos precavido, tampouco vimos aproximar-se de papai até que ouvimos sua voz geada que dizia:

«Margaret, tenho entendido que está comprometida para a próxima peça». Ali estavam papai, muito zangado, e Charlie Talbot todo avermelhado. Inclusive o coronel, pelo general tão dono de si, parecia não saber o que fazer nesse momento. Então, Hettie disse:

«Mas se for o coronel Heathcliff! Foi oficial de mando do James, em Infantaria. Coronel, lembra-se do James Wright, um tenente...?» «claro que sim, senhora», exclamou o coronel Heathcliff, agradecido pela mudança, «foi um de meus oficiais, um moço magnífico. É você sua viúva, senhora? Receba minhas mais sinceras condolências...»

Papai estava escandalizado, naturalmente, mas o que podia fazer? Era evidente que Hettie estava fascinada pelo coronel, que rapidamente salvou a situação convidando-a para o próximo baile e a tirou antes de que papai explorasse. Queria ir-se imediatamente. Charles tinha um aspecto penoso de perplexidade, assim que tudo foi uma comoção que observaram muitas pessoas que estavam a nosso redor. Por fim obtive que papai não fizesse um escândalo, não só por nós, mas também também por

Hettie, que evidentemente venerava ao coronel, já que se tratava de uma rixa privada da que ela nada sabia e que não poderia compreender.

Nesse ponto o coronel Heathcliff devolveu ao Hettie a papai, fez-nos uma reverência às mulheres, saudou com a cabeça a papai e se foi com um cortês murmúrio de despedida. Acredito que estava com um grupo de gente pois não o vi mais nem observei quando se foi.

Papai esteve muito calado o resto da noite, mas não se falou nada mais do tema. Entretanto, a tensão que existia entre nós fez que recebesse o final do baile como um alívio. Aggie, imaginará minha consternação pelo descobrimento que fiz na pista de baile. Queria escrever para lhe contar isso mas pensei que não teria sua aprovação, assim que me tive isso que guardar, desejando que não fora mais que um entusiasmo passageiro. Mas quando voltei a ver o Charles Talbot, comecei a me perguntar como o tinha visto antes, com que olhos, pois me pareceu insípido, estúpido e aborrecido.

Durante dias minha vida foi um tortura, Aggie; não sabia o que fazer, onde poderia ver de novo ao coronel Heathcliff, se é que o voltaria a ver, até que um dia veio de visita Hettie Wright e me disse que tinha uma surpresa para mim. Me olhando muito misteriosamente me disse que fosse até sua casa. Papai tinha saído e eu estava sozinha na casa, exceto pelos serventes. Bom, pu-me o chapéu e saímos rapidamente. Roguei-lhe que me dissesse do que se tratava. Ao chegar à porta de sua casa me ocorreu algo e então lhe disse, atterrada:

«OH, Hettie, não será John Fairfax...» Justo então se abriu a porta e apareceu o coronel Heathcliff, que nos esperava, e não pude me conter; pus-se a chorar de alegria ao vê-lo e corri a seus braços. Frente a Hettie e ao mordomo, parado no vestibulo, abraçou-me e me roçou a frente com os lábios, e não me importou nada. Os dois estávamos muito comovidos. Soltou-me e me escoltou à sala, onde ficamos sentados um momento, nos olhando, sem poder dizer uma palavra, enquanto Hettie ia de um lado para outro, atarefada com os preparativos do chá, como se a situação não fora totalmente incômoda. Enquanto tomávamos o chá conversamos sobre temas comuns. Ela me contou quanto admirava seu marido o coronel, e o que honrada se sentia do ter em sua casa. Ele não dizia uma palavra, e me dava conta por seu aspecto sério que a intriga o irritava.

Ela deu uma desculpa e nos deixou sozinhos. Então ele me disse que desde que me viu sua vida tinha sido um tortura. Queria saber como me sentia eu a respeito dele pela forma que me tinha comportado, embora podia ser meu pai. Além disso, estava inimizado com papai. Eu estava muito confundida e surpreendida também ao ver que um homem tão distinto, com tanto mundo, sentisse-se assim por mim. Disse-lhe que me parecia que não era digna dele. Ele ficou de pé e começou a caminhar agitadamente pela sala. Disse que devia tomar-se algum tempo para pensar o que fazer. Queria eu seguir vendo-o na casa de Hettie?

Eu lhe disse, é obvio, que nada no mundo me agradaria mais, embora dessa maneira enganaria a papai. Então entrou Hettie e lhe rogou que voltasse a lhe conceder o favor e ela disse que sim, naturalmente, e que falaria com meu pai para tratar de reconciliá-los, mas o coronel exclamou:

«OH, não, rogo-lhe, senhora, que não discuta isto com o senhor Earnshaw, que é tão obstinado como uma mula em assuntos como este, pois do contrário levará a sua filha à Índia, ou à China, o mais longe possível para que não a veja.»

Com isto todos ficamos calados e o coronel disse que devia ir-se, mas voltamos a fazer outra entrevista. Ele me beijou a mão e a bochecha e se foi. Quando fiquei sozinha senti que todo o acontecido era muito para mim e me pus a chorar no regaço dessa boa mulher. Ela estava muito agitada, e fez todo o possível para me consolar.

Discutimos o assunto até que escureceu. Contou-me que tinha o coronel aproximado-se para lhe pedir este favor por uma só vez. Ela não sabia do que se tratava, ou aonde chegaríamos nós, mas de qualquer maneira não podia negar um favor ao oficial de mando de seu finado marido.

«Além disso, Margaret», disse com tristeza, «quando seu pai se inteire será o fim de tudo entre nós. Eu não tinha idéia de que era tão sério para ti e o coronel Heathcliff...»

Estava tão grave e preocupada que lamentei muito ser a causa de sua pena. Disse-lhe que, na verdade, eu tampouco sabia, pois apenas nos conhecíamos, mas íamos muito a sério e quem sabe o que aconteceria porque papai não gostava do coronel e eu amava e respeitava o papai. Ela disse que era terrivelmente romântico e os olhos lhe encheram de lágrimas. As duas choramos até que foi a hora de voltar para casa.

Depois disso, o coronel e eu nos arrumamos para nos ver todos os dias, na casa de Hettie ou no parque. Cada vez era mais doloroso nos separar. Eu sabia que a situação não podia continuar assim muito mais tempo. Logo, uma tarde, enquanto caminhávamos no parque Regent por uma avenida de árvores através dos quais se filtrava o sol, no meio do canto dos pássaros, que nos fazia, acreditar que estávamos no meio do campo, o coronel se deteve e olhou-me nos olhos.

«Meu amor, não podemos seguir assim», disse, «enganando a seu pai e comprometendo a nossa boa amiga, a senhora Wright. Sabe que sou um homem de ação, e me tenho proposto esclarecer tudo com ele».

«OH, não, rogo-lhe isso», disse-lhe. «Papai me levará longe, e não permitirá que voltemos a nos ver».

«Quero me casar contigo», disse o coronel. «Não estou falando de que voltemos a nos ver, mas sim de que nos casemos. Não é isso o que quer você também, Margaret?» Estreitou-me entre seus braços, sem nos importar o que pensassem outros transeantes, nem a reação dos pássaros e os esquilos, ou o mundo inteiro.

«OH, Jack», disse por fim ao recuperar o fôlego. «Sou menor de idade. Papai nunca permitirá que nos casemos. Estamos condenados...»

«Não estamos condenados!», exclamou meu ousado amante. «Por Deus, não enquanto fique vida no corpo! Devo esclarecer que estou acostumado a me sair com a minha, Margaret. Bom, se não quiser que veja seu pai, e acredito que tem razão —como menor de idade está sob sua custódia e pode fazer contigo o que disponha— então devemos fugir. Tenho amigos em Paris e Bruxelas, e também em Roma e Genebra, se por acaso fora necessário. Encontraremos um padre que nos case, e então seu pai não poderá fazer nada. Fugiremo-nos, meu amor!»

«Mas, Jack, papai nunca me perdoará. Sou tudo o que tem».

«Tolices. Tem dois filhos esplêndidos, não? Uma encantadora aminha, cujo coração destruiu, conforme me inteirei, e muitas mais. Nunca me perdoará, mas a ti sim, Margaret, meu amor. Diga que sim, e o arrumarei imediatamente».

«E se disser que não?», perguntei, me arriscando para pôr a prova seu amor. Seu rosto se escureceu e me afastou com a mão.

«Então irei e não te incomodarei mais. Não sou um homem jovem, Margaret, para que joguem com meus sentimentos. Nunca pedi a nenhuma mulher que se case comigo. A que amei, nunca pôde ser minha; as outras não foram mais que diversão. Mas você, Margaret, cativaste meu coração e minha mente e se me aceitar, apesar de minha idade, serei teu. Mas se demoras e brinca comigo irei e não voltarei a verte. Não sou um menino».

«OH, Jack», exclamei, comovida por suas palavras. «Sabe que sou tua. Eu sei que se fizer caso de papai e te digo que vá, arrependerei-me toda a vida. Tenho medo,

Jack, mas não fica outra alternativa. Temo ferir papai, e há vezes em que me sinto frágil e só no mundo, mas se você me dá forças, obedecerei-te o resto de minha vida».

Assim, Agnes, juramos fidelidade esse plácido dia de junho, faz somente um mês, e nunca o lamentei, nem o lamentarei jamais. Jack veio por mim no dia seguinte pois, graças a Deus, papai seguia ausente, ou do contrário não tivesse tido coragem para levar a cabo o plano em apenas ver seu bondoso rosto. Hettie me emprestou sua donzela para que não fora sem acompanhante e, depois de nos deter no Dover, chegamos a Bruxelas onde nos alojaram uns bons amigos do Jack. Casamo-nos a semana passada, na igreja britânica. Estamos a ponto de nos embarcar para a Itália, assim que me ocorreu te escrever, querida Aggie, para lhe contar o acontecido.

Quero que saiba que sou muito feliz, a mulher mais feliz do mundo, porque Jack é um marido maravilhoso e muito considerado, igual a um amante apaixonado. Tem tanta cultura e educação! Todos fazem o que lhes ordena, e de bom grado. vê-se que o adoram, como eu. Sinto-me tão afortunada de ter a um homem assim por marido, que conhece o mundo a fundo e não é torpe, como os jovens que conhecia.

Tenho escrito a papai e espero que me perdoe. Faz o que possa para me ajudar. Quero-te como à única mãe que conheci.

Margaret Heathcliff.

Margaret Heathcliff! imagina o que pensei quando me leram a carta e vi a assinatura com meus próprios olhos?

A senhora Tinkler e eu pomos-se a chorar, porque me dava conta de que o coronel Heathcliff não lhe havia dito a verdade. Ela não sabia que estava casada com o amante de sua mãe, o pai de seu próprio meio irmão Anthony. OH, Meu deus, se maldades como essa não se castigam neste mundo, que esperança fica para o próximo?

O que aconteceria a meu bom amo, o homem mais bondoso do mundo? Merecia que o tratasse assim sua própria filha, a quem só tinha dado amor e felicidade, por cujo bem-estar se desvelava, cujo amparo era sua maior consideração? Fui a casa apressadamente, sem me atrever a pensar o que faria meu amo, para contar-lhe ao Roger. Então me inteirei de que o amo acabava de retornar e que Roger estava com ele no escritório.

Nunca vi tão abatido a um homem. Nem a fuga e logo a morte de sua mulher o tinham comovido tanto. Tinha perdido tanto peso que a roupa lhe pendurava do corpo. Tinha perdido o cabelo; estava quase calvo. Seu formoso cabelo anelado tinha desaparecido! Era penoso vê-lo. Tinha os olhos tão afundados na cara que parecia que fizesse dias que não dormia, e lhe tremiam as mãos, como se estivesse doente. Até o Roger, que distava muito de ser forte, parecia robusto a seu lado. Não duvidei nem por um momento que enquanto o marido da Margaret perdera em saúde, seu pobre pai tinha dado vários passos para a tumba.

Eu ainda tinha sua carta na mão enquanto me aproximei de meu pobre amo e o saudei com uma reverência para lhe demonstrar meu respeito.

—Ah, já te inteiraste, Agnes.

—Logo recebi sua carta ontem, senhor. Levei-a esta manhã à senhora Tinkler para que me lesse isso. OH, senhor, o que posso dizer?

—Pode dizer que me sinto terminado, Agnes. Que me fizesse isto minha própria filha, minha pequena Margaret, com quem não só tratei de me levar como pai, mas também como amigo.

—Não deve culpá-la, senhor. É ele! —exclamei—. Ele é o monstro a quem se deveria lapidar, açoitar, exilar às colônias para o resto de sua vida!

—Sim, e também enforca-lo —grunhiu Roger. Era a primeira vez que o ouvia falar dessa forma de seu antigo amo, apesar de que o tinha decepcionado e de que nunca tinha recebido nem um níquel do dinheiro que lhe deviam.

—Não há nada que possa fazer, senhor?

—Fazer? —disse o senhor Earnshaw, ficando de pé tão violentamente que voltou a tremer—. Se casou com ela. São marido e mulher—, estão unidos na carne e no espírito, desposados legalmente. Não o duvido, pois sei quão canalha é o coronel. O que posso fazer, se nem sequer sei onde estão?

—Em Bruxelas —lhe disse, lhe mostrando a carta—. OH, mas diz que já partem.

—Logo estarão na Suíça, na Prússia ou no Egito... não, minha filha se foi, Agnes. Heathcliff se vingou brutalmente de mim, para sempre.

—Acredita que o fez para vingar-se, senhor?

—É óbvio! Cre que a ama? Não é mais que uma menina. Tem dezoito anos, e ele perto de quarenta, se meus cálculos forem corretos. Era da mesma idade que minha mulher. Tem mais do dobro da idade de minha filha. Como pode um homem assim amar a uma menina? Não; brinca com ela...

—Senhor —falei muito respeitosamente e com muita tranquilidade—. Não quero fazê-lo, zangar nem aumentar sua dor, mas sabe muito bem que em outra oportunidade diferi com você neste assunto. Margaret é uma mulher, senhor, não a garotinha que você vê como pai. Pode ter dezoito anos, mas é totalmente amadurecida, capaz de sentir e de despertar paixão. Conheci a muitos homens apaixonados que se casaram com mulheres a quem dobrava em idade, e não duvido que você também, senhor. Ve a Margaret como a uma criança porque é sua filha. Não duvido que o coronel possa amá-la como a uma mulher, pois isso é o que é. Sei também que, a seu modo, também amou a minha falecida ama, senhor. Lamento machucá-lo com minhas palavras (meu amo ficou a gemer, senhor Lockwood). A roubou, e não devia fazê-lo, mas a amava de verdade, isso não o duvido, desejava-a e ainda lhe dói sua morte. Logo viu sua filha, completamente amadurecida, parecida com sua mãe na aparência e em espírito. Parece-me natural que o coronel a encontre atrativa...

—Não, fez-o para me mortificar, Agnes! Nada mais que por rancor, asseguro-te! desforrou-se dos Earnshaw pelo que supostamente fizeram a seu pai, esse patife do Heathcliff. Meu Deus, como lamento o dia em que veio ao mundo, fora onde fosse! Pensar que antes o queria! Jack Heathcliff quer vingar-se de mim, não te dá conta? Agora me roubou minha filha, igual a antes o fez com minha mulher. Eu tenho a seu filho, mas ele tem a minha filha. Desforra-se de mim porque eu neguei ao Anthony. meu Deus, estamos em guerra. Se voltar a aparecer por estas lareiras, matarei-o.

Senti-me embargada de dor e ansiedade ao olhar a meu amo, debilitado pela dor. A simples ideia de que poderia matar ao coronel era risível. Cheia de dor voltei com o Roger a nossa casa, a nossa família feliz, deixando a meu solitário amo preso no remorso e na aflição.

CAPÍTULO 14

Desde esse momento (foi no verão de 1823 que Margaret fugiu com o coronel Heathcliff) o amo pareceu afugentar de sua mente a lembrança de sua filha, e nunca voltou a nomeá-la. Embora não tinha mais que quarenta e tantos anos, parecia ter setenta. Ficava sozinho em seu escritório, preso em seus pensamentos. Já não saía todos os dias a encarregar-se de seus negócios nem passeava por suas extensões de terra para assegurar-se de que tudo andasse bem. Muito recaiu sobre os ombros do Roger, que se sentia doente de andar a cavalo em toda sorte de climas e, como tivemos uma série de invernos muito maus (por mais que os invernos sempre são maus por estas regiões), ficou muito fraco e de noite me mantinha acordada com seus acessos de tosse tão persistentes. Ao dia seguinte lhe rogava que ficasse em casa, mas em seguida saía.

Eram anos tranquilos. Na Granja havia uma atmosfera de tristeza que nunca tínhamos conhecido durante os felizes dias da infância da Margaret. Rainton estava em Oxford, e a melancolia de seu lar fazia que não viesse para as férias. Não posso dizer que o culpasse por isso. Não, Anthony tomou o lugar do Rainton. Depois de terminar a escola, aos dezoito anos, converteu-se no principal apoio de seu pai, lhe dando as únicas pequenas satisfações que podia esperar desta vida.

Quando retornou Anthony, no ano seguinte a fuga de Margaret, Roger estava mais fraco que nunca, e Anthony começou a interessar-se nos assuntos de seu pai e a acompanhar ao Roger em sua volta pelas posses. Anthony era um moço grande, de aspecto feroz, muito parecido a como está agora. Não tinha a atitude de seu pai natural, nem seu encanto, e ofendia a muita gente com seus bruscos.

Mas devo dizer que Anthony (embora nunca gostei, pois comigo sempre foi frio e antipático, talvez porque resentia o que nunca o mimasse como aos outros, principalmente porque não parecia necessitá-lo tanto como eles, rechaçando toda demonstração de afeto de minha parte, até que me cansei), devo reconhecer que era um modelo de respeito e carinho para seu pai, o senhor Hareton, e perdeu a oportunidade de entrar na universidade, no exército ou na armada para estar junto a ele.

O senhor Earnshaw e Anthony se fizeram íntimos durante estes anos. Quando Rainton voltava para casa, era recebido como um estranho, e apressava-se em ir-se. Da Margaret não se falava nunca.

Enquanto isso, Roger se preocupava cada vez mais pela forma em que o senhor Hareton descuidava suas terras e seus negócios, me dizendo que logo todos nos veríamos arruinados e teríamos que viver nos páramos se não se fazia algo logo. As relações comerciais do senhor Earnshaw vinham continuamente à casa a vê-lo, mas eram despedidos pelo Anthony, que dizia que seu pai não se sentia bem. Os tempos eram maus para a indústria no norte, senhor Lockwood, como terá ouvido dizer.

Quando se derogaram as leis corporativas, os operários declararam a greve para conseguir melhores condições e jornadas, e isso colocou a muitos lares na miséria e na dor, pois suas demandas não se viram satisfeitas e porque por seu proceder muitos donos de fábricas se viram obrigados a fechar. No Bradford os cardadores e tecelões

fizeram greve durante vinte e três semanas, inutilmente; houve muito sofrimento, e inclusive mortes.

Logo, em 1826, dois terríveis acontecimentos ocorreram quase de uma vez. Um deles me afetou profundamente, o outro a todos nós.

Meu Roger caiu doente em fevereiro, senhor Lockwood. Esse homem tão bom e exemplar não se pôde levantar uma manhã e nunca voltou a sair de casa por sua vontade.

A tuberculose que contraiu esse inverno tão cru o levou em umas poucas semanas, e não houve nada que pudéssemos fazer. O Dr. Kenneth já se retirou para então, indo-se viver ao sul. O novo médico utilizou todos os recursos da medicina moderna, a padre de mercúrio, azeite de fígado de bacalhau, sangrias, os remédios mais conhecidos, sem êxito. Minha filha maior tinha dez anos, e me ajudava muito na casa; a outra menina tinha nove, e o menino oito.

Naqueles dias os meninos já eram grandes aos oito anos e muitos trabalhavam nas fábricas doze horas por dia. Meus meninos eram mimados, comparados com essas pobres criaturas, mas deviam ajudar na casa e fazer mandados para ganhá-la vida.

Foram meu consolo nesses tristes dias depois de que enterramos a meu marido. Tivemos dez anos de felicidade, como poucos a têm, e a não ser pela guerra e a crueldade de nossos invernos eu diria que hoje seguiria com vida, sentado junto a mim ante o fogo.

Apenas tinha me recuperado desse terrível golpe quando fechou Butterworth, a grande assinatura, semeando a confusão e o caos, pois centenas de assinaturas e bancos, grandes e pequenos, também quebraram. Terá ouvido falar disso; chamam-no o Pânico do Butterworth. Trouxe dor e penúria a operários e patrões em todo o norte da Inglaterra. O senhor Earnshaw se viu afetado, como todos, ao ponto que, conforme ouvi, perdeu no espaço de umas poucas horas a fortuna que tinha acumulado durante tantos anos.

Freqüentemente penso que se o senhor Earnshaw tivesse estado como sempre, não tão corroído por sua dor, teria visto vir o desastre e poderia ter feito algo para acautelar-se. Dizem que muitos dos donos das fábricas não tinham finanças sólidas. A questão é que foi uma surpresa para ele, como para todos. Mas a ruína não o tirou de seu estupor, e deixou que a desordem seguisse seu curso, enquanto os advogados e os homens de negócios iam e vinham e alguém tratava de criar a harmonia onde tinha reinado a discórdia.

Essa pessoa era Anthony Earnshaw, como se chamava então. Tinha vinte anos quando o colapso comercial de seu pai, mas trabalhou duro, dia e noite, para tratar de salvar o da bancarrota total. Tomava parte das discussões de negócios, mantinha conversações com os advogados e os banqueiros, sendo para seu pai uma espora de fortaleza. Foi ele quem salvou a todos.

Mas que preço teve a pagar! viu-se obrigado a pôr em venda quase todas as propriedades do senhor Earnshaw, que em uma época era dono de quase todo Gimmerton e seus arredores. Dessa maneira Anthony esperava poder conservar a Granja e um pouco da tranquilidade de seu pai.

«Morro dos Ventos Uivantes» também ficou a venda. Não tínhamos visto nem ouvido nada da senhora Ibbitson desde que seu filho fugiu com a filha da Granja Thrushcross. Pelo menos teve a decência de manter-se longe e como seu contrato tinha vencido em 1825, a casa estava desocupada e podia vender-se.

Poderá perguntar-se o que fiz eu durante esta época de grandes transtornos, senhor Lockwood. Segui fazendo minhas coisas o melhor que pude, com grandes economias; meus filhos me ajudavam com a casa, por nada, pois tínhamos que nos

arrumar com menos serventes. Devia-lhe muito ao senhor Earnshaw para lhe jogar na cara o pouco em que podia ajudá-lo. Sei que não era ingrato, embora não falava muito.

Fazia anos que já não falávamos como estávamos acostumados a fazê-lo antes. Conformava-se deixando que eu dirigisse sua casa e Anthony seus negócios, ou melhor dizendo o pouco que ficava; ele o passava sentado frente ao fogo ou ao ar livre, tomando sol, segundo a estação, com a cabeça afundada sobre o peito como um homem para quem a vida não é mais que uma chama vacilante.

Assim foi que durante o outono desse ano de 1826 (seria-me impossível esquecê-lo) Margaret retornou a casa, sim, a casa, batendo na porta como o fizesse sua mãe muitos anos atrás, molhada e angustiada, com o casaco grudado ao corpo e o cabelo espalhado no rosto.

Foi para mim a quem acudiu. Era uma tarde de outubro. O inverno tinha começado cedo; pensei que seria tão duro como no ano anterior. Estava sentada junto ao fogo, em minha casa, pensando no Roger e naqueles dias felizes de casamento, em nossa juventude, quando um forte golpe à porta me tirou da letargia. Disse a meu filho George que fora rapidamente a ver quem era.

OH, senhor Lockwood! ainda me encham os olhos de lágrimas quando penso em minha jovem ama, magra e com a roupa suja de barro e os olhos exagerados. Ao princípio quase não a reconheci, pensando que era uma estranha que se equivocou de caminho, mas ficou parada na soleira e me estendeu os braços.

—OH Aggie, querida Aggie, graças a Deus! —exclamou, me abraçando e dando rédea solta a sua dor. Seus soluços silenciosos eram muito piores que as lágrimas. Quando me olhou vi que tinha a cara seca e que o pranto era interno, embora quase a afogava. Que coisa mais espantosa!

—Ah Margaret, querida —disse, tomando a da mão—. Sente-se um momento, neném. Sua Agnes cuidará de você: George, vê em seguida à Granja e traz um pouco de conhaque. Cuidado não diz uma palavra a ninguém. Corre.

Sem uma palavra mais, com aspecto atemorizado, meu filho menor saiu correndo da casa a cumprir minha ordem. Ajudei a que minha ama (seguia chamando-a assim) tirasse-se a roupa molhada. Então vi que tinha o ventre inchado, que lhe faltava pouco para dar a luz. Seu corpo magro e o ventre inchado contrastavam de tal maneira que temi que estivesse doente e tivesse voltado para sua casa para morrer, igual a sua mãe e sua avó. OH, que sorte mais desgraçada a das mulheres da família Earnshaw, pensei enquanto avivava o fogo e lhe esfregava as mãos geladas. Logo retornou George com o conhaque e a obriguei a tomar um gole, me perguntando se não deveria chamar o médico.

Mas o calor e a forte bebida a reviveram, logo lhe voltou a cor à cara e me sorriu. Seu sorriso sereno e formoso contrastava pateticamente com o resto de seu estado.

—OH, Aggie, graças a Deus que estava aqui! Você é minha mãe, Aggie, sempre presente quando te necessito. Como te necessito agora, Aggie, tanto como quando era uma garotinha!

—Me conte, querida —falei—, conte a Aggie o que lhe passou. Onde está o coronel Heathcliff? Aconteceu-lhe algo?

Ao ouvir seu nome, minha ama se estremeceu, levando-as mãos aos ouvidos como para não ouvir esse nome desagradável.

—OH, não pronuncie seu nome! Não o suporto. OH; como o odeio! É um demônio, não um homem. Aggie, é um animal.

—Mas suas cartas... —balbuciei—. Era tão feliz. Se afundou em seu assento e contemplou o fogo, como recordando dias mais felizes.

—Quanto faz disso, Aggie? Nada mais que três anos? É possível que então fora feliz? Sim, suponho que sim; fui tremendamente feliz durante os primeiros meses de casada. Sentia-me tão honrada, tão comovida porque ele me tinha eleito para ser sua esposa. Acredito que estava cega ao feito de que fosse muito mais velho que eu e vinte vezes mais experiente. Não tinha lutado acaso na Espanha e no Waterloo? Não tinha tido muitas amantes, não conhecia a fundo o mundo? Assim era, Aggie. Mas ao princípio acreditava que me amava; eram dias felizes, nos que ele fazia todo o possível por me agradar. Levou-me por toda a Europa, pela Itália e Espanha. Logo, de repente, pareceu cansar-se de mim. Simplesmente assim —disse, estalando os dedos—. Começou a me descuidar, a burlar-se das coisas que dizia eu, a criticar o que fazia e a me rebaixar de todas maneiras.

—Dizia que não era uma boa companheira para ele, pois não era o suficientemente educada e não tinha do que falar, que era aborrecida e comum. OH, Aggie, era terrível, pois em certo sentido eu me dava conta de que tinha razão. Aqui tinha vivido desconectada de tudo, e em um ano que passei em Londres e no estrangeiro não tinha conseguido adquirir a cultura que exigia um homem como Jack, e a qual estava acostumado.

—Deixava-me sozinha, no lugar que vivíamos, e passava a noite fora de casa. Logo me inteirava que o tinham visto em companhia desta ou aquela dama inteligente.

Nas estranhas ocasiões nas que me levava a alguma parte, logo me deixava sozinha e procurava as damas, muitas delas de reputação e não todas respeitáveis.

—Mas, alguma vez falou com o coronel, alguma vez lhe pediu explicações? —inquiri, horrorizada pelo relato de minha ama.

—Sempre me respondia o mesmo. Eu era muito jovem para ele; aborrecia-o; não tinha bastante para lhe oferecer; tinha cometido um engano ao casar-se comigo. Não fazia nada para me evitar uma humilhação ou um remorso. Mas o último ano, quando voltamos para Londres, esta vez para ficar, conforme disse Jack, renovei minha amizade com o Hettie Wright que tornou a casar, com um banqueiro, e vivia muito bem no Mayfair. Desgraçadamente Jack se fez amigo do marido, pois se mostrou interessado, já que queria fazer investimentos em indústrias. Apesar de sua libertinagem e tanto viagem e gastos, ainda parecia ter bastante dinheiro.

—Sentia-me tão desgraçada que estava a ponto de escrever a papai lhe pedindo perdão e permissão para visitar Gimmerton, mas Jack se negou categoricamente, apesar de que agora se dedicava por completo a seus negócios e passava bastante tempo no norte da Inglaterra, onde as novas indústrias se desenvolviam com tanta rapidez. Quanto queria ir com ele! Quantas vezes lhe roguei que me deixasse acompanhá-lo, mas se negou! Assim ficava sozinha na casa que alugávamos na rua Wimpool, muito desgraçada, salvo quando me visitavam Hettie ou seus amigas.

—Logo, a começos deste ano, quando pensava que era impossível ser mais desgraçada ou mais maltratada pelo destino, descobri que estava grávida. Apesar de que o coronel Heathcliff me considerava indigna de sua conversação, ou de sua atenção, não me deixava completamente só quando lhe desejava muito. Estava muito avançada quando recém lhe disse qual era meu estado, mas em lugar de sentir-se mais terno comigo, alegrou-se pelo solo feito de ter um herdeiro, pois estava seguro de que seria um varão, para que levasse seu maldito sobrenome.

—Mas, Aggie, ainda não te hei dito o pior. —Apertou-me o braço e se inclinou para mim—. Enquanto estava no norte, por intermédio do marido do Hettie, inteirou-se de como foram os negócios a meu pai. Ao parecer suas coisas foram bastante mal, e estava ao bordo da bancarrota, porque suas especulações não tinham sido boas e se uniu a bancos que estavam por quebrar. Em vez de ajudar a meu pai ou de acautelá-lo do

perigo que corria, Jack deliberadamente decidiu não intervir e quando se produziu a crise manipulou as coisas de tal maneira de assegurar-se de que os assuntos de papai piorassem. O pior é que agora Jack fez uma oferta para comprar todas as propriedades de papai, que saem à venda por uma ninharia para lhe permitir pagar suas dívidas. Isso inclui «Morro dos Ventos Uivantes» e toda a terra circundante. Disse que se pudesse ficar com o casaco de papai, o tiraria.

—Assim, querida Aggie, aproveitei que Jack não estava para tomar a diligência sem ajuda de ninguém. Viajei na parte de cima porque não tinha dinheiro para pagar um assento interior. Tocou-me toda classe de tempo, e suportei o mar de sacudidas até que um homem muito amável me deu seu assento dentro e insistiu em tomar o meu. Desci em Leeds, e fiz o resto da viagem a pé. Hei sentido tantas dores desgarrantes no ventre que muitas vezes pensei que ia dar a luz na estrada. Aqui me tem.

Com isto meu pobre ama se apertou o ventre e deu um forte alarido. Ao ver seu tamanho, pensei que lhe tinha chegado o momento, mas só era a fadiga e a emoção que sentia depois de terminar seu dilacerador relato. Depois de um momento lhe dava mais conhaque e a fortifiquei com uma tigela de sopa quente que tinha na cozinha, e pôde descansar tirada de minha mão, sem dizer nada mas sem tirar a vista do fogo.

—E papai, Aggie? —disse timidamente, por fim—. Me hão dito que não está bem. Sou tão culpada, verdade, querida Agnes?

O que podia lhe dizer eu, quando o que dizia era a pura verdade? Enfeitiçada ou não, Margaret não tinha ninguém a quem culpar, exceto a si mesma, pelo ocorrido. Não tinha pensado em seu pai ao fugir com o coronel ou, se o tinha feito, não tinha sido suficiente para fazer que se arrependesse de sua má decisão.

—Seu pai é um homem distinto —disse com pesar—. Está calvo e tem o rosto gasto...

—E é minha culpa... —sussurrou Margaret—. OH!, como pode me perdoar?

—Acredito que como foi a ele em sua desgraça —disse brandamente—, isso pode ajudar a compensar o resto... Não sei. Seu irmão Anthony foi uma torre de fortaleza. Ao Rainton não o vemos nunca. Seu pai já não podia lhe pagar seus estudos em Oxford e o ano passado se foi ao estrangeiro, em uma viagem relacionada com sua botânica. Não sabemos nada mais dele. Rogo a Deus que não tenha morrido nas mãos dos pagãos, ou no mar. Sei que seu pai se preocupa com ele, e isso piora seu estado.

Margaret voltou a esconder a cara entre as mãos, sem chorar, mas estremecendo-se inteira com essa estranha e terrível maneira de expressar dor.

—Aonde chegamos? —disse por fim—. É que há uma maldição sobre a família Earnshaw, e tudo o que empreendemos termina mau?

—Não —disse, tratando de animá-la—. Tal coisa não existe, moça. Há bons tempos e maus tempos, mas as coisas melhoram sempre. Seu irmão Anthony é um moço capaz, e seu pai não morreu ainda. Rainton tem boa cabeça, e bons ombros, se é que o voltaremos a ver. Seu pai ainda tem a Granja. Há-me dito que não a porá à venda.

Se for necessário, despediremo-nos todos os serventes, eu cozinharei e meus três filhos ajudarão com a limpeza. Estão ansiosos por trabalhar, e podem fazê-lo... sabem perfeitamente que há moços de sua idade trabalhando nas fábricas e nas minas, sem uma cama decente onde dormir nem suficiente comida para encher o estômago.

Sobreviveremos, moça. Vamos à casa a ver seu pai agora.

—OH, Agnes, não pode falar você? Não pode ir você sozinha? —suplicou, mas eu sabia que o amo a seguia querendo tanto que o vê-la em um estado tão lamentável faria mais para aplacá-lo que qualquer minha palavra.

E assim foi. Já estava escuro quando chegamos à casa, tinham aceso as velas. Bati na porta do escritório do senhor Earnshaw, fiz-me atrás para deixar passar à senhora Heathcliff, que ficou parada na soleira enquanto seu pai, muito avejentado para sua idade, entrecerró os olhos para ver quem era. Foi Anthony, parado a seu lado, quem exclamou: «Margaret!», e correndo a abraçou e a aproximou de seu pai, que a tirou das mãos. Olhando-a aos olhos ficou de pé e, pela primeira vez esse dia, Margaret deu rédea solta às lágrimas que durante tanto tempo tinha afogado no peito.

Conservo firme na lembrança esse quadro, essa triste reunião de família junto ao fogo cujas vivas chama concordavam tão pouco com as circunstâncias. Em todo o escritório reluziam o estanho e a prata, e brilhavam os bem lustrados móveis. Qualquer tivesse pensado que essa família se sentia protegida pela riqueza, como o tinha estado sempre, porque os serventes seguiam trabalhando igual a sempre para eles, mais que nada para conservar o espírito. A casa inteira resplandecia de tão lustroso e bem cuidado que estava tudo, e nas camas os lençóis de linho blanquísimas cheiravam a limpo, enquanto na despensa havia uma boa provisão de meias cabeças de gado de vaca e cordeiro e presuntos.

Por quanto tempo? Quanto duraria? Sua destruição era causada pela malignidade do marido desta boa senhora que deliberadamente tinha tratado de arruinar a seu pai, tal como tinha prometido.

O senhor Earnshaw tinha lágrimas nos olhos enquanto contemplava a figura da Margaret. Deu-se conta de que ia converter se em avô.

—Sente-se, querida —falei com ternura—. É bem-vinda uma vez mais. — Nenhum pai bíblico poderia ter dado uma bem-vinda mais amorosa que a que deu o senhor Hareton essa noite a sua filha pródiga. E enquanto ela começava seu relato me escapuli para que pudessem estar sozinhos e ordenei a quão serventes preparassem uma festa e abrissem um bom vinho porque, como pensei, recordando devotamente as palavras da Bíblia: quem estava morta voltou para a vida, quem estava perdida foi encontrada.

Quando retornei para anunciar o jantar vi que Anthony estava sentado no braço da poltrona de sua irmã, lhe apoiando uma mão no ombro, com uma expressão de amor em seu rosto. Pensei que, como acontece algumas vezes, talvez a desgraça poderia chegar a melhorar o caráter do Anthony. O pobre senhor Earnshaw estava chorando sem poder controlar-se; tremia-lhe a mão que sustentava o lenço. Os olhos da Margaret estavam secos, e a expressão de sua cara voltava a ser de serenidade, como quando menina.

—Virá a te buscar —estava dizendo o senhor Hareton—. Quando descobrir onde está. Não permitirá que fique aqui.

—Mas papai, não saberá que estou aqui até que não retorne a Londres. Que procure então. Enquanto isso passaremos uns dias juntos. OH, conheço bem ao Jack! É seguro que quererá que volte com ele, em sua casa, sob seus olhos, para assegurar-se de que sua origem nasça em sua propriedade. O que posso fazer, pai? Posso fugir a alguma parte? Há alguém que possa me dar albergue para que Jack alguma vez volte a me encontrar?

—Matarei-o —disse Anthony muito lentamente e em voz baixa— antes de lhe permitir que te leve daqui. Farei-o. Digo-o a sério.

—OH, Anthony, querido, não diga isso, lhe rogo —exclamou isso sua irmã—. Se o matas, enforcarão-lhe, e o que faríamos então?

—Embora me enforcassem, valeria a pena livrar-se dele.

Observei que, apesar de sua dor, o senhor Earnshaw me estava olhando, como me dizendo «Se Anthony soubesse de quem está falando...»

Pensei nessa situação então, e mais tarde me ocorreu que não podia haver nada pior que o fato de que o coronel não fora somente o marido da Margaret e o pai de seu filho por nascer, o inimigo de seu pai e o pai do Anthony, mas sim eles não soubessem.

Não era estranho que o senhor Earnshaw se sentisse doente por sabê-lo.

Apesar disso, meus esforços por alegrá-los não deixaram de ter sua recompensa pois essa noite a família se sentiu feliz ao redor da mesa, e eu tive a sorte de agasalhar para mim minha ama na cama e de lhe acariciar a fronte enquanto dormia. Em realidade essa semana a vi recuperar as cores e melhorar a olhos vista. Fizemo-la descansar todo o possível. Não tinha que mover-se, pois sempre havia alguém perto para ajudá-la ou lhe alcançar o que lhe tinha cansado, e sob nosso amoroso cuidado e a tenra vigilância de seu irmão e seu pai, o bichinho extraviado, doentio, transformou-se em uma formosa jovem, cheia de vida, pronta a ser mãe, que, ignorada e desprezada por seu próprio marido, teria sido a inveja de muitos homens.

E logo, um dia, naturalmente, ouviu-se a chegada de uma carruagem que com furioso estrépito se aproximava pelo atalho. Os cavalos relinchavam e ressonavam seus cascos sobre o cascalho. Uma vez mais se ouviu na casa a voz áspera e estridente do coronel Jack Heathcliff, com a fúria que lhe era característica e da que só ele era capaz, como bom demônio que era.

—Onde está Earnshaw? —bramou com seu odiado tom, já familiar—. Earnshaw, vim buscar a minha mulher! —Ouvi-o descarregar a vara sobre o armário do vestibulo enquanto baixava correndo a escada. Fui a primeira a vê-lo.

—Ah, é você, Agnes Dean —disse ameaçadoramente ao ver minha cara assustada, pois assim me sentia—. Trapaceira e fofqueira como nenhuma. Onde a esconde?

—Coronel Heathcliff, senhor —falei, recuperando meu aprumo e minha voz. Agora me sentia zangada ao vê-lo tão e vigoroso, e pensei em meu amo e em meu pobre Roger, clandestinamente—. A probrezinha veio a refugiar-se aqui. Por que não demonstra compaixão e a deixa tranqüila? Não acredita que já causou bastante dor nesta casa?

—Dor? Compaixão? —disse, com voz ensurdecidora—. Não conheço o significado dessas palavras, pelo menos com a família Earnshaw, porque eles nunca conheceram seu significado quando se tratou de minha família. Minha mulher está a ponto de dar a luz a meu filho e quero que esteja sob meu teto, embora um dia espero que este teto também seja meu. —Olhou a seu redor com expressão de cobiça e satisfação de proprietário na cara—. Sim; uma formosa casa para que cresça minha família. Agora que a vaca está com cria e sabemos que é capaz, assim a teremos permanentemente. Isso lhe vai tirar esse espírito inquieto. Terei-a ocupada parindo meus filhos. Que crueldade! Não era possível acreditar que estivesse falando de uma dama distinguida, mas sim de um animal de seu estábulo, para ouvir suas vulgares palavras e ver sua expressão exaltada. Em seu rosto se viam refletidas a luxúria desenfreada e a avareza. Embora ainda era arrumado, tinha engordado um pouco e começava a ter os sinais dos que se corromperam e bebem muito.

Logo notei um movimento detrás de mim e me voltando vi o senhor Earnshaw, tão erguido e orgulhoso como o permitiam seus curvados ombros. O coronel o olhava fixamente, como se não acreditasse na evidência de seus próprios olhos.

—O que? É este Earnshaw? Ja, ja, ja, te vê bem arruinado, homem, e perfeitamente calvo! Ja, ja, ja, se te visse Cathy! Você, que estava acostumado a ser tão bom moço! É a vida branda a que te pôs neste estado?

Aproximei-me do coronel para lhe pegar; acredito que o teria feito se o amo não tivesse falado com calma e firmeza.

—Temo que não é a vida branda, coronel, a não ser uma vida de abandono e vergonha a que me arruinou. Sim; se Cathy seguisse vivendo e não nos tivéssemos visto privados de sua presença em nossa vida, acredito que não estaria neste estado em que me encontro. Faça o favor de entrar no escritório para me dizer a que veio.

O coronel o olhou com altivez, acariciando-os coxas com a vara.

—Venho por minha mulher, Earnshaw, a quem você retém. Acredito que é contrário à lei. Um ato criminal.

—Está aqui por sua própria vontade —replicou com orgulho meu amo—. Veio aqui em busca de refúgio.

—De qualquer maneira, minha mulher é de minha propriedade. A lei assim o diz.

—E minha mulher era de minha propriedade quando você me tirou —replicou isso o senhor Earnshaw em um sussurro, para que ninguém mais que ele ouvisse—. Ou é que há uma lei para você, e outra para os Earnshaw?

—Sim, assim é —bramou o coronel—. Sempre disse que você era um boneco de pano, Earnshaw, e verdadeiramente o é.

—Como te atreve a falar assim de meu pai? Voltamo-nos e vimos a Margaret que descia lentamente a escada. A via altiva, formosa e digna apesar da carga que levava. Tinha a cabeça atirada para atrás e os cachos de cabelo, que eu tinha escovado até deixá-los como de ouro, penduravam-lhe sobre os ombros. Até o coronel pareceu temporalmente intimidado por sua magnificência e se fez para trás quando ela se aproximou.

—Perguntei que como te atreve a falar assim como meu pai. Nunca houve um homem melhor que ele, Jack Heathcliff; e eu sei muito bem, depois de estar casada contigo três anos. Sei muito bem a diferença que existe entre um bom homem e um canalha.

OH; que orgulhosa me senti dela! Que porte, que maneira mais tranqüila e mesurada de falar! Acredito que o coronel viu, pela primeira vez, (porque as mulheres apaixonadas ficam tolas, verdade senhor Lockwood?), a classe de mulher com a que se casou. Nunca a tinha posto a prova antes. Até que começou a descuidá-la, sempre tinha sido uma menina mimada, e para isso não se necessita fibra. Mas a dor, o sofrimento que tinha conhecido minha ama, tinham convertido à menina em uma mulher da que qualquer estaria orgulhoso.

—Margaret, procura suas coisas e vêm comigo —disse de mau humor o coronel, mas com um tom mais calmo que antes—. Não quero cenas. Tenho direito e sei, assim se me obriga te levarei a força, embora grite e chute.

—Não te darei esse prazer, Jack —disse mordazmente minha ama—. Não, levará-me como estou, perfeitamente consciente do ódio e o desprezo que sinto por ti, e que sentirei até o fim de meus dias.

—Não me interessa seu desprezo —murmurou o coronel, mas ainda na pouca luz do vestibulo me dava conta de que se escureceu sua expressão—. Quão único sei é que é minha esposa legítima, a ponto de dar a luz a meu filho legítimo. Preparei «Morro dos Ventos Uivantes » para ti, e ali viverá no momento. Ah! Sabia você, Earnshaw, que comprei a maioria de suas propriedades? «Morro dos Ventos Uivantes» me pertence agora.

—Minha filha me disse —replicou isso o senhor Hareton com tranqüilidade—. Se tivesse sabido que você era o comprador, não teria vendido.

—Justo o que pensei, Earnshaw, por isso usei um intermediário. Como você estava ansioso por fazer a operação, consegui um bom preço. Você é um parvo, homem, não merece prosperar. Estava preparado a pagar mais. Agora lhe joguei o olho A... —

Olhou a seu redor, sem atrever-se a dizer o que havia dito antes, ou porque decidiu não fazê-lo: que um dia seria dono da Granja. Eu desejava que Anthony estivesse presente, para que com seu corpo jovem e forte pudesse proteger a sua irmã, mas talvez Deus foi misericordioso, pois não duvido que Anthony tivesse atacado a seu pai verdadeiro com uma pistola, e quem sabe o que poderia haver acontecido a minha ama, em seu estado.

Não. Anthony estava ocupado em alguma parte, e graças a Deus por isso, embora a vingança só se viu demorada, como verá.

—Quero me levar a Agnes comigo —disse minha ama—, se é que quer vir. Papai, pode vir Agnes, até que dê a luz? Acredito que será muito em breve.

—É obvio, meu amor, querida —disse seu pai, quebrando-se o a voz—. Se ela aceitar.

—Precisa perguntá-lo, senhor? —exclamei—. Me sinto honrada que me necessite minha ama.

—Mas, pode deixar a seus filhos, Agnes? —perguntou meu bom amo, sempre considerado por outros.

Em realidade o pensei, pois minha filha maior, Jennie, não tinha mais que dez anos, e da morte do pai todos eram muito apegados a mim. Mas eu sabia qual era meu dever.

—Doura a cozinheira os cuidará, senhor. Ela os quer, e eles a ela. Deixará-a instalar-se na mansão até que eu volte?

—É obvio —disse meu amo—. É um nobre sacrifício o que faz, Agnes. Mas deve vir com freqüência a vê-los, e eles irão verte a ti..

—Não é mais até que nasça a criança, depois de tudo —disse a senhora Heathcliff, mas por seu olhar suplicante soube que me necessitaria muito mais tempo.

—É obvio, senhora! —falei, para tranquilizá-la—. Meus filhos podem defender-se sozinhos por um tempo, com Doura que os vigie. Acompanharei-a em seguida. Antes explicarei a Jennie o que acontece lhe direi que deve ser a mãe de seus irmãos. Isso a fará sentir-se importante. Posso levar minhas coisas logo, para que veja o perto que estou. Sente-se, senhora Heathcliff, e lhe prepararei sua bagagem.

—Sim, e te apresse —disse o coronel, recuperando seu aspereza—. Quero chegar ao anoitecer.

Minha ama sentou-se na poltrona do vestibulo e seu pai ficou parado junto a ela, tomando a mão e beijando-lhe. Era uma triste despedida, e não pude menos que compará-la com a alegre reunião de uma semana atrás. Como admirei a dignidade desdobrada esse dia pela família Earnshaw, que fazia um contraste tão marcado com os maneiras brutais do coronel Heathcliff! Oxalá o tivesse visto assim o duque do Wellington! Ao não oferecer resistência a seu marido minha ama não só se comportava com dignidade, como se esperava dela, mas sim além disso evitava que meu amo sofresse mais. Esse dia demonstrou ser verdadeiramente uma grande dama.

Empacotei em uma mala, e um dos poucos serventes que ficavam baixou a bagagem da senhorita Margaret. Era doloroso ver o pouco que tinha. Então ela ficou de pé, e beijando a seu pai disse algo no ouvido. Olhou-me, para que a seguisse, e deixou o lar que amava para transladar-se ao de seu odiado marido. O coronel a seguiu em silêncio, sem dizer nada ao senhor Earnshaw. Ele mesmo conduzia o carro; deu uma chicotada ao cavalo e partimos para trote.

Durante essa breve viagem pensei que tinha passado grande parte de minha vida percorrendo essa distancia entre «Morro dos Ventos Uivantes » e a Granja Thrushcross, e sempre em um momento que marcava um marco na história da família, separando uma época de outra. Entretanto, nunca deixava de admirar a formosa vista dos páramos, especialmente em um dia assim, de fins de outubro, quando o sol já se afundou no

horizonte. As samambaias começavam a voltar-se cor castanha, as nuvens de tormenta se juntavam no oeste e de repente se levantou o vento da montanha.

Minha ama estava muito quieta, olhando pelo guichê, com aspecto altivo e surpreendente intrepidez. Parecia recordar quem sabe o que, consciente de seu destino. Estendi a mão para tocar a sua e então sorriu e me apertou a mão.

—Querida Aggie, minha amiga. Enquanto olhava me ocorreu pensar o pouco que conheço os páramos, que minha mãe tanto amava. Em realidade, nunca contemplei a natureza da maneira em que o fazia ela, conforme me contou papai. Acredito que Rainton lhe parece muito, eu não. OH, Aggie, cometi tantos enganos tolos, verdade? Fui uma menina tola, cabeça oca, e fui apanhada pelo bulício da vida londrino e o falso encanto de um homem mais velho.

—Não é estranho — falei eu—. Seu pai devia ter cuidado que não passasse seus anos jovens sem companheiros de sua mesma idade. Então, talvez o coronel não a teria subjugado tão facilmente. Era uma moça normal, alegre... não sei por que digo «era» — ri— pois não tem mais que vinte e um anos.

—Eu também tenho que me recordar a idade continuamente, Aggie —disse minha ama com um sorriso pálido—, porque há vezes que parece que tivesse vivido mil anos. Sinto-me tão velha e amargurada. Mas não devo deixar que a amargura e a tristeza me nublem, verdade, Aggie? Porque não quero afetar à criança. Hoje senti que se movia com força. Acredito que logo me chegará a hora, e quero estar quão tranqüila possa (como me permita isso Jack) para esse difícil momento. Graças a Deus que você está comigo, querida Aggie. — atirou-se para trás e uma vez mais voltou a cara para os páramos. Já começava a ver «Morro dos Ventos Uivantes».

Em realidade, o coronel tinha tratado de dar uma espécie de bem-vinda a sua esposa. A casa estava limpa e quente, a despensa bem provida, havia fogo nas lareiras de todas as habitações e um bom número de serventes para nos atender. Vi que ao entrar na sala, os olhos de minha ama se iluminaram de agrado ao notar a limpeza e a comodidade que tinha conseguido lhe brindar a governanta. Dirigiu-se ao fogo e se inclinou para esquentá-las mãos geladas.

A governanta era uma mulher da aldeia, que eu não conhecia, chamada senhora Baines. Não se mostrou absolutamente comovida pelo insólito da situação, e com muita cortesia deu a bem-vinda a minha ama.

—Preparei a habitação da senhora Heathcliff na parte do frente da casa —me disse—. O amo pensou que gostaria de dormir no antigo quarto de sua mãe.

Me pareceu uma grande falta de tato, já que sua mãe tinha morrido nessa quarto, mas Margaret não sabia e não era parecida com sua mãe, dada a imaginar fantasmas.

Exatamente a classe de gesto desconsiderado que se poderia esperar dele, que com suas maneiras de soldado acreditava estar fazendo o mais correto. Parecia confundido, não porque tivesse conseguido seu propósito com muita facilidade, e se passeava pela sala esfregando-as mãos. Minha ama não lhe dirigia a palavra.

—A comida estará pronta muito em breve, senhor —disse a senhora Baines—. Não querará ir acima a senhora, para ver suas acomodações?

—Estou muito bem aqui, obrigado, senhora Baines —replicou minha ama—. Agnes subirá minhas coisas—. Sorriu com graça e se sentou na poltrona, e ali a deixei enquanto eu me dirigia ao piso superior.

Que lembranças despertou essa habitação em mim! Recordei que ali tínhamos levado a senhorita Cathy o dia que morreu, e então me tinha parecido morno e acolhedor. Ao entrar essa noite me pareceu notar uma brisa que não sabia de onde vinha, porque as janelas estavam fechadas e as cortinas corridas, e havia um bom fogo ardendo na lareira. Recordei os contos que tinha ouvido de menina a respeito de sua

avó, que rondava os páramos, e que tinha seguido ouvindo através dos anos; não eram mais que intrigas de aldeia, que se tinham convertido em lenda, embora duvidava que Margaret tivesse ouvido as histórias, coisa que agradecia.

Tinham tirado a velha arca e havia uma cama de tamanho normal em seu lugar, junto a um roupeiro e uma cômoda, e junto à janela uma penteadeira com um espelho em cima. Sobre as janelas penduravam cortinas bonitas. Supus que todo se devia à senhora Ibbitson, e me perguntei o que teria sido dessa boa senhora, quase tão feroz como seu filho, a quem não tinha visto desde fazia mais de dez anos. Não sabia o que lhe teria passado, mas sua vingança tinha sortido efeito. Seu malvado plano tinha tido mais que êxito.

Enquanto trabalhava acima, o amo (pois assim o chamava agora) e minha ama jantaram no piso de baixo. Conforme me contaram os serventes na cozinha, onde depois comi com eles, não trocaram uma palavra. Todos estavam perplexos, mas eu não falei nada, pois não tinha por que fazê-lo, já que eles não deviam saber nada.

Minha ama subiu assim que terminou de comer. Estava cansada, assim que a deitei e fiquei a seu lado até que dormiu, maravilhada pelo valor e a serenidade que demonstrou e o sorriso que jogava em seus lábios como se não tivesse nada do que preocupar-se no mundo e a aguardasse uma manhã de felicidade.

CAPÍTULO 15

O resto da semana transcorreu em calma (muita, em certos sentidos). Minha ama seguia sem falar com seu marido, e todos na casa notávamos certo mal-estar. Mostrava-se cortês e educada ao sentar-se com ele à mesa, mas não lhe dizia nada, exceto «por favor» ou «obrigado» com uma amável inclinação de cabeça. Era como se ele não existisse para ela. Não parecia que o odiasse, mas sim não estivesse presente nesse lugar. Para um homem com seu temperamento suponho que isso seria o pior. Preferiria ser insultado ou desprezado, odiado ou apostrofado, mas não que o ignorassem em silêncio.

Entretanto, ansioso por seu estado, pois agora ela se deslocava com dificuldade e ficava sem fôlego ao menor esforço, cuidava-se muito bem de não provocá-la, embora isso não evitava que fora grosseiro comigo ou gritasse a outros serventes quando faziam algo que não gostava. Em realidade eu estava preocupada com minha ama e o tamanho que tinha alcançado, pois podia perigar sua saúde. O médico, que ia todos os dias, também estava preocupado e temia que o bebê nascesse morto se o parto se atrasava muito. Mas minha ama passava os dias com grande tranqüilidade, costurando, lendo ou olhando cada vez com maior frequência em direção aos páramos, como se, pela primeira vez na vida, começasse a apreciar sua natural beleza.

Todos os dias seu pai mandava perguntar por ela, pelo geral mediante um de meus filhos, junto com bilhete, e dessa maneira mantínhamos contato com a Granja, pois sabia que o senhor Earnshaw temia provocar a seu genro e pôr em perigo a saúde de sua filha. Também quem mantinha perto de meus filhos, apesar pouco brincarem, estavam bem cuidados e não lhes faltava nada. Ver um deles diariamente me fazia conservar o bom humor.

Para alívio de todos, o coronel saía quase todos os dias, a cuidar seus assuntos ou simplesmente a cavalgar pelos páramos, o que adorava. Muitas vezes trazia uma

magnífica ave ou um coelho para a panela, e então o via em seu melhor momento pois estava satisfeito com o que tinha feito e preparado para mostrar-se agradável, ou pelo menos o tentava. Parecia ter perdido a amabilidade devido a sua avidez aquisitiva e a seus costumes licenciosos todos esses anos em que descuidou a sua mulher e cobiçou as posses de seu pai.

Era impossível sentir verdadeira lástima pelo coronel Heathcliff, embora um sentimento próximo à pena se apoderou de mim, para o qual não tenho nome, pois não sou uma pessoa instruída. Acredito que a palavra que procuro se refere ao feito de que havia algo de patético nesse homem forte e orgulhoso, que tinha servido a seu país honrosamente, reverenciado o nome de seu pai e querido a sua mãe, e que entretanto não podia conservar o amor da mulher que tinha chegado a reverenciá-lo e que agora o desprezava abertamente. Frequentemente a observava como se quisesse revelar o mistério em que se converteu. Outras vezes tentava ganhar sua aprovação mediante um sorriso ou um gesto precavido, lhe trazendo um buquê de flores silvestres cortadas no páramo, embora eram escassas nessa época do ano, ou um ramallete muito mais elegante comprado em uma floricultura em Leeds ou em Bradford. Ela aceitava seus presentes com uma graciosa inclinação de cabeça que acompanhava suas corteses palavras de agradecimento. Isso era tudo o que se permitia lhe brindar. Então ele saía da habitação, furioso, e o ouvíamos passeando-se no piso superior ou sair a tudo galope para o páramo ou ao Gimmerton.

Chegou o dia em que minha ama sentiu uma forte cãibra e lhe contraiu a cara de dor. Sabendo que lhe aproximava a hora, enviei a um dos serventes a procurar rapidamente ao médico. Dava graças a Deus por minha própria experiência adquirida ao dar a luz a três filhos. Fiquei com ela até que os dores começaram a acontecer-se mais seguidos. Sua agonia aumentava mas nem o médico nem a parteira chegavam. Estava deitada no quarto onde tinha morrido sua mãe. Às vezes seu sofrimento era tão grande que temia por ela, mas era uma moça forte e graças a Deus a tinha sob meus cuidados essas últimas semanas, assim estava descansada e bem preparada.

Por fim, depois do que me pareceram horas de espera, quando os dores eram mais fortes e já não conhecia descanso, ouviu-se o trote de cavalos. Um carro subia a colina com o médico e a parteira, precedido pelo coronel Heathcliff a cavalo, a todo galope, seguido de seu servente. Mas já tinha passado o pior. O médico apenas se teve tempo de enrolá-las mangas da camisa quando teve entre suas mãos a um formoso varão. Que alegria ver como o elevava a parteira, de tão são e enorme que era! Mas isso não foi tudo. Minha ama seguia debatendo-se; o médico a examinou rapidamente sob o lençol e disse que vinha outro bebê. antes de meia hora, uma menina seguiu ao moço.

Seu primeiro grito vigoroso anunciou a todo mundo que o coronel Heathcliff e sua esposa eram pais de um formoso par de gêmeos. Gritavam com todas suas forças, um a cada lado do único berço que eu tinha preparado. A parteira estava a ponto de chorar de alegria, igual a eu, enquanto lhe lavava o rosto a minha ama, em cujos olhos se refletiam a paz e a alegria. Logo caiu em um profundo sonho.

Dizer que o coronel estava fora de si de alegria é pouco. Estava quase frenético, e corria pela casa gritando «São gêmeos, são gêmeos! Não é estranho que a visse tão grande. Graças a Deus por um menino e uma menina, dois Heathcliff!» Deu ao médico um copo cheio de uísque, aplaudindo-o como se ele fora responsável pelo milagre, coisa que não era verdade. Também beijou à parteira em ambas as bochechas e várias vezes lhe serviu de uísque. Todos diziam que os gêmeos eram os bebês mais sãos e bonitos nascidos no Gimmerton ou em qualquer outra parte do mundo.

OH, que dia tão feliz! Não tivemos muitos nessa época, mas esse dia foi maravilhoso. Estava tão contente de ver que minha Margaret tinha dado a luz com

fortuna. O tamanho e a saúde dos gêmeos eram tais, que não teriam que lutar em sua infância, como tantos outros que são diminutos; muitas vezes um, ou ambos, morrem. E sim, devo admitir que estava enlouquecida de alegria porque voltava a ter crianças a meus cuidados, pois sou uma mulher muito doméstica, amante dos meninos. Meus netos são agora toda minha alegria. Tenho cinco, e vêm dois mais em caminho; minha filha e minha nora estão grávidas.

Minha ama dormiu todo o dia e quando despertou o primeiro que viu foi a seu marido inclinado sobre o berço. Em realidade, apenas se se tinha afastado da partida do médico e a parteira. Olhou-o um longo momento antes de dar-se conta ele de que se despertou. Quando se voltou e viu que o olhava, baixou a cabeça, como se estivesse envergonhado (tinha razão para está-lo), aproximou-se da cama e disse com simplicidade:

—Obrigado, Margaret. São dois meninos formosos. —inclinou-se e a beijou na testa, mantendo a cara perto da dela como procurando que lhe devolvesse o beijo, mas ela não fez nada, assim que ele se endireitou. Vi que lhe escurecia o rosto de fúria momentânea, pois talvez então se deu conta de que o advento dos gêmeos não tinha trocado nada, e ela seguia sem lhe dirigir a palavra. Foi até a janela e ficando-as mãos nas costas disse; —Eu gostaria que voltássemos a ser amigos, Margaret, possivelmente me comportei mau, e me arrependo disso. Agora temos a alguém mais, além de nós, por quem viver Não podemos ser amigos?

—Eu gostaria de ver alguma prova, não só palavras —disse em voz baixa minha ama—. Eu gostaria que devolvesse as terras a meu pai e te desculpasse com minha família. Eu gostaria de saber que quando vai à cidade não é para te deitar com alguma mulher fácil, e ver que não volta a trazer homens e mulheres de má vida a minha casa, como o tem feito não uma ou duas vezes, Jack, a não ser continuamente, me envergonhando e me mortificando.

O coronel ficou onde estava, olhando com fúria o páramo. Tinha as mãos crispadas.

—Não posso dar a seu pai o que comprei honesta e legalmente. Estas propriedades estavam em venda, Margaret. Fiz-lhe um favor ao as conservar na família. Seus netos as herdarão algum dia; do contrário, tivessem passado à mãos estranhas. Chamarei imediatamente ao jovem Green para trocar o testamento.

—Trocar o testamento?— disse a senhora Heathcliff

—Trocá-lo?

O amo parecia confundido e pude apreciar que tinha cometido um engano, já que, naturalmente, sua mulher não sabia nada da relação que o unia a seu irmão Anthony, e suponho que haveria algo para ele no testamento. Em realidade, o interesse do coronel por seu filho natural parecia ter diminuído por completo, já que eu nunca lhe tinha ouvido mencionar seu nome. De agora em diante certamente só lhe interessariam seus filhos legítimos.

—Pois, querida, tudo é para ti em meu testamento. Agora quero que meus filhos também o compartilhem.

—De tudo a eles— disse ela—, mas devolve a papai o que é dele.

—OH, não é razoável.— estalou o coronel—. Está bem! Direi que se deve ao parto, que é quando as mulheres estão estranhas! Não darei de presente a seu pai o que comprei com bom dinheiro. Não nos gostamos o suficiente para que eu faça algo assim! Esquece-o. No que respeita às mulheres... pois se o altero, espero que me concedam meus direitos, outorgados livre e voluntariamente. Assim pensa-o!—. Com estas palavras saiu do dormitório.

Durante um longo momento minha ama ficou contemplando a paisagem através da janela, com o rosto curiosamente impassível; logo se voltou para mim e sorriu:

—Me dê os meninos, para amamentá-los, Agnes. Deverá me ensinar como fazê-lo.

Que mãe formosa, com um bebê em cada peito! Enquanto os amamentava, seu rosto se transfigurou com essa alegria e satisfação que dá ao alimentar aos filhos, embora, conforme tenho entendido, as mulheres modernas não o fazem mais. Como desejava eu que estivesse também contente com seu marido, igual a com seus filhos, embora sabia que não seria possível jamais! Eram muito diferentes.

Enquanto lhes dava de comer notei que o cabelo loiro dos Earnshaw tinha desaparecido, pois ambos os meninos tinham o cabelo negro como o pai, negro e brilhante como o dos ciganos ou o da gente de lugares onde há muito sol, como a Itália ou Espanha.

Pensei que era curioso que a tez moreia e o cabelo negro fossem tão fortes que perdurassem até a terceira geração, pois os dois meninos eram netos do primeiro senhor Heathcliff e, conforme podia julgar eu, tão parecidos com ele como seu pai e seu meio irmão. Roguei que não saíssem como ele. Do fundo de meu coração, esse dia roguei pelos gêmeos.

Em realidade, como se, coisa estranha, lesse meus pensamentos, minha ama disse nesse momento:

—Agnes, note o que parecidos com o Anthony que são os gêmeos. Deve haver um ramal moreno na família Earnshaw...—. Deixou de falar e eu a olhei, temerosa de que estivesse pensando igual a eu, mas embora tinha o cenho franzido era impossível que pudesse chegar à mesma conclusão. Não tinha idéia da conexão entre sua mãe e seu marido, graças a Deus. Roguei que nunca se inteirasse, pois me estremecia cada vez que pensava que era contrário à natureza, e isso que no campo acontecem muitas coisas antinaturais, mas nenhuma como essa, asseguro-lhe, senhor Lockwood. Era a mais tenebrosa que conhecia, como se o Diabo mesmo tivesse tomado parte.

Ao pouco tempo do parto já Margaret estava levantada e atarefada com suas tarefas maternas, pois era uma verdadeira mulher de campo. A diferença de sua mãe, nada gostava mais que cuidar ela mesma a seus filhos, lhes dar de comer, banhá-los, vesti-los e despi-los e fazer todas as pequenas tarefas tão necessárias para os meninos e que tanto nós adoramos às mães. O coronel Heathcliff entrava no dormitório com frequência e ficava observando a sua mulher mais que a seus filhos, como se a cobiçasse, embora também os elevava e os acariciava, embora talvez o fazia porque queria ganhar a sua esposa. Estava cortejando-a outra vez.

Outra coisa me chamava a atenção, com respeito a minha ama, e era que não tinha herdado o amor por «Morro dos Ventos Uivantes» que tinham sua mãe e sua avó.

A pequenez das habitações a oprimia e a paisagem dos páramos parecia cansá-la, pois estava acostumada aos arbustos e às flores da granja Thrushcross e ao terreno brandamente ondulado do vale no que estava situada.

—OH, Agnes, por que fica aqui?— disse-me um dia enquanto estávamos dobrando os fraldas limpas, dos que havia em grande quantidade. —Nesta casa não há suficiente lugar.

—Mas, senhora— lhe disse —esta é uma casa grande, comparada com qualquer outra, exceto a Granja. É velha mas sólida, pois foi construída para que resistisse os embates do vento do norte.

—Não consigo entender por que a quer tanto. Diz que tem muitíssimo dinheiro. por que temos que viver aqui?

Então notei que acabava de entrar o amo, que se deslocava sempre tão silenciosamente como um gato. Disse:

—Sinto um amor muito fundo por «Morro dos Ventos Uivantes», Margaret. Aqui foi onde se criou meu pai. Parece-me que aqui tenho raízes profundas. Por isso queria que meus filhos nascessem aqui, para que também tenham suas raízes neste lugar. Mas se estiver molesta, minha querida, já que cumpreste seu dever dando luz a nossos filhos, comprarei-te a granja Thrushcross. Inteiarei-me que seu pai está aruinado pelas dívidas.

Minha ama respirou com dificuldade e levou as mãos às avermelhadas bochechas.

—O que! tornaste a prejudicar a meu pai?

—Eu, meu amor?— protestou o coronel, branco como o papel. —Eu nunca prejudiquei a seu pai, pelo menos em assuntos de negócios. Não tenho feito mais que comprar suas propriedades legalmente. Mas me inteiarei que está em má situação e que as ações que comprou com o produto das vendas já não valem nada. Não pode ter esperanças de enriquecer-se. Não se ocupa de seus assuntos pessoalmente, mas sim os deixa em mãos do jovem Anthony que ainda é um imberbe. Embora neste momento se podem fazer grandes fortunas —sei por própria experiência— também as pode perder facilmente. Pedi a seu pai que nos visite hoje. Enviei-lhe um bilhete faz uns dias lhe anunciando o nascimento de meus filhos e lhe informando que lhe avisaria quando fora conveniente que viesse. Enviei-lhe a nota ontem, lhe pedindo que viesse hoje.

—Dá ordens a meu pai como se fora um laçao— disse minha ama, lhe gritando—. Pois não o é. É meu pai Y...

O amo inclinou a cabeça e logo se dirigiu à janela.

—Já chegou, Margaret. Vejo-o no carro com o jovem Anthony. Que moço robusto e arrumado! vai ter a mal trazer para as moças. Como seu pai...

—Não sei o que quer dizer— disse minha ama —. Seu pai nunca andou flertando a mão direita e sinistra. Não acredito que tenha amado a outra mulher mais que a que amou, minha mãe...

—OH, inteiarei-me de várias coisas em Londres— disse astutamente o coronel e me dava conta do equívoco de sua asseveração, pois era certo que o senhor Hareton tinha jogado com o afeto de umas quantas damas mundanas, embora nunca como o coronel, como sabíamos todos.

Margaret lançou uma exclamação e, me dando a seu filho, correu escada abaixo a receber a sua família antes que chegasse o carro à porta.

—Como, Margaret, já está levantada! —exclamou seu pai—. Logo faz uma semana... OH querida te vê tão bem—. A abraçou e a beijou, com os olhos umedecidos pela emoção.

—OH, papai, estou perfeitamente bem. Não sou mais que uma robusta camponesa, como me diz sempre Agnes. E os bebês... tem que vê-los, papai.

—Está seu marido em casa? —perguntou com cautela o senhor Hareton, ou mas bem, para ser honesta, com nervosismo. Havia um tremor em sua voz, que revelava a ansiedade que sentia por seu encontro com o coronel. Senti um peso no coração ao ver a maneira em que se rebaixava um homem tão bom e digno.

—Sim, espera-te —replicou concisamente Margaret. depois de beijar a seu irmão, pegou do braço seu pai e o fez entrar na sala, onde estava o coronel, de costas ao fogo, com as mãos debaixo das abas da levita.

—Bem-vindo, senhor Earnshaw —disse, adiantando-se a saudar o senhor Hareton aparentemente com afabilidade—. Lhe deu dois formosos bebês a sua filha, como verá. Pelo menos, tem algo que me agradecer. Vá buscá-los, Agnes? para que seu

avô veja o muito que me parecem. Não têm nem uma sua característica próprio dos Earnshaw. Nenhuma!

Como o odiei nesse momento, ao vê-lo burlar-se de um homem afundado ate o poço da humilhação! Alardeava frente a seu rival, preparado a atirar um novo golpe, conforme sabia eu pela conversação que acabava de ouvir acima. Margaret permaneceu junto a seu pai, olhando fixamente a seu marido com o desprezo que ele já estava acostumado. Tinha a serena cara levantada, o queixo para frente e lhe brilhavam os olhos com tanta fúria que poderia ter intimidado a qualquer.

A alegria do senhor Earnshaw ao ver os dois bebês que lhe levei era tão grande que voltou a chorar. Vi como lhe tremia a mão ao secar as lágrimas com o lenço. O orgulhoso pai e o não menos orgulhoso avô estavam parados um ao lado do outro. Ao vê-los assim, recordei que não se levavam mais que cinco anos de diferença, mas pareciam pertencer a duas gerações distintas. Ao senhor Hareton lhe tremiam as mãos, e sua aparência de debilidade e fragilidade me fez pensar se não teria uma enfermidade mortal que tinha minado seu corpo outrora robusto. Margaret tinha abraçado meigamente a seu pai, ela, que nunca permitia que a tocasse seu marido, que tanto a desejava.

Os gêmeos abriram os olhos ante o avô e embora não enfocavam ainda, naturalmente, pareciam olhá-lo. Podia-se ver facilmente quão orgulhoso estava. O estar com sua origem o fazia sentir dignidade e amor próprio, e até parecia ter crescido.

—São dois meninos magníficos, sim, realmente magníficos. Congratulo a ambos, Como se chamam?

—Josiah e Elizabeth Heathcliff —disse o coronel com voz de trovão. Não só eu o olhei surpreendida, mas também também o ama, pois não sabíamos que se decidiu o assunto dos nomes; ela insistia em que o varão se chamasse como seu pai, Hareton; o que era bastante otimista de sua parte.

—Recém me inteiro —disse minha ama com tranquilidade.

—O que tem de mau com dois bons nomes ingleses como estes? —perguntou o coronel—. Josiah, como meu padasto, esse bom homem que me deu os meios para que fizesse fortuna, e Elizabeth, que é o segundo nome de minha mãe. Dorothy eu não gosto muito; não tem força. Minha filha será uma pessoa importante na comunidade. Sim; chamará-se Elizabeth.

—Acredito que deveria me haver consultado —protestou minha ama.

—Desde quando se consulta às esposas? —replicou com brutalidade o coronel—. Ela deve fazer o que lhe ordena seu marido! A menos que seja uma esposa amante, doce e agradável. Nesse caso a pode consultar, embora não existe nenhuma lei, que eu saiba. Corresponde-lhe ao chefe do lar tomar as decisões. Não é assim, senhor Earnshaw? Faça o favor de sentar-se, senhor, e farei servir o chá, pois tenho algo que discutir com você. Faz o favor de subir aos meninos, Agnes. deu-se conta, senhor Earnshaw, quão parecidos são a seu filho Anthony?

—Acreditei que havia dito que não se pareciam em nada aos Earnshaw —disse minha ama, e vi que enrugava a frente, preocupada, como se tratasse desesperadamente de compreender algo. Olhei com ansiedade ao coronel, mas evidentemente não lhe convinha fazer mais confusões ainda, pois disse:

—Deve ser uma coincidência notável, querida. Bem, senhor, inteirei-me nos círculos comerciais de Leeds que novamente sua situação financeira é má. Tornou a investir seu dinheiro de maneira imprudente, esta vez em ferro nacional. Hão-me dito que a companhia importadora quebrou. Não sabia você, senhor, que há bastante ferro no Middlesbrough para suprir a todo o país? Investir em ferro europeu foi uma loucura,

uma verdadeira loucura. Eu tive a visão de comprar ações nos campos do Middlesbrough faz uns anos, e já tripliquei meu dinheiro.

Nesse momento trouxeram o chá, e eu aproveitei a oportunidade para subir aos bebês e deixá-los em seus berços. Voltei a descer apressadamente porque estava interessada em saber como seguia a conversação. Despedi-me da empregada e servi o chá eu para que não parecesse tão evidente nem pensassem que estava bisbilhotando.

—Bem, senhor —disse o coronel enquanto revolia o açúcar na taça—. Quero lhe fazer uma proposição, pois não sou um homem mesquinho e sei que sua filha o quer muito. Quero empregar ao Anthony aqui; receberá bom salário e aprenderá noções básicas de negócios, pois me inteirei que não sabe nada. Falta de prática, senhor, falta de prática. Não é tua culpa, rapaz —disse o coronel, dando ao Anthony o que para ele era um sorriso amável, mas que me pareceu uma careta—. Por outra parte, senhor Earnshaw, a minha mulher não gosta dos «Morros». É muito pequena, diz, e gelada. É verdade. Quando um não ama esta casa, como eu, resulta gelada, remota, e se se está acostumado à Granja Thrushcross, pequena.

—Comprarei-lhe a Granja Thrushcross, junto com o parque e demais edifícios por uma boa soma para moradia de minha esposa e do Anthony...

—E meu pai? —exclamou Margaret, respirando com agitação. O coronel se encolheu de ombros, levando-a taça aos lábios.

—Eu não posso dar um lar a seu pai, querida. Ele deve arrumar suas próprias coisas. Se deixar de especular dessa forma tão pouco prudente e investe bem o dinheiro que receba pela Granja, estará em condições de comprar uma casa no Scarborough ou qualquer lugar que escolha. O que diz, Earnshaw, parece-lhe bem?

O senhor Hareton estava sentado muito erguido (tanto como o permitia suas costas) e olhava fixamente ao coronel como se ouvisse mas não entendesse. Não disse nada durante um momento depois que o coronel deixasse de falar.

—Não ouviu, senhor? Necessito sua resposta.

—Não aceitarei sua oferta, senhor —disse por fim o senhor Earnshaw, falando lentamente e com dignidade, como se pensasse cada palavra—. Se ficou contudo. A Granja não será dela. Se a vendo, não será a você.

—OH, bem dito, papai! —disse Anthony, levantando-se de um golpe e juntando as mãos—. Bem dito!

—Te cale, menino —disse, cortante, o coronel—. Não te meta no que não te concerne. Não te interessa seu bem-estar e o de sua irmã? Nem seu pai? Não tem nem um centavo, homem, é um mendigo.

—Papai não te venderá a Granja, Jack —disse Margaret, demonstrando que pensava igual aos outros membros de sua família—. Já lhe disse isso. O que lhes acontece, que se odeiam tanto? Se Deus quisesse que meu pai e meu marido se quisessem, então talvez eu poderia querer a ambos, pois agora não amo mais que a um, que me deu a vida. Não pode pedir perdão a meu pai, Jack, por isso os separa, seja o que for?

Os dois homens se olhavam de tal maneira, com tanto ódio e veneno na expressão de um deles, e tanto temor e desprezo na do outro, que me dava conta de que a súplica da Margaret seria como a semente que cai na pedra.

—Estou disposto a estreitar a mão de seu pai e comprar a casa —disse por fim o coronel—. Acredito que minhas condições são justas.

—Não são justas. Está humilhando a papai. Sempre quiseste humilhá-lo. por que, Jack? por que?

—Suba a seu quarto, mulher —disse rudamente o coronel— e deixa de me incomodar. Aborrece-me com seus gemidos. Vai de uma vez.

—Você não pode falar assim com minha irmã! —exclamou Anthony, ficando de pé—. Retire suas palavras!

—OH, escutem ao defensor! —disse o coronel, renda-se cruelmente—. Não sabe, moço, que uma mulher é de propriedade de seu marido? Pertence-lhe, e pode fazer o que quiser com ela, exceto matá-la. Asseguro-te que sua irmã é cabeça dura. Não sabe apreciar devidamente o amor e o cuidado que lhe brinda um bom marido. Há vezes que me pergunto com que classe de mulher me casei. Tem poucas virtudes que a recomendem, e agora nem sequer obedece. Sobe, Margaret, não entende? —Caminhou para ela como se fora a lhe bater. Anthony saltou e o tirou do braço, mas o coronel, muito mais forte, atirou-lhe um golpe brutal.

—Fora, rapaz! Empreenderei-a a chicotadas contra todos se me seguem provocando. Se me puser a mão em cima, rompo-te o pescoço, e com respeito a esta menina... —Tomou a sua mulher de um braço e a arrastou bruscamente até a porta—. É uma menina, não uma mulher. Não tem cérebro na cabeça nem fogo no coração. Fartei-me desfrutando de seus favores. Mantere-i-a para cria, e se segue opondo-se a minha vontade a encerrarei na cavaleriça, que é o lugar apropriado para ela...

—Como se atreve... —O senhor Earnshaw se pôs de pé e tremia, fortemente seu corpo.

Mas o coronel, como que possuído pelo demônio, parecia não ouvir e seguia andando, murmurando para si:

—Quando penso em sua mãe, apenas se acreditar que possa ser filha dela. Pensar que esse anjo, por quem tivesse dado minha alma, possa ter engendrado... isto.

—Fez uma pausa e lhe apontou o dedo ao assinalar a sua mulher, que estava junto à porta ao meio abrir—. Não é digna de sua mãe, e pensei que voltaria a encontrar em ti. Estava disposto a te adorar, como a adorei a ela, mas o que encontrei? Vaidade. Estupidez. Uma garotinha com aparência de mulher. Que não sabia desembrulhar-se no mundo...

—Minha mãe —disse ela, respirando com dificuldade—. Papai, o que está dizendo? —Dei-me conta que já sabia a verdade, mas temia ouvi-la.

—Sim, escapei-me com sua mãe —exclamou o coronel—, depois que nasceu você. Veio por sua vontade, o que não falava muito bem dos atrativos de seu pai. E estava disposta a me seguir até o fim do mundo, assim me disse isso, mas eu devia ao Exército, e me arrependi, sem poder me esquecer dela. Sim, e Anthony é meu filho, não o vê? É um Heathcliff, da cabeça aos pés, moço; até sua natureza feroz o testemunha. Este tipo, este Earnshaw, simulou ser seu pai, mas, para mortificá-lo, você foi crescendo e te parecendo cada vez mais a mim. Não é verdade, Agnes?

Eu estava escondida em um canto e não me atrevia a abrir a boca, embora tivesse querido lhe cantar umas verdades pela maneira em que machucava a sua mulher.

—Monstro —exclamou minha ama, precipitando-se dentro—. Monstro, demônio... Casou-te comigo depois de te haver deitado com minha mãe? Lhe enoje, é obsceno. Papai, diga que não é verdade.

Mas o senhor Earnshaw estava sentado no bordo da cadeira, assentindo, com as mãos juntas em uma atitude de desalento.

—É verdade, entretanto, é verdade. destruiu a minha família, que tanto amava.

Seduziu a sua mãe, e logo a ti, e agora comprou minhas terras. Já não fica nada, exceto morrer, querida Margaret, pois acredito que ele está sob o domínio de Satanás, e quem sou eu para lutar contra o mal?

—Eu lutarei contra ele —disse Anthony, e saltando sobre o coronel o derrubou. Pensei que uma vez no chão lhe partiria em duas a cabeça. Mas não podia sair tão bem. O coronel bramou como um touro, então se abriu a porta e entraram os serventes, que

separaram aos dois homens. Uma vez de pé o coronel se apoderou de um relho que estava em um canto e começava a castigar ao Anthony, quando um servente o deteve. Margaret exclamou:

—Vão-se, Papai e Anthony, vão-se, porque os matará. Por mim, rogo-lhes que se vão...

Eu adicionei minha voz a sua súplica e unindo a ação à palavra virtualmente os tirei a empurrões da casa e não parei até vê-los, tremendo e desarrumados, junto ao carro.

—Agnes, cuida de minha filha. Matará-a. Está louco. OH Deus, como chegamos a isto! Anthony... —O senhor Hareton olhou ao Anthony quem apartou a vista. Era o mais perturbado e perplexo pela cena que acabava de presenciar e as espantosas palavras que acabava de ouvir. Era natural, pois que coisa mais terrível para um jovem que inteirar-se que o homem que adorava não era seu pai, e que sua mãe e sua irmã se deitaram com o mesmo homem, lhe dando filhos?

De repente se separou do carro.

—Irei caminhando —disse. Nada mais que isso. Pôs-se a andar colina abaixo, primeiro caminhando, logo correndo, como se o perseguissem mil demônios, embora o único que o apossava era a horrível lembrança do que acabava de ouvir.

—Pode dirigir o carro? —perguntei ao senhor Earnshaw?—. Ou quer que procure um servente para que conduza?

—Acredito que posso levar as rédeas, Agnes. O que nos passará agora, querida amiga?

—OH, senhor Earnshaw, eu não sou mais que uma pobre camponesa. Há vezes, entretanto, que penso que talvez Deus não é tão bom, se permitir que aconteçam coisas como esta.

—Não tenho dinheiro, Agnes. Heathcliff está no certo.

—Então, lhe venda a Granja. Pelo menos, Margaret terá um lar.

—Não, não a venderei a ele. Prefiro morrer. Vou deixar que seja dono de todo Gimmerton e se passe o resto da vida cantando vitória?

—Fará-o, de todos os modos. É melhor que se apure e cuide do Anthony. Esse moço tem descoberto que o que acreditava seu pai não o é, e sofreu um severo golpe. Necessitará que o consolem.

Dava um golpe no ponei e o carro do senhor Earnshaw empreendeu a volta à Granja, colina abaixo. Ao entrar vi que haviam tornado a ordenar a habitação e o coronel estava bebendo um copo de uísque, ainda respirando com dificuldade.

—Boa comoção tivemos hoje —disse—. Uma verdadeira confusão, sem dúvida. Espero que esteja orgulhoso de si mesmo, coronel Heathcliff.

—Eu não tive a culpa —disse, esvaziando de um golpe o conteúdo do copo e voltando-se para servir uma boa medida—. Me obrigaram. Poderia ser um bom homem, Agnes, mas não me dão oportunidade de sê-lo. Margaret me odeia; seu pai me detesta, e agora meu filho... Anthony. Tudo o que queria era que entrasse no exército, ajudá-lo...

—Você não vê, coronel Heathcliff —disse—, como o vêem outros. Você é um homem mesquinho e desumano, e é você o autor de sua própria desgraça. Não sabe como tratar às pessoas. Pisoteia os sentimentos de sua mulher, lhe dizendo que é de sua propriedade, e logo espera que o ame e se deite com você...

—OH, deitará-se comigo, sem dúvida —disse o coronel, franzindo o cenho—. É sua obrigação, e eu a forçarei...

—Por sua própria vontade, ia adicionar —falei—. OH, não duvido que a forçará, pois é forte. Mas, é isso o que procura na vida, ter que obrigar às pessoas a que o obedeça? Logo teve que dizer que Margaret não é como sua mãe. Como pôde dizer tal

coisa? Você brincou com o Catherine umas poucas semanas. O que lhe faz pensar que com o tempo ela também não teria deixado de satisfazê-lo, pois no fundo não era mais que uma singela moça de campo, sem a fortaleza nem a capacidade de sua mulher, a quem trata tão injustamente? Não há nada que o satisfaça, por mais que diga o contrário. Ao revelá-lo tudo, não tem feito mais que semear a desgraça. Como vai arruma-lo? Você é um homem perverso, e não trate de simular que é melhor do que é.

—Sobe te ocupe de sua ama —disse o coronel com voz de trovão—, ou me encarregarei de ti. A suas coisas. Acima encontrei a minha ama curiosamente tranqüila, considerando o que tinha suportado. Estava sentada comodamente na cama, com um bebê em cada braço.

—Estavam chorando, Agnes —disse—. O ruído deve havê-los assustado. OH, Agnes, o que lhes acontecerá? E a mim?

—Está orgulhoso deles —disse, fazendo um gesto em direção à porta—, e acredito que, a sua maneira, a ama, apesar do que diz. Achou em você muito mais do que esperava achar. Ao princípio a amou, porque, é obvio, parecia-se com sua mãe, a quem amava; esteve com ela quando morreu. Sei que não estará de acordo comigo, mas em muitos sentidos seu marido é digno de lástima. Não sabe como conseguir o que deseja, e destrói o que mais ama. Acredito que é por herança, pois muitos acreditavam que o velho senhor Heathcliff era um homem perverso...

—Mas minha avó o amava, e papai diz que ele também. Eu também o amei uma vez, porque reverenciava ao Jack e a mamãe. —Vacilou e me olhou lastimosamente—. OH, Agnes, não posso suportar que o que disse de mamãe seja verdade...

—Mas o é —falei a contra gosto—. Foi uma loucura que cometeram os dois, porque seu pai sempre foi um bom homem, muito melhor que seu marido, se me permite dizê-lo, senhora. Mas o coronel era um homem magnífico, bonito, como segue sendo-o, mas então era jovem e ousado. Havia um fulgor em seus olhos que convidava à paquera, mas foi muito mais longe com sua mãe, que era revoltosa e que, embora me cause pena dizê-lo, estava cansada de seu pai. Sua mãe era muito mais jovem que você a sua mesma idade; em muitos sentidos, não era mais que uma menina, descontente, sempre olhando a lua. Não a culpe, senhora. Queira-a, e lhe tenha lástima, porque morreu muito jovem.

—OH, quero-a —disse Margaret, com lágrimas nos olhos—. E lhe tenho lástima, porque a amou este homem, que em qualquer momento a teria posto a um lado, como fez comigo.

—Não tenho a menor duvida —falei com firmeza—, e assim o disse a ele. Estiveram juntos só umas semanas, antes que ele partisse à guerra. Não foi mais que um jogo... —adicionei fracamente.

—Não, foi algo muito mais profundo —disse minha ama, com renovada expressão de esgotamento, enxugando-as lágrimas—. Quando se ama a uma mulher tanto para casar-se com a filha porque lhe parece, trata-se de algo mais de uma brincadeira. Que fatalidade têm estes Heathcliff que arrasta às Earnshaw para eles, Agnes?

—Não sei —disse, meneando a cabeça—. E o pobre Anthony? Você sempre o quis, preferiu-o a seu irmão Rainton. Ele também a atraiu, embora eu nunca apreciei seu encanto. Sempre foi um moço mal-humorado. Agora vai entrar em uma depressão, meditando a respeito do que se inteirou. Não vai agradecer a seu pai que o criou e sempre foi bom com ele, e o tratou como se fosse seu filho. Ele foi outra causa de discórdia entre seu pai e o coronel Heathcliff, porque seu pai insistia que Anthony era filho dele, embora sabia que não era assim. O coronel nunca esqueceu essa injustiça...

—Enquanto papai sofria porque mamãe o tinha deixado. Não é estranho que se odiassem. OH, Agnes, note, Elizabeth está engasgando. Eleva-a. —Agradecia que terminasse esta incômoda conversação.

Nossa tranquilidade doméstica, dedicada ao cuidado e ao carinho dos meninos, continuou durante alguns dias. De vez em quando o ama ficava triste, pensando em sua sorte e na de sua pobre mãe, mas eu fazia todo o possível para que fixasse sua atenção em um pouco mais agradável. O coronel ficava menos na casa; muitas vezes não devia dormir ou se ia a Londres em viagem de negócios ou a visitar sua mãe em Liverpool.

A senhora Ibbitson não se metia muito na vida de seu filho desde que este havia retornado do estrangeiro, mas ao parecer o fazia por sua própria vontade. Não tinha visto sua nora e agora não parecia ter desejos de conhecer seus netos, o que me parecia estranho, pois sempre tinha sido muita apegada ao Anthony. Haviam-me dito que não estava bem de saúde, que tinha sofrido um pequeno derrame que talvez lhe tinha debilitado o cérebro. Mas eu pensava que talvez sentia-se culpada pelo que tinha feito ao encorajar a seu filho a cortejar dessa maneira à filha da mulher que um dia amou.

Talvez a velhice, a má saúde e o fato da mortalidade humana começaram a lhe fazer temer o momento de enfrentar-se ao Criador e ter que responder por suas malvadas maquinações.

Repetidas ausências do coronel nos davam um pouco de paz e permitiam ao senhor Earnshaw visitar sua filha. Um dia lhe deu a má notícia de que Anthony tinha desaparecido de sua casa.

—Nunca o vi depois dessa tarde, quando desceu correndo pela colina. Eu acreditava que estava encerrado em seu quarto, refletindo, e julguei que era melhor deixá-lo sozinho, mas ao dia seguinte quando o mandei chamar, o servente me disse que não tinha voltado para casa. O que farei? meu Deus!

—É melhor que o deixem sozinho —falei—. É o melhor que pode fazer. É um moço que sabe cuidar-se. Já lhe passará, e resolverá seu problema como posso. Estará pensando o que fazer. Outra coisa não pode esperar-se, depois do golpe que recebeu.

—E você, Margaret, querida filha, a quem te trouxe tanto sofrimento, o que fará? Devia ter te contado tudo a respeito do Heathcliff e sua mãe; então não teria fugido com ele. Agora parece o mais acertado, mas então não pensava igual—. Não queria que se inteirasse.

—Não culpe, papai. Talvez teria fugido com o Jack se tivesse sabido o de mamãe, de tão perversa, teimosa e tola que era. O que farei, papai? Ficarei junto ao Jack. O que outra coisa posso fazer? Nem você nem eu temos dinheiro. Não teremos outro lar se te vê obrigado a vender a Granja. O que pode fazer uma mulher, que é propriedade de seu marido, corpo e alma, sem nenhum direito próprio? Não serei uma esposa amante, porque nunca poderei perdoá-lo, e não posso voltar a amá-lo, mas serei uma esposa obediente, por meus filhos. Pelo menos tratarei de que tenham a melhor vida possível, papai.

O senhor Earnshaw a tpegou da mão e a levou aos lábios, profundamente comovido.

—É como a mulher da Bíblia, a pérola de grande preço, que antepor a outros a ti. Oxalá tivesse o marido que te merece. Mas será recompensada, Margaret. Um dia, Deus te recompensará. Se você não quiser que seu marido seja dono da Granja, porei-a em venda em segredo, e não se inteirá.

—É obvio que não quero, papai! Seu lar? Nunca poderia viver ali em paz. Que compre outra casa, ou a faça construir. Há muitas casas formosas nesta região, e muita terra disponível para construir. Mas fique perto de nós, papai, não vá, pois não poderia viver sem seus carinhosos conselhos.

E enquanto o senhor Earnshaw chorava, sua filha, com os olhos secos como quase sempre, pois era muito forte, abraçou-o, consolando-o.

CAPÍTULO 16

Bom, os dias se aconteciam muito agradáveis, apesar de que minha ama se queixava do duro clima dos páramos e da inconveniência de sua casa. Muitas vezes a via olhando pela janela, observando as espessas nuvens negras que de tão baixas parecia que bastava estirar a mão para as tocar. E então dizia, com um suspiro:

—Aqui nunca sei se é dia ou noite, Agnes. Como estranho a planície, os campos verdes, e os sebes!

Eu me encolhia de ombros e não dizia nada pois sabia que, se o coronel se saía com a sua, minha ama logo voltaria para seu antigo lar. As dificuldades do senhor Earnshaw eram a fofoca da aldeia, e se sabia que agora que Anthony se foi (ainda não se sabia nada dele) não havia ninguém que o ajudasse nos negócios. Também me inteirei por boca do Dr. Clough, que atendia à senhora Heathcliff e aos gêmeos, que o senhor Hareton estava paralisado e que ficavam muito poucos anos de vida.

Mas não disse nada destas coisas a minha ama, que estava tão completamente dedicada a seus filhos e tão decidida a ser forte que eu não teria feito nada para incomodá-la. Quero dizer que apesar de suas dificuldades com o coronel, a pena que sentia por seu pai e sua situação econômica, e a preocupação por seus dois irmãos, tinha aprendido a que nada perturbasse a calma íntima de seu ser, o deleite que sentia por sua maternidade e a aceitação de sua classe de vida. Porque todos temos maus momentos na vida, como deve você sabê-lo, senhor Lockwood, e quem se rebela contra eles ou alimentam o ressentimento são as criaturas mais desventuradas. No que a ela concernia, o coronel Heathcliff bem poderia não ter existido. Embora ele o notava, e se sentia profundamente ressentido por isso, não podia dizer-se que ela fora grosseira ou faltasse a suas obrigações, embora eu sabia que havia uma obrigação que não cumpria. De noite jogava o ferrolho a sua porta, e eu sabia muito bem, pois uma noite tentei despertá-la para ouvir que choravam os bebês e ela seguia dormindo.

E logo, pouco antes de Natal, aconteceu a tragédia que eu tanto temia. Lembro perfeitamente a data porque estávamos atarefadas decorando a casa com acebo e muérdago, tratando de que luzisse o melhor possível para os Santos Mistérios, embora eu não esperava ter um Natal feliz, ou normal, dada a situação.

O tempo tinha sido terrível, soprava o vento do norte e essa noite ululava pela casa, como se fora a sacudi-la. Esses dias, o coronel Heathcliff se queixava quando tinha que viajar, e por essa razão ficava na cidade e retornava quando melhorava o tempo. Estávamos cómodos e abrigados na casa; não faltava um bom fogo em todas as habitações nem camas quentes, sobrava a comida, mas minha ama parecia tremula de frio, como se a nudez da casa e a desolação que a rodeava, carente de alguma cor, tivesse penetrado até as fibras mais íntima de seu ser.

Essa tarde o coronel chegou à casa depois de uma ausência de alguns dias e foi diretamente ao quarto dos meninos, onde estava o ama com eles. Eu o tinha visto vir pela janela, pois se distinguia muito bem o longo atalho sem neve que desce pelo páramo até unir-se com o caminho à Granja Thrushcross, antes de perder-se entre as dobras das colinas. Dessa maneira, o ama estava alerta e o ouvimos chamar gritos ao

cavalição no pátio; o coronel nunca falava com tom normal aos serventes. Parecia acreditar que todos padeciam de um defeito no ouvido, e que terei que lhes gritar. Logo ouvimos seus passos que subiam a escada, e entrou na casa. Tinha o rosto iluminado, como se fora portador de boas novas.

—E bem, como estão meus meninos? —bramou, esfregando-as mãos e inclinando-se sobre seus filhos com atitude possessiva, como um avaro sobre seu ouro, embora com a carinhosa indulgência do pai e que eu já tinha notado no senhor Hareton.

Logo vi que o coronel fazia uma pausa e olhava furtivamente a sua mulher.

Voltou a trocar sua expressão ao contemplar a serenidade de sua esposa que olhava a seus filhos. Havia no rosto do coronel uma mescla de emoções que nunca vi: não havia ternura, mas sim orgulho, luxúria e ira.

—Bem, Margaret, seu pai deu um passo mais para a ruína. Hoje adquiri suas ações do Ribblesdale, a fiação maior do norte da Inglaterra, e por uma ninharia, porque se viu obrigado a vender. Agora terá que me vender a Granja, não fica mais remédio, e mesmo assim todo o dinheiro que obtenha o necessitará para pagar suas dívidas, ou irá a prisão por dívidas. —esfregou-se as mãos com satisfação, sem tirar os olhos de sua mulher para não perder sua reação.

—Isso te deve ter posto muito contente —disse ela por fim. Não pude a não ser admirar o controle, e a dignidade com a que falou—. Boa colheita, Jack. Sinto que meu pai te tenha vendido algo, considerando a opinião que tem de ti.

—OH, não sabe que me vendeu ! —rugiu o coronel—. Todo o faço através de um intermediário, um corredor muito versado nestas coisas. Em realidade, eu não sabia que ao Earnshaw ainda ficavam ações no Ribblesdale até que este homem me comunicou isso. Depois da queda do Butterworth ficam alguns benefícios que podem obter os que se mantêm bem informados, como eu. Terei um magnífico império para legar a meus filhos. —Disse-o com um horrendo desfruto enquanto repassava seus rapaces acione, sem deixar de contemplar a beleza de sua mulher e a de seus gordinhos filhos. Tudo era de sua propriedade, tudo lhe pertencia. Tive que voltar a cara do asco que me deu. Então meu amo nos deu outra notícia.

—Inteirei-me que seu irmão Rainton voltou para sua casa, sem dúvida para alegrar a seu pai ou talvez para dar algum exemplo de cacumen para os negócios, que não sabíamos que possuísse, embora essa qualidade infelizmente falta em sua família.

—Onde se inteirou?

—OH, eu me inteiro de tudo. Tenho ouvidos e olhos postos continuamente na Granja, porque sei que quando o outro Earnshaw queira vendê-la, não será para mim. Bom, Margaret, tenho fome. Quero que baixe à mesa e compartilharemos uma boa garrafa de vinho para celebrar minha boa fortuna, né? Nossa boa fortuna, querida, pois logo se cumprirá o desejo de sua vida e será proprietária da Granja Thrushcross outra vez. —inclinou-se e lhe jogou o fôlego na cara, com os olhos cheios de lascívia. Ela retirou a cabeça e fechou os olhos com um momentâneo espasmo de repulsão.

Depois que ele saiu do quarto vi que minha ama tinha uma expressão pensativa.

—Chegou Rainton. Poderá fazer algo, Agnes? Quero vê-lo desesperadamente. Sempre foi uma torre de fortaleza, mas papai o distanciou ao preferir ao Anthony. Acredito que ambos machucamos ao Rainton de muitas maneiras, mas me alegre que haja tornado. Parece-me que pode fazer algo para nos ajudar.

—Senhora —falei, olhando-a com pena—. O que pode fazer um jovem de apenas vinte e dois anos? Não tem nenhuma experiência, não conhece o mundo como seu marido. O senhor Rainton sempre se interessou mas bem nas maravilhas da natureza, na fauna e a flora que observava a seu redor, e não em negócios ardilosos.

—Mesmo assim acredito que Rainton pode fazer algo, Agnes, não sei por que, mas o pressinto. OH, lhe mande avisar por meio do George ou Jennie ou pelo primeiro de seus filhos que venha! Lhe diga que quero vê-lo. Não sei por que, mas tenho grandes esperança.

Mas a felicidade e o otimismo de minha ama duraram muito pouco, senhor Lockwood, e apenas me atrevo a contar o que aconteceu, a seguir a um cavalheiro tão refinado e tão bem educado como você, assim que o resumirei em poucas palavras, mas devo contar-lhe para que veja que profundidades de degradação se afundou esse ogro, e para que se possa explicar o que aconteceu logo.

Comeu muito bem com sua mulher; sei porque depois na cozinha comíamos o que ficou, e sobrava para um exército: capão assado, meio presunto, lombo de vaca, bolos e o melhor vinho francês. Quão serventes atenderam a mesa disseram, como sempre, que não trocaram uma palavra. O amo monologou, e a senhora de vez em quando assentia, mas nada mais, como se estivesse pensando em algo muito mais agradável e interessante e não escutando a seu marido, que se estava embebedando pouco a pouco. Depois da comida minha ama ficou de pé para subir a seu quarto, como de costume, mas o amo o impediu e tratou de abraçá-la torpemente, para lhe dar um beijo.

—Jack! —exclamou ela—. me Solte, por favor!

—Margaret —murmurou ele, tratando de mostrar-se lisonjeador em lugar de duro e exigente—. Não podemos voltar a tentá-lo? Estou apaixonado por ti, Margaret, e sabe. Farei tudo o que possa para te agradar. Lhe posso dar isso tudo, nunca te faltará nada.

—O que eu quero não pode comprar, porque não é propriedade —disse minha ama friamente.

—Mas Margaret, também quero te dar meu amor. Juro-te que trocarei, serei fiel.

Não voltarei a olhar a outra mulher se aceita ser minha esposa novamente, Margaret.

—Disse que era uma menina, incapaz de te satisfazer, e já te tinha fartado de mim. O disse a meu pai. Tinha que procurar quem te satisfizesse. Assim disse.

—Não, Margaret, não! Estava equivocado. É uma mulher, uma mulher maravilhosa, muito formosa. Hoje quando te vi com os meninos, tão encantadora e serena, desejei-te ardentemente, Margaret. Ainda me sinto assim. Serei-te fiel, juro-lhe isso...

—Será melhor que não entre no quarto dos meninos, então, se me ver ali te faz sentir tão ardente —disse com desprezo minha ama.

—Não, Jack, fez muitas coisas más para que possa voltar a te amar. Machucaste-me, machucaste a meu pai. Supõe que posso receber em minha cama ao amante de minha mãe? Embora não tivesse passado nada mais entre nós, isso seria suficiente para que sentisse asco para sempre. Enquanto deva fazê-lo, permanecerei em sua casa. Tenho uma obrigação e a cumprirei. Mas não te equivoque, Jack Heathcliff, entre nós há um grande espaço e nenhuma ponte poderá transpô-lo.

—Mas Margaret, é minha mulher —gritou ele, dando-se conta de que seus rogos só tinham conseguido humilhá-lo—. Tem obrigações para comigo, não só para os meninos e a casa.

—Eu acreditava que obtinha seus prazeres em outra parte. Não lhe bastam? Deve haver um bom número de mulheres no Leeds e no Bradford dispostas a satisfazer as necessidades do coronel Heathcliff, que por certo pode permitir o luxo de lhes pagar...

Com essas palavras minha ama se retirou do refeitório enquanto o amo ficava grunhindo como um urso raivoso, segundo a versão do servente que me contou a cena. Voltou a encher seu copo de vinho e se sentou, cabisbaixo, junto ao fogo.

Como de costume, deitei a minha ama. Notei que estava mais cansada e agitada que de costume, e tinha grandes olheiras. A tensão contínua em que vivia e o esforço que fazia para parecer normal estavam minando sua beleza e fortaleza. Mas tudo o que me disse, além do corrente a respeito dos meninos, foi que queria ver seu irmão Rainton o mais breve possível, assim quando o coronel voltasse a ir-se devia enviar um recado à Granja ou ir pessoalmente.

Essa noite os meninos estavam nervosos e como não queria perturbar à senhora fiquei com eles em seu quarto, ao lado do de sua mãe, tratando de tranquilizá-los com uma mamadeira, para que ela pudesse dormir. A meia-noite ouvi um terrível estrépito na sala, que estava debaixo do quarto dos meninos, e logo os passos pesados do amo que subiam a escada. Escutei, temerosa, como se aproximavam da porta do dormitório de minha ama. Logo começou a golpear sua porta.

—Margaret! Sou seu marido ante a lei! me deixe entrar!

Não houve resposta. O coração me pulsava precipitadamente e me pus a rezar para que a deixasse e se fora. Mas, naturalmente, seguiu golpeando.

—Margaret, abre a porta! Está escrito no contrato matrimonial que deve alegrar e obedecer a seu marido! OBEDECÊ-LO, Margaret, entende-o? Derrubarei a porta se não a abrir. —E começou a esmurrá-la, até que a casa inteira ecoou a seus golpes.

Sentiu que não acudissem os serventes mas suponho que eles, como eu, não sabiam o que fazer. Em realidade, não havia ninguém suficientemente forte para fazer frente ao amo, física ou verbalmente, nem ninguém que tivesse o direito de fazê-lo. Então se ouviu a voz de minha ama, que dizia com tranqüilidade:

—Jack, despertará a todos. vá deitar te.

—Quero me deitar —bramou o amo, sem deixar de golpear a porta—. Em sua cama. Não me importa quem se inteire. Abre a porta, Margaret!

Pulsava-me o coração com tanta força que pensei que me ia arrebentar. O que podia fazer eu? Dado o aspecto em que se encontrava o amo, certamente me derrubaria de um golpe se tratava de interferir.

—Vai-te, Jack —voltou a sussurrar minha ama. Dá-me asco. Não quero ter absolutamente nada que ver contigo.

—Tem-me asco? —bramou seu marido, bêbado—. Tem asco a seu legítimo marido? OH, e pensar como lhe brindou isso uma vez, Margaret! Então não me pareceu sentir nenhum asco de sua parte. Sim; e sua mãe também, bom par de fêmeas quentes. Pensa, recorda seus ardores, Margaret, e me deixe entrar. Não ficará decepcionada. Que palavras insultantes! Podia ouvir sua pesada respiração, mas nenhum som da habitação de minha ama até que de repente, horrorizada, ouvi um ruído espantoso de madeira que se fazia estilhaça e compreendi que o coronel tinha conseguido introduzir seu corpo volumoso e levantado o ferrolho. Minha ama lançou um alarido penetrante, mas ele logo a dominou. É-me impossível descrever os sons aterradores que ouvi; desejaria não recordá-los tão vividamente. O homem estava violando a sua própria mulher contra sua vontade e me parece que não pode haver nada no contrato matrimonial, nem em nenhuma outra parte, que possa justificar algo assim.

Muito em breve tudo esteve quieto, exceto pelos soluços apagados de minha ama, e em seguida o coronel saiu da habitação e cambaleando, percorreu o corredor até seu dormitório. Esperei um momento para me assegurar de que não voltaria e logo, timidamente, fui até a porta do quarto de minha ama, que pendurava de suas dobradiças, e golpeei devagar.

—Senhora, sou eu —mas não respondeu, assim voltei a chamar, mas como não havia resposta pensei que estaria dormida ou preferia que não a visse nesse estado e fui.

Mas fiquei toda a noite no quarto contíguo, sem dormir, em caso que me pudesse necessitar, e jurei que em caso que o coronel tentasse aproximar-se outra vez daria procuração de uma das pistolas do quarto de armas e lhe voaria os miolos.

O dia seguinte, que nunca esquecerei por razões que logo explicarei, foi completamente distinto aos anteriores, tão tristes e lúgubres. De noite tinha caído uma geada e havia neve nas montanhas; a terra brilhava e reluzia como se a tivessem salpicado de diamantes recém polidos. O sol era uma grande bola alaranjada no céu e os tordos e mirlos cantavam incessantemente como se queriam expressar sua alegria pela beleza do dia. O céu tinha uma cor azul brumosa que se tingia de rosado para o horizonte, onde a névoa ocultava as colinas, que se viam tão claramente nos dias limpos.

Como se não recordasse o vexame cometido a noite anterior, o amo desceu cedo, cantando, embora pareça mentira, e chamou a seu valete, lhe ordenando que preparasse sua escopeta, porque ia sair de caça. Assim que terminei com os bebês fui ao dormitório de minha ama e a encontrei levantada. Os estragos da noite anterior tinham desaparecido, mas tinha um lábio inchado e um leve arranhão sobre um olho. Inclusive me sorriu e disse algo a respeito da beleza do dia. Eu senti que me transbordava o coração de veneração pelo espírito dessa mulher, pensando que sua mãe se teria ficado em cama várias semanas depois do ocorrido, lamentando-se aos gritos e pedindo que chamassem o médico.

A única referência de noite anterior teve que ver com sua ordem de que arrumassem a porta e pusessem um passador. Logo foi ao quarto dos meninos a saudar seus amores. De baixo chegava o aroma do café da manhã e os gritos do coronel Heathcliff pedindo o cavalo, ordenando que lustrassem suas botas e sabe Deus quantas coisas mais, como se estivesse contente de estar vivo e não lhe incomodasse sua consciência. Provavelmente esse era o caso, pois considerava a sua esposa como um objeto de sua propriedade.

Quando o ama começou a dar de mamar aos bebês notei que tinha os seios arroxeados, e quando eles atacaram os mamilos, fez um gesto de dor. Algo passava, como nos demos conta em seguida, e então minha ama me disse: —Me secou o leite, Agnes. Não têm o que mamar. Lhes prepare mamadeiras. —O golpe que tinha recebido seu delicado espírito lhe tinha secado o peito.

Dava-me conta de que não queria descer enquanto estivesse seu marido, assim que lhe subi um pouco de chá e torradas, que era tudo o que comia pelo geral de manhã; logo se sentou junto à janela e viu como ele partia com seu valete, James, uma criatura quase tão malvada como seu amo, até que desapareceram no horizonte em direção aos penhascos do Pennistone.

—Senhora, ficará aqui? —exclamei—. Quem sabe o que fará depois?

Ruborizou-se e voltou a cabeça, mas eu me sentia obrigada a expressar minha preocupação por sua brutalidade. Até me parecia que a vida dela estava em perigo.

—Não acredito que volte por um tempo, Agnes. Muita culpa teve a bebida. Aonde posso ir, o que posso fazer? Meu pai é pobre, meus irmãos não têm fortuna. Não tenho parentes e muito poucos amigos. Aonde posso levar a meus filhos, quando não posso lhes oferecer um teto? Não, Agnes, estou melhor aqui, apesar de que Jack seja um malvado. Devo ser paciente. Mas, por favor Agnes, manda chamar o Rainton. Anseio vê-lo.

Mas antes de que pudesse dar instruções a um mensageiro vimos um cavaleiro no horizonte que subia a colina, e chamei a minha ama:

—É seu irmão, senhora, o senhorito Rainton! OH, que boa moço que está! Note-se que porte!

—Me deixe ver! OH, Agnes, está convertido em um homem! Não vejo o Rainton desde que me casei. vamos recebe-lo! —Desceu a escada correndo e saiu da casa, chegando ao portão antes que se detivera o cavalo de seu irmão. Saltou da sela, correu para ela se abraçaram como amantes. Pensei que por fim ela podia dar rédea solta a seus sentimentos, e poderia chorar. Mas não foi assim. Ria de contente, abraçava-o, olhava-o à cara. Me contraiu o coração, pois olhar ao menino Rainton era retroceder no tempo, voltar a ver o belo rosto de seu pai, esse homem forte e arrumado a cujas bodas eu tinha assistido, e que agora era uma ruína, um paralítico moribundo.

Rainton era tão largo como alto, nada gordo, todo músculos, e estava bronzeado, em perfeito estado físico. Dava-me conta de que não tinha adquirido esse semblante próprio de nossa desolada terra. Caminhava como se o impulsionasse uma mola a cada passo, exaltando saúde e vida. Vê-lo era sentir-se melhor, pois uma se sentia segura ao estar próxima a um homem reto e forte.

—OH, Rainton, Rainton, vêm e me conte onde estiveste e por que não tem escrito... OH, Rainton, te vê tão bem, tão forte... o que estiveste fazendo? Agnes, por favor, serve um pouco de chá ao Rainton, logo vêm conosco, assim escutará seu relato.

Depois do espantado incidente da noite anterior, conhecido por todos os serventes, a alegria do ama ao reunir-se com seu irmão contagiou a todos os habitantes da casa. Por uma vez sequer, os adornos de Natal pareciam apropriados. O pálido sol de inverno iluminava os obscuros rincões e brilhava sobre a árvore cenário de oropel que estava na sala. Desejei que nunca retornasse o coronel Heathcliff, para que não danificasse o encanto do dia.

O jovem Rainton admirou a sua sobrinha e sobrinho, voltou a beijar a sua irmã por havê-los tido, e logo retornamos à sala, onde nos sentamos junto a um grande fogo. Minha ama não deixava de contemplar com ansiedade o rosto de seu irmão.

—Me conte Rainton, onde estiveste?

—Pois, Margaret, quando papai já não pôde pagar minha educação em Oxford me pus a procurar emprego. Sabe que me atraía a Armada, mas não tinha dinheiro para comprar uma nomeação. Um dos professores de Oxford era amigo do capitão Philip Parker King, que estava a ponto de partir com dois navios, The Adventure e The Beagle para inspecionar os mares sul-americanos, em busca de minerais e matérias primas, que abundam. As novas nações do Sul da América, depois do desmoronamento do domínio espanhol e português durante as guerras napoleônicas, necessitavam desesperadamente comercializar. Investiram-se grandes somas de dinheiro em operações no continente sul-americano, e centenas de navios mercantes britânicos levam a cabo um próspero tráfico.

—Consegui passagem em um navio, com a intenção de prosseguir meus estudos de botânica, e cheguei a colaborar com a Armada com sua expedição de estudo graças a meus conhecimentos científicos. Visse, Margaret, as oportunidades que há na América do Sul! A gente pode enriquecer-se da noite para o dia. Tenho direitos em muitas empresas mineiras, sem pôr um centavo de capital, embora não me faltavam amigos influentes, graças à educação que papai me deu no Rugby e em Oxford. Assim logo deixei de lado os estudos hidrográficos para me dedicar aos negócios, e com o tempo se apresentou a oportunidade de tomar um navio de volta ao lar, pois sentia a necessidade de voltar a ver papai, e a ti, mas a volta me causou alegria e dor. Intei-rei-me de que papai estava doente, arruinado por seu marido, e também da maneira que este te tratou, e de sua relação com mamãe.

—OH, Rainton! —Minha ama voltou a abraçá-lo e o beijou na bochecha, ao ver a expressão de pena em seu rosto—. Eu pude haver evitado isso.

—Um dos propósitos pelos que vim hoje —além de verte— foi falar com o coronel, pois eu não gosto da forma traiçoeira em que se levou com meu pai. É um homem perverso, malvado, Margaret. por que não o deixa?

—Para ir aonde? E meus filhos? Papai não tem um centavo.

Rainton franziu o cenho e se passeou pela habitação.

—Vim bem a tempo. Ainda não sou rico, mas posso sê-lo. Espera um par de anos, Margaret, e terei dinheiro de sobra, para papai e para ti. Pode conseguir um divórcio; é possível. Se não fora por ti, daria uma surra ao Heathcliff.

Os olhos de minha ama se iluminaram de alegria para ouvir as valentes palavras de seu irmão. Justo nesse momento lhe deslizou o xale, com que se cobria os ombros e ficaram expostos os terríveis hematomas que tinha tratado de esconder. Rainton os viu imediatamente e, indo para ela, olhou-a fixamente.

—O que é isto, Margaret? —exclamou, elevando a voz—. O que são estes hematomas que vejo, esse corte nos lábios, essa mancha nos olhos? É que além te maltrata? Rogo-te que diga que não, ou terei que de esmura-lo hoje mesmo.

—OH, não, não. Caí-me —exclamou imediatamente a senhora Heathcliff, voltando-se para cobrir com o xale. Mas o senhorito Rainton se voltou e me olhou, furioso.

—Agnes, castiga Heathcliff a minha irmã?

—OH, senhor... —comecei a dizer, cobri-me a cara com as mãos e pus-se a chorar porque não tinha dormido a noite anterior e ainda estava aterrada. Ai, mais valeu minha ação que minhas palavras.

—O que? —exclamou o Rainton—. Se atreve a te levantar a mão, além do que tem feito a nossa família. Onde está? Darei-lhe uma boa surra. —O senhor Rainton saiu da sala em direção aos estábulos, e logo retornou com uma vara na mão.

—Onde está? Esperarei a que volte. Assim castiga a minha irmã? Esfolarei-o.

—OH, Rainton, rogo-lhe isso. É meu marido. Por favor, Rainton, aqui não...

—Está no páramo —disse—. Umas chicotadas lhe farão bem. Eu gostaria de vê-lo. Foi até o penhasco. Mas tome cuidado, senhor. Tem uma escopeta, e o acompanha um servente. Mas o senhor Rainton estava tão furioso que era difícil acalmá-lo. Muitas vezes o tinha visto zangado, mas o que tivesse violado a sua irmã o tinha tirado fora de si e, sem outra palavra mais, saiu da sala e ao segundo ouvimos o galope de seu cavalo.

—OH, Agnes, procura ajuda! —exclamou minha ama—. Jack o matará. Logo, vamos atrás dele com o John. Agnes, não devia lhe haver dito onde estava Jack. —

Minha ama saiu correndo da sala, chamando gritos ao John, a moço de quadra, e a alguém para que selasse seu cavalo.

Tinha o coração tão cheio de pressentimentos e temores que corri atrás dela, dizendo ao John que se não conseguia deter minha ama, eu iria com ele. Disse a outro servente que fora imediatamente à Granja a procurar o senhor Earnshaw.

Mas não terminava de fazer isto quando vi que minha ama já tinha partido. Não tinha a habilidade de sua mãe, mas cavalgava bastante bem, embora fazia anos que não andava a cavalo. Segui ao John e lhe roguei que não perdesse de vista o rastro de minha ama, mas não sabíamos aonde íamos, e em um momento pareceu que íamos em círculos, procurando uma pista, temendo ouvir um disparo.

Logo vi, à distância, o contorno direto dos penhascos do Penistone que se levantava sobre o vale, e me pareceu ver figuras. Lancei gritos as assinalando, e roguei a minha ama que tomasse cuidado. A agonia de falar com essa altura me fazia doer os pulmões. O fôlego parecia uma bruma pelo frio.

Desde o Penistone pode-se ver todo o vale, mas esse dia estava levantando uma espessa neblina, e o sol da manhã apenas se via. Evidentemente o senhor Rainton tinha

estado conversando com o coronel; ambos estavam a cavalo. James, o valete, afastou-se um tanto. De repente Rainton saltou da cavalgada, e o coronel o imitou, dando as redeas ao James. Quando Rainton levantou a vara o coronel procurou a escopeta, mas Rainton foi mais rápido e o disparo se desviou. Não duvidei nem por um instante que Rainton resultaria morto, pois como poderia sobreviver a uma arma de fogo carregada? Já estávamos perto para ver nitidamente aos dois homens; Rainton gritou, ordenando à senhora Heathcliff que não se aproximasse mais.

—Detenham-se, o suplico! —gritou Margaret, desmontando de seu cavalo—. Te matará, Rainton! Disparará! —vi o gesto zombador que fez o coronel e me dava conta de que sabia perfeitamente que levava a ganhar, com o que se podia dar o luxo de tomar-se seu tempo antes de despachar ao agressor. Margaret seguiu avançando, sem deixar de gritar, enquanto tropeçava no brejo. Eu a seguia, sem deixar de perceber as aves que voavam sobre nossas cabeças, gaivotas e corvos, que pareciam antecipar-se a um horrível festim. Rainton ignorou a sua irmã e voltou a levantar a vara para deixá-la cair sobre as pernas do coronel, mas este o esquivou e apontou. De onde estava, o disparo voaria a cabeça de seu competidor e o enviaria costa abaixo até o fundo do vale, pois estava perigosamente perto do bordo.

—Te afaste, Margaret —exclamou o coronel, com um sorriso demoníaco—. Jogarei em seu irmão ao precipício, e logo me verei contigo, para ver se posso adicionar alguns hematomas à sua coleção.

Essas foram suas últimas palavras, senhor Lockwood, por mais espantoso que resulte dizer que foi se reunir com o Criador com uma brincadeira tão cruel nos lábios.

Pois nesse momento retrocedeu para tomar distância, já que o senhor Rainton avançava com a vara na mão, e ao levantar a escopeta para apontar com cuidado se escorregou. A borda estava coberta de gelo, como falei. Lutou para recuperar o equilíbrio, sem êxito, e ante nossa surpresa desapareceu pelo precipício. Tudo o que ouvimos foi um alarido ressonante, próprio de um ser maldito descendendo no inferno.

Até depois de desaparecer não nos demos conta totalmente do que tinha acontecido, nem podíamos dar crédito a nossos olhos. Continuamos olhando o sítio que até fazia tão pouco tinha ocupado o coronel.

Margaret seguia correndo, como se nada pudesse pará-la, e logo Rainton a segurou de um braço, John do outro, e entre ambos conseguiram detê-la, temendo que ela também pudesse cair ao abismo. Sua expressão se desesperada parecia a de uma mulher ao bordo da loucura.

A borda estava tão escorregadia que não nos animamos a nos aproximar das rochas e olhar para baixo, pois temíamos nos desmornar e seguir sua sorte, mas John e James logo conseguiram descer, seguidos do Rainton, enquanto Margaret e eu, ficamos juntas para nos dar calor e amparo, ficamos acima durante não sei quanto tempo, nos perguntando se por acaso ainda seguiria com vida.

Mas não havia nenhuma possibilidade de que assim fosse. Tinha caído das rochas mais altas, rompendo a cabeça nas pedras que se sobressaíam um pouco mais abaixo. Apesar de que eu o odiava, senti que tivesse tido um final tão horrível, pois era espantoso ver seu cadáver, que logo trouxeram e depositaram no chão. Tinha a cabeça pendurando em um ângulo antinatural: havia-se desnucado. Ainda tinha os olhos abertos e da frente e a boca lhe saíam dois jorros de sangue negro e espesso.

Lembro que nesse momento se foi o sol por completo e se levantou um vento gelado, como passa sempre que se esconde o sol. Era desolador ver a Margaret ajoelhada junto ao cadáver do homem que uma vez amasse apaixonadamente, mas cujas maldades a tinham levado a odiá-lo. O que sentia, de joelhos, enquanto contemplava sua cara, os olhos abertos, sem vida, que alguma vez refletiram os sentimentos dos que

somos capazes os mortais: medo e cobiça e ódio, paixão, esperança, e sim, alguma vez, amor? Porque amor senti, primeiro por Catherine e logo por Margaret, amor para seus filhos e talvez também pela mãe e o bondoso homem que o adotou. Mas esses olhos tinham refletido todos os sentimentos menos nobres à medida que, ano atrás ano, esse homem valente foi deteriorando-se.

Acredito que Margaret sentiu o mesmo, pois lhe fechou os olhos e depois lhe beijou os frios lábios.

—Era meu marido, o pai de meus filhos —disse ao incorporar-se, nos olhando —. Não importa o que me fez depois: uma vez o amei. OH, Rainton!

Seu irmão a abraçou, consolando-a, enquanto seu magro corpo era presa desses soluços sem lágrimas, que pareciam afogá-la e que eu conhecia tão bem. Não sei o que pensaria ele, pois o fato, feito estava, e não era possível ressuscitar um corpo destroçado e morto.

CAPÍTULO 17

A morte do coronel Heathcliff tinha sido um acidente, naturalmente, embora há vezes que penso que foi um intuito divino. Havia testemunhas para afirmá-lo, e a ninguém importava esse homem, já que ninguém o queria, para tratar de implicar ao senhor Rainton no assunto, embora todos sabiam que tinha saído depois do coronel com uma vara. Também era sabido que o coronel teria disparado, se tivesse oportunidade.

Tal era sua perversa intenção ao desmoronar-se, e o juiz o destacou quando, na pesquisa, pronunciou o veredicto de morte accidental.

Devido ao escândalo, todos os aldeãos foram ao funeral, para observar os despojos do coronel Heathcliff, que foi enterrado, segundo seu desejo, junto a seu pai. Margaret, aturdida ainda pelo acidente que a tinha convertido em viúva e mãe de órfãos, abandonou imediatamente «Morro dos Ventos Uivantes » em busca do amparo da Granja Thrushcross, sob os olhos vigilantes de seu pai e seu irmão.

Antes de que terminasse o inverno nos demos conta de que o senhor Hareton não sobreviveria muito a seu tão detestado genro. Era irônico, pensar o quanto tinha sofrido o senhor Earnshaw em mãos do coronel, já que poderia ter desfrutado de uma velhice tranqüila. Tinha sofrido um ataque, tremiam-lhe as pernas e lhe era muito difícil deslocar-se. Apesar do amoroso cuidado de Margaret e de sua alegria ao voltar a ter ao Rainton a seu lado, consumia-se pelo Anthony e queria voltar a vê-lo antes de morrer.

Tal era sua dor que o senhor Rainton fez todo o possível por encontrar a seu meio irmão, pois não havíamos retornado ou seja desde o dia em que desapareceu colina abaixo.

Acredito que a dor, junto com todos os sofrimentos que teve que suportar o pobre homem, acentuaram sua enfermidade. Morreu em paz em 15 de março de 1827, em presença de seus filhos e minha. Rainton lhe fechou os olhos e se converteu no chefe da família.

O triste é que uns poucos dias depois da morte de seu adotivo, Anthony foi apreendido em Londres pelos agentes enviados pelo senhor Rainton. Trouxeram-no para a casa lhe prometendo dinheiro. Encontraram-no em uma miserável pensão do Cheapside, fortemente endividado.

Tinha um aspecto patético e anti-social quando o vimos descer do carro que o trouxe para casa. Estava magro e sem barbear, com o cabelo desganhado e a roupa puída.

Não sei o que aconteceu durante a primeira entrevista com seu irmão e sua irmã, porque não estive presente, mas Margaret me contou algo ao dia seguinte, enquanto estávamos com os gêmeos no antigo quarto dos meninos.

Não posso descrever a mudança operada em minha ama, apesar da tristeza que lhe significou cuidar de seu pai doente e o golpe que recebeu com a morte de seu marido. Agora que estava longe de «Morro dos Ventos Uivantes», que tanto odiava, uma vez mais na comodidade de seu antigo lar, estava vistosa; as rugas de cansaço e o aspecto preocupado tinham desaparecido. Não estava gorda, pois era muito alta e facilmente absorvia o peso a mais, mas sim a via formosa, e de aspecto saudável. Com esses olhos escuros tão brilhantes e o cabelo dourado, parecia-me que o homem que permitia que seguisse viúva durante muito tempo era um parvo, embora ela sempre me dizia que, depois de sua experiência com o coronel Heathcliff, não queria voltar-se a casar.

Mas ao dia seguinte da volta do Anthony voltei a vê-la preocupada, como se tivesse dormido mau. Assim que os bebês ficaram quietos, preparados para seu descanso matinal, descarregou-se comigo.

—OH, Agnes, o reencontro com o Anthony foi horrível. Está tão cheio de ódio e ressentimento. Rainton foi muito amável e doce com ele; disse-lhe que o queremos e que é nosso irmão, e que tínhamos tratado de encontrá-lo para lhe dizer que papai se estava morrendo, mas ele disse de repente:

—«E o que tem que meu pai verdadeiro? Inteirei-me que Rainton o matou! Contaram-me na viagem de volta como morreu.»

—«OH, Anthony, não foi assim», disse-lhe, horrorizada. «É verdade que houve uma briga, mas ele estava por matar ao Rainton com sua escopeta. Apontava quando escorregou na borda do penhasco e caiu para trás. Eu mesma o vi, junto com o Agnes».

—«Sim, não tenho dúvida de que todos mentiram ante o juiz», disse Anthony brutalmente.

—«Não!», exclamou Rainton, pálido, sentindo-se ferido ao mesmo tempo que zangado. «James, que era o valete do coronel Heathcliff, e o queria, estava também presente. Ele o viu tudo».

—«Sem dúvida o compraram para que fechasse o pico».

—Parecia-me mentira ouvir estas palavras de alguém a quem eu quis sempre como irmã e mãe uma vez.

—«Anthony, você sabe que seu pai era um homem duro. Sabe muito bem, pois você mesmo ameaçou matá-lo. O que te tem feito trocar? Não te demonstrou amor, não te deixou nem um níquel no testamento. Somos nós os que lhe queremos, os que lhe quisemos sempre, igual a nosso pai, Anthony, porque quero que pense no Hareton Earnshaw como seu pai. É mais, acredito que sempre preferiu a ti. Você o queria, verdade, Anthony?»

—«Qui-lo antes», disse Anthony com aspereza; logo ficou de pé e nos voltou as costas, como se não queria nos ver a cara.

—«Mas muito mudou após. Ao parecer, meu pai veio a me buscar quando morreu minha mãe, mas o senhor Earnshaw não quis admitir que eu era filho do Heathcliff. Este queria me levar para me criar, mas fui negado. Inteirei-me de tudo isto antes de ir a Londres porque há muitas pessoas na aldeia que sabem a verdade, entre eles serventes que trabalharam em «Morro dos Ventos Uivantes» ou na Granja Thrushcross. Heathcliff queria me prodigalizar amor mas não teve oportunidade...»

—«Mas Anthony, ele partiu à guerra. O que te tivesse passado de ir com ele? Esteve fora dez anos. Além disso, nós fomos seu irmão e sua irmã, e nosso pai te deu o dobro de carinho que a nós».

—«Para apaziguar sua consciência, sem dúvida», seguiu dizendo Anthony com o mesmo tom de amargura. «Se esses eram seus sentimentos, por que não se lembrou de mim no testamento? Hão-me dito que o deixa tudo ao Rainton, já que meu pai deixou em boa posição a Margaret. por que me deserdou?»

—«Porque não tinha nada que te deixar», disse Rainton com suavidade.

—«Nosso pai estava em bancarrota; até a Granja estava hipotecada. Além de umas poucas ações e títulos sem valor, não tinha nada. Graças a Deus que, com a ajuda de uns amigos, consegui juntar bastante dinheiro para salvar a Granja, mas logo devo voltar para a América do Sul a me ocupar de meus interesses».

—«Mas eu sou rica, Anthony», disse eu, «e você compartilhará até o último níquel que possuo; pode te ocupar dos negócios de seu pai, se te interessar. Deixou seus assuntos em perfeita ordem».

—«Sim», disse ansiosamente Rainton. «Pode te ocupar das coisas de seu pai. O que te parece, Anthony?»

—«Não tenho cabeça para os negócios», disse Anthony, sempre anti-social. «Meu pai o disse claramente o dia que o vi em «Morros». Tinha razão. Tentei-o, e já não me interessa.»

—«Então, o que você gostaria de fazer, já que temos os meios?», disse Rainton, aproximando-se dele e tratando de lhe passar o braço pelo ombro, mas Anthony o rechaçou, zangado.

—«Gastarei o dinheiro que sobra, com algumas fêmeas, ou jogando no Leeds. O que lhes parece?» —E riu com tanta maldade, Agnes, que por um momento me pareceu a viva imagem de seu pai, e me estremeci. Então Rainton disse, com severidade:

—«Anthony, não há dinheiro de sobra, como diz. O grosso da fortuna de seu pai passou aos gêmeos, e deve ser administrado para eles. Margaret só conta com os interesses do capital, e eu me ocuparei de que você não esbanje seu dinheiro com putas ou na mesa de jogo».

—Fui para ele e pus a mão sobre seu braço lhe dizendo:

—«Anthony, não sinta rancor. Sei que tem muitas razões para te sentir assim, mas não serve de nada. Graças à providência de Deus, não nos falta nada. É um homem jovem, um homem magnífico, com toda a vida por diante. Por que esbanjá-la? Seu pai não esbanjou sua vida. Serve no exército, e se distinguiu. Deve seguir seu exemplo. Você gostaria de entrar no exército ou na armada? Rainton te comprará uma nomeação».

—«Com tudo gosto», disse Rainton, olhando ao Anthony com ansiedade, mas seu irmão se voltou com uma expressão ardilosa na cara.

—«Possivelmente aceite uma nomeação no exército. te assegure de que seja no melhor regimento, Rainton, que se possa comprar com dinheiro. Há poucas guerras atualmente, assim terei uma vida tranqüila, que é o que me mereço, suponho, depois das injustiças que tive que suportar. Além disso, vocês se livrarão de mim, não, é assim, adorada irmã Margaret, querido irmão Rainton? Mas não se preocupem, voltarei. Não esquecerei ao homem que matou a meu pai..

—«Anthony!» exclamei, realmente molesta com ele pela primeira vez. «Isto é o mais vil e injusto que possa dizer. Se soubesse a verdade...»

—Detive-me, Agnes, por modéstia, mas ele insistiu.

—«Sim, qual é a verdade, Margaret?»

—Mas não disse nada. Rainton falou em voz muito baixa. «Se insistir em conhecer a verdade, Anthony, devo te dizer que o coronel Heathcliff atacou fisicamente a sua esposa, abusando-se dela. Devo dizer mais?

—Qualquer um que tivesse acreditado que isso era capaz de silenciar a um homem de sentimentos decentes, mas não ao Anthony, que disse com desdém:

—«Se era sua esposa! Não eram essas suas obrigações ante a lei? Possivelmente merecia uma surra; inteirei-me em Londres que às mulheres gosta que as golpeiem de vez em quando, e assim se abrandam».

—Olhei-o horrorizada para ouvir essa asseveração de quem tinha sido tão bem criado, e pensei que Rainton lhe ia bater, mas em troca se voltou e se parou junto ao fogo, com a cabeça afundada no peito.

—«Dói-me te ouvir falar assim, Anthony, e demonstra a classe de companhia que tiveste em Londres. Graças a Deus que lhe encontramos, pois não é mais que um menino. Nosso pai sofria por ti, e o que não pudésemos te achar apressou sua morte.

Que fale assim de sua irmã! Nenhuma mulher, por mais lasciva ou cabeça-de-vento, merece ser tratada com violência. E que te refira assim de sua própria irmã!»

—«OH, são todas iguais», disse Anthony como sem lhe dar importância a suas palavras, «ou assim me parece. Terá que as tratar como a um bom cão ou um cavalo, e lhes dar uma surra quando não obedecem».

—Naturalmente minha reação foi me retirar da habitação, Agnes, mas eu virtualmente criei ao Anthony, e se isso era o que pensava de mim, como trataria a sua esposa? —«Anthony», disse-lhe, «se pensar assim, Agnes e eu devemos ter feito algo mau quando lhe criamos, porque o respeitar às mulheres é parte da educação dos cavalheiros, e estou segura de que nunca ouviu essas coisas de que fala nesta casa. Mas sofreu muito esse dia em «Morro dos Ventos Uivantes », quando se revelou o segredo de seu nascimento, e por isso te perdôo. Também é óbvio que tiveste muito más companhias em Londres e espero que não te marque para sempre. Mas sigo sendo a irmã que te quer, Anthony, recorda isso, aconteça o que acontecer. Tivemos a mesma mãe e nos criamos juntos, e se um acidente de nascimento te faz guardar rancor, não há nada que eu possa fazer. Mas tratemos de viver em harmonia e em paz. Você poderá nos rechaçar, mas nós não lhe rechaçaremos nunca».

—«Dá-me «Morro dos Ventos Uivantes » para que eu viva ali?», foi a seguinte pergunta que fez Anthony ao Rainton «Eu gosto da independência, e eu adoro esse lugar. Diga que sim e não os incomodarei mais, nem os escandalizarei com minha maneira de falar».

—«Mas, Anthony, este é seu lar, é nosso irmão menor».

—«Não; quero independência. Entrarei no exército quando me tiver comprado minha nomeação, mas quero saber que quando voltar meu lar não será este a não ser a casa que tanto amou meu pai, e meu avô antes que ele, e também minha mãe e minha avó. Minhas raízes estão ali. E me trocarei o nome, me chamando Heathcliff, para começar de novo. Estarei melhor longe. Você e eu nunca nos gostamos, Rainton, e agora menos, que mataste a meu pai. Devo, em nome de sua lembrança, tomar seu nome e viver em sua casa. A Margaret sim, quero-a, mas quem sabe se diz a verdade? me dêem os «Morros » e serei feliz.

—«Devo pensá-lo», disse, pesaroso, Rainton. «Não é de minha propriedade para que lhe possa dar isso mas sim é parte da herança do coronel Heathcliff. Mas Margaret e eu o discutiremos...»

—«Claro que pode viver ali!», exclamei, pois queria aplacar a meu irmão ferido, e acreditava que se tratava de uma aberração momentânea, surta de seu profundo sentimento de rechaço. depois de tudo, as mulheres devem mostrar ternura e amor

quando só há dureza e temor. «Que seja seu lar; eu detesto esse lugar. Mas quando trocar de opinião, quero que saiba que aqui sempre será bem-vindo».

—E a ponto de chorar, Agnes, pois quero ao Anthony e me sentia ferida por sua brutalidade, saí da habitação.

—Bom —falei eu—, o que se herda não se furta. Sinto muito, senhora, mas assim é o refrão, e é verdade. Anthony só lhe dará problemas, recorde o que lhe digo. Oxalá o enviem à Índia no exército e não o vejamos por muito tempo.

E isso foi o que aconteceu, senhor Lockwood, pelo menos por um tempo. Lhe comprou uma nomeação para o velho regimento de seu pai, de infantaria, onde o sobrenome era uma lenda, e foi a Índia, onde havia um destacamento permanente, e por um tempo foi muito bem, embora quase não tínhamos notícias, já que rara vez escrevia.

Logo o senhor Rainton embarcou para a América do Sul e durante os anos seguintes voltou a reinar a paz na Granja Thrushcross, enquanto os meninos cresciam sãs e fortes e minha ama cada vez mais formosa, à medida que maturava. E com o tempo aconteceu o que eu sabia que tinha que acontecer: atraiu o olhar de um homem que tivesse sido um prêmio para qualquer mulher, inclusive tão formosa e agraciada como minha ama. Era nada menos que John Broughton Tempest, do castelo Crawford, cuja família era uma das mais antigas e distinguidas de todo Yorkshire, e aqui chegamos à terceira e última parte de meu relato.

Era o ano de 1830, e os gêmeos tinham quase quatro anos. O senhor Rainton estava fora desde fazia três anos, tendo deixado seus negócios ingleses em mãos de um administrador muito capaz, enquanto se enriquecia rapidamente comercializando no Sul da América. Escrevia-nos com frequência, e nós adorávamos suas cartas e suas descrições dos lugares que visitava; minha ama sempre me lia isso com grande entusiasmo. Mas ele sempre sentia falta de seu lar em Yorkshire e nos dizia que voltaria para sempre, que lhe buscássemos uma esposa porque tinha intenções de assentar-se e ter família. O senhor Rainton tinha vinte e seis anos em 1830, e era hora de que fundasse sua dinastia. Eu rogava que se enriquecesse e pudesse ser feliz ao fim.

Com quanta alegria esperava sua volta minha ama, embora seus anos de ausência não tinham sido maus para ela. Era uma mulher inteligente e honrada uma boa dona-de-casa e uma mãe amorosa, e embora não lhe faltavam admiradores masculinos, a nenhum entregava seu coração.

Muito de vez em quando minha ama ia a Londres a visitar as lojas e aos amigos que tinha feito em 1823, e foi na casa da Laetitia Talbot, irmã de seu antigo pretendente, Charles, casada agora com um próspero latifundiário, membro do Parlamento, que conheceu senhor Tempest durante um jantar dado em honra deste.

Acabava de voltar de uma viagem de negócios no Longínquo Oriente, e se dirigia a seu lar no Norte. Foi pura coincidência que a senhora estivesse parando em casa da senhora Laetitia Chetwynd. Era a primavera de 1830, e logo me fez um relato do jantar.

—«Tudo era muito elegante, Agnes, e me alegrei de ter levado meu vestido de seda francesa pois havia ao redor de vinte convidados na casa da Laetitia, na rua Mount, no Mayfair. A mesa resplandecia de cristal e prata. Os convidados, muitos deles muito distinguidos, estavam esplendidamente embelezados. Embora sabia que estava elegante com meu vestido de seda e meu cabelo recentemente penteado, voltei a sentir que levava muito tempo enterrada no campo, pois a conversação era de política, a agitação da lei de reforma, se cairia ou não o governo, e o que passaria, porque o rei estava muito doente e morreria logo.»

—«Durante tudo o jantar notei a presença do homem sentado frente a mim, magro e loiro, com uma expressão superior, quase desdenhosa, embora ao mesmo

tempo havia um olhar intrigante em seus olhos que, devo dizer, fixava em mim freqüentemente. Não me surpreendeu que durante o concerto as arrumasse para sentar-se junto a mim. Suas primeiras palavras foram:

—O que pensa da Reforma, senhora? Está a favor, ou em contra?

—Não sou político, senhor, respondi rindo para esconder meu embaraço, «mas sim penso que deveria trocar o sistema eleitoral, que deveria fazer-se mais justo. Perto de onde vivo há cidades grandes que não têm representação, enquanto há aldeias diminutas no sul com dez representantes, ou mais.»

—«O homem, cujos olhos brilhavam atrativamente, e que não era tão severo como me tinha parecido ao princípio, assentiu e disse: E onde vive você, senhora, que se inteirou disso?

—OH, em uma aldeia diminuta do Yorkshire. Não terá ouvido falar dela. chama-se Gimmerton, caminho ao Keighley.

—Por certo que conheço Gimmerton, senhora, embora nunca estive ali. Eu também sou do Yorkshire, do Crawford, perto do Skipton, da que terá ouvido falar, e tenho interesses em todo Yorkshire, no Keighley, Bingley e Bradford. Mas, não é Gimmerton muito isolado para uma mulher tão formosa? Está aqui seu marido, senhora? Olhou a seu redor inquisitivamente».

—Sou viúva, senhor, falei, e se Gimmerton é isolada já estou acostumada, pois nasci ali.

—«Justo então chegou Laetícia, e tomando das mãos, simulando surpresa, disse:

—Encontraram-se vocês dois! Devem conhecer-se. Provêm da mesma parte do mundo.

—Mas o homem loiro disse:

—Faça o favor de nos apresentar, senhora Chetwynd, pois embora ao parecer somos vizinhos não tivemos o prazer de nos ver antes.

—Senhora do Heathcliff, tenho o prazer de lhe apresentar ao senhor John Tempest, e quando pronunciou nossos nomes ambos nos olhamos surpreendidos, reconhecendo-os. Naturalmente, eu tinha ouvido seu nome. Quem não ouviu falar dos Tempest do castelo Crawford? Ele exclamou:

—Conheci brevemente a seu marido, Jack Heathcliff. Fizemos negócios juntos. Agora seu irmão Rainton e eu integramos a diretoria de várias companhias. Este é um encontro afortunado, senhora Heathcliff, embora seja desafortunado que não nos conhecêssemos antes.

—«Ficando de pé, fez-me uma grande reverência, Agnes, beijou-me a mão e eu senti uma emoção que fazia anos que não experimentava; não preciso te dizer o que foi».

—«Pois conversamos o resto da noite. Parecia que nos faltaria o tempo para nos dizer tantas coisas, que Deus só sabe o que eram. Por certo nada de negócios ou coisas pelo estilo. É um conversador tão encantador! Contou-me suas viagens e me fez rir e chorar, em igual proporção. Até estava interessado no que lhe dizia! Fez-me perguntas a respeito da Granja, de minha vida no Gimmerton, e dos meninos. Quando chegou a hora de ir me perguntou quanto tempo ficaria em Londres e se podia me escoltar à ópera.»

—«Mais tarde me inteirei que tinha planejado partir para dia seguinte. Mas Agnes, só para estar comigo ficou uma semana mais, e nos vimos todos os dias. Logo me trouxe até aqui, e paramos uma noite no castelo Crawford, onde apresentou a sua mãe, a sua irmã Jessica e a seu pai, Sir Charles Crawford, que é muito velho.»

—«Como nos divertimos em Londres! A quantos bailes e festas fomos! Todas as noites saíam, ao teatro, à ópera ou a um baile, e aprendi a dançar o novo estilo, que está na última moda. Lembrei-me de que quando era jovem o baile de moda era a valsa, e

todos o considerávamos muito ousado. Foi como um sonho repetido, e já não era uma senhora, mas sim voltava a ser uma moça.

Bom, senhor Lockwood, quando o ama voltou para casa essa vez, em um carro magnífico conduzido por um chofer, escoltada até o alpendre pelo elegante cavalheiro vestido de casaca cinza, calças cinza pérola e cartola, do mesmo tom, dava-me conta, com apenas lhes ver as caras, de que algo especial tinha ocorrido durante a visita de minha ama a Londres. Correu para mim com os braços estendidos e me plantou um beijo tão afetuoso na bochecha que qualquer um podia ver sua felicidade como algo evidente.

Voltou-se e com acanhamento me apresentou ao imponente cavalheiro. Eu fiquei muito impressionada por seu ar aristocrático e belos maneiras (com uma reverência me estreitou a mão). Logo tomou a minha ama do braço e a acompanhou até a casa, onde o primeiro que fez ela, foi me pedir que lhe descesse os meninos, que estavam tomando o chá em seu quarto.

O senhor Tempest era muito alto, não tão encorpado como o senhor Rainton, mas esbelto e de aparência agradável, tinha cabelo loiro, ondulado aos flancos, olhos azuis, muito chamativos, e as mãos mais elegantes e delicadas que jamais vi em um cavalheiro. Quando trouxe aos pequenos, que correram a sua mãe, ela os abraçou maternalmente, e vi então como ele a olhava sem poder lhe tirar os olhos de cima nem por um momento. Mas logo se inclinou e bondosamente saudou os meninos. Enquanto serviam o chá, pensei que formavam uma formosa cena familiar, sentados ao redor do fogo um tranquilo dia de março, imediatamente antes de que a senhora fizesse vinte e cinco anos. Entretanto, não me atrevia a me forjar muitas esperanças pois, embora em porte, graça e beleza ninguém ultrapassava a minha ama, a família Tempest pertencia a mais antiga nobreza, além de ser enormemente rica, e me parecia que, depois da maneira como a tinha tratado o coronel, para minha Margaret entrar em uma família tão distinguida, era um sonho.

Entretanto, essa noite, enquanto lhe escovava o cabelo e a preparava para a cama, pude sentir sua felicidade. Voltou a ser uma adolescente e não uma mulher oprimida pelas responsabilidades que devia suportar como mãe e proprietária da Granja Thrushcross. Enquanto lhe escovava o cabelo, cantarolava, e lhe fez uma covinha na bochecha quando lhe disse:

—Estou muito contente de vê-la tão feliz, senhora.

Foi então que me fez o relato que acabo de repetir, concluindo:

—Nunca fui tão feliz em minha vida, Agnes; bom, faz muitos anos que não me sentia tão feliz. É verdade que quando conheci o Jack e me casei com ele estava muito apaixonada, mas era uma classe diferente de amor, Agnes. Não sei se entende o que te estou tratando dizer. Então era um amor jovem, atordoado, voluntarioso, enlevado. E este... —lhe apagou a voz e me olhou com gravidade—. O que estou dizendo? Se fizer apenas uma semana que o conheço!

—Não acredito que o senhor Tempest seja o tipo de homem que brinca com os sentimentos de uma mulher amadurecida, uma viúva —disse—. Sabe que não seria honorável.

—Acredito que tem razão —disse em voz baixa minha ama—. Me dava conta de que em todo momento em que estamos juntos, seu coração me pertence. Mas, posso me fazer ilusões? E meus filhos? E a má reputação de meu falecido marido nos distritos baixos do Leeds e Bradford? Não seria meu passado uma carga para uma família como os Tempest?

—Estou segura de que ao senhor Tempest não lhe importa o que pensa ou não pensa sua família —declarei—. É um cavalheiro distinto e honrado. Se está apaixonado, é dono de seu destino.

E por certo que não me equivoquei, pois esse ano tivemos uma formosa primavera e se empapelou e pintou a Granja para receber ao senhor Rainton. E todos os fins de semana, e às vezes durante a semana, chegava o senhor Tempest em sua carruagem pequena e elegante para passear com a senhora com os meninos, ou saíam sozinhos a visitar amigos ou almoçar fora..

De vez em quando a levava a alguma grande festa no Castelo Crawford, onde a mostrava com orgulho a seus amigos e a sua família.

Quando chegou junho, o parque se tingiu de todas as cores e as árvores se cobriram de folhas. Tinham talhado a grama, rastelado o cascalho e escovado aos cavalos até que o cabelo lhes pôs lustroso. Chegou o senhor Tempest a procurar à senhora Heathcliff para levá-la ao Liverpool a esperar ao senhor Rainton. Estava mais encantada que nunca, esperando-o na janela saliente da sala. Assim que ele a viu, vestida de musselina amarela com florzinhas, o espesso cabelo loiro recolhido sobre a cabeça, o que lhe dava uma aparência juvenil e amadurecida ao mesmo tempo (uma combinação irresistível, senhor Lockwood), foi para ela e antes de fechar a porta ouvi que lhe dizia:

—Margaret, quero falar contigo antes de que chegue seu irmão. Me olhe, Margaret, e me diga se você gostar.

Confesso que pela primeira vez na vida, escutei uma conversa alheia, embora agora me envergonhe disso. Deixei uma fresta aberta para poder ver. Só posso dizer para me justificar que a felicidade de minha ama era mais importante para mim que a minha própria. Minha ama o olhava com essa expressão grave que resultava tão atrativa, porque em seus lábios se desenhava um leve sorriso. Nunca vi uma expressão mais de paquera na vida.

—Sabe perfeitamente bem que sim, John.

—Então, aceita-me por marido? Mereço-te? OH, Margaret, apenas se me animo a te falar, ou a fazer rodeios, de medo que me rechace...

Olhou-a fixamente com uma expressão de cômica súplica em sua cara forte e aposta. Minha querida ama o olhou surpreendida ao princípio, mas logo foi trocando sua expressão até transformar-se em encantamento.

—Te rechaçar? John Tempest, desde quando és tão modesto? Sou eu quem deve perguntar-se se te mereço. Os Earnshaw não são mais que camponeses, não somos nobres, e no referente a meu ex-marido, apesar de suas proezas no exército e sua habilidade nos negócios, não podemos dizer precisamente que seu sobrenome fora honorável. Além disso tenho dois filhos pequenos...

—A quem quero já como se fossem meus, querida Margaret. Quero fazer que você e eles sejam felizes enquanto viva. Essa é a única missão que tenho na vida, e meu maior desejo. OH, Margaret, não me mantenha em suspense...

Ela o atraiu para si e ao vê-los abraçados (que formoso casal, ambos tão altos e loiros, e que magnífica combinação que faziam o cinza do traje dele com o amarelo de seu vestido!) pensei que nunca tinha visto duas pessoas mais compatíveis. Assim, satisfeita com a resposta, fechei a porta e fui ordenar que preparassem o chá, tão contente como o estava minha ama.

Que alegria, quanta risada nessa casa no dia seguinte, e no outro! Retumbava de alegria de manhã a noite; tinha chegado o senhor Rainton e já estava informado do compromisso de sua irmã. Os meninos também sabiam que iam ter um novo papai, assim havia tantos festejos como nunca tinha visto, nem esperava voltar a ver. Logo a

família inteira foi ao castelo Crawford a passar o fim de semana e, uns dias depois deveram jantar à Granja a mãe e a irmã do senhor Tempest. repetiam-se os bailes, as visitas ao teatro e era incessante a atividade, pois constantemente acudiam as costureiras, já que as bodas não seria demorada.

Tão excitada estive, que me esqueci de falar do senhor Rainton, a quem não víamos desde fazia dois anos. Estava mais saudável e bom moço que nunca, e mais próspero, também, convertido em um verdadeiro dandy, com roupas exquisiteiramente cortadas. Para completar o quadro de elegância, havia trazido consigo um negro como servente. chamava-se Peter e não falava nenhuma palavra de inglês. Posso lhe dizer que nunca se viu algo igual no Gimmerton!

Passaram vários dias antes que o senhor Rainton e eu pudéssemos estar juntos. Chamou-me ao escritório para me agradecer pelo que tinha feito durante sua ausência.

—Sempre foste uma mãe para nós dois, querida Agnes, e sei que sua alegria deve ser tão grande como a minha ao ver minha irmã felizmente casada com este homem excelente e a meus sobrinhos com um pai. Sabe que planejam viver na casa do parque do castelo Crawford. Não é muito grande, mas será suficiente. Quero saber quais são seus planos. Quer seguir aqui comigo, ou ir com minha irmã? Sabe que qualquer seja sua decisão, seu lar sempre estará aqui. George, Jennie e Annie sempre terão um lar e um pai em mim.

—OH, senhor Rainton —disse—, você é a bondade personificada... Se minha ama me ordenar isso, irei com ela, mas já não sou uma menina, senhor, e acredito que eu gostaria de terminar meus dias na Granja, onde passei quase toda a vida. Jennie já tem quinze anos e embora seja jovem, tem experiência, como você sabe, senhor, já que trabalha nesta casa desde os oito. Sentiria-se honrada de ir com minha ama como donzela, se a senhora Heathcliff não pensar que é muito jovem.

Vi o prazer no rosto do senhor Earnshaw quando me respondeu.

—O perguntarei, Agnes, embora se sentirá desolada, igual aos meninos, mas virão muitas vezes. Naturalmente, conhecemos o Jennie de toda a vida.

E assim resultou. Embora triste porque não ia com ela, minha ama compreendeu minhas razões. Por começar, embora amava à senhora Heathcliff, tinha um posto melhor na Granja que na nova casa, além de meu próprio chalé, tão cômodo. E Jennie era uma babá admirável para os gêmeos, que a conheciam e a queriam. Além disso, era a terceira geração da família Dean que ia ocupar uma posição de responsabilidade na família Earnshaw. Como você sabe, minha tia avó Ellen foi a primeira.

As bodas foi em setembro. Fazia muito bom tempo o dia em que o senhor Tempest percorreu o corredor da igreja do Gimmerton com sua noiva para enfrentar-se à multidão amontoada fora para felicitá-los. Toda a aldeia foi a ver a formosa noiva e ao arrumado noivo. Josiah e Elizabeth atuaram como pajem e madrinha de bodas de sua mãe. Foi um espetáculo capaz de alegrar o coração! Lembrei-me da primeira vez que tinha visto os quatro sentados à mesa do refeitório, seis meses atrás. O que então fora débil esperança se converteu em realidade, pela graça de Deus que com segurança de agora em diante benzeria a esta família, e a seus descendentes, até o fim de seus dias.

Mas, naturalmente, tinha-me esquecido do Anthony Heathcliff, e o legado que tinha deixado seu horrendo pai.

CAPÍTULO 18

Minha ama levava um ano de casada quando Anthony Heathcliff foi dado de baixa do exército. Passou algum tempo antes de que pudesse chegar à raiz do espantoso sucesso, pois se guardou silêncio ao redor dele, e nem eu, tão próxima à família, pude me inteirar então, embora sabia que se levou mal com a esposa de um dos oficiais de seu regimento, o que tinha resultado em um duelo no que o marido ofendido foi ferido ou morto.

O dia que voltei a ver seu vicioso rosto o coração me converteu em chumbo, como sim me tivesse jogado nas costas uma pesada carga. Não era porque não lhe visse bem. Tinha engordado, e lhe sentava bem; tinha a tez bronzada pelo sol da Índia e lhe via muito de aparência agradável com seus olhos tão negros e brilhantes. Pareceu-me que era um espectro, a reencarnação de seu pai, que voltava do passado.

Pois estava igual a seu pai quando roubou o coração de sua mãe, a senhorita Cathy, embora tinha alguns anos mais que seu pai então.

O senhor Rainton tinha boa razão para sentir-se alegre e disposto a perdoar, pois estava a ponto de casar-se com a irmã menor do senhor Tempest, Jessica, cujo afeto se ganhou ante severa competência; ela, aos vinte e um anos era uma das moças mais bonitas em milhas à redonda, e tinha fama de não ser somente uma beleza, mas também a criatura mais coquete do mundo. Todos os jovens casadouros suspiravam por ela, ameaçando atirar na cabeça se os desprezava.

Acredito que foram os encantos amadurecidos do senhor Rainton o que atraiu a esta juvenzinha atrevida e jovial, além do fato de que era um homem muito bonito além de rico. Como saberá, senhor Lockwood, na década de 1830 se desenvolveram as ferrovias, que aqui no Norte começaram com a linha do Stockton e Darlington, acredito que em 1825. Logo, em 1830 se tenderam as linhas do Manchester e Liverpool, tão combatidas pelos que tinham interesses distintos. Eu me inteirava de tudo pelo senhor Rainton, que me mantinha bem informada; acredito que foi o duque do Wellington quem inaugurou o ramal, quando era Primeiro-ministro.

Desde cedo o senhor Rainton tinha percebido a importância da ferrovia, favorecendo esse meio de transporte sobre o das barcos nos canais, e invirtendo fortes somas. Foi um dos principais acionistas da linha de Liverpool a Manchester, e nos levou a todos seus empregados para a inauguração, que foi uma grande ocasião.

Eu nunca me tinha afastado tanto do Gimmerton, nem voltarei a fazê-lo. Foi um dia maravilhoso, que recordarei toda a vida. Vi o herói do Waterloo, e ao senhor Rainton integrando o séquito do homem famoso.

Mas esta é uma digressão. Devo voltar a me ocupar da Jessica, a quem tinha visto várias vezes antes de notar o interesse do senhor Rainton nela, pois minha querida senhora Margaret logo ficou grávida, e comecei a percorrer seguido o caminho entre a Granja Thrushcross e o castelo Crawford, para me assegurar de que minha filha Jennie cumpria com suas obrigações.

Devo reconhecer que a senhorita Jessica era uma beleza, mas tinha um aspecto muito superficial, por isso não se podia comparar com a senhora Tempest. Tinha o cabelo muito loiro, quase branco, tez pálida, olhos celestes e lábios bonitos, muito pícaros, que estou segura se pintava. Tinha uma voz aguda e infantil, e falava rapidamente, sem fôlego, como se as palavras pulassem por escapar de sua boca.

Sempre se vestia de acordo com sua aparência de boneca, com vestidos muito bonitos de musselina ou algodão, floridos e chamativos.

O senhor Rainton me disse que ficou encantado dela a primeira vez que a viu mas que, com todos os admiradores que tinha, mais jovens, elegantes e ousados que ele (todos muito ricos, assim não faziam nada) pensou que não tinha chance. Acredito, em realidade, que sua irmã não apoiava suas pretensões, pois como tinha um caráter muito distinto ao de sua volátil cunhada, não via nela nada que a recomendasse como esposa de um homem tão sério e digno como seu irmão Rainton.

Mas se sabe muito bem, verdade, senhor Lockwood? que quando se está apaixonado só se vê o que lhe convém mais, já que um dos mistérios da vida é a maneira em que alguns atraem, e se sentem atraídos, e outros não. Margaret e seu marido John eram o um para o outro, tão fisicamente como por temperamento, pois além de fazer tão bom casal tinham muitos interesses comuns, como sua paixão pela música, os livros, a ópera e o teatro. À senhora Tempest também adorava as festas e os bailes, pois tinha seu lado feminino mais superficial; diziam-me que não havia melhor casal que ela e seu marido na pista de baile. OH, eram tão compatíveis, estavam tão profundamente apaixonados que era uma verdadeira alegria vê-los ou estar perto deles!

Ela, naturalmente, era uma esposa perfeita, dona de casa ideal. Confesso que secretamente desejava que logo chegasse o dia da morte do velho pai, para que o jovem senhor Tempest e sua esposa herdassem o castelo Crawford, uma das mansões mais magníficas e antigas de todo Torkshire.

Os gêmeos adoravam a seu pai adotivo, que lhes prodigalizava cuidado e consideração, como se fossem filhos deles. Sabia que queria uma grande origem pois era um homem são e vigoroso; sua esposa, no melhor de sua idade, tinha só dois anos menos que ele.

Como marido, a experiência mundana e o encanto varonil do senhor Rainton atraíram a Jessica, que logo deixou de lado seus demais pretendentes para dedicar-se por completo a ele, apesar das reservas da senhora Tempest. Sabia que as guardava para si, sem justificar-se com seu marido, que admirava a sua irmã. Ventilava suas dúvidas só comigo, pois a conhecia desde que nasceu e a queria como filha.

Devo dizer que o senhor Rainton estava como bobo pela Jessica. Nunca vi a um homem tão embevecido. Começou a mimá-la desde o dia em que consentiu em ser sua mulher, lhe cobrindo de presentes grandes e pequenos, sem voltar para casa nunca sem um presente; quando estava fora por negócios não deixava de lhe enviar provas de seu amor. Quando ela veio inspecionar a Granja antes das bodas, em seguida me dava conta de quem mandaria nessa casa, pois ordenou que se desfizeram da metade dos móveis, que eram muito bons, feitos pelos senhores Chippendale e Hepplethwaite, substituindo-os pelas pesadas peças de carvalho do primeiro período dos Jorge, que eram os que ela preferia.

De todos os modos, foi umas semanas antes das bodas que apareceu Anthony, escurecendo a casa com sua presença. Seu irmão imediatamente o instalou esplendidamente, pois estava feliz com todo mundo e queria que todos compartilhassem sua felicidade, esquecendo as antigas discórdias. Anthony pareceu muito contente estabelecendo-se na Granja, sem mostrar sinais de querer transladar-se em «Morro dos Ventos Uivantes», que tinha permanecido solitária e inabitada desde sua partida em 1827. Tampouco se mostrou inclinado a trabalhar nem por um momento, ficando na cama até a tarde. Então se vestia e saía; às vezes não retornava até a madrugada.

Um dia disse a meu amo:

—Senhor, ficará aqui o senhor Anthony depois que você se case?

—Em realidade não o perguntei —respondeu alegremente o bom homem—. Lhe ouvi dizer que se irá a Londres, ou que viverá na cidade.

—Surpreende-me que você o aloje —falei com amargura.

—Pois, Agnes —disse o amo com certa aspereza—, sinto que diga isso, já que é meu irmão, e prometemos cuidá-lo.

—Mas com sua reputação, seria prudente que estivesse sob o mesmo teto que sua esposa? —disse com ousadia. Considerava meu dever falar com franqueza com quem, apesar de ser meus empregadores, em realidade eram meus meninos. Devo dizer que embora minhas palavras pareceram incomodá-lo no momento, pois me disse que me retirasse, a semente ficou trabalhando em sua mente pois, pouco depois, despachou ao Anthony a Londres, com uma atribuição, embora antes foi aos «Morros» a fazer um inventário, dizendo que seria sua casa de campo, pois sua vida seria descansada.

Esteve ao lado de seu irmão durante as bodas, e devo reconhecer que muito elegante, vestido de casaca obscura. Não lhe tirava os olhos de cima à noiva, embora deva dizer que, pelo menos nessa ocasião, ela se comportou muito corretamente, absorta em seu bonito marido.

Devo dizer também que formavam um formoso casal: ele, muito grande e alto, com os feições típicos dos Earnshaw, cabelo castanho encaracolado, junto a sua delicada noiva, muito loira e branca. Faziam um contraste surpreendente, ele muito masculino, ela toda feminina fragilidade.

Casaram-se a começos de setembro de 1831, e ele a levou a América do Sul em uma excursão que durou até janeiro do seguinte ano. Durante esse tempo fui da Granja para acompanhar a minha ama que, em novembro deu luz a um formoso varão, herdeiro das posses dos Tempest, a quem batizaram com o nome do John Dugdale Tempest mas que foi sempre conhecido pelo Dugdale, para diferenciar o de seu pai. E logo deu muito pesar a morte do velho Sir Charles, o pai do senhor Tempest (a morte sempre é triste, por mais esperada que seja). Morreu pouco tempo depois da volta do senhor Tempest e sua esposa, e o novo Sir John Tempest e minha ama, por fim parte da nobreza, como o merecia, mudaram-se ao castelo Crawford e iniciaram uma das etapas mais brilhantes e extravagantes de toda sua história.

Devo dizer que Sir John e meu amo, o senhor Rainton, tinham desfrutado de uma prosperidade sem paralelos durante estes anos graças a seus cuidadosos investimentos nos negócios e à administração de suas propriedades. Ambos tinham grande quantidade de ações nas ferrovias e nas fiações de lã e algodão do Yorkshire e Lancashire. Além disso, o senhor Earnshaw tinha interesses comerciais na América do Sul, aonde tinha levado a sua recente esposa. Apesar de seu caráter jovial, sabia muito habilmente combinar os negócios com o prazer.

Terá visto o castelo Crawford, que está além do Skipton, na formosa zona dos vales, escondido pelas árvores e o extenso parque. É uma mansão imensa, com tantas habitações como dias há no ano, conforme me parece. Datam de distintos períodos, pois muitas foram adicionadas com o correr dos séculos, embora se perderam outras por causa das guerras. Na aparência é um castelo com torres lado a lado, mas tem partes muito modernas, pois Sir Charles ordenou uma ampliação moderna, de uso Palladian, feita por um sócio do finado senhor Nash. O efeito não é incongruente, como poderia supor-se, mas sim de grande magnificência, pois Sir John fez que ampliassem todo o fronte, assim tem um enorme antepatio, onde localizam a todas as carruagens que chegam continuamente, pois o senhor, e a senhora Tempest dão festas seguidas agora que ele é membro do Parlamento, como representante do novo município do Bradford. Dizem que é candidato seguro para o governo, pois é muito popular. Mas estou saltando

alguns anos; estou muito adiantada. Tenho que lhe relatar a tragédia que, apesar de minhas rezas, abatia-se novamente sobre os Earnshaw.

Fazia muito poucas semanas que tinha chegado à Granja a nova senhora Earnshaw quando dava conta de que o amo tinha eleito a uma companheira muito pouco adequada para compartilhar sua carga na vida. Por começar, acostumada como estava ao esplendor do castelo Crawford, achava muito pequena à Granja (uma casa grande por comparação com qualquer outra). Sentia-se apertada! Também lhe aborrecia o fato de que fosse tão solitária e remota, e o que, segundo ela, os páramos se levantassem detrás da casa como uma presença ameaçadora.

Tinha muito pouco que fazer, pois era inapta como dona-de-casa, e não gostava de costurar nem ler. Sentia falta da companhia de sua mãe, de suas irmãs e de suas muitas amigas; dizia que estava acostumada a ir de um lugar a outro do país, parando nesta ou aquela mansão, ou passando o tempo em Londres, onde assistia aos bailes elegantes, ao teatro e a ópera.

Além disso, é obvio, o amo estava fora o dia inteiro, e às vezes de noite, pois ia a Londres ou a outros lugares do país por seus negócios, e embora a sua volta a cobria de presentes (nunca vi tantos presentes custosos, jóias muito caros, cortes de seda, brocato ou musselina) era uma ingrata. E embora o que o senhor Rainton mais amava era ficar em sua casa junto a sua esposa, para descansar de suas ocupações, ela o arreganhava continuamente, lhe pedindo que fossem a este ou aquele lugar, e assim nunca o deixava em paz.

Logo (o que foi uma fatalidade, acredito, pois de não ter ocorrido isso tão logo poderia haver-se arrumado), chamaram o senhor Rainton na América do Sul repentinamente. Havia uma guerra em não sei que país e suas propriedades se viam ameaçadas. Minha ama, que não fazia muito havia retornado do Sul da América, continente que lhe tinha parecido primitivo e de um clima lhe oprimam, não tinha desejos de ir outra vez, até no caso de que o senhor Rainton tivesse querido levaria, coisa que não fez por sua própria segurança, embora não havia coisa que gostasse mais que tê-la a seu lado. Assim foi que a recém casado, inquieta e descontente, ficou sozinha a fins da primavera desse ano, uns poucos meses depois de voltar de sua lua de mel.

Lady Tempest, que deu conta do descontentamento de sua cunhada, convidou-a a passar uma temporada com ela, mas estavam arrumando o castelo Crawford e lhe adicionando edifícios, assim Sir John e ela viviam na casa do parque. A senhora Earnshaw lhe disse que não gostava dessa casa nem dos bebês pequenos, assim recusou o convite, mas fez uma viagem a Londres, outro ao Bath e um terceiro ao Hull. Mas essa criatura inquieta e descontente teve que voltar para casa, e sua chegada coincidiu com a visita do Anthony, pressionado pelas dívidas e acossado por seus credores, que teve de buscar refúgio em seu chão natal sem saber, claro, que seu irmão não estava.

Lembro muita bem a noite que retornou a senhora Earnshaw de uma de suas inumeráveis visita de compras ao Bradford, para encontrar-se com que seu cunhado se instalou comodamente em seu antigo quarto. Lembro inclusive que se encontraram no vestibulo, pois eu passava com a roupa branca limpa para a cama do senhor Anthony, e feitos assim, que logo terão significação, parecem imprimir-se na mente de uma, assim não é difícil recordá-los depois.

Minha ama (assim tinha que chamá-la, embora sempre considere que minha verdadeira ama era Lady Tempest) chegava coberta de pacotes, com sua donzela pessoal detrás, subindo escada acima tampada de pacotes também. O laçao as seguia, dobrado sob o peso de seu carregamento, pois tal era a prodigalidade da senhora com o

dinheiro de seu marido. Nesse momento saiu Anthony de seu quarto, e ao ver, surpreso, a cena, pôs-se a rir.

—«Meu deus, querida cunhada, compraste-te a loja inteira» —disse, correndo a ajudá-la, e vi como a ela lhe iluminava a cara ao ver quem era o que a falava. Deixando os pacotes, tirou-se o chapéu e se soltou o cabelo como para que ele a visse em seu melhor aspecto. Já então considereei que seu gesto era prematuro e coquete.

—«Anthony!», exclamou. «Que surpresa mais agradável! vieste a me visitar mim?»

—«A ti? Pois não, vim visitar a meu irmão, e me inteirei que está no estrangeiro».

—«Pois sim, e parece que ficará um tempo», disse minha ama com petulância. «Descuida a seu mulherzinha por seus negócios. Apenas o vi nas bodas e estou muita aborrecida, cunhado». Lhe brindou com um sorriso tão insolente que imediatamente me levantei as saias e me dirigi à escada por temor a ferver de indignação.

Foi então, acredito, que intuí que teríamos dificuldades na Granja Thrushcross, e não me equivoquei.

Anthony e Jessica estavam constantemente juntos, por certo durante o dia; não quero nem pensar o que passava de noite, já que eu não saía de minha casa. Mas ante os olhos de todo o mundo se comportavam como um par de jovens apaixonados. É obvio, eram maiores de idade; ele tinha quatro anos mais que ela, mas entretanto era imaturo e irresponsável, comparado com seu irmão. Qualquer houvesse dito que se levavam décadas de diferença. Então me dava conta, me perguntando como não o tinha feito antes, que eram o um para o outro. A ambos interessava o sem importância, o corriqueiro; ambos amavam excessivamente o prazer e não as coisas superiores que elevam o espírito humano, diferenciando o dos animais. Cada um procurava a autogratis, e como suas necessidades coincidiam, eram companheiros ideais.

Como desejava que voltasse o senhor Rainton para ver o dano que lhe estava fazendo a seu lar e a sua felicidade! Mas passavam as semanas e todas as notícias que recebemos dele (transmitidas por sua ingrata esposa, que nem se preocupava em ler as páginas de paixão que lhe enviava, para não mencionar os presentes que chegavam dos ourives e joalheiros de Londres) foram que a situação estava sob controle e que esperava retornar logo.

Quatro meses, ou mais, depois da partida do senhor Rainton, decidi-me a visitar o Lady Tempest a lhe informar a respeito da situação na Granja Thrushcross, pois considerava que era meu dever fazê-lo. Com quanta felicidade me recebeu minha querida Margaret, a quem não via desde a festa de Natal, quando ainda estavam no estrangeiro o senhor e a senhora Earnshaw! Que contente me pus ao ver os gêmeos, tão formosos! Me causar pena dizer que eram morenos, como seu pai, mas não tão escuros nem com o caráter tão áspero. Elizabeth era uma menina muito chamativa, e demonstrava tanta felicidade que me fez recordar a sua mãe, e quando assim o disse, minha ama exclamou:

—OH, obrigado, Agnes! Dou graças a Deus que se criaram tão bem, e que estejam rodeados de paz e alegria. Saberá que meu adorado John é o marido ideal, e o melhor dos pais do mundo. Trata-os como se fossem filhos deles, e se passa as horas brincando de correr com eles, lhes dedicando tanto tempo como a nosso querido bebê Dugdale. Agnes, devo te dizer que estou esperando de novo! Estou tão feliz, pois tendo filhos e satisfazendo a meu marido encontro plena satisfação como mulher, e não quero outra coisa.

—Eu adoro sabê-lo, minha senhora —disse, pois embora a quera como a uma filha, e ela a mim como a uma mãe, não me permitia nenhuma familiaridade, para que

não pensasse que não estava perfeitamente consciente de sua situação e da alta posição que Deus lhe tinha dado na vida—. Nada me agrada mais no mundo que me inteirar de sua felicidade, que tanto merece, mas, senhora, oxalá tudo estivesse tão bem na casa de seu irmão.

—Que algo anda mau, Agnes? Se Rainton não estiver, nem volta até o inverno! Hão-me dito que Jessica vai de um lado a outro e apenas fica na casa.

—Disso se trata precisamente, senhora. Agora está em casa... desde que seu irmão Anthony retornou de Londres.

—Mas, o que —quer dizer? —disse a senhora, com uma expressão de preocupação à medida que aumentavam suas suspeitas—. Eu acreditava que Anthony estaria em «Morro dos Ventos Uivantes», pois lhe dissemos que podia dispor da casa. Quando nos visitou antes de ir ao sul nos disse que essa era sua intenção.

—Não, senhora, com o pretexto de que estão redecorando «Morro dos Ventos Uivantes», seu irmão se aloja na Granja... sob o mesmo teto que sua cunhada.

—Mas, Agnes, é vergonhoso! —disse minha ama—. Não está bem. Não deve parar sob o mesmo teto com uma mulher casada quando seu marido está ausente. Ocasionará um escândalo.

—Já foi ocasionado, sua senhoria —disse—, e por isso estou aqui. Não só se ocasionou um escândalo. O escândalo existe, porque sempre estão juntos. Estão abortos um no outro, senhora, e eu temo muito o resultado disto.

Tão preocupadas estávamos com nossa conversação que não notamos que Sir John entrava na habitação até que, durante a pausa que seguiu a minhas palavras, ele disse:

—Se o que diz é verdade, Agnes, e não duvido que assim seja, sabendo que não é mulher afeta a intrigas maliciosas nem a criar escândalos, devemos ir ali imediatamente e trazer a Jessica pela força ou enviar a esse rufião a Londres, onde se encontra a gosto nos bordéis e casas de jogo, conforme me inteirei.

—OH, John!, —exclamou, angustiada, Lady Tempest—. Não fale assim dele. É meu irmão.

—Sei, meu amor —disse seu marido, aproximando-se dela e lhe dando um beijo na bochecha—, mas sabe que é verdade. Veio deslocado pelas dívidas, e as pagaste, igual a arrumou o assunto da Índia. Mas terá que fazer algo com respeito ao Anthony, querida, e em seguida, porque não é boa companhia para minha irmã. meu deus! Eu acreditava que estava passando o verão com Lorde e Lady Dene no Scarborough, já que a filha deles, Sandra, é seu amiga íntima. Estou seguro que isso foi o que me disse.

—Nesse caso o enganou, senhor —disse eu—, talvez deliberadamente, pois aconteceu estes últimos meses com seu cunhado, sem separar-se nunca.

—Farei preparar o carro e retornaremos contigo imediatamente —disse Sir John, e não pude a não ser admirar a forma admirável em que se converteu em dono da situação, sem deixar por isso de olhar com ternura a sua mulher, como se se desse conta de que ela sofria por esse assunto.

—Querida —lhe disse— não venha conosco, pois eu não gostaria de verte transtornada em seu estado.

—Mas John, querido, sou uma mulher forte! Asseguro-te que não terei uma perda por causa da Jessica e Anthony, por mais angustiosa que seja a situação. E é minha obrigação para com meu irmão Rainton, ir contigo. Devo ir, John.

—Muito bem —disse ele—, e saiu da habitação para repartir as ordens.

—Agora que a Reforma já é lei, John é candidato ao Parlamento —disse minha ama, e os olhos lhe iluminaram de alegria—. Tem muito que oferecer, porque é um homem bom e as condições de trabalho em suas fábricas são modelo de humanitarismo,

com um dia de trabalho de até dez horas somente para mulheres e meninos, com meio-dia livre os sábados. Ah, aqui chega Jennie com o casaco. Olhe Jennie, a surpresa que tenho para ti.

Meu, filha me saudou com acanhamento mas logo, recordando que não era mais que uma menina, correu a meus braços e me beijou sob o olhar benigno de minha ama.

A volta à Granja Thrushcross não foi alegre. O tempo não nos acompanhava, tampouco, pois fazia frio e chovia, e as nuvens ameaçavam tormenta. Quando chegamos ao bordo dos páramos, entretanto, Lady Tempest lançou uma exclamação, pois o urze estava em plena floração e ante nós se estendia um tapete interminável de púrpura e verde.

—OH, John, olhe! Já começo a sentir falta dos páramos, rodeados como estamos de onduladas colinas e vales no castelo Crawford. É estranho, verdade? que uma aprecie algo quando já não o tem.

—Querida, se assim se sentir, e se Jessica nos permite isso, ficaremos uns dias na Granja. Mandarei pedir nossa bagagem e as escopetas, assim caço algumas perdizes. Você gostaria?

—OH, sim, se é que nos aceita, depois de ouvir o que temos que lhe dizer.

—Em muitos sentidos, minha irmã é uma menina tola —disse Sir John—, mas acredito que pode aceitar que lhe diga qual é seu dever. Se o que disser Agnes é verdade, como estou seguro, esta noite mesma enviarei uma carta ao Rainton, lhe dizendo que volte no próximo navio.

Quando chegamos à Granja já caía a tarde, mas não havia sinais da senhora Earnshaw e Anthony. Os visitantes ficaram conversando na sala, onde lhes fiz servir o chá. Logo ouvimos o ruído de cascos de cavalos, risadas e vozes excitadas. Como jovens amantes, minha ama e seu cunhado subiram correndo as escadinhas do alpendre e seguiram pelo corredor, entrando correndo na sala, de mão dadas. Então viram os que estavam ali.

Devo dizer que até a muito descarada senhora Earnshaw, essa boa peça, ficou desconcertada ante imponente figura de seu irmão, de expressão severa. Minha ama ficou onde estava, como se preferisse não tomar parte direta dos desagradáveis sucessos que teriam lugar.

—John e Margaret! Não sabíamos que vinham. Que surpresa mais... agradável

—Olhou o Anthony, que fez cara feia ao ver que os visitantes não davam algum pretexto.

—Viemos por um assunto muito sério, Jessie. Serei muito franco. Intei-rei-me que Anthony está albergado sob seu mesmo teto, e isso é algo que não aceito.

—E como se inteirou, querido irmão? —disse a senhora Earnshaw, me olhando significativamente—. Deve ter sido por meio de Agnes Sutcliffe, a fofoqueira. Pois fica sem emprego agora mesmo...

—Senhora...—falei ofegando.

—Eu mando aqui, Agnes, ou o esqueceu? Há vezes que acredito que pensa que você é a proprietária e não meu marido...

—Se Agnes ficar despedida, gostosamente a levarei a casa —disse tranqüilamente Lady Tempest—, mas não tem feito mais que o que qualquer bom servente teria feito. Quer te proteger do escândalo e a desonra que traz aparelhado. Não é próprio que uma mulher casada esteja sob o mesmo teto com um homem solteiro com quem o único parentesco que tem é indireto. Por mais inocente que seja tudo, —adicionou minha ama, com um olhar ardiloso.

—Eu acreditava que estava nos «Morros», já que é temporada de caça de perdizes, Anthony —disse Sir John, tratando de ser todo o agradável possível e de lhes dar uma oportunidade.

—Estou fazendo reformas. Posso caçar muito bem da Granja. Não sabia que fora um crime...

—OH, Anthony, não simule mais! —disse a senhora Earnshaw com impaciência

—Depois de tudo, disse que me amava e que não te importava quem se inteirasse. Agora já sabem, e logo saberá o mundo inteiro. —A muito descarada fez uma pausa para que suas palavras tivessem efeito, enquanto lhe brilhavam os olhos de desafio e um rubor avermelhava suas bochechas—. vou ter um filho do Anthony —disse— O médico me assegurou isso ontem.

Devo dizer que o silêncio que se fez na sala podia ouvir-se provavelmente da ponta do páramo. Ninguém falou nem respirou, acredito, durante um minuto. Logo a senhora Earnshaw se sentou e se acomodou no sofá, olhando atrevidamente a seu irmão, como desafiando-o a que a repreendesse.

—Está segura que é do Anthony? —disse Lady Tempest do sofa, com essa voz tão tranqüila e afável tão característica dela—. Não pode ser filho do Rainton? Ou é que você não quer que seja filho dele?

—Tenho entendido, senhora, que um bebê está no útero nove meses —disse a rameira—. Estou de três meses, e Rainton faz cinco que se foi. Além disso, sei que é filho do Anthony. Eu o quis assim.

—Você o quiseste assim! —exclamou seu irmão—. Jessica! Está louca? Não só ao te casar entraste em uma família honorável e digna, a dos Earnshaw, mas sim além disso é uma Tempest, e isso só deveria ter bastado para que recordasse que provém de uma família distinguida e antiga. Nossas mulheres sempre foram filhas, esposas e mães de cavalheiros, e nunca se comportaram como putas comuns.

—Não é uma puta! —disse Anthony com ferocidade—. É verdade que nos amamos. Nunca conheci amor como este, por mais que o procurei muitas vezes. Não estou envergonhado do que temos feito, e Rainton o tem merecido por ir-se vagar, deixando sozinha a uma mulher assim.

—Não foi vagar! —espetou Sir John—. Tem sua fortuna empenhada no Sul da América; se não tivesse sido pela situação ali, e porque Jessica não queria ir, tivesse-a levado com ele. Não teve outra alternativa; mas o dever de uma esposa, de uma recém casado, é permanecer fiel durante a ausência de seu marido, e não ficar grávida do irmão de este.

Deu meia volta e se dirigiu à janela, onde ficou a olhar para fora.

—É uma situação terrível —disse Lady Tempest, ficando de pé. Logo disse, docemente, como se tratasse de aliviá-la: —O que planejava fazer, Jessica? Tinha algum plano? Deve ter suspeitado isto, embora não estivesse «confirmado».

—Quero me casar com ela —disse Anthony—. Será o melhor.

—Não sei que possa te casar com a mulher de seu irmão —disse Sir John—. Está contra a lei de consangüinidade.

—Isso é da Bíblia —disse Anthony com desprezo, pois sentia tanto respeito pelas Sagradas Escrituras como pela mulher de seu próximo.

—Não estou seguro se não ser também a lei deste país —replicou Sir John—, mas isso não é o único. Sabia, Jessie, que Anthony não tem dinheiro? Você, que amas tanto as coisas finas, que gastava o dinheiro de papai a mão direita e sinistra, e que está fazendo o mesmo com o do Rainton, —como suponho, pois essa deve ter sido outra das razões pelas que teve que sair correndo para a América do Sul.. você pode viver com amor e sem dinheiro, Jessie?

Para ouvir estas palavras, pela primeira vez, minha ama pareceu desconcertada. As coisas chocantes que havia dito, a natureza lhe horrorizem de sua confissão não a tinham transtornado no mais mínimo, mas a idéia da miséria... isso sim a incomodou.

—Anthony tem dinheiro suficientes. Pelo menos, assim acredito. Não é verdade, Anthony?

—Não tem fortuna própria —disse Sir John—, nem um níquel. Depende da boa vontade de seu irmão e irmã, e enquanto eles trabalham duro e se esforçam, reproduzindo os ganhos, ou, em caso da Margaret, sua herança, Anthony não faz mais que viver da generosa atribuição que lhe dão. Embora em realidade não lhe alcança, pois está continuamente endividado, e essa é uma das razões pelas que veio agora, e não a viver como um cavalheiro, a caçar no páramo. Veio escapando de seus credores, que ameaçavam colocando-o no cárcere. Não o disse?

Minha ama ficou muda. A cara do Anthony pareceu ficar mais escura que de costume enquanto escutava o discurso de seu cunhado.

—Não te contou, tampouco, Jessica, que não é a primeira vez que passa, e que o deram de baixa de seu honorável regimento no exército por seduzir à esposa de sua comandante e logo tratar de matar ao marido, quando o tinham surpreendido em flagrante delito? Quanto de seu passado te contou Anthony, ou sobre o cuidado carinhoso de seu irmão e irmã, que têm feito sempre todo o possível por ajudá-lo e protegê-lo, equivocadamente, em minha opinião, já que deveriam lhe haver dado uma boa surra e jogado faz muito?

—OH, John, por favor —exclamou angustiada sua esposa, pois como eu bem sabia, apesar de seus defeitos amava a seu irmão e era espantoso escutar a contagem de suas más ações, até para mim, que nunca o tinha querido.

Era evidente que tinha impressionado a Jessica, que tinha um aspecto muito pensativo depois de ouvir as palavras de seu irmão.

—A Jessica não interessam essas intrigas maliciosas —irrompeu airadamente Anthony—. Me ama tal qual sou, e se casará comigo. Há-me isso dito.

—Mas, tinha-lhe contado você toda a verdade? —perguntou Sir John, sempre com tranqüilidade e controle admiráveis. Depois de tudo, uma mulher tem que viver, e entre os muitos defeitos que tem minha irmã se conta seu amor pelo dinheiro e os prazeres que pode comprar. Já demonstreste claramente que não é capaz de ganhar a vida, e eu me encarregarei de que sua irmã não siga esbanjando em ti uma fortuna que legalmente pertence a meus amados enteados, Josiah e Elizabeth. Posso fazê-lo, pois sou seu tutor legal. Duvido que Rainton, apesar de ser um homem tão generoso, queira manter a seu ex-esposa e ao marido desta lhe dando o sustento da vida ao que ela está acostumada.

Para ouvir isto a senhora Earnshaw pôs-se a chorar, o que eu tinha previsto pois sua expressão se voltava cada vez mais abatida para ouvir as palavras mesuradas e iratadas de seu irmão.

—OH, Anthony! Não me disse nada disto! Não me disse que não tinha dinheiro.

—O que importa o dinheiro —exclamou Anthony com ferocidade— quando existe um amor como o nosso? Não me interessa. Amava-te, e acreditava que você me amava também.

—OH, amo-te, amo-te —disse a senhora Earnshaw entre soluços—, mas não podemos viver na pobreza.

—Pobreza, o que é a pobreza? Tenho uma casa, e não acredito que minha irmã me tire isso. Nem ela poderia ser tão cruel se nos decidirmos; e poderíamos semear e ter umas ovelhas...

—Refere a «Morro dos Ventos Uivantes»? —exclamou a senhora Earnshaw, e lhe secaram as lágrimas como chuva sob o sol—. Não te referirá, quero acreditar, a Morro dos Ventos Uivantes?

—É obvio que refiro a «Morro dos Ventos Uivantes». A que outra casa? —replicou com ironia.

—Mas eu não posso viver ali! Tremo com apenas mencionar seu nome. É tão fria, tão desolada e... —estremeceu-se— tão pequena. Além disso está enfeitada! Nunca poderia viver ali.

—Onde acreditava que íamos viver? —O rosto do Anthony estava congestionado pela ira.

—Em algum lugar agradável, no sul, talvez, ou no estrangeiro. Não sabia que não dispusera de fortuna, Anthony. Nunca conheci ninguém que não tivesse fortuna... Devia me haver dito que não tinha dinheiro, não é assim, John?

Falou como uma menina petulante, olhando primeiro a seu irmão, logo a sua cunhada, pedindo ajuda.

—O que deve fazer-se? —perguntou Lady Tempest com sua acostumada calma e seu sentido comum—. Rainton chegará logo a casa e saberá que o menino não é filho seu O que fará?

Mas a senhora Earnshaw voltou a chorar e Anthony, zangado e humilhado, não fez nada para tratar de consolá-la. Logo Sir John que, indubitavelmente, tinha suas próprias razões para alimentar a discórdia entre os amantes, foi até onde estava sua irmã e lhe ordenou que se calasse e o escutasse.

—Jessie, direi-te o que faremos. Levaremos-lhe conosco. O castelo já está quase preparado para que nos mudemos. Quando chegar seu marido, ele decidirá o que fará contigo. Mas lhe proibio voltar a ver o Heathcliff ou que tenha algo que ver com ele até que Rainton tome sua decisão. Enquanto isso, daremos-lhe uma pequena atribuição, sempre que não vá a Londres e viva apaticamente em «Morro dos Ventos Uivantes».

Com o dinheiro poderá comprar algumas vacas e ovelhas e instalar-se como granjeiro, para que se Rainton te larga, Anthony tenha com o que manter a ti e a seu filho. Porque Rainton é um homem bom, mas isto é muito, e só Deus sabe o que decidirá, ou o que te espera no futuro.

E embora duvido que Sir John tivesse o dom da profecia, virtualmente predisse o futuro, e não exagero em nada, senhor Lockwood.

CAPÍTULO 19

Rainton Earnshaw já tinha empreendido a voltar quando seu cunhado enviou a carta, assim não tinha idéia da notícia espantosa que o aguardava quando desembarcou em Liverpool em outubro. Sir John o esperava no cais, e deve lhe haver dado a notícia na viagem de volta ao castelo Crawford. Eu permaneci na Granja Thrushcross para cuidar a casa; pensava que, agora que ia envelhecendo, merecia um pouco de descanso e comodidade, que nunca tinha desfrutado na vida. Deixava para os mais jovens as excitações do castelo Crawford.

Acudi, entretanto, quando Lady Tempest estava a ponto de dar a luz, já que meu lugar era sempre junto a ela nestes casos, e foi uma sorte que estivesse porque o médico chegou tarde e os dores do parto duraram muito pouco, assim que eu trazia para o

mundo a uma menina, a quem lhe puseram o nome da Emma Jane Tempest, que tinha tanto de loira como sua irmã Elizabeth (já de oito anos) de morena. Assim foi que estive presente o solene dia que Sir John entrou em seu carro pelo longo atalho do castelo Crawford junto a um Rainton Earnshaw de rosto escurecido.

Lady Tempest estava ainda na cama, depois do parto, e ela foi quem me contou o que aconteceu. A ela o relatou seu marido John. O seguinte relato é meu resumo do acontecido, embora leva certos agregados, por mim inferidos.

O senhor Rainton estava encantado de ver no porto a seu cunhado. Esperava também ver sua mulher, e ao perguntar por ela, Sir John lhe disse simplesmente que estava indisposta, embora bem cuidada, no castelo Crawford.

Entretanto, Sir John inteligentemente se deteve em uma hospedaria na viagem de volta, para fazer um breve descanso, e em uma habitação privada contou ao senhor Earnshaw o acontecido. Ao parecer o pobre homem ficou aturdido, muito horrorizado para dizer algo. Sir John tratou de lhe explicar que não era culpa dela, porque era uma moça muito jovem e tola, vítima de seu vil sedutor. Além disso, ele tinha estado muito tempo ausente.

—«Mas, ama-me, John? Como é possível que me ame?»

—«Há uma maneira de tratar às mulheres», replicou Sir John, «e é lhes dando um leito morno, uma mesa bem repleta e muito dinheiro na bolsa. Assim a mulher está contente e satisfeita, e o marido feliz. Você é quem deve decidir, Rainton, pois eu não te posso dizer o que deve fazer; eu não saberia o que fazer em sua situação. Mas você é um homem bom, e se pode achar perdão em seu coração, minha família e eu não o esqueceremos o resto de nossa vida».

—«Aceitar o filho como meu?», exclamou meu angustiado amo. «Não, jamais».

Mas Rainton era um homem cristão, temeroso de Deus; deve ter consultado com sua consciência, pois para quando voltou a ver sua mulher e viu que ainda a amava, embora não tão bobamente como antes, disse que a perdoaria. Aceitou criar ao filho de seu irmão como próprio, sempre que este nunca voltasse para sua casa ou o incomodasse de maneira alguma, pois embora pôde perdoar a sua mulher, a ele nunca poderia perdoá-lo. Porque no fundo nunca se gostaram. Por mais que Rainton o tentasse, Anthony não fazia menos que irritar a um homem tão sensato e responsável como seu irmão.

Assim, a senhora Earnshaw se reuniu com seu marido, que em lugar de levá-la a sua casa teve o bom sentido de transladar-se a Londres, onde alugou uma casa para mantê-la afastada do Anthony e do povo para quando nascesse o bebê, que foi em fevereiro. Foi uma menina, chamada Catherine Margaret, pela mãe e a irmã do Rainton.

Quando a vi esse ano e me dava conta de que era uma Heathcliff e que se chamava Cathy, pensei que em realidade existe uma influência sinistra no mundo, capaz de produzir combinações hereditárias tão estranhas. Pois Cathy era loira, tão loira como sua avó e sua tia, e poderia ter acontecido facilmente por filha do senhor Rainton, ou de qualquer outro. De seu pai Anthony não tinha nada, alegre-me dizê-lo.

Mas para quando a senhora Earnshaw, voltou para casa, a neném tinha seis meses, e ela estava novamente grávida, esta vez de seu marido legítimo. Era agosto outra vez e o brejo púrpura se estendia até onde alcançava a vista, os pássaros revoavam com seus diferentes gorjeios e as árvores do parque se balançavam no vento quando o senhor Rainton Earnshaw trouxe para sua desencaminhada esposa de volta à Granja Thrushcross.

Que mulher distinta a que conhecia ! Apenas a reconheci, de tão pálida e magra que estava, além da barriga. Tinha desaparecido toda a vida, toda a vivacidade que, embora devo confessar nunca eu gostei, por excessiva, parecia preferível ao lado deste lânguido espantelho. A atitude do senhor Rainton também tinha trocado. Já não corria detrás de sua esposa, lhe fazendo todos os gostos e cobrindo a de presentes. OH, não! encerrava-se no escritório uma boa parte da noite depois do jantar e, durante o dia, partia cedo a encarregar-se de seus negócios, que eram muito prósperos. O senhor Rainton era um homem de grande riqueza e prosperidade, que se via na quantidade de serventes que tinha e as ações e propriedades que diariamente adicionava a suas vastas posses. Era dono do dobro da terra que tinha seu pobre pai antes de perder sua fortuna e de ver-se obrigado a vender ao coronel Heathcliff. Em realidade a maior parte da terra e das aldeias ao redor do Gimmerton eram do senhor Rainton ou de sua irmã, Lady Tempest. Tinham muitíssimos colonos pois, uma vez que começaram a alambicar a terra, os pobres já não podiam manter o gado e começaram a transladar-se às cidades e a trabalhar nas fábricas. Tantas almas dependiam do senhor Earnshaw e sua irmã para sua subsistência que terei que dar graças a Deus que houvesse pessoas tão boas com quem trabalhava para eles ou dependiam deles.

E acredito em realidade que era sua bondade e sua natureza, seu interesse nos pobres, unidos à tragédia sofrida em sua vida, os que causaram a grande mudança no senhor Earnshaw depois de voltar para a Granja Thrushcross. Em Londres tinha cansado sob a influência dos que apoiavam a religião evangélica, assim agora assistíamos a leituras da Bíblia todos os dias, orações todas as manhãs e tardes, nas que reunia a todo o serviço. Acredito que era esta atitude intensamente religiosa a que mais caracterizava ao senhor Earnshaw: não sei se estava melhor, porque havia se tornado sério e solene, como toda pessoa muito religiosa. É como se ao tratar de agradar ao Senhor perdessem a habilidade de agradar a outros ou a si mesmos.

—Pois assim nos convertemos em uma família muito sóbria e virtuosa. Já não se voltou a ver a senhora Earnshaw com um vestido decotado, mas sim sempre aparecia coberta— da garganta à ponta dos pés com vestidos de tecidos escuros, feitas nas fiações do senhor Earnshaw. Já quase não a via vestida de brocato ou de sedas, exceto nas muito raras ocasiões em que foram a um baile ou a um jantar, e até então as cores eram próprias de uma matrona, cinza ou marrom, em lugar dos bonitos rosados ou azuis que adorava de noiva, dois anos atrás.

Foi perceber sua tristeza e sua melancolia que me aproximei da senhora Earnshaw, e comecei a trocar a opinião tão severo que antes tinha dela. Vi que era uma boa mãe com o Catherine. À medida que lhe aproximava a hora, comecei a passar mais tempo com ela; juntas costurávamos a roupinha para o segundo bebê. Era fim de ano, um escuro dia de dezembro quando pela primeira vez despiu seu coração. Olhava pela janela a chuva que castigava as colinas; os ramos empapados das árvores do parque pareciam sujas, mas era pelas poucas folhas que ainda se aderiam. O céu estava tão escuro que tivemos que acender as velas em plena manhã, e o vento que tinha ululado a noite inteira continuava seus embates sem minguar.

—OH —suspirou a senhora Earnshaw—, este bebê pesa muito, Agnes. Estou segura de que será um moço grande. O senhor Earnshaw anseia ter um varão para que o herde. —moveu-se incômodamente em seu assento; ao notar seu tamanho pensei se não voltaria a haver gêmeos na família Earnshaw.

—Estou segura de que terá muitos mais meninos, senhora —falei— porque é uma moça e o senhor Earnshaw é forte e vigoroso.

Mas a senhora Earnshaw seguiu suspirando sem parecer contente com a perspectiva de uma família grande, como queria o senhor Earnshaw.

—OH, Agnes, se se pudesse voltar a viver, se se pudesse voltar para passado... Sabe o que quero dizer?

É obvio que me parecia saber o que queria dizer, mas julguei mais prudente esperar ao que dissesse ela.

—Que moça tão idiota que fui, Agnes, ao me levar como o fiz. Sabe ao que me refiro. Embora meu marido foi muito bom e considerado, e trata à menina como se fora filha dela, não acredito que no mais profundo de seu coração me tenha perdoado.

Tentou-o, mas já não sou importante em sua vida como esposa/companheira. Acredito que se não tivesse sido por meu pecado, porque isso foi, não se teria mostrado tão ansioso por escutar ao senhor Gifford, o pregador evangélico, em Londres, que nos ensinou que precisávamos renascer espiritualmente, pois fomos pecadores e nossa única esperança era Deus. Depois de ouvi-lo pregar, meu marido convidou ao senhor Gifford a casa e foi após que comecei a notar a mudança que se produziu nele. Lembro que me disse:

—«Transtornou-me profundamente o ocorrido, Jessica, mas agora me parece ver que Deus pode te perdoar, pois o que fez foi um grande pecado, e te levará a vida inteira pagá-lo. Mas eu te ajudarei. Se vivermos sóbria e recatadamente, ajudando aos pobres e necessitados, Deus certamente te acolherá em Seu reino quando chegar seu fim».

—Acredito que só me aceitou novamente porque acreditou seu dever, e devido à pressão de sua irmã e seu cunhado, que queriam salvar o nome da família. Mas me perdoar, não. Parece-me que nem sequer me suporta. Uma noite me disse que cada vez que me olhava, via a Jezabel e que se não fora por sua promessa me jogaria de sua casa. E que tinha que recorrer constantemente à oração e à Bíblia para poder conter a ira. Assim levamos esta vida mesquinha e miserável, sem festas nem diversões, exceto quando há algo no castelo, pois então pensa que é seu dever ir. Nunca vi um homem tão mudado.

Suspirou e seguiu fazendo a prega dos fraldas para o novo bebê.

—É certo, senhora, que o senhor Earnshaw está muito mudado; não vou negar, mas agora tem muitas responsabilidades, por sua fortuna. É uma lástima que se tornou tão religioso, mas acredito que sente, e me perdoe, senhora, que as mulheres de sua família foram desencaminhadas e talvez com suas rezas espere impedir que isso não se repita no futuro.

—Refere a sua mãe, é obvio —disse a senhora Earnshaw, me olhando vivamente—.Me contou isso antes que nos casássemos; disse-me também que Anthony não era filho de seu pai. Sim, acredito que devemos tratar de entendê-lo, mas há vezes que me resulta difícil esta vida tão monótona, a mim, que tanto eu gostava das festas, os bailes e as lojas, as visitas à costureira. Agnes, ainda sou jovem não?

Por um momento se iluminaram os olhos da pobre moça, recordando os longínquos tempos felizes, e senti em meu peito um sentimento de lástima. Pensei que seu curso nesta vida já estava decidido, e que o senhor Earnshaw lhe tinha contado a respeito de sua mãe e não de sua avó, ou da fuga de sua irmã. Talvez, se o tivesse feito, ela não se teria casado com ele.

O bebê da senhora Earnshaw nasceu em fevereiro depois de um parto longo e angustiante, que o senhor Earnshaw viu como a ira de Deus que castigava a sua mulher por sua má conduta e, em lugar de procurar o melhor médico, como deveria ter feito para aliviar suas dores, não fez mais que passar o tempo de joelhos pedindo a intervenção do Todo-poderoso. Bom, possivelmente interveio o Todo-poderoso, ou possivelmente não o fez, e foi simplesmente a natureza, que seguiu seu curso. A questão é que os dores do parto chegaram a seu fim e deu a luz a uma menina diminuta a que lhe

pôs o nome bíblico da Ruth. Eu nunca esperei que vivesse, porque estava tão extenuada como a mãe depois de tanto sofrer, e passou um tempo alarmante antes de que chorasse.

Via-se as claras que o senhor Earnshaw estava decepcionado ao ver que sua vergôntea era uma menina pois, depois de observá-la um breve momento, encerrou-se em seu escritório durante o resto do dia e não voltou a aproximar-se de sua filha e a sua esposa. Tampouco lhe ocorreu chamar o padre para que batizasse a essa criatura doentia, coisa que, como a qualquer um lhe tivesse ocorrido, seria o mais importante para ele, já que era tão piedoso. Só visitava, por obrigação, a sua esposa, que permaneceu na cama durante várias semanas, enquanto tratávamos de lhe devolver a saúde com caldo e frango ao forno com purê de batatas, tudo misturado para que pudesse digeri-lo melhor. Embora não era dissidente, o senhor Earnshaw estava convencido de que a raiz de todos os males era o abuso do álcool, assim não havia nenhuma gota em toda a casa, e minha pobre ama não podia tomar nem sequer uma taça de conhaque ou de vinho, em cujas propriedades reconstituíntes eu acreditava tão firmemente.

O único distinto que aconteceu depois do parto foi a visita de Lorde John Tempest e sua esposa, que vieram ver à senhora Earnshaw e a sua filha Ruth. Como estavam no estrangeiro para a iluminação, a visita teve lugar seis semanas depois, quando a terra começava a secar-se depois das chuvas do inverno e começavam a aparecer no parque as primeiras celidônias, campainhas e flores de açafrão, e nas árvores os pequenos brotos.

Se o senhor Rainton se tornou triste e religioso, exatamente o oposto tinha acontecido com minha adorada Margaret e seu arrumado marido, que vieram em uma magnífica carruagem flamejante, e com lindos animais. Ao ver baixar a minha ama não pude menos que lançar uma exclamação ao ver a magnificência de seu vestido, de rica seda bordada, sem dúvida das Índias, e do chapéu de plumas que escondia pela metade sua cara. Levava uma capa de veludo púrpura que me entregou ao me beijar no vestibulo. Que perfume maravilhoso tinha, e que opulenta estava, pois tinha engordado um pouco e estava mais formosa ainda, se isso fosse possível! Notei que, além de perfume, usava carmim e pó, e estou segura de que meu amo, que desceu a recebê-la, não deve ter aprovado isso.

Que contraste havia entre a pobre senhora Earnshaw, com seu vestido marrom, fechado até o pescoço, e seu singelo penteado, seu corpo magro e olhos sem brilho, e Lady Tempest, com sua aura de distinção. Via-se as claras quão orgulhoso estava dela seu marido, pois não deixava de olhá-la e de ver que estivesse cômoda ou que tivesse todo o necessário. Acredito que os Tempest se deram conta pela primeira vez da mudança operada nessa casa quando lhe serviram uma comida muito singela, consistente em carne e verduras fervidas e água em lugar de vinho, que era o que tomávamos na cozinha, embora agora eu comia em uma saleta que me tinha dado a senhora Earnshaw como governanta à frente de um pessoal tão numeroso.

A felicidade que recebi esse dia foi ver o menino Josiah e à menina Elizabeth, que já tinham onze anos, e eram tão alegres como dois passarinhos. Tinham o cabelo e os olhos escuros, mas a tez blanquíssima de sua mãe, graças a Deus, e o melhor dos gênios. Conseguiram fazer sorrir a muito triste proprietária de casa, que mais parecia uma faxineira. Corriam de um lado para o outro, saindo e entrando na casa, sujando o vestibulo de barro, até que seu padraсто lhes chamou a atenção. Todos notamos quanto afeto lhes tinha.

Foi um dia feliz. A casa fazia eco às risadas, e até o senhor Rainton parecia contente, menos preocupado pelo dia do julgamento final. Ver seu irmão era o melhor

remédio para a senhora Earnshaw, e a cor voltou lentamente para suas fundas bochechas.

Se for verdade que os Tempest nos trouxeram alegria, não foi isso precisamente o que se levaram depois de nos visitar. Essa tarde, quando já estava eu em minha casa, onde passava duas horas diárias, ouvi que batiam na porta e ao ir abrir vi minha ama, soridente. Me alagou o coração de alegria e me encheram os olhos de lágrimas ao vê-la.

Entrou e me abraçou, me dando tapinhas, como se eu fora a menina e ela a mãe, porque ao vê-la ali me lembrei de fazia tantos anos, desse dia quando entrou, depois de abandonar ao coronel Heathcliff, procurando refúgio em casa de seu pai. Quanto tinha mudado após!

—Querida Agnes, o que acontece? —disse, com tom preocupado—. Acreditei que estava contente de nos ver.

—OH, senhora, Lady Tempest, estou contente de vê-los e dou graças a Deus que esteja tão bem, junto a esse homem tão bom que é seu marido. Minhas lágrimas são de agradecimento.

—Querida Agnes —disse sua senhoria, me levando a minha poltrona—. Nunca sonhei ter um homem melhor, mais nobre e afetuoso, mais inteligente e compassivo, porque agora que é membro do Parlamento não faz mais que ocupar-se de melhorar à nova classe industrial, e jogou um papel importante na lei que aboliu a escravidão no Império Britânico o ano passado. Teremos uma casa em Londres, Agnes! Parece-me maravilhoso. Já vi uma no Grosvenor Square, perto das lojas e da rua Regent, que eu adoro, e do parque, e não muito longe do Parlamento onde Sir John passará grande parte de seu tempo. E receberei aos políticos mais famosos, e a suas esposas, e farei todo o possível para ajudar a meu marido em sua carreira. Além disso, divertirei-me muitíssimo. Mas, querida Agnes, vim a falar de um assunto muito importante. Sir John e eu estamos muito preocupados pelo aspecto doentio da senhora Earnshaw. deve-se somente ao parto? Parece estar nas últimas de uma enfermidade mortal, Deus não o permita, mas quando dissemos que viesse por uns dias ao castelo Crawford, Rainton deu tantas razões pelas quais não devia fazê-lo que qualquer tivesse pensado que se tratava de um plano para seqüestrá-la.

—Enquanto discutíamos o assunto, notei que ela não dizia nada, mas sim olhava para baixo, sem expressão na cara. Nunca vi uma mudança maior em ninguém em toda minha vida. E meu irmão... É tão virtuoso agora? Não toma vinho, a comida é muito singelo... Sir John se ofendeu porque não lhe ofereceu uma taça de conhaque ou um charuto depois do jantar, que tanto gosta. Mas Rainton diz que não quer nada disso em sua casa. Direi-te que não ficaremos muito, nem viremos muito seguido. Ao Sir John gosta de comer bem, e estar cômodo. Já tem vontades de voltar para casa! O que pode me dizer de tudo isto, Agnes, você que criaste aos três?

—O senhor Rainton se tornou muito religioso, sua senhoria —disse, com franqueza—. Um pregador evangélico o influenciou em Londres, lhe fazendo ver sua vida pecaminosa, e especialmente a de sua mulher. Ao que parece, ela deverá passar o resto de sua vida arrependendo-se. Reunimo-nos a rezar duas vezes ao dia, e deve assistir todo o serviço, incluindo as moços de quadra e aos jardineiros que trabalham ao fundo do parque. O senhor Rainton lê a Bíblia e reza, e quando se entusiasma diz uma homilia. Tudo é muito elevado mas muito aborrecido, se me perdoar a sinceridade, senhora, e esta casa se converteu em um lugar triste, e o senhor e a senhora em duas pessoas muito solenes. O senhor Rainton acredita na economia e o trabalho, e não deixa de nos dizer isso senhora. E põe em prática estes preceitos em sua própria vida, porque não faz mais que trabalhar o dia inteiro e a metade da noite, descuidando a sua mulher, e embora nossa comida é abundante e alimentícia, é singela e ordinária.

—Que coisa mais espantosa! —exclamou Lady Tempest, sentando-se a meu lado como quando era menina—. A pobre Jessie pagará com sangue seu momento de debilidade. Não sei o que dirá meu marido. Embora sofra, não me deixa ver meu irmão Anthony, a quem tanto eu gostaria de encontrar apesar do que fez. Sabe algo dele, Agnes?

—Hão-me dito que se converteu em um ermitão —disse, repetindo as intrigas da aldeia—. Dizem que parece San Juan Batista no deserto, e anda mal vestido inverno e verão. Não tem servente que o atenda, semeia o que come e carneia seus próprios animais; tem vacas e ovelhas. Parece um louco e não saúda ninguém as poucas vezes que vai à aldeia a procurar provisões ou a ferrar algum cavalo.

Os olhos escuros, muito formosos, de minha ama, encheram-se de lágrimas e pensei que, apesar de sua grandeza, seguia sendo a mesma pessoa, singela, natural e humanitária.

—OH, Agnes, que contraste entre minha vida, feliz e cheia de luxo, e a do pobre Anthony! Sir John se ocupa de que lhe pague pontualmente a atribuição, por intermédio do advogado mas, além disso, perdemos todo contato. Tanto ele como Jessie estão pagando suas culpas.

—Foi um pecado, senhora, e não se equivoque nesse sentido —lhe disse—. Embora não estou de acordo com a religiosidade excessiva do senhor Rainton, acredito que foi algo horrível que um homem se deitasse com a esposa recente de seu irmão, e ela fez mal também, porque já era major para saber o que fazia.

—Jessie foi muito malcriada por seu pai, que a adorava; teve-a já de velho. Cresceu acostumada a que lhe fizessem o gosto em tudo. Até agora se comporta como uma menina petulante a quem lhe tiraram os brinquedos. E o bebê é tão frágil! Viverá? Graças a Deus que é primavera, pois no inverno tivesse morrido em seguida! E é tão feia. Não se parece nem aos Earnshaw nem aos Tempest.

—Pelo menos, tampouco é uma Heathcliff —disse— e devemos dar graças a Deus por isso.

Vi que a senhora se ruborizava, assim que a peguei da mão e lhe pedi perdão por minhas tolas palavras.

—OH, mereço que diga isso, Agnes; eu também fui uma moça tola, teimosa e desencaminhada, mas Deus teve piedade de mim e me liberou da sorte da pobre Jessie.

Bem, Agnes —ficou de pé—, acredito que não há nada mais que fazer nesta casa triste. Rainton não aceita interferência e John está muito relacionado com ele em assuntos de negócios para animar-se a indispor-se, e além disso o respeita e o quer. Imagino que algo lhe dirá a respeito do Jessie quando chegar o momento, para ver se pode melhorar sua situação. Mas iremos a Londres, onde estaremos mais tempo que no castelo Crawford, onde só viremos para o recesso parlamentar.

—Não se preocupe, senhora —falei—, aprendi a apreciar a minha nova ama, embora é obvio ninguém poderia substituir a você. Farei o que possa por ela, pode confiar em mim.

E com mais beijos, e novas lágrimas de minha parte, dissemos adeus. Fiquei um momento vendo-a caminhar para a casa grande, e pouco depois ouvi o chiar das rodas do carro. Entristeceu-me o saber que se foi.

Mas apesar de minha promessa a Lady Tempest, pouco fiz para alegrar à senhora Earnshaw. Três meses depois do nascimento da Ruth estava de novo grávida, mas é obvio como estava tão fraco teve uma perda ao pouco tempo. Isso a deprimiu e sempre estava doente, deprimindo-se e chorando.

Mas nem sequer sua estado de debilidade fazia que seu marido lhe tivesse lástima, e logo voltou a ficar grávida. Passou os nove meses seguintes em cama, porque

o médico disse que não devia ter ficado grávida tão logo mas, já que assim tinha sido, a única maneira de conservar o bebê seria se permanecia deitada.

A mim o senhor Rainton seguia parecendo um homem bom, um excelente patrão; ninguém podia duvidar de sua fé, pois as orações se faziam cada vez mais largas e as homilias mais solenes, enquanto acima sua mulher estava mais perto da morte que da vida, só porque ele queria um herdeiro. Isso era tudo o que queria dela, pois apenas se se aproximava da cama onde jazia ela. A pobrezinha me contava isso tudo, pois não tinha mais amiga que eu. Ninguém a visitava, e ela não podia mover-se.

Mas, graças a Deus, com o tempo os cuidados médicos deram seu fruto e em abril do ano seguinte a senhora Earnshaw teve um formoso varão em fim. Grande foi a alegria de meu amo; pô-lhe o nome Matthew, sem dúvida em honra do evangelista. O parto quase matou a minha ama, pois o moço era muito grande, um verdadeiro Earnshaw. Durante semanas, o médico pensou que ela morreria; uma vez que cumpriu com seu dever, lhe dando um herdeiro, o senhor Rainton obviamente pensava que podia prescindir-se de sua vida, pois já não rezava por ela ao Todo-poderoso ou, se o fazia, era em privado. Seu nome nunca era mencionado nas orações diárias, exceto na diferente referência ao Rei e à Rainha, e ao amo e a sua esposa, por estar por cima de nós os serventes.

Mas acredito que a senhora Earnshaw estava decidida a viver, não sei por que razão, pois, por isso ouço, sua vida atual não é melhor que a que levava então. E já estamos chegando ao final de minha história, senhor Lockwood, e já deve estar cansado, embora haja sido muito paciente, e até parece haver-se divertido. Vejo que esteve tomando notas. Se alguma vez publicar um livro, deve me deixar vê-lo. OH, se já quase for de noite, e seu servente deve andar buscando-o de novo. Que bem o cuida! De todos os modos, depois de esta noite pode fazer o que quiser, pois estou a ponto de lhe contar o final e, como poderá imaginá-lo, foi trágico, a menos para o senhor Earnshaw, e em muitos sentidos para todos. Uma vez mais a desgraça caiu sobre a família Earnshaw, e todos foram afetados de uma forma ou outra: os meninos, Matthew, Ruth, e Sir John e Lady Tempest, que sofreram vergonha, que tanto mal faz a uma família nobre, especialmente dado que Sir John era um homem tão importante e, segundo muitos, com um grande futuro por diante.

Como digo, a senhora Earnshaw estava decidida a melhorar-se e o fez. Ao mesmo tempo notei que sua atitude para seu marido se endurecia; antes tinha tratado de agradá-lo, como se esperasse ganhar de novo seu afeto. Agora já não lhe importava seu carinho. Em realidade, podia passar-se sem ele, pois o médico a havia dito que outro bebê a mataria, e disse também ao marido. Assim que ele já não ia a sua cama e, exceto na hora da comida, apenas se se viam. Era uma boa mãe, como hei dito, e deu tanto amor e cuidou tão bem à pequena Ruth que começou a engordar, embora até ao ano parecia mais pequena que seu irmão recém-nascido. Honestamente era difícil acreditar que fossem filhos da mesma mãe, pois o varão era forte e formoso, enquanto a menina esquelética e feia; até os doze meses duvidei que fora a ter um cabelo na cabeça pois era completamente calva. Quando por fim lhe saiu, era finita e cor camundongo. Matthew nasceu com uns cachos formosos, cor castanha, igual aos de seu pai, de quem era a viva imagem.

Não obstante, queria aos dois igual, e também à pequena Cathy, embora não vou esconder o fato de que o senhor Rainton não demonstrava interesse algum na filha de seu irmão, o que não é muito estranho, suponho. Sei que pensava que estava muito perto de Deus, mas teria sido um verdadeiro santo se tivesse querido a Cathy, sabendo que era filha do pecado. Mas era uma menina encantadora, loira, bonita e simpática, sempre

tratando de agradar a seu severo pai. E que inteligente! Falou antes dos dois anos, coisa que eu nunca tinha visto, asseguro-lhe.

De todos os modos, esse verão depois do nascimento do Matthew, o senhor Rainton estava fora todo o tempo. Acredito que não se atrevia a voltar para o Sul da América, ou possivelmente não era necessário, pois não me contava nada, mas fez várias viagens ao estrangeiro e foi muitas vezes a Londres e a Escócia por assuntos de negócios. Não sei exatamente quando comecei a notar um brilho desacostumado no rosto da senhora Earnshaw, e o fato de que se movesse cadenciosamente em lugar de arrastar os pés como se se encaminhasse à tumba. Estava bonita outra vez, e cantava enquanto costurava ou fazia seus afazeres. Quando o senhor Rainton estava em casa não demonstrava esta alegria, como se deliberadamente escondesse sua atratividade e sua vivacidade (não fora que seu marido pensasse que em seu leito voltaria a encontrar distração), mas quando ele não estava... as coisas trocavam por completo.

E me dava conta de que minha ama passeava muito pelo parque. Um dia, curiosa, observei pela janela; vi-a sair pela porta posterior, que dava ao páramo, e então soube, sem duvidar por um instante, o que tinha posto cadência em seu passo e brilho em seu olhar, porque a vi desaparecer em direção de «Morro dos Ventos Uivantes».

Mas não disse nada, porque esperava o momento oportuno, até que um dia que a vi sair, pu-me o xale e a segui a certa distância. Mas eu já não era a de antes, e subir o páramo me faz perder o fôlego, assim estava meio morta quando por fim cheguei aos «Morros» e me detive, sem fôlego, junto ao portão.

Então vi a aparição mais horrenda. Ao princípio pensei que era um urso ou alguma criatura desconhecida das montanhas, até que me dava conta de que se tratava do senhor Anthony com uma enorme barba, igualzinho ao profeta Juan.

—Espiondo outra vez, Agnes Sutcliffe! —gritou—. Seguindo a sua ama! Pois está ali dentro. Vá ver e logo informa a seu amo, se for por isso que te mandou.

—Senhor Anthony —disse, tendo recuperado o fôlego e minha dignidade—. Não deve falar assim. Sabe perfeitamente que não sou espião de meu amo, mas quero advertir a minha ama, e a você, a respeito das consequências de seus encontros. Justo então saiu a senhora Earnshaw e ficou olhando.

—Conhecemos as consequências, Agnes, e é o que queremos. Viver sozinhos, separados do mundo, com nossa filha e nosso amor. Porque nunca deixei de amar ao Anthony, nem ele a mim, a sua maneira, e queremos estar juntos.

Então se aproximou dele, passou o braço pelo dele e na cara do Anthony vi uma estranha expressão de ternura. Mas não durou muito, pois era uma criatura áspera, e não sei como ela suportava estar ao lado dele. Além de estar desalinhado e barbudo, tinha um aroma espantoso, como se vivesse com o gado no estábulo, e minha ama, criada em um lar elegante, em um castelo, era tão pulcra e afetada que se banhava uma vez por semana junto ao fogo em seu dormitório. Mas ele tinha algo para ela, que ninguém mais podia lhe dar, nem sequer seu marido, e isso continua sendo um mistério para mim.

Esse dia parecia feliz, plenamente feliz, abraçada a ele, com a cabeça erguida. O vento lhe balançava o cabelo e voltava a ser bonita, acesa pela alegria que só ele podia lhe proporcionar. Não o entendi então e não o entendo hoje. Essas duas pobres almas, perdidas e proscritas, tinham encontrado um lar juntas. Ao olhar essa casona desolada sobre os páramos, firme como uma rocha desde fazia séculos, dava-me conta de que era o lar ideal para eles, o único que poderiam ter na vida.

A senhora Sutcliffe ficou de pé com dificuldade e atçou o fogo. Eu guardei os papéis. Durante um longo momento ninguém disse nada. Houve vezes, no transcurso do relato, que me pareceu ter perdido a voz.

—Rainton, naturalmente, largo-a.

—Bom, não se separou, pois não sei qual tinha sido sua intenção, ou se foi por minha visita, a questão é que ela não voltou para a casa depois desse dia, e Rainton e ela não voltaram a ver-se. Eu fui encarregada de lhe entregar o bilhete que lhe enviava, e teve um recebimento muito estranho. Leu-a, fez-a a um lado, pensou um momento e logo disse:

—Empacota as coisas do Cathy e que vá com sua mãe na carruagem, Agnes. Não voltará, e eu não cuidarei desta filha. E lhe diga que o advogado se encarregará do resto. Sempre foi uma mulher malvada e receberá a recompensa de todas as malvadas quando lhe chegar a hora. Fogo e enxofre, Agnes, fogo e enxofre!

Esse foi todo o desdobramento de emoção deste homem extraordinário. Mas ante mim, naturalmente. Sei que foi ver sua irmã, e ela me contou mais tarde que não parecia inquieto, dizendo que era a vontade do Senhor, mas que ele não viveria na mesma parte que ela. Tinha a intenção de deixar um administrador, como já tinha feito antes, e pediria a seu cunhado que vigiasse seus assuntos enquanto ele levava a seus filhos a América do Sul, para afastá-los da mãe todo o possível. Tal foi a forma em que o senhor Rainton enfrentou a situação, e o fez com toda rapidez.

Fechariam a Granja, assim que me vi obrigada a deixar minha cômoda casinha onde tão feliz tinha sido e me despedir de meus bebês, o que foi muito triste. Não sei como sua mãe pôde separar-se deles, especialmente recordando o carinho com que os tinha criado. Suponho que sabia que Rainton não lhes permitiria que fossem com ela, e por isso aceitou a situação. Ela, a sua maneira, era tão estranha como ele.

Eu já não podia seguir querendo ao senhor Rainton, pois havia se tornado muito duro e longínquo, mas entretanto se comportou comigo, e com outros serventes, como o tinha feito sempre, e me comprou este lindo chalé em que vivo. Deu-me uma pensão, e a outros serventes buscou bons empregos, embora alguns eram nas fábricas que até hoje em dia, com todas as leis e melhores condicione, são maus lugares onde a gente trabalha muitíssimo, o ruído é ensurdecedor e muitas vezes há acidentes e ninguém se encarrega dos que morrem ou ficam incapacitados.

Este é o final de minha história, senhor Lockwood. Não tornei a ver a senhora Earnshaw porque nunca sai, e não me convidaram a ir ao «Morro». Mas muitas vezes penso nela, em Cathy e no Anthony, esse urso, o louco, como lhe dizem, e me pergunto o que será deles.

—E Sir John e Lady Tempest?

—OH, são muito famosos. A senhora teve outro filho faz dois anos, um varão, Henry, mas esta vez eu não estive a seu lado porque estava com gripe, muito doente, esse inverno. Mas sempre me escreve e eu passado uns dias com eles no castelo Crawford uma vez por ano, pelo geral no verão. Estou agradecida que pelo menos esse ramo da família Earnshaw tivesse um final feliz. Josiah está em Eton e Elizabeth vai a um colégio muito distinto para senhoritas. É uma beleza. Estou segura que irá muito bem e se casará muito bem, pois teve um bom começo na vida, graças a sua mãe, e não duvido que triunfará.

Agradei profusamente à senhora Sutcliffe. Sentia realmente ter travado uma amizade com ela. Já não sabia o que faria ou como passaria meus dias agora que tinha concluído o cativante relato.

Mas ao chegar em casa um novo acontecimento ocupou minha atenção, pois junto à porta de entrada estava o elegante do meu irmão Dalby, que se cre um gamo percorrendo os novos caminhos a toda velocidade. Ali estava, parado à porta, arrumado e na moda, com um comprido charuto entre os lábios. Saudou-me cordialmente e caminhou pelo atalho com o ar de homem próspero que lhe é característico.

—Tom, querido! Hão-me dito que vai à casa de uma mulher todos os dias, e que ela te conta histórias. Vamos, vamos, que classe de história é essa? Embora não tinha ouvido que andasse perseguindo damas.

—OH, Dalby —protestei— esse pensamento não é digno de ti. É uma anciã, e é verdade que esteve fazendo um relato, longo e fascinante.

—Conta-me o então.

—Se o fizesse, querido Dalby —lhe disse, tomando-o do braço afetuosamente—, levará-me uma semana ou mais, pois isso é o que demorou ela, mas algum dia o escreverei, e poderá lê-lo você mesmo.

Mas ali não terminou, pois essa noite quando nos sentamos depois de comer, com nosso Porto e charutos, rememorando sucessos ocorridos na Itália e conversando a respeito de acontecimentos do momento, deu-me um epílogo curioso e inesperado.

—Sim, haverá ferrovias por toda a Inglaterra muito em breve —disse a propósito de algo de que falávamos—. Se poderá ir desde o Leeds a Londres, e meu transporte estará fora de moda. É um grande século de progressos, Tom, uma época excitante. estive parando, a uma hora daqui, com outro membro do Parlamento, Sir John Tempest e ele...

—Sir John Tempest! —exclamei, excitado—. Esteve no Crawford?

—Conhece o lugar? —perguntou meu irmão, surpreso.

—Só de nome —falei, e estive a ponto de lhe contar a história, ou ao menos de começar, mas a noite já estava avançada e era uma história muito larga e complexa.

—É uma casa elegante, e a família é muito interessante. Sir John estava de parte dos Whigs no assunto da Reforma, mas agora se uniu a nós, e Peel pensa ascendê-lo assim que nos liberemos do Melbourne, quando Sir Robert forme novamente o gabinete.

—Pensa que assim será?

—Naturalmente. Os Whigs tiveram seu dia. A Reforma os deixou sem fôlego.

—Dizem que Sir John tem uma esposa encantadora —disse, sacudindo cuidadosamente a cinza de meu charuto para que meu irmão não notasse minha expressão de ansiedade.

—OH!, te inteiraste disso também, descarado? Em realidade Margaret Tempest é considerada a beldade de Londres, uma das melhores anfitriãs desde que Lady Holland deixou o título. É inteligente, engenhosa, e... —aqui meu irmão se beijou a ponta dos dedos à maneira italiana, tão natural nele devido aos anos passados no país natal— é divina.

—É obvio, é amadurecida, não é uma menina, entende? casou-se duas vezes e tido cinco filhos. Há rumores (muito discretos, mas estas coisas sempre chegam para mim) que é, ou foi, até seu recente casamento, a amante do Ministro das Relações Exteriores, Lorde Palmerston.

—Mas se for um velho —exclamei, assombrado— Deve ter mais de cinqüenta anos!

—Espero, Tom Lockwood —disse meu irmão com recriminação— que pense de maneira diferente quando tiver essa idade. Lorde Palmerston é um homem muito arrumado, um favorito das damas, e se diz que ficou imprecionado com Lady Tempest quando ela chegou à cidade. Tem prestígio, enorme poder e influência, coisas que Lady

Tempest valorava, nova em Londres como era. Imediatamente, Lorde Palmerston a apresentou a todo mundo. É verdade que o ano passado ele se casou com seu antigo amor, Lady Cowper, mas a conhece há trinta anos, assim não deve ficar muito fogo, e ele, com o Lady Palmerston ou sem ela, sempre está na casa dos Tempest, no Grosvenor Square, e dizem que a proprietária de casa é (ou era) muito familiar com a porta de serviço de sua própria casa, frente ao parque Green.

—Margaret Tempest, amante de Lorde Palmerston! —falei, pensando em seu passado. Estava de acordo com o que sabia dela, com esse romantismo que tinha demonstrado de moça e que voltava, mas esta vez para algo prático: para ajudar a seu marido em sua ambição.

—Pareceria que a conhecesse —disse meu irmão, intrigado.

—Ouvi falar dela —disse—. Provém desta região.

—Certo?

—Era uma Earnshaw. São do Gimmerton.

—Bom, não sei nada dos Earnshaw, embora o que me diz é interessante. OH, não há nenhum escândalo ao redor do Lady Tempest. Pelo menos a rainha Vitória não sabe, pois está encantada com sua senhoria, e sabe quão difícil é Sua Majestade. Mas me inteirei que tudo por muito boa fonte. Seu marido não está livre de amores, por outra parte, e é muito menos discreto. Mas sabe, meu querido Tom, a sociedade de Londres faz estas coisas com delicadeza, e um casal pode querer-se meigamente e até fazer coisas assim. Conheço muitíssimos matrimônios, além dos Tempest. Dizem que é bom para os casados! —Brilharam-lhe os olhos e se serve mais de Porto—. Os Tempest têm uma filha encantadora! Está no colégio e só a vi quando os visitei a semana passada. Mas é maravilhosa, digo-te, e não posso deixar de pensar nela...

—Mas não é mais que uma menina. Realmente: Dalfoy!

—Uma menina? Também ouviste algo dela? Deve ser esta história que lhe estiveram contando, Tom. Parece-me ver um elo. Elizabeth Heathcliff, a filha adotiva do Sir John... deve saber também isso...

—É obvio —disse—. Só poderia herdar as propriedades de seu pai se ela e seu irmão conservam o sobrenome...

—Ah, resolveste-me um enigma. É tenra em anos, talvez não mais de quinze, mas já está desenvolvida como mulher, é tão coquete como a mãe, e, asseguro-te, a metade dos homens de Londres estarão atrás dela quando for apresentada em sociedade, e eu estarei entre eles.

—Você! —ri.

—Por que não? Tenho dez anos mais que ela, isso é verdade, mas acredito que não me falta atrativo e um dia serei parte do governo, junto com seu pai adotivo, e isso me favorecerá, porque aos Tempest gosta dos homens triunfadores.

Não falamos mais do tema mas, ao ir à cama pus a refletir a respeito da curiosa coincidência de que meu irmão conhecesse tão bem aos Tempest. Pensei também que seria cômico que minha família se unisse a eles, pois, em certo modo, estivemos unidos, embora de uma maneira tênue, grande parte deste século.

Mas logo esqueci isto pois uma semana depois parti do Gimmerton, um tanto repentinamente, mas me pareceu que estava por me adoecer novamente e o pobre Nostro sentia dores por todo o corpo e desejava ir-se desesperadamente. Disse-me que morreria se ficava um dia mais nesse clima inóspito, e que ambos terminaríamos no cemitério do Gimmerton. De todos os modos, eu já tinha o que tinha vindo a procurar, assim poderia reviver a história da senhora Sutcliffe e escrevê-la.

Mas com perversidade renovei o aluguel da casa e pedi me outorgasse uma opção para comprá-la se o proprietário decidia vendê-la, pois apesar de que Nostro a

odiava, eu me sentia afeiçoado ao lugar, unido a ele por um vínculo que Nostro não compreenderia nem passaria.

A noite antes de partir levei ao Patch pelo atalho que cruzava o páramo até que, à distância, consegui ver «Morro dos Ventos Uivantes». Parecia tão aprazível na dobra das montanhas, com a fumaça que saía da chaminé e as ovelhas que pastavam a seu redor, as mesmas, sem dúvida, que tinha deslocado Patch, me permitindo assim conhecer brevemente aos habitantes dessa casa estranha e desventurada. Mas não quis soltar novamente ao Patch porque não pensei que seria bem recebido por esse homem terrível, que vivia refletindo a respeito dos males imaginários que lhe tinham feito os Earnshaw, igual, que seu avô, Heathcliff, muitos anos antes. Que horrível vingança tentaria Anthony, além de tirar a mulher ao Rainton, já que nenhum Heathcliff parecia conformar-se até não ficar contudo? Entretanto, duvidava que embora tivesse a disposição, Anthony pudesse encontrar o meio de deslocar à família tão próspera graças aos esforços de seu pai adotivo e seu irmão. Pensei na mulher tão triste que tinha visto, Jessica, e na bonita menina, tão solitária, que como não tinha nenhuma companhia, queria a de um cachorrinho. O que seria delas?

Logo me pus a pensar no outro ramo da família, os Tempests, ricos e triunfadores, e na nova geração do Heathcliffs: a menina, uma beleza como sua mãe, avó e o moço, que ao crescer herdaria toda uma fortuna. E em alguma outra parte do mundo, até em sua infância, havia uma nova geração do Earnshaws, um menino e uma menina, cuja mãe, a quem não conheciam, vivia ainda na terra natal, no vale que estava contemplando nesse momento.

E ali, essa clara tarde da primavera, rodeado pela infinidade de cores do fértil páramo que brilhava sob o dourado sol do crepúsculo, sentindo a suave brisa que soprava do topo e contemplando as gaivotas que riscavam círculos sobre minha cabeça, soube que, por mais amor que tivesse a Itália, voltaria para esse lugar. Porque meu pai tinha jogado minhas raízes. Tinha-me dado um propósito que transcendia o prazer e a folga: me converter em escritor, em um homem de letras, tal como tinha sonhado sê-lo ele.

Em uma década ou dois, haveria uma nova história. Quando dava a volta para retornar a casa que alugava, seguido por meu cão, senti-me parte integrante dessa terra misteriosa de páramos, com suas inimizades entre famílias, suas tristes lendas, seus fantasmas e seu selvagem encanto. Pertenciam-me já.

Fim.